



Brasileiros no Mundo

I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior



MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES



Ministro de Estado
Secretário-Geral

Embaixador Celso Amorim
Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



Presidente

Embaixador Jeronimo Moscardo

Instituto de Pesquisa de
Relações Internacionais

Embaixador Carlos Henrique Cardim

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

Ministério das Relações Exteriores
Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior

Brasileiros no Mundo




I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior

Textos de Apoio

Palácio Itamaraty
Rio de Janeiro, 17 e 18 de julho de 2008



Brasília, 2008



Copyright ©, Fundação Alexandre de Gusmão

Equipe Técnica:
Maria Marta Cezar Lopes e
Lílian Silva Rodrigues



Projeto gráfico e diagramação:
Cláudia Capella e
Paulo Pedersolli



Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei nº 10.994, de 14.12.2004.



SUMÁRIO

1. A Primeira Rede da Diáspora Científica Brasileira - Brasileiros com alta qualificação contribuindo para o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico do Brasil 9
Eduardo do Couto e Silva e Gustavo Holloway de Souza
2. Pontes e barreiras entre a comunidade brasileira e as universidades norte-americanas: notas sobre o futuro da juventude “brazuca” 23
Clémence Jouët-Pastré
3. A Profile of Brazilian Remitters in Massachusetts July 2007 35
Alvaro Lima & Pete Plastrik
4. Relatório 69
Edirson Paiva
5. Centro Cultural Brasil-USA da Flórida (CCBU) 85
Adriana Riquet Sabino
6. Centro Cultural Brasil 95
Domício Coutinho
7. Brazilian Civic Center 101
Ricardo Barbosa Braxton e Márcio Mesquita
8. Projetos Sociais da Primeira Igreja Batista Brasileira no Sul da Flórida 105
Pastor Silair de Almeida
9. O Grupo Brasil 111
Josivaldo Rodrigues
10. O Múltiplo do Brasil na Bélgica: Saberes, soluções, modos de vida 117
Cristiano de Oliveira Ventura

- 
- 
- 
11. As artes como fator de integração – uma experiência positiva na Bélgica ... 127
Inêz Oludé da Silva
12. Eu sou o Brasil em Mim (Como é que eu posso dizer então que eu saí dali?) 137
Flávio Carvalho
13. Rede de Brasileiras e Brasileiros 145
Flávio Carvalho
14. Proyecto de Investigación: Los inmigrantes brasileños en la estructura socioeconómica española 155
Grupo de Estudios de Inmigración y Minorías Étnicas
15. Direitos Humanos e Políticas Sociais 159
Núcleo de Entidades Brasil Espanha - NEBE
16. AME – Asociación de Mujeres Emprendedoras Brasil-España 179
17. Associação Cultural “Nossa Senhora Aparecida - Comunità Brasiliana a Roma” 183
Leonardo Della Pasqua e Padre José Renato Vendruscolo, cs
18. A Comunidade Brasileira na Holanda 197
Marcos Elísio Rocha Viana
19. Relatório sobre a Comunidade Brasileira no Reino Unido 207
Carlos Mellinger
20. Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido 219
Ana Souza e Maria Lucia Mancinelli
21. Associação Brasileira de Fomento aos Negócios e Integração à Sociedade Britânica 235
Alvaro Piton e Else Vieira
22. Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido (GEB) 249
Ana Souza, Denise Maria Brites Garcia, Else R. P. Vieira, Marcelo Batarce, Maria das Graças Brightwell e Tamara Oliven
- 
- 
- 

23.	Propostas do Conselho Brasileiro na Suíça	263
	<i>Conselho Brasileiro a Suíça</i>	
24.	Carta ao Senhor Samuel Bueno	277
	<i>Rui Martins</i>	
25.	Brasileirinhos Apátridas e Estado do Emigrante	285
	<i>Rui Martins</i>	
26.	Processo Migratório e a Integração Brasil-Japão no Espaço Global: Os Desafios para a Construção de uma Agenda Social Transnacional	295
	<i>Edson Urano</i>	
27.	Educação das Crianças Brasileiras no Japão	311
	<i>Tetsuyoshi Kodama</i>	
28.	Educação de crianças brasileiras no Japão	325
	<i>Lilian Terumi Hatano</i>	
29.	Associação das Escolas Brasileiras no Japão	341
	<i>Julieta Yoshimura</i>	
30.	NPO AMA – Ação Mão Amiga	349
	<i>Laelso da Silva Santos</i>	
31.	Associação Brasileira de Hamamatsu (ABRAH)	357
	<i>Etsuo Ishikawa</i>	
32.	Grupo Criativos	369
33.	NPO 法人ABC Japan	391
34.	ABCD - Uma Fórmula de Sucesso Brasileiro na Austrália	399
	<i>Lia Timson</i>	



1.

A Primeira Rede da Diáspora Científica Brasileira -
Brasileiros com alta qualificação contribuindo para o
desenvolvimento econômico, científico e tecnológico do Brasil



1. A Primeira Rede da Diáspora Científica Brasileira - Brasileiros com alta qualificação contribuindo para o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico do Brasil

Eduardo do Couto e Silva¹ e Gustavo Holloway de Souza²

Introdução

O grande fluxo da emigração brasileira aconteceu entre os anos de 1980 a 1990 (Margolis 1998). Neste período, o Brasil iniciou um processo de democratização e a sua economia conviveu com fortes pressões inflacionárias. Durante essa década perdida, o sonho de viver no exterior entronizou uma expectativa de conquista de uma melhor qualidade de vida e a possibilidade, quase que ilimitada, de explorar oportunidades inexistentes no Brasil. São esses emigrantes que hoje constituem a maioria dos membros da diáspora brasileira.

A diáspora brasileira age no exterior como mantenedora dos tradicionais símbolos de nossa cultura como a música, o futebol e o carnaval. Entretanto, setores dessa diáspora começam a se organizar ao adquirirem uma percepção, por vezes até idílica, da importância do nosso país no cenário internacional. O Brasil é visto como um país em evidência na organização dos países emergentes e capaz de estabelecer uma agenda favorável em negociações junto à Organização Mundial do Comércio. Nos últimos anos assumiu responsabilidades maiores ao liderar a força de paz no Haiti e deixou bem clara a sua intenção de ocupar uma cadeira no Conselho de Segurança da ONU. A democracia está consolidada e a inflação controlada começa a favorecer o planejamento de longo prazo, ainda que exista a dependência de uma política econômica com juros elevados. Recentemente, o país tem atraído mais confiança dos investidores externos.

¹ Kavli Institute for Particle Astrophysics and Cosmology Stanford Linear Accelerator Center Stanford University, CA, EUA Eduardo.do.Couto.e.Silva@gmail.com

² UNIKA Consulting, Palo Alto, CA, EUA Gustavo.Holloway@gmail.com

No exterior, o Brasil é retratado como país inovador na área de biocombustíveis e possuidor de uma extensa rede de energias renováveis, além de ser referência mundial na exploração de petróleo, principalmente em águas profundas, e na indústria aeronáutica. Neste artigo afirmamos que a diáspora brasileira pode ocupar uma posição relevante nessa fase de transição do nosso país. Acreditamos que hoje, ao contrário do que se passou nas décadas de 80 e 90, os profissionais brasileiros altamente qualificados que residem no exterior demonstram maior interesse em participar do desenvolvimento do Brasil.

“O Brasil certamente possui grandes talentos, tanto empresariais, como na área científico-tecnológica” relatou o Ministro Sérgio Rezende, este ano, durante a palestra Ciência, Tecnologia e Inovação, no Instituto Rio Branco, em Brasília. “...o Brasil tem mais de 80 mil pesquisadores com doutorado, tornando-se o país com maior e mais qualificada comunidade de Ciência e Tecnologia na América Latina” (Rezende 2008). É provável que muitos desses pesquisadores tenham feito doutorado ou pós-doutorado no exterior. Hoje, vários países se questionam se essa emigração resultou em uma perda permanente dos grandes talentos (Barré 2003). Recentemente, o Ministério de Relações Exteriores da França coordenou os trabalhos de um comitê formado por representantes de organizações francesas e internacionais para estudar o impacto da diáspora científica e técnica, com foco nos países em desenvolvimento (Barré 2003). Em 2002, o Brasil organizou o Fórum Nacional para discutir o tema “O Brasil e a economia do conhecimento”(Velloso 2002). A ausência de uma discussão mais aprofundada sobre o papel da diáspora brasileira neste encontro indica que o processo de organização da diáspora científica e tecnológica é algo recente. Nos últimos anos, o Ministério das Relações Exteriores deu passos importantes para aproximar o governo brasileiro e sociedade civil no exterior, ao estabelecer o Plano Comunidade Brasil. Aliás, foi na reunião do Conselho de Cidadãos da Baía de São Francisco, nos EUA, que os autores desse artigo se conheceram. Em 2006, o Ministério da Ciência e Tecnologia com o intuito de estimular a inserção e participação da diáspora científica no desenvolvimento do Brasil, fez circular internacionalmente um texto que esboça as prioridades do país. “O Brasil está prestes a organizar a sua comunidade de cientistas e engenheiros expatriados para trabalhar na consolidação do seu sistema científico e encarar o desafio de mover

rapidamente da ciência (pura) para a indústria, particularmente - mas não exclusivamente - em áreas como Tecnologia da Informação, Biotecnologia, Nanotecnologia e as suas combinações.” (Castro 2006)

A Integra Brazil aproveita este momento tão propício e cria a primeira rede da diáspora científica brasileira.

A Integra Brazil é uma organização que tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento econômico, científico e tecnológico do Brasil envolvendo a participação da diáspora científica brasileira e profissionais de alta qualificação com experiência e capacitação no exterior.

Breve comparação entre redes das diásporas científicas

O breve estudo comparativo que fizemos têm sido de grande valia ao planejamento estratégico da Integra Brazil. Estamos cientes de que o nosso projeto é ambicioso, e sabemos que os talentos da diáspora precisam ser explorados de maneira diferenciada, pois as redes de cientistas têm uma dinâmica diferente daquelas de empreendedores e gerenciadores de incubadoras tecnológicas, que em inglês são chamadas de *start-ups* (Kuznetsov 2008). Nós, da Integra Brazil, queremos aproximar os profissionais de negócios e os empreendedores, com suas redes bem sucedidas, dos pesquisadores acadêmicos portadores de forte motivação intrínseca na área de ciência e tecnologia.

É importante distinguir a diáspora das redes da diáspora (Kuznetsov & Sobel 2005). A Integra Brazil é uma rede científica da diáspora brasileira que começa a se organizar, e não tem a pretensão de representar a totalidade dos membros da nossa diáspora, por ser esta muito mais abrangente.

A organização das diásporas em redes há muito recebe atenção no cenário internacional. A UNESCO criou, em 2005, o projeto *Diaspora Knowledge Network* com o objetivo de auxiliar os emigrantes a canalizar os seus conhecimentos e habilidades em prol dos seus países de origem (UNESCO 2005). As diásporas científicas também fazem parte da agenda do Instituto do Banco Mundial através do programa *Knowledge for Development* para orientar países em transição para “economias do conhecimento”

(WBI). Já existem vários exemplos de redes, bem e mal sucedidas criadas por comunidades de outros países.

Seria ingênuo acreditar que existe uma receita para o seu sucesso imediato, posto que a Integra Brazil é um projeto pioneiro no contexto brasileiro. Para que possamos incorporar as experiências de outras diásporas e criar um modelo operacional que leve ao sucesso da Integra Brazil, devemos compreender as idiosincrasias de cada rede de diáspora que estudamos, os seus modelos organizacionais, bem como a infra-estrutura de apoio, nos respectivos países de origem, durante o processo de implementação das redes estudadas. Para tanto deve-se levar em conta, a capacitação dos membros envolvidos, os financiamentos para a iniciativa e a qualidade e o comprometimento da liderança das redes. Nos próximos parágrafos citamos alguns exemplos colhidos na literatura existente.

Estima-se que na Argentina, no Brasil, no Chile e na China, a porcentagem de indivíduos da diáspora com qualificação universitária varie entre 30% e 40% do número total de residentes no exterior. No caso do México, o número estimado seria menor do que 10%, e na Índia maior que 50% (Kuznetsov 2007). Esses números devem ser tratados com cautela pois não foram adaptados de estimativas da OECD em 2005. Apesar da tendência das estimativas oficiais em subestimar o número total de emigrantes, podemos inferir que existe um grande potencial a ser explorado. Todavia, o número de participantes não determinará o sucesso de uma rede da diáspora. Por exemplo, a Globalscot, na Escócia, conta com mais de 1000 participantes (MacRae & Wight 2006), enquanto a ChileGlobal possui aproximadamente 100 membros. Ambas são bem sucedidas. Também não é obrigatório que essas redes sejam criadas pelos ministérios dos países de origem. Tanto a rede escocesa, como a chilena são administradas por empresas e fundações com apoio governamental.

O investimento é essencial para o crescimento e a sustentabilidade das redes. Como nos relata Kuznetsov, o *venture capital* foi preponderante no caso da rede da diáspora de Taiwan. “A evasão dos cérebros em Taiwan se deu nos anos 60 e 70, quando esses profissionais buscaram universidades americanas e não, necessariamente, as instituições de elite. Trabalharam no setor de pesquisa

e desenvolvimento na área de eletrônica e ocuparam posições no Vale do Silício, na Califórnia, EUA, onde muitos transformaram-se em empreendedores de sucesso. Nesse modelo, uniram-se com o governo de Taiwan para criar fundos de *venture capital* gerenciados pelos membros da diáspora, que retornaram ao país de origem e acabaram por influenciar políticas públicas e investir em universidades. Fundos de sucesso estimularam a criação de novos fundos” (Kuznetsov 2007). Tanto a rede de Taiwan, como a do Chile receberam um grande apoio de *venture capitals*.

A liderança das redes de diáspora pode ter um impacto maior do que normalmente se imagina. A liderança que emergiu das diásporas de Israel, China e Índia, foi preponderante para o investimento e desenvolvimento tecnológico das últimas décadas nos respectivos países (Devane 2008). Na rede da diáspora mexicana foi um pequeno grupo de executivos e donos de empresas de alta tecnologia nos EUA que lideraram a iniciativa (Kuznetsov 2005).

A Integra Brazil interpreta na solicitação do Ministério da Ciência e Tecnologia (Castro 2006) e na realização da I Reunião das Comunidades Brasileiras no Exterior, em 2008, que existe um interesse do governo brasileiro em proporcionar uma política de apoio às redes da diáspora brasileira. O artigo do Ministério da Ciência e Tecnologia não deixa dúvidas sobre a opção do governo brasileiro pela tecnologia da informação, biotecnologia e nanotecnologia. Não está claro se a opção tecnológica das políticas governamentais brasileiras tem que ser a mesma de outros países, como por exemplo da Índia. É possível que no modelo brasileiro exista espaço para uma combinação entre *outsourcing* e inovações em tecnologias de software. Como a Integra Brazil nasceu no Vale do Silício nos EUA e no seio de uma instituição acadêmica que é referência nas áreas de interesse do Brasil, é natural que nos alinhemos a essa proposta do governo brasileiro. Entretanto, a Integra Brazil pretende aprofundar essa questão e avaliar o potencial existente na diáspora brasileira, seja em recursos seja em conhecimento, de maneira a estimular outras áreas que não são prioritárias no Brasil, bem como a criação de projetos interdisciplinares. A Integra Brazil deve abrir o caminho e facilitá-lo, mas não cuidar de toda a implementação, que pode ser obra do governo federal e do setor privado.

Integra Brazil: a rede da diáspora científica e tecnológica brasileira

A idéia da Integra Brazil vem amadurecendo há vários anos e, independentemente, pelos seus dois fundadores em suas respectivas áreas de interesse. Depois de várias discussões implementamos um projeto piloto em dezembro de 2007. O processo de definição do conteúdo inicial durou cerca de oito meses e terminou no início de 2008. A fase experimental do projeto, cuja duração estimada é de um ano (abril 2008-abril 2009), destina-se ao estabelecimento da rede na internet com o objetivo de conhecer e unir os membros da diáspora científica, além de identificar as suas capacitações técnicas e profissionais, seus anseios e dificuldades, e também seus interesses. O website acumula conhecimentos baseados em experiências pessoais que são necessários para o planejamento estratégico recém-iniciado em junho de 2008. Um dos marcos desta primeira fase, previsto para seis meses após a sua criação, era obter o mínimo de conteúdo para a divulgação mais abrangente desse projeto piloto. Atingimos essa meta ao escrever o presente artigo que esperamos seja incorporado nos anais da I Seminário de Comunidades Brasileiras no Exterior, a realizar-se nos dias 17 e 18 de julho de 2008, no Rio de Janeiro. Também planejamos fazer apresentações em centros de pesquisa e empresas no Brasil e no exterior.

Atualmente, o conteúdo principal do site da Integra Brazil são as entrevistas com membros da diáspora nas mais variadas áreas do conhecimento. O processo de entrevista é usado para identificar uma massa crítica de futuros colaboradores da Integra Brazil e para criar uma base de dados sobre a formação acadêmica, técnica e profissional dos entrevistados. Recentemente, começamos a desenvolver a área de negócios com um Blog sobre como abrir empresas nos EUA e, nos próximos meses, outras idéias migrarão da fase conceitual para a de implementação. Criamos uma seção intitulada Notícias sobre a Integra Brazil, que nos permite constantemente dividir com os leitores nossas auto-avaliações sobre o atual projeto. Como, no momento, contamos com poucos colaboradores, a frequência de atualização do website é semanal e tem exigido sacrifícios pessoais para mantê-lo. Portanto, investimentos mesmo em pequena escala são bem-vindos nesse momento. A partir de Junho de 2008 passamos a contar com uma assessoria

de imprensa que em breve coordenará a publicação de boletins informativos e ampliará a divulgação da Integra Brazil.

Embora este projeto piloto seja caracterizado por um website, atividades locais com empreendedores e apresentações em conferências, o planejamento estratégico da Integra Brazil exige a definição de projetos de curto, médio e longo prazo. Cabe a Integra Brazil definir um programa de prioridades que possa delinear o potencial desta rede, oferecendo elementos concretos para que os agentes de apoio possam atuar. O grande desafio para o governo do país de origem e para os agentes que apoiam as redes de diáspora é evitar impor seus modelos organizacionais e não subestimar as redes de diáspora (de Haas 2005). Ao tentar mapear a engajamento das diásporas em função de suas características e da infra-estrutura no país de origem, Kuznetsov sugere que no caso do Brasil “as redes de diáspora devem funcionar como caçadores de talentos e promotoras de iniciativas bem sucedidas para gerar credibilidade”(Kuznetsov 2006). Em seguida, listamos as prioridades atuais para o estabelecimento da Integra Brazil.

As prioridades de curto prazo consistem em:

- aprofundar a atual pesquisa comparativa para identificar as melhores práticas das outras redes de diáspora científica e tecnológica,
- estabelecer contatos com líderes das redes de diáspora que foram bem sucedidas e avaliar a relevância das suas experiências no contexto da iniciativa brasileira,
- estabelecer uma personalidade jurídica para receber financiamentos,
- desenvolver um website adequado às necessidades de expansão da Integra Brazil,
- identificar áreas de atuação dos membros da diáspora e avaliar o seu potencial,
- identificar uma massa crítica de colaboradores para apoiar o desenvolvimento de metas,
- organizar, no segundo semestre de 2009, o primeiro encontro da diáspora científica brasileira com a presença dos agentes de apoio (setor privado,

centros de pesquisa, universidades e governo brasileiro), para discutir os resultados das atividades propostas durante o primeiro ano e elaborar um plano de metas tangíveis a curto prazo, com o objetivo de demonstrar a credibilidade na organização e atrair investidores.

A médio e a longo prazo, a Integra Brazil vai fazer um estudo para definir áreas de possíveis parcerias com agências governamentais, organismos internacionais, instituições de pesquisa e empresas do setor privado, que tenham interesses em comum com a diáspora brasileira e os programas no Brasil. Ainda nesta etapa será desenvolvido um planejamento estratégico com a finalidade de criar parcerias envolvendo membros da diáspora e profissionais em instituições brasileiras de acordo com as prioridades a serem definidas. Também serão criados programas de apoio a empresas e capacitação profissionais já estabelecidos no exterior.

Em resumo, a Integra Brazil quer participar do desenvolvimentos do Brasil. E como ressalta o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães: “Qualquer política de formação de recursos nas áreas que correspondem ao conhecimento científico e tecnológico que contribui para a transformação dos processos produtivos, que privilegie a formação e o aperfeiçoamento no exterior em relação à implantação de centros de formação de pessoal de alto nível no território brasileiro é uma política que contribui não para o desenvolvimento mas para o atraso tecnológico e, em consequência, para a perda de competitividade ou para a dificuldade de atingir níveis mais altos de competitividade.” (Guimarães 2006)

Esperamos que esse artigo desperte o interesse na Integra Brazil por parte das comunidades brasileiras no exterior, das instituições de pesquisa, do setor privado e do governo brasileiro. Nosso objetivo imediato é definir metas tangíveis a curto prazo. Desta maneira, a Integra Brazil criará uma infra-estrutura que permitirá à diáspora brasileira contribuir para a aceleração do desenvolvimento econômico, científico e tecnológico do Brasil, em sintonia com os interesses do país.

Referências

BARRÉ, R., V. Hernandez, J.-B. Meyer, and D. Vinck, eds. 2004. *Diasporas scientifiques*, Expertise collégiale: Institut de Recherche sur le Développement. Paris, France: Ministères des Affaires Etangers.

CASTRO, L. A. B. de, 2006. *A Diáspora Científica*, Agência Ciência e Tecnologia do Ministério de Ciência e Tecnologia do Brasil, 1 Nov, 2006.

DEVANE, R., 2006. *The Dynamics of Diaspora Networks: Lessons of Experience*, in *Diaspora networks and the international migration of skills: how countries can draw on their own talent abroad*, World Bank Institute Development Studies, edited by Y. Kuznetsov, pp 60-62.

GUIMARÃES, S. 2006. *Desafios Brasileiros na Era dos Gigantes*, Editora Contraponto, Rio de Janeiro, pp 130-131, 2005.

HAAS, H. de, 2006. *Engaging Diasporas How governments and development agencies can support diaspora involvement in the development of origin countries* June 2006, International Migration Institute, James Martin 21st Century School, University of Oxford.

KUZNETSOV, Y., 2008. *Global Search, Local Innovation Clusters Redesigning Diaspora Programs* World Bank New Delhi, New Delhi, India, Mar 17, 2008. Disponível em formato eletrônico em <http://info.worldbank.org/etools/docs/library/243283/GlobalSearchIndiaMarch%2017.pdf>

KUZNETSOV, Y., 2007. *Leveraging Talent Abroad for Home Country Development: Benchmarking Chile* Global, Santiago, Chile, Set 26, 2007. Disponível em formato eletrônico em <http://info.worldbank.org/etools/docs/library/239270/Diasporas%20Feb8%20IDB.pdf>

KUZNETSOV, Y., 2006. *Leveraging Diasporas of Talent: Toward a New Policy Agenda, in Diaspora networks and the international migration of skills: how countries can draw on their own talent abroad*, World Bank Institute Development Studies, edited by Y. Kuznetsov, pp 235.

KUZNETSOV, Y., 2005. *Promise and Frustration of Diasporas: "How to" of Mobilization of Talent Abroad for the Benefit of Countries of Origins*, Knowledge for Development Program, Washington, DC, EUA, Jun 14, 2005.

KUZNETSOV, Y. and C. Sabel, 2005. *Global Mobility of Talent from a Perspective of New Industrial Policy: Open Migration Chains and Diaspora Networks*. Paper presented at the United Nations (UN) Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC)-UN University workshop on international mobility of talent on 26-27 April in Santiago, Chile. http://info.worldbank.org/etools/docs/library/201210/Search_Networks_final1.pdf

MACRAE, M. and Wight, M. 2006. *A Model Diaspora Network: The Origin and Evolution of Globalscot, in Diaspora networks and the international migration of skills: how countries can draw on their own talent abroad*, World Bank Institute Development Studies, edited by Y. Kuznetsov, pp 201.

MARGOLIS, M., 1998. *An invisible minority, Brazilians in New York City*, Allyn & Bacon, Needham Heights, Massachusetts 02194, pp3.

REZENDE, S. 2008. *Ciência, Tecnologia e Inovação*, palestra proferida no Instituto Rio Branco, em Brasília. Agência Ciência e Tecnologia do Ministério de Ciência e Tecnologia do Brasil, 7 Apr.

WBI, Knowledge for Development Program of the World Bank Institute www.worldbank.org/wbi

UNESCO 2005. www.unesco.org/shs/migration/diaspora

VELLOSO, J. P. dos R., 2002. *Fórum Nacional, o Brasil e a Economia do Conhecimento*,
Editora José Olympio, Rio de Janeiro, Brasil.





2.

Pontes e barreiras entre a comunidade brasileira
e as universidades norte-americanas: notas
sobre o futuro da juventude “brazuca”





2.

Pontes e barreiras entre a comunidade brasileira e as universidades norte-americanas: notas sobre o futuro da juventude “brazuca”

Clémence Jouët-Pastré¹

Introdução

No estado de Massachusetts, uma aliança informal tem sido construída, desde pelo menos 2002, entre as universidades e as organizações comunitárias. Nosso objetivo maior é refletir, denunciar e buscar soluções concretas para os graves problemas que afligem a comunidade brasileira local. Tais problemas afetam nossa comunidade em várias esferas da vida cotidiana: saúde, educação, direitos trabalhistas, direito de deslocar-se livremente com segurança e tranquilidade, etc. O número de deportações têm crescido diariamente, os programas bilíngües vêm sendo gradativamente eliminados e acidentes no trabalho por falta de segurança não são nada incomuns (Jouët-Pastré e Braga, 2008).

As Universidades de Harvard, Lesley, UMASS-Lowell e UMASS-Dartmouth são as que têm se empenhado mais ativamente nessa aliança informal. As organizações comunitárias mais participantes desta aliança são a BRAMAS, o Brazilian Cultural Center, o Centro do Imigrante Brasileiro, o Grupo AfroBrasil e o Grupo da Mulher Brasileira. Muitas vezes com o apoio do Consulado Geral do Brasil em Boston, temos organizado uma série de eventos cujo objetivo principal é colocar, lado a lado, pesquisadores, ativistas, professores, estudantes e membros da comunidade. Dentre esses eventos, é possível destacar:

Abril de 2003 **1ª Semana do Brasil em Harvard: A Comunidade Brasileira na Nova Inglaterra**

Novembro de 2003 Mesa Redonda: Estudos sobre a Comunidade Brasileira na Nova Inglaterra, Universidade de Harvard

¹Diretora do Programa de Língua Portuguesa, Coordenadora da Graduação em Literaturas Brasileira e Portuguesa, Universidade de Harvard.

Dezembro de 2003 Augusto Boal ministra uma série de palestras e workshops em Harvard. Cultural Agents, Universidade de Harvard

March de 2005: Congresso Nacional sobre Imigração Brasileira para os US, Universidade de Harvard. Em colaboração com o Centro do Imigrante Brasileiro, o Grupo da Mulher Brasileira; Lesley University; UMASS-Lowell.

Abril de 2005 3ª Semana do Brasil em Harvard: Movimentos de Mulheres Brasileiras no Brasil e nos Estados Unidos. Em colaboração com o Grupo da Mulher Brasileira.

Março de 2006: Congresso Regional sobre Imigração Brasileira. UMASS-Dartmouth. Em colaboração com o Centro do Imigrante Brasileiro.

Abril de 2006 4ª Semana do Brasil em Harvard: Música Brasileira

Abril de 2007 5ª Semana do Brasil em Harvard: As artes na diáspora brasileira

Julho de 2007 Paper Picker Press, Cultural Agents em parceria com BRAMAS

Abril de 2008 6ª Semana do Brasil em Harvard: Brazil and Japan: A century of journeys across borders and generations. Em colaboração com o Grupo da Mulher Brasileira

Esses eventos têm tido um público surpreendente. Por exemplo, o *Congresso Nacional sobre Imigração Brasileira para os US* contou com a apresentação de quase setenta trabalhos e um público de mais de duzentas pessoas. Tais números superaram em muito as expectativas dos organizadores do evento “*Pensava que teria de telefonar para convidar as pessoas*”, afirma a brasileira Clémence Jouët-Pastré, professora de português de Harvard e idealizadora do encontro”. (Folha de São Paulo, 22 de março de 2005). Outro destaque em número de participantes foi a *1ª Semana do Brasil em Harvard: A Comunidade Brasileira na Nova Inglaterra*. Como não esperávamos um número tão grande de interessados, reservamos salas relativamente pequenas, mais especificamente para cem pessoas. Houve dias, no entanto, em que havia um número tão grande de pessoas que a certa altura tínhamos que fechar, por razões de segurança, as portas do edifício onde o congresso estava ocorrendo.

Gerados a partir desses eventos ou por eles estimulados, diversos ensaios e livros têm sido publicados. Trata-se de publicações que abordam assuntos variados, mas todos relevantes para a comunidade brasileira. Por exemplo, várias dessas publicações investigam temas como demografia, etnicidade, educação, perfil econômico, acesso à saúde, etc. Dentre as publicações mais recentes, destacam-se:

- *Brazilians in the U.S. and Massachusetts: Demographic and Economic Profile*, Alvaro Lima, C. Eduardo Siqueira. Boston: The Mauricio Gastón Institute, February 2008
- *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the US*. Clémence Jouët-Pastré and Leticia Braga (co-editors). Harvard Press (DRCLAS Series), 2008.
- *As Viajantes do Século Vinte: Uma História Oral da Mulher Brasileira na Área de Boston*, Heloísa Galvão. HP Comunicação, 2005
- *Giving Voice to a Nascent Community: Exploring Brazilian Immigration to the US through Research and Practice*. Jouët-Pastré, Loveless, Braga (editors). Working Paper No. 04/05-2. David Rockefeller Center for Latin American Studies Cambridge: Harvard University, 2004.

No entanto, líderes comunitários e acadêmicos - que se empenham em construir pontes entre o mundo universitário e a comunidade - estão plenamente conscientes de que esses esforços são uma gota no oceano. Sentimos a necessidade de uma intervenção mais ativa do Estado brasileiro e idealmente de um diálogo entre os Estados brasileiro e americano. A situação da comunidade como um todo e, especialmente de nossa juventude, tem piorado vertiginosamente. Infelizmente, minha declaração de março de 2005 para a Folha de São Paulo está se concretizando de modo mais rápido e violento do que pensava "*Evasão escolar, acesso limitado à universidade, ilegalidade e dificuldades em se definir como brasileiro, americano ou latino. Para a professora Clémence Jouët-Pastré, da Universidade Harvard, a segunda geração dos brasileiros é uma "bomba-relógio" social. Não há estatísticas sobre isso, mas vários líderes comunitários da região de Boston relatam que a evasão escolar de alunos brasileiros ocorre numa taxa maior do que a de outros grupos*", afirma.[...] Jouët-Pastré crê que um

perigo potencial seja o surgimento de gangues como as que existem envolvendo a segunda geração de centro-americanos, que são deportados e se tornam problema de segurança pública em países como Honduras e El Salvador". Para consternação de todos, alguns de nossos jovens já se encontram encarcerados por falta de apoio e da grande discriminação que sofrem. Mais especificamente, alguns estão envolvidos no submundo do crime e do tráfico de drogas. Na região metropolitana de Boston, e mais especificamente na cidade de Framingham, nossos jovens têm se envolvido em gangues. Segundo Julie Bernstein - "Outreach Worker" of Framingham Coalition – há pelo menos cinco gangues brasileiras naquela cidade: Amigos dos Amigos (ADA); Brazilian Thugs (BRT); Furacão (Twister); Juvis Brazilian Mafia (JBM) e BST (Bairro Santa Terezinha Street Thugs).

Framingham, Somerville e Boston são os sistemas escolares com o maior número de alunos matriculados, do Jardim de Infância à 12ª série (última série do segundo grau). Até 2003 o número de estudantes brasileiros matriculados em programas bilíngües nestes três sistemas era de 2.500 a 3.000. A partir de 2003, quando a educação bilíngüe foi extinta pelo voto popular, ficou bem mais difícil identificar estudantes brasileiros nos sistemas escolares. O fim da educação bilíngüe significa não só a perda do ensino bilíngüe (a criança era ensinada nas duas línguas), mas também de professores brasileiros, materiais didáticos na língua nativa da criança, conselhos de pais bilíngües e pessoas que ajudavam os pais a entenderem o sistema escolar e a reivindicar os direitos de seus filhos nas escolas públicas. Calcula-se que o número de estudantes brasileiros em programas de imersão total, que substituíram os programas bilíngües, sofreu uma queda de 60%. Esta queda, a dificuldade de identificar os estudantes e a falta de recursos para os pais acessarem o sistema, causam mais evasão escolar, mais crianças encaminhadas para educação especial e um índice mais alto de defasagem escolar².

Juventude brazuca: uma proposta de intervenção educacional

Enquanto professora universitária e cidadã brasileira, partilho do desejo de diversos colegas de ver eliminadas as barreiras que impedem o acesso da

²Agradeço este parágrafo a Heloísa Galvão, co-fundadora do Grupo da Mulher Brasileira.

juventude brazuca às melhores universidades norte-americanas. Mas, antes de continuar essas reflexões e apresentar uma proposta educacional concreta, faz-se necessário melhor definir os termos. O mais óbvio certamente será "brazuca". Este neologismo define basicamente os imigrantes brasileiros, sobretudo os que estão nos Estados Unidos (Meihy, 2004; Tosta, 2004; Margolis, 2007; Braga e Jouët-Pastré, 2008). As possíveis origens do termo estão detalhadas em *Brasil fora de si* (Meihy, 2004). Segundo o que narra Meihy, a palavra seria originalmente um amalgamento entre "carioca" e "brasileiro". Ainda segundo o pesquisador da USP (op. cit), o termo teria sido cunhado ao longo de diversas partidas de futebol no Central Park. Em tais partidas, jogadas por amadores dos quatro cantos do planeta, destacava-se um brasileiro-carioca, um "brazoca" cujo apelido teria sido paulatinamente transformado em "brazuca". O mais importante neste debate parece-me, no entanto, ir além da origem da palavra, por mais peculiar que esta seja. O interesse estaria antes em examinar as implicações que o neologismo tem como marca identitária. Segundo Braga e Jouët-Pastré (2008: 17) "Brazuca: até mesmo a grafia da palavra é representativa de um grupo imigrante que está, ao mesmo tempo, formando sua identidade e sentindo uma identidade sendo imposta pela sociedade receptora. Deveria a letra "b" ser escrita em maiúscula ao significar nacionalidade, como em inglês, ou em letra minúscula como em português? Sua raiz está em Brasil ou em Brazil? Seja lá qual for a escolha, a palavra representa o resultado da combinação entre as duas línguas e nenhuma delas, o que ecoaria o sentimento de muitos brasileiros nos Estados Unidos que lutam para definir-se [...]".

O termo "juventude brazuca" refere-se tanto aos jovens de origem brasileira já nascidos nos EUA quanto aos que pertencem à geração 1,5. Tal geração seria basicamente composta por jovens nascidos no Brasil, mas que viveram grande parte de suas curtas vidas nos Estados Unidos (Rumbaut 2004). Trata-se de uma geração complexa e em situação de grande fragilidade. Dependendo da idade em que saíram do Brasil vão certamente sentir-se mais ou menos identificados com o país natal. No entanto, o que é extremamente preocupante é o status imigratório desses jovens. Muitos deles são levados por suas famílias aos Estados Unidos em idade ainda bastante tenra. Acabam freqüentemente "perdendo" a língua portuguesa

e, em alguns aspectos, a cultura brasileira (Mota, 2008). No entanto, caso sejam indocumentados, poderão ser deportados a qualquer momento. Portanto, por mais que se sintam identificados com a cultura americana, não podem, por questões meramente legais, integrar-se plenamente a ela. A situação pode tornar-se ainda mais dramática quando há na mesma família jovens pertencentes à geração 1,5 e irmãos que nasceram nos EUA. Ou seja, alguns têm pleno direito à cidadania enquanto outros são considerados ilegais.

Nossa proposta educacional tem como objetivo evitar a perda da língua portuguesa e da cultura brasileira. Pretendemos, através das artes, incentivar os jovens brazucas a se orgulhar de sua língua e cultura. Tal projeto baseia-se na premissa básica de que a aprendizagem mais eficaz e prazerosa dá-se por meio da criatividade. Trata-se de um programa de grande sucesso na Argentina (Las Cartoneras) e no Peru, amplamente divulgado e adaptado à realidade norte-americana pela Professora Doris Sommer, diretora da iniciativa Cultural Agents (culturalagents.org) da Universidade de Harvard. Segundo Sommer (2008) “O programa tem tido sucesso na área do letramento porque jovens e adultos desenvolvem um profundo interesse pela busca do conhecimento quando, de forma divertida, desenvolvem atividades de leitura criativa e escrita utilizando textos “recicláveis”. Os participantes re-escrevem textos literários: encenam as variantes que criaram, pintam visões ou sensações inspiradas por histórias e as cantam ou dançam. Há múltiplas versões dependendo do tempo disponível para reinterpretar os textos através de qualquer tipo de arte que os professores locais possam disponibilizar. “Aprender fazendo” é um slogan familiar de propostas educacionais eficientes, mas nossa abordagem dá um passo além. Motiva os alunos a intervir na literatura existente não apenas para dela fazerem uma reprodução superficial. Um dos objetivos principais é desenvolver nos alunos um desejo de se apropriarem da linguagem e de outros meios de expressão para motivá-los a criar variações originais de um tema compartilhado”.

Com o financiamento de verbas do governo norte-americano, temos organizado na Universidade de Harvard uma série de oficinas para educadores que trabalham com a comunidade brasileira, nas quais compartilhamos os princípios desenvolvidos por Sommer. Os professores que têm freqüentado essas oficinas têm

expressado grande interesse em implementar essas idéias em suas práticas cotidianas. Isto causa, obviamente, um sentimento de satisfação. Porém, a frustração permanece: como poderíamos alcançar mais jovens brazucas e afastá-los do submundo das gangues? Uma das respostas possíveis seria a criação de "escolas brasileiras" que funcionariam depois do horário de aulas regulares e/ou nos fins-de-semana. Nestas escolas, que já existem para outros grupos imigrantes, os jovens estariam envolvidos não só com os projetos de Cultural Agents, mas também com outras iniciativas que possam promover a auto-estima e o desejo da busca do conhecimento.

Conclusão

Há diversas universidades e lideranças comunitárias trabalhando para derrubar barreiras e construir pontes entre mundos que correm próximos uns aos outros, mas de modo paralelo. Pensemos, por exemplo, nos diversos imigrantes que trabalham nas cozinhas ou fazendo faxina nas universidades de elite nos Estados Unidos. Meus alunos de Português relatam que vêem esses imigrantes diariamente, mas que, na verdade, desconhecem essas pessoas a tal ponto que as mesmas tornam-se invisíveis (Jouët-Pastré e Braga, 2005). Felizmente, da união entre líderes comunitários e acadêmicos, ao menos um tímido diálogo, que também procura interlocutores norte-americanos, começa a ser estabelecido. No entanto, como foi colocado ao longo deste texto, há ainda um trabalho importante a ser feito. Informada por minha própria prática e leituras sobre outros grupos imigrantes, acredito que a comunidade brasileira, e especialmente a juventude brasuca, carecem de um apoio efetivo do Estado brasileiro. Este apoio poderia ser dado de diversas maneiras. O exemplo mais óbvio, e para mim um dos mais urgentes, seria o financiamento das "escolas brasileiras".

É impensável deixarmos que toda uma geração esteja ameaçada pelo submundo das gangues. É nosso dever erradicar esse problema e impedir que, através das deportações, o diálogo transnacional de criminosos torne-se mais forte. No entanto, por mais que acadêmicos e líderes comunitários empenhem-se nessa tarefa, os resultados concretos serão limitados sem o apoio do Estado brasileiro.

Bibliografia

Braga, L. e Jouët-Pastré, C. (2008). "Introduction: Interdisciplinary Perspectives on Becoming Brazuca." *In Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the US*. Clémence Jouët-Pastré e Leticia J. Braga (orgs). Cambridge, MA: David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University Press.

Galvão, H. (2005). *As Viajantes do Século Vinte: Uma História Oral da Mulher Brasileira na Área de Boston*. HP Comunicação.

Jouët-Pastré et al. orgs. (2004). *Giving Voice to a Nascent Community: Exploring Brazilian Immigration to the US through Research and Practice*. Working Paper No. 04/05-2. David Rockefeller Center for Latin American Studies Cambridge: Harvard University, 2004.

Jouët-Pastré, C. e Braga, L. (2005). "Community-Based Learning: A Window into the Portuguese-speaking Communities of New England." *Hispania* 88 (4):576-585.

Jouët-Pastré, C. e Braga, L, orgs. (2008). *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the US*. Cambridge, MA: David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University Press.

Lima, A. e Siqueira, C. (2008). *Brazilians in the U.S. and Massachusetts: Demographic and Economic Profile*. Boston: The Mauricio Gastón Institute

Maisonnave, F. (2005). *Evento debate imigração brasileira para os EUA*. Folha de São Paulo. Março 21.

Margolis, M. (2007). "Becoming Brazucas: Brazilian Identity in the United States." *In The Other Latinos: Central and South Americans in the United States*. José Luis Falconi and José Antonio Mazzotti, eds. Cambridge, MA: David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University, pages 210-227.

Mota, K. (2008). "Two Languages at Play: Language Boundaries in the Speech of Second-Generation Brazilian Immigrants." *In Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the US*. Clémence Jouët-Pastré e Leticia J. Braga (orgs). Cambridge, MA: David Rockefeller Center for Latin American Studies, Harvard University Press.

Rumbaut, R. (2004). "Ages, Life Stages, and Generational Cohorts: Decomposing the Immigrant First and Second Generation in the United States." *International Migration Review*, 38 (3): 1160-1205.

Sommer, D. (2008). *Paper Picker Press Philosophy*. <http://www.fas.harvard.edu/~cultagen/programs/files/Philosophy%20for%20PPP.pdf>

Tosta, A. (2004). "Latino, eu? The Paradoxical Interplay of Identity in *Brazuca* Literature." *Hispania* 87 (3):863-872.

Meihy, J. (2004). *Brasil Fora de Si*. São Paulo: Editora Parábola.



3.

A Profile of Brazilian Remitters in Massachusetts July 2007



3.

A Profile of Brazilian Remitters in Massachusetts July 2007

Alvaro Lima & Pete Plastrik

Introduction

- This research was done by the Transnational Community Development Network - TransComm - in partnership with the Innovation Network for Communities -INC;
- INC is a national non-profit organization focused on supporting civic entrepreneurs to develop and spread scalable innovations that transform the performance of community systems;
- TransComm's mission is to help immigrant communities in the U.S. to develop their economic, political and social-cultural transnational capitals.
- This research was funded by a grant from the Kellogg Foundation and completed during the period May-July 2007;
- The research traces the demographic profile, the pattern of use of remittances and the presence of transnational behavior among Brazilians residing in MA and sending money to their country.

Methodology

- According to the Census PUMS 2000, the total number of Brazilian-born adult (25+) immigrants in Massachusetts is 24,056, representing 15.9% of the total of Brazilians in the U.S., second only to Florida (21.1%);
- A sample of 250 subjects (1/1000) is representative of the population with a confidence interval of 6.17% at a confidence level of 95%. Inferences drawn from survey questions specifically directed to remitters should be limited to Brazilian remitters in MA;

- However, according to the American Development Bank –MIF, the percentage of immigrants who send money from MA is 70% so that the inference based on remitters cover a large part of all adult Brazilians;
- The routes for the field work were designed around remittance agencies that send money to Brazil in the cities and areas with the greater Brazilian population;
- The subjects were selected randomly and intercepted at remittance agencies, to ensure that they were active senders;
- A staff of 5 Portuguese speaking interviewers was provided by TransComm and trained in administering the surveys by Silvestre HMR&S who also tabulated the results;
- Unless otherwise indicated, all results are statistically significant at a probability level of .0001;
- The survey included some questions from the 2003 and 2006 surveys directed by Manuel Orozco of the Inter-American Dialogue in order to compare Brazilians with immigrant from other nationalities.

2006 Survey – Comparison Sample

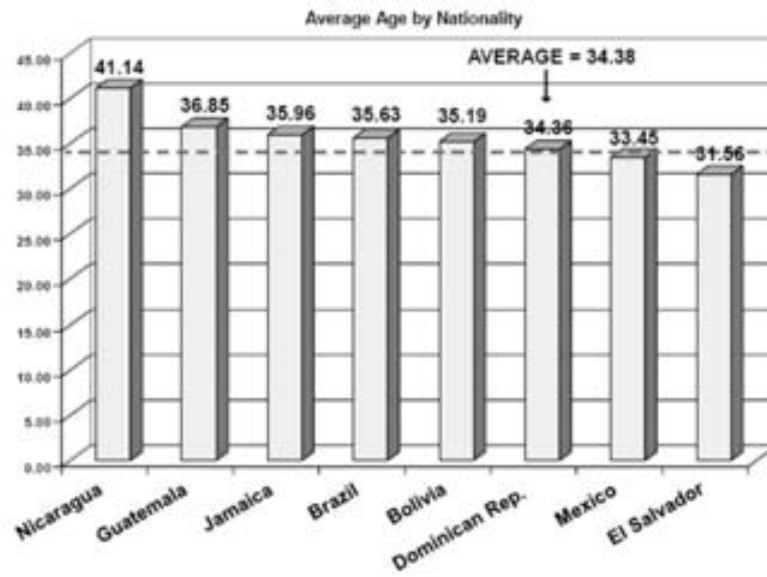
Nationality	City					Total
	NY-NJ	Los Angeles	Chicago	DC-Alexandria	Miami-F. Lauderdale	
Mexico	100	300	200			600
Dominican Rep.	300					300
Jamaica	200				100	300
El Salvador	100	100		200		400
Guatemala		100				100
Bolivia				200		200
Nicaragua					100	100
Total	700	500	200	400	200	2000

2003 Survey – Comparison Sample

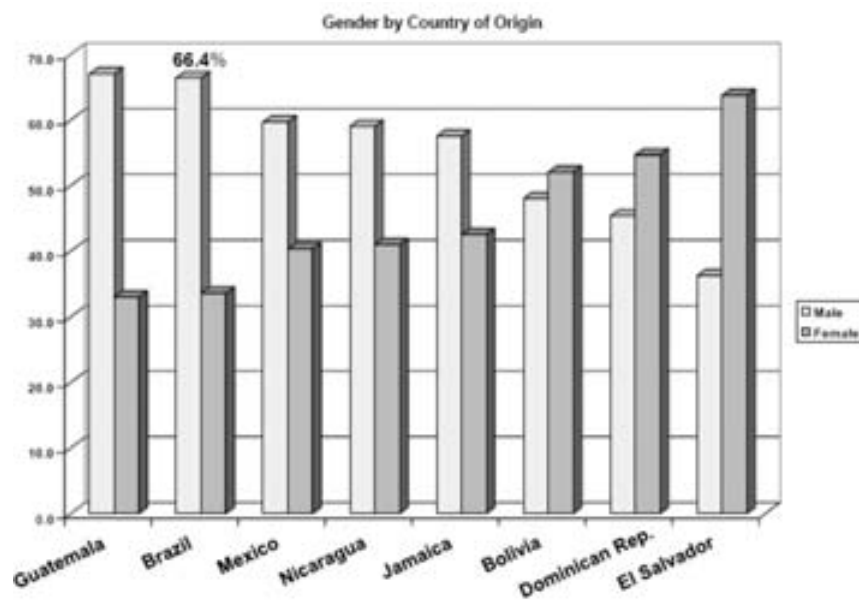
Nationality	City			Total
	New York	Los Angeles	Miami	
Colombia			100	100
Cuba			175	175
Ecuador	100			100
El Salvador	100	110		210
Guatemala		109		109
Guyana	236			236
Honduras			75	75
México	100	182		282
Nicaragua			150	150
Dominican Republic	150			150
Total	686	401	500	1587

Demographics of Brazilian Remitters

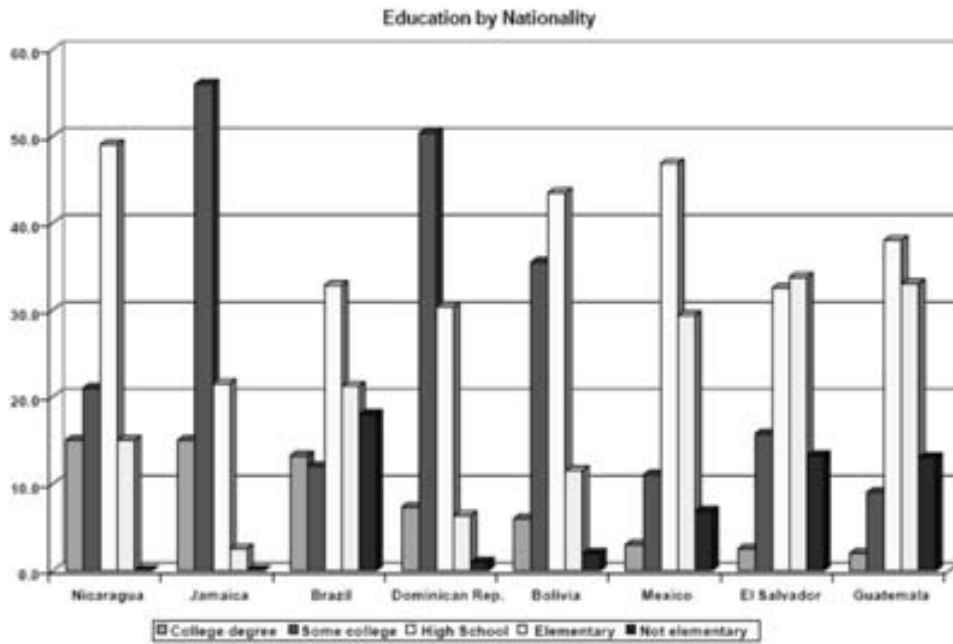
The age of Brazilian remitters (35.63) is close to the average (34.38) but statistically higher:



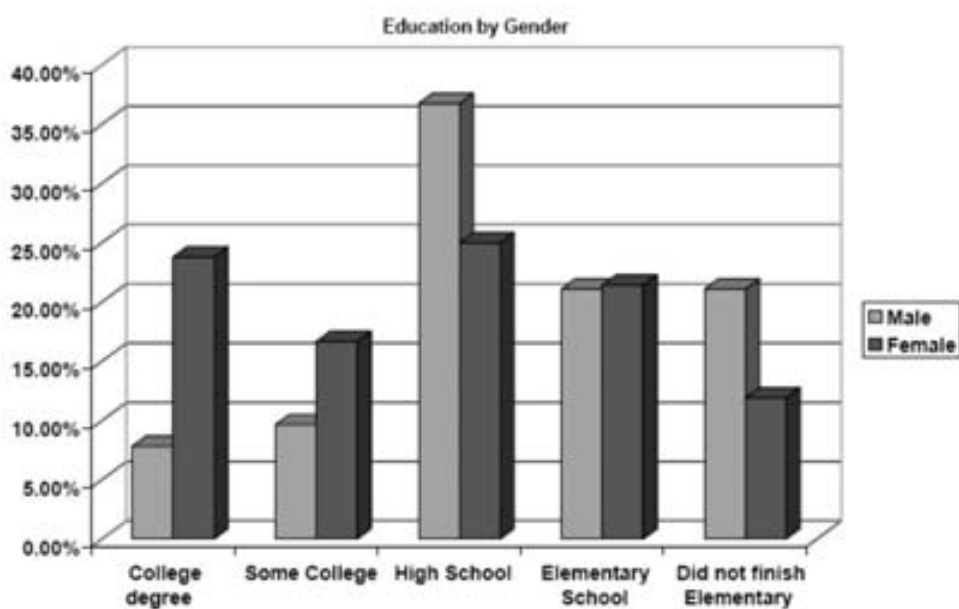
Brazilians are the second nationality in the proportion of male remitters (66.4%) while this proportion is reversed for Salvadoran 63.8% female:



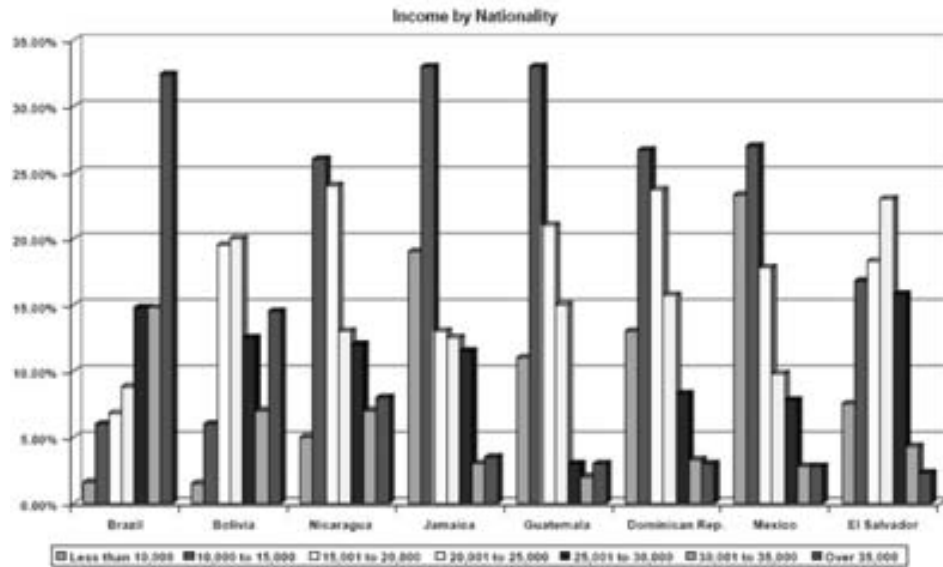
Although the general level of education among Brazilians is high school, they rank third in College degrees:



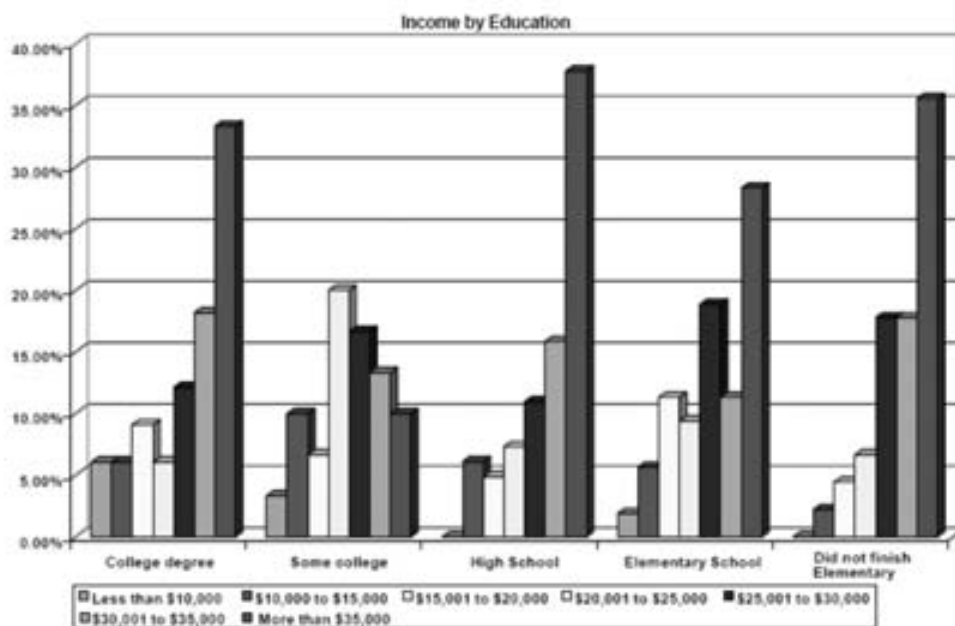
While the typical education level for Brazilian males is high school (36.75%), one out of four females (23.81%) has a college degree:



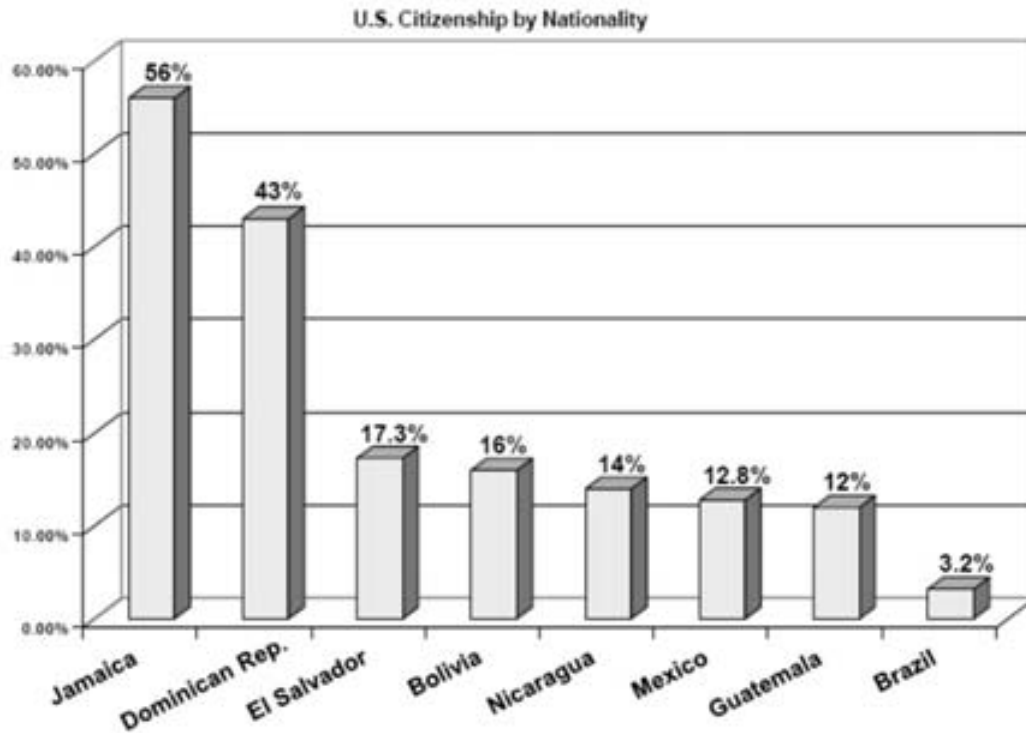
Brazilian remitters have the greater proportion of higher incomes (32.4%) and the lower proportion of lesser income (1.6%). One out of three Brazilians has higher income than other L.A. and Caribbean immigrants:



One out of every three Brazilians in MA, regardless of their educational level, has an income of over \$35,000; except those with some college education, whose majority earns between \$20K to \$25K:



Compared to other L.A. and Caribbean immigrant communities, Brazilians have the lowest proportion of U.S. citizenship (3.2%):

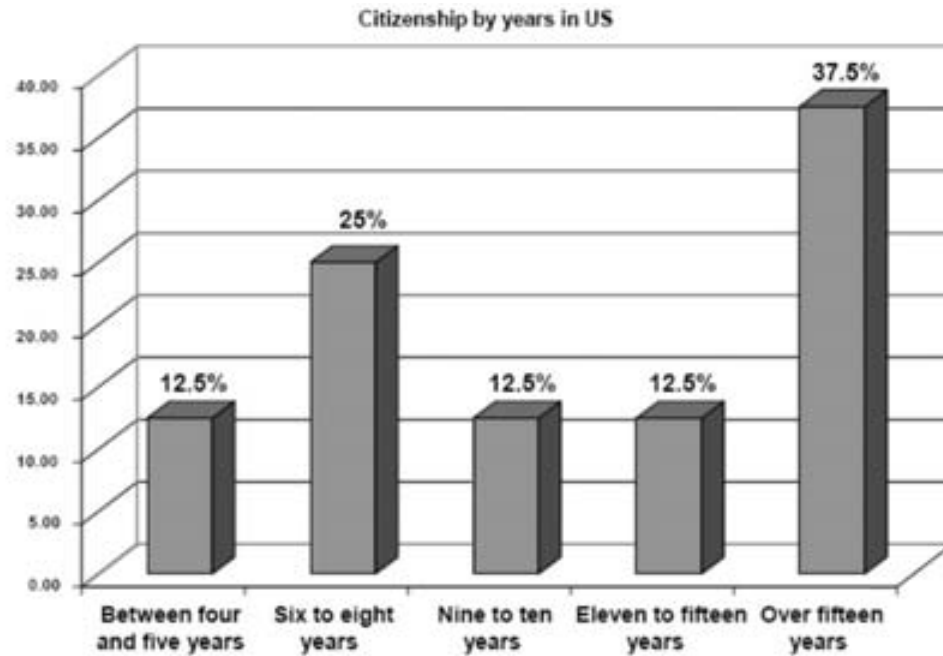


Most Brazilians who are U.S. citizens have lived in the country over fifteen years (1.21%) or between six to eight years (0.81%):

Years in US / Citizenship	No	Yes	Total
Less than a year	4.03%		4.03%
Between one and three years	40.73%		40.73%
Between four and five years	23.79%	0.40%	24.19%
Six to eight years	20.56%	0.81%	21.37%
Nine to ten years	1.21%	0.40%	1.61%
Eleven to fifteen years	3.23%	0.40%	3.63%
Over fifteen years	2.42%	1.21%	3.63%
NR	0.81%		0.81%
Total	96.77%	3.23%	100.00%

Largest 2nd Largest 3rd Largest

The majority of Brazilians who are U.S. citizen (37.5%) have been living in the U.S. for over 15 years. One out of four (25%) have been living in the U.S. from 6 to 8 years:

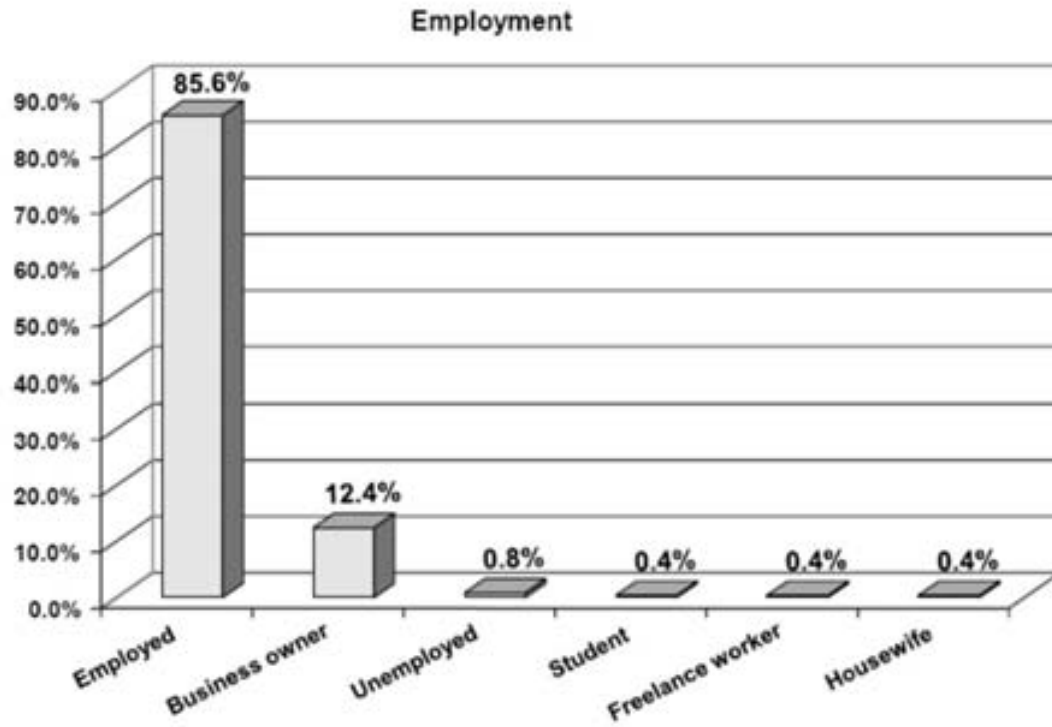


As most immigrants, the majority of Brazilian immigrants (85.6%) has been living in the U.S. between 1 and 8 years:

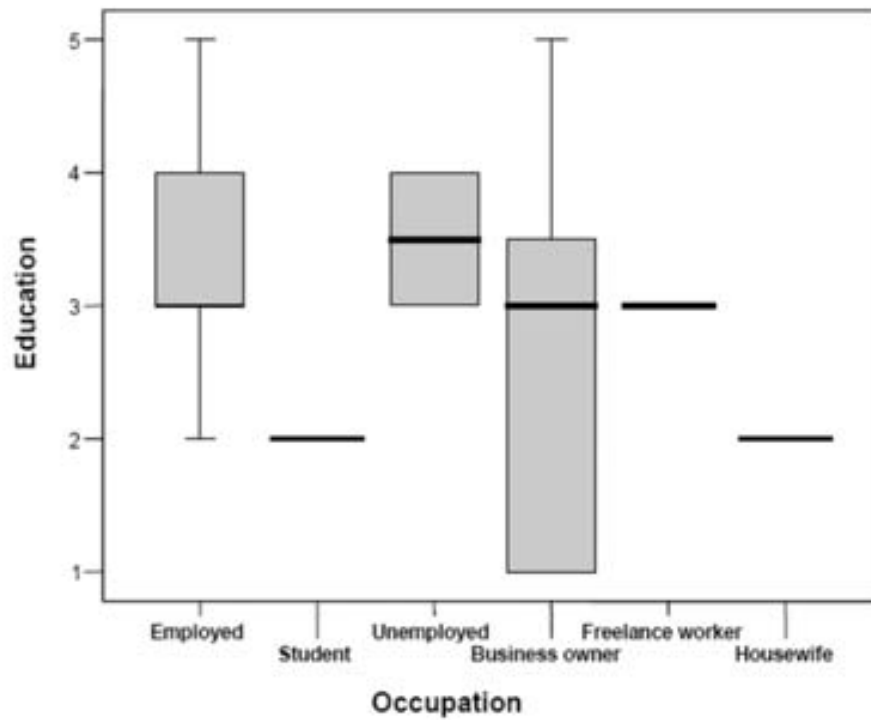
Years in US	Brazil	Honduras	Colombia	Cuba	Nicaragua	Guatemala	Mexico	El Salvador	Guyana	Ecuador	Dom. Republic
Less than 1	4.0%	6.7%	8.0%	4.0%	4.0%	8.3%	6.7%	0.5%	0.8%	3.0%	2.0%
1 to 3	48.4%	37.3%	32.0%	27.4%	26.7%	24.8%	21.6%	16.2%	13.1%	12.0%	4.7%
4 to 5	24.0%	17.3%	31.0%	22.9%	31.3%	24.8%	23.4%	28.1%	14.8%	20.0%	13.3%
6 to 8	21.2%	18.7%	15.0%	17.7%	12.7%	20.2%	14.2%	17.6%	30.3%	31.0%	18.0%
9 to 10	1.6%	9.3%	7.0%	16.0%	10.7%	4.6%	14.5%	11.3%	14.4%	28.0%	26.7%
11 to 15	3.6%	4.0%	3.6%	3.4%	4.7%	1.8%	7.1%	8.6%	8.1%	4.0%	14.7%
Over 15	3.6%	6.7%	4.6%	8.0%	10.0%	12.8%	12.4%	15.2%	11.0%	2.0%	20.0%

Legend: Largest (darkest), 2nd Largest (medium), 3rd Largest (lightest)

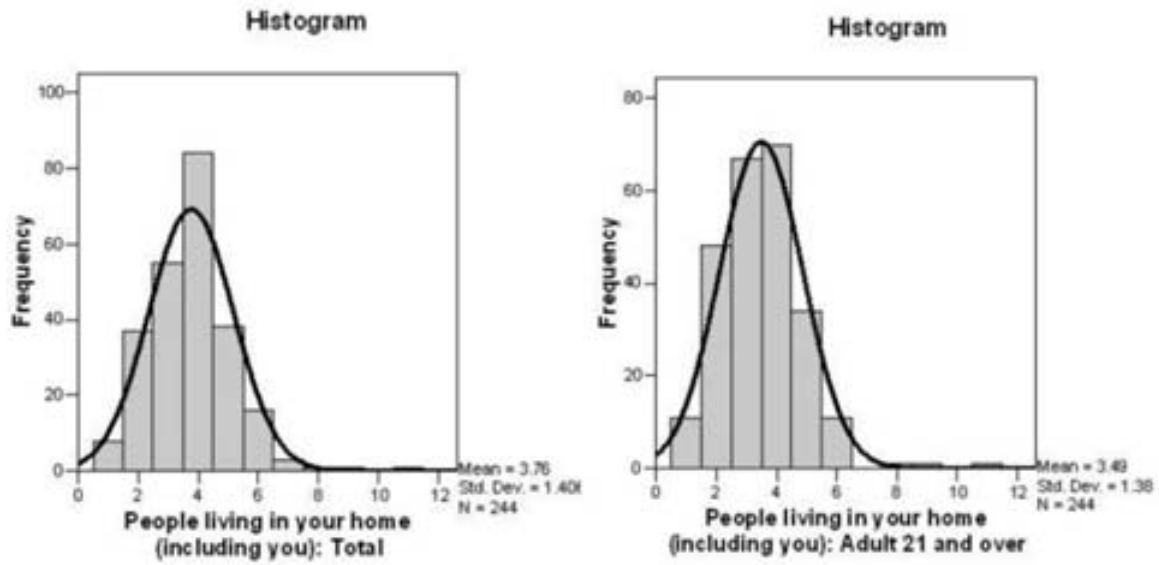
The majority of Brazilians (85.6%) are employed. 12.4% of them own a business:



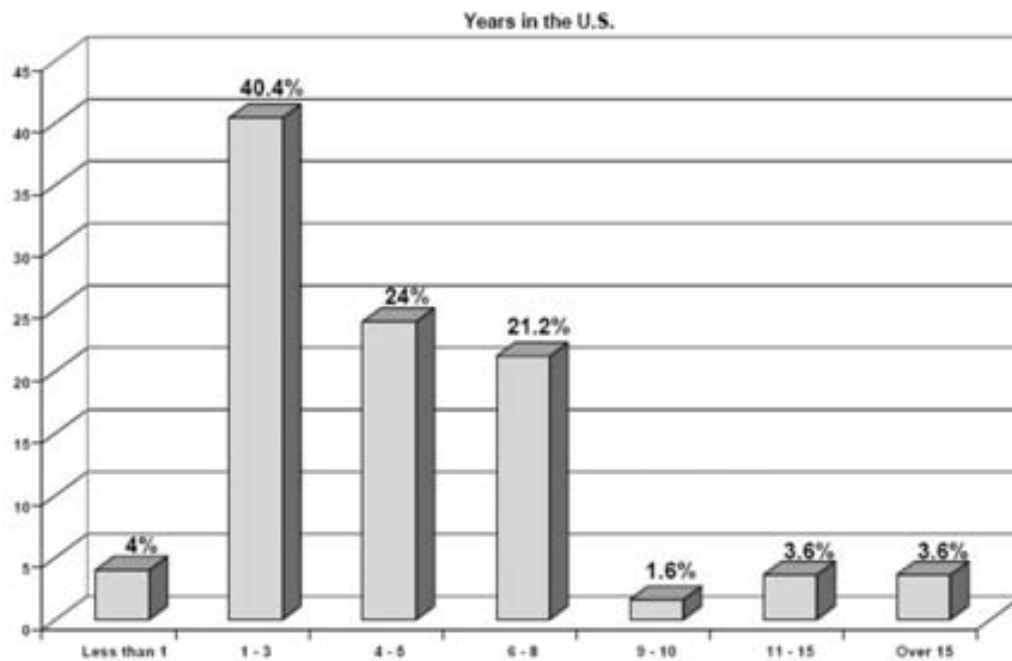
College education is found only among business owners (50%), students and housewives. These different education levels do not affect incomes which is over \$35k for almost all levels:



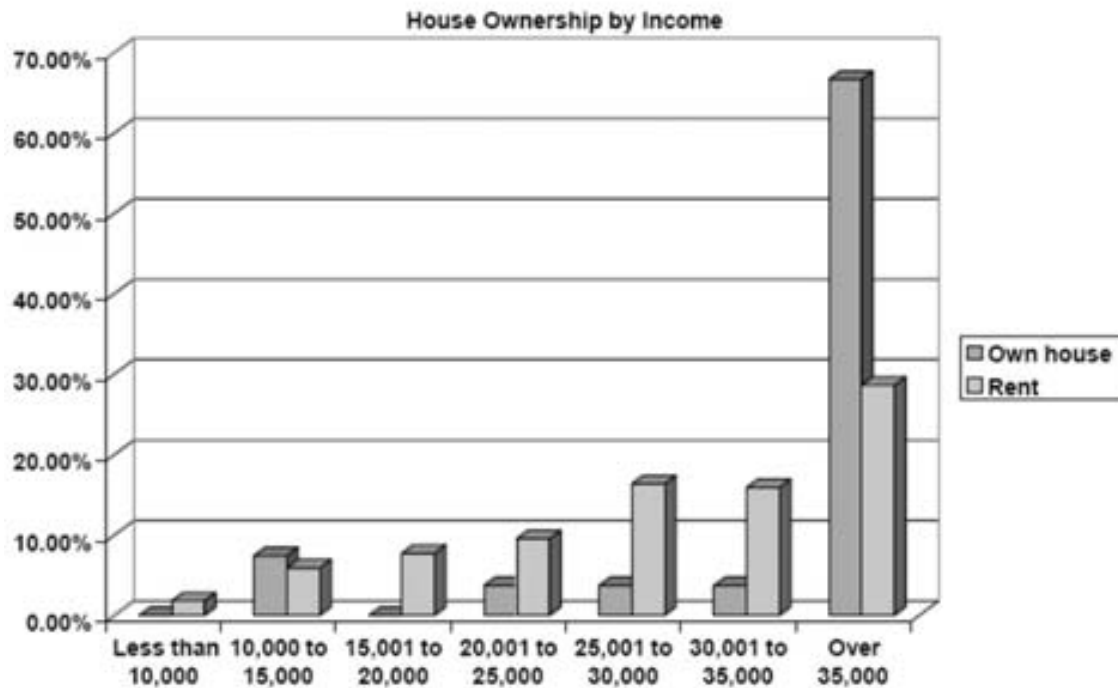
The typical Brazilian household is composed of 3 to 4 people mostly (82%) adults over 21 :



Almost half (44.4%) of Brazilian remitters have been in the U.S. less than 3 years. The other half (45.2%) have lived in the country between 4 to 8 years:

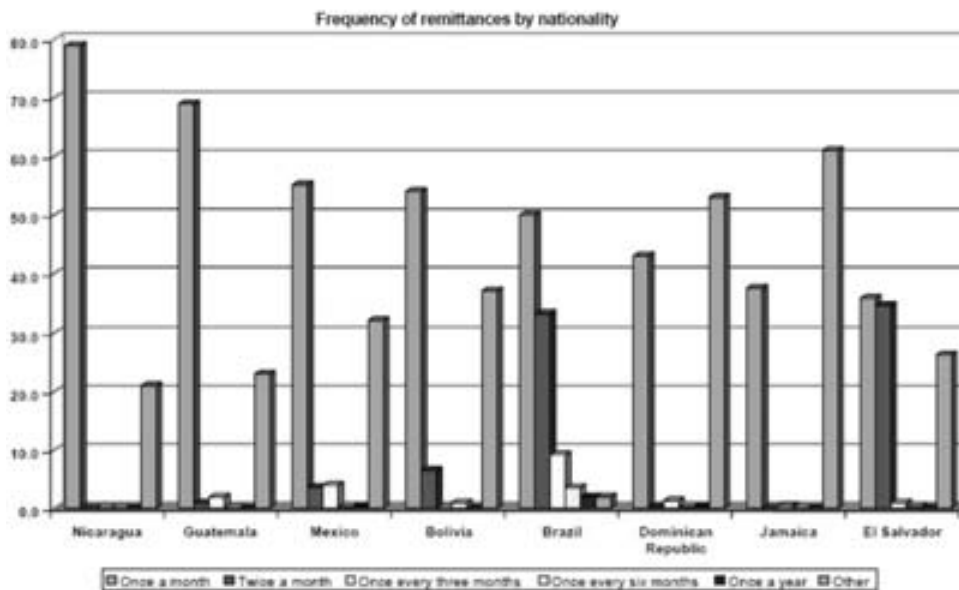


Most Brazilians are renters (88%), with only 10.8% of owning houses. The median income for homeowners (over \$35,000) is higher than that of renters (\$31,000 to \$35,000):

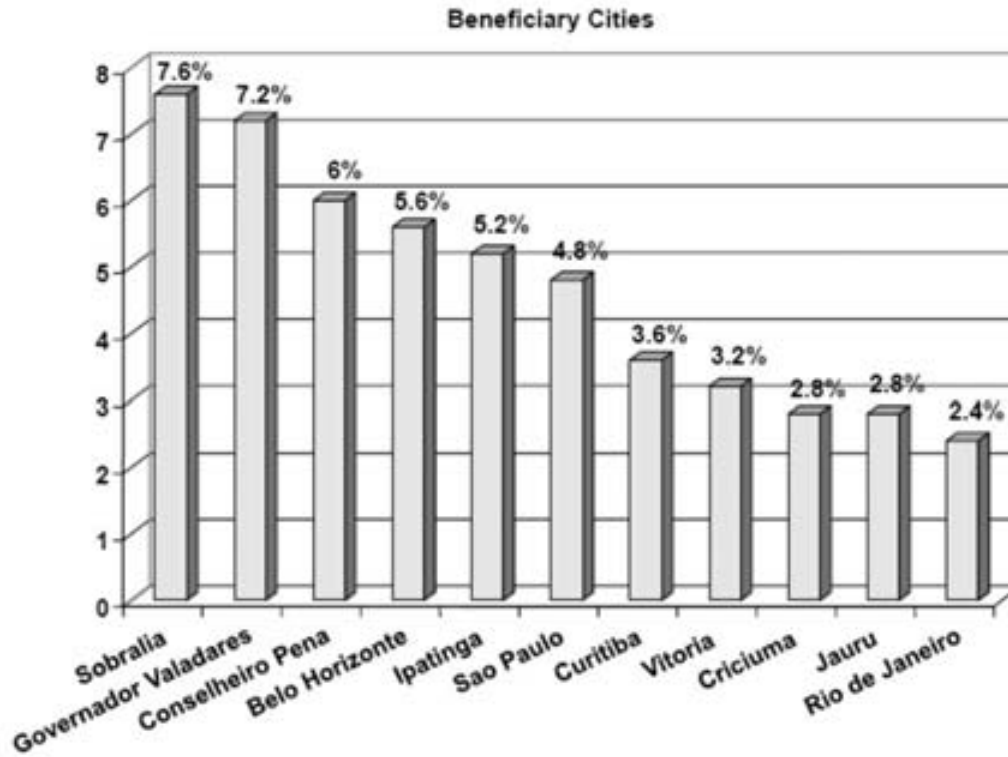


Financial Behavior of Brazilian Remitters

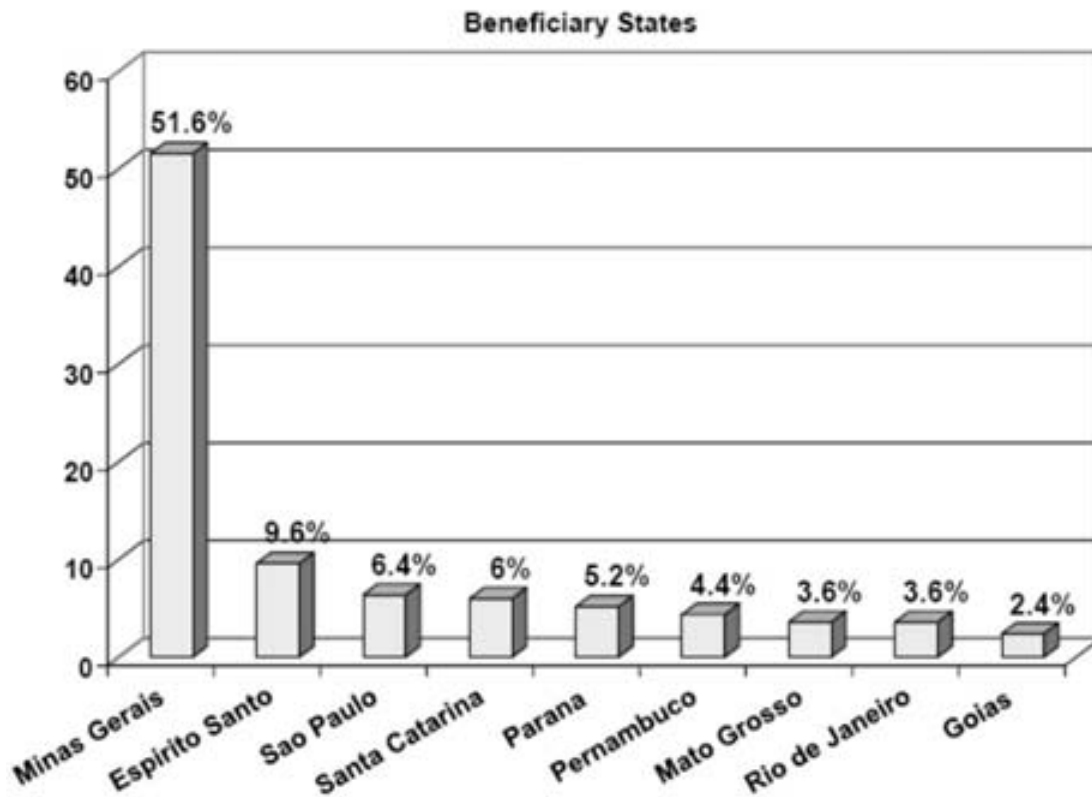
Almost every other nationality, 50% of Brazilians send money home once a month. 33.2% remit twice a month, and 9.2% once every three months:



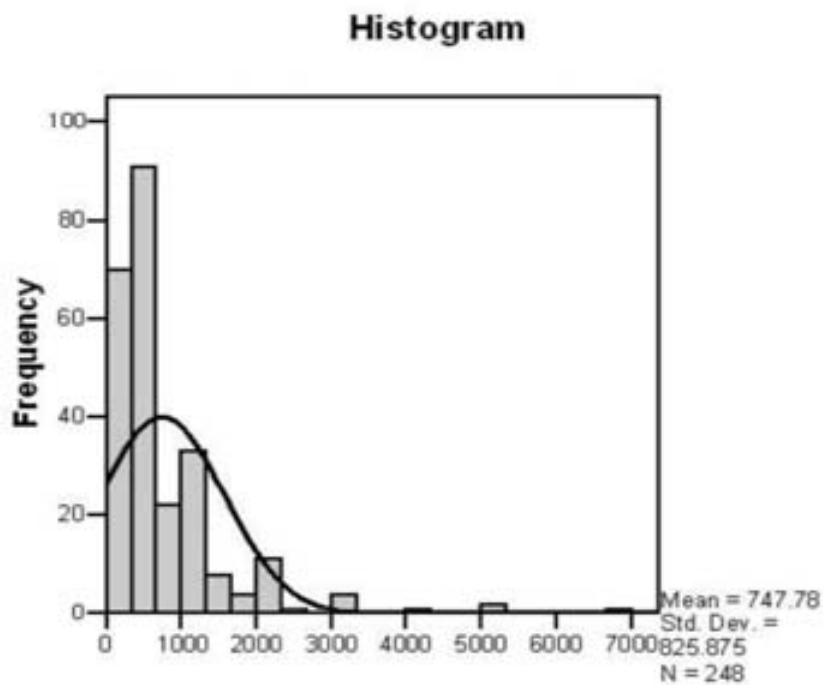
Cities from Minas Gerais are the most important receiving cities in Brazil:



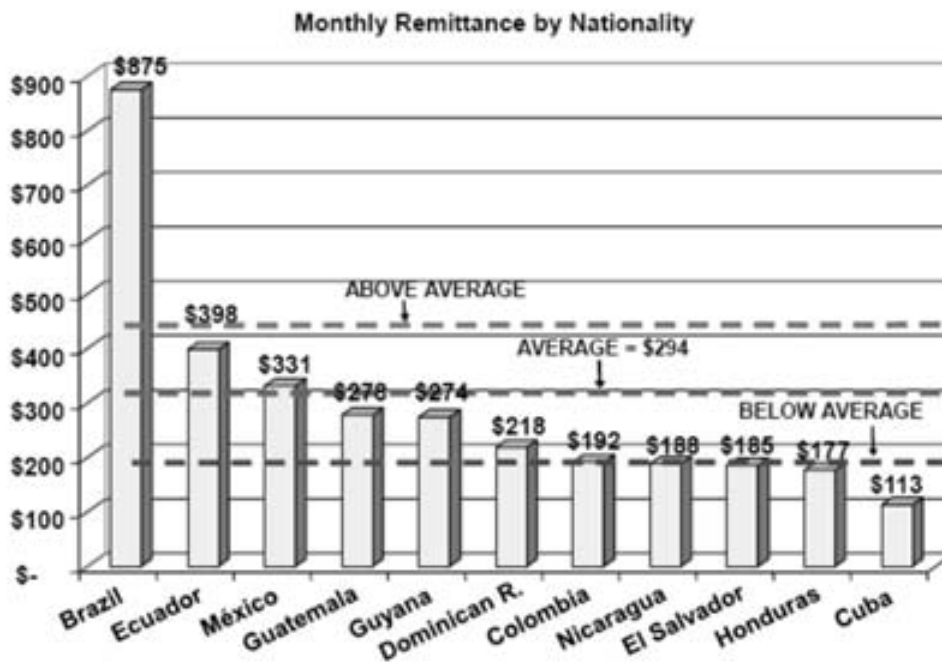
Minas Gerais, Espirito Santo, and Sao Paulo are Brazil's top receiving states:



Although the mean of the most recent transaction is \$747, the mode is \$500 with a distribution tilted to the left:

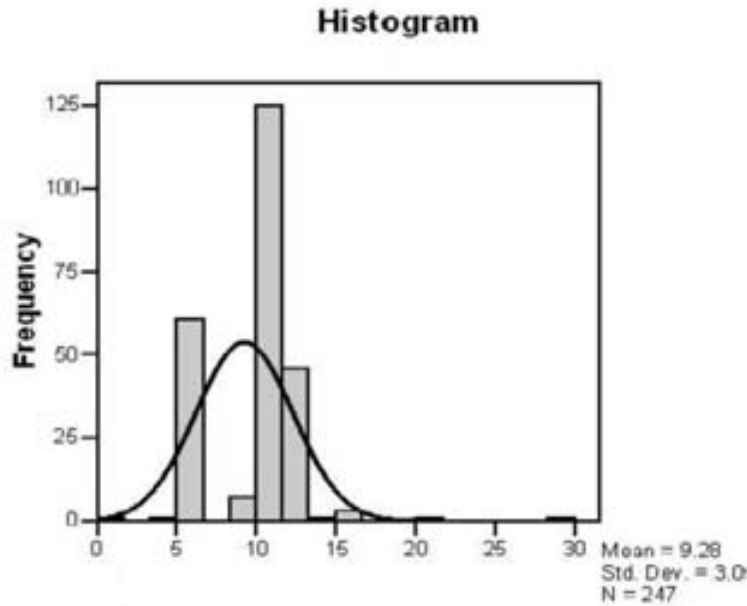


Even correcting for outliers, monthly remittances for Brazilians (\$875) are much higher than the average for other L.A. communities:



OBS: Monthly amounts are high even when corrected for gender, education, annual income and years in the U.S..

Although the average fee for remittances is \$9.28, the distribution is tilted to the left with a median around \$10:

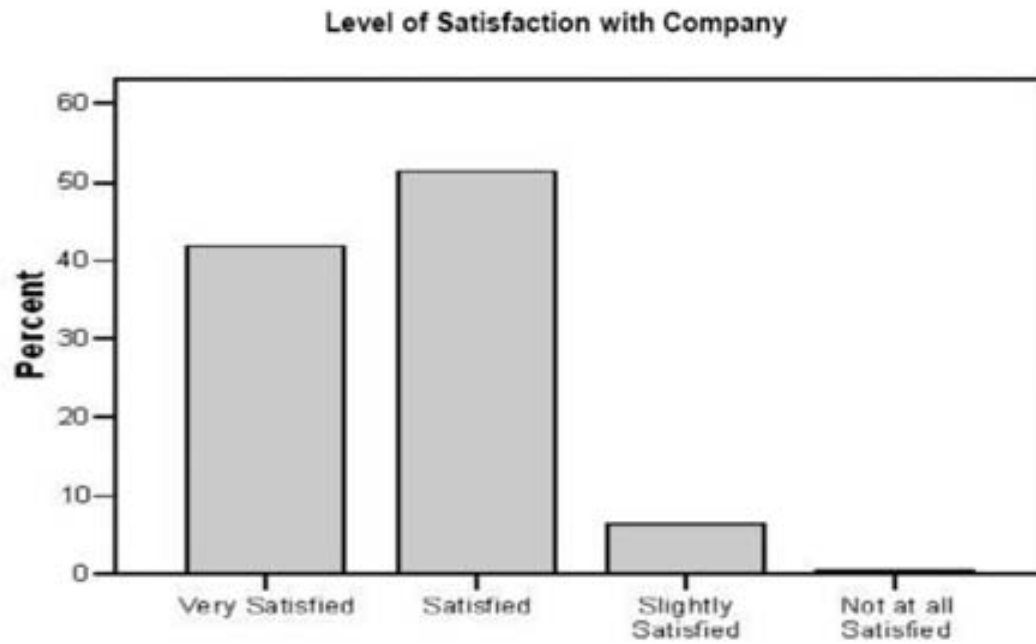


Compared to the 2006 sample, Brazilians display a very different behavior with regard to preferred agency. Braz Transfers is their first choice, with Western Union in second and Chang Express in third:

Preferred Agency	BRAZIL	MEXICO	DOMINICAN R.	JAMAICA	EL SALVADOR	GUATEMALA	BOLIVIA	NICARAGUA
Braz Transfers	33.20%							
Western Union	20.08%	33.67%	23.33%	45.50%	18.75%	30.00%	14.50%	15.00%
Chang Express	13.60%							
Uno Transfer	13.20%							
Money Gram	6.80%	3.00%	12.33%	36.00%	21.25%	3.00%	1.00%	2.00%
Global	3.60%							
Mexico Express		19.00%						
Banco Agrícola					21.50%	7.00%		
Pronto Envios		3.50%	18.00%		0.50%			13.00%
Ria Envía		3.50%	3.00%	0.50%	5.00%	11.00%	2.00%	8.00%
La Nacional							36.50%	
Dolex		6.67%	2.33%		1.00%	3.00%		8.00%

Largest 2nd Largest 3rd Largest

The majority of Brazilians are very satisfied (41.6%) or satisfied (51.2%) with their remittance agencies:



Compared to the 2003 sample, the majority of Brazilians (75%), as every other L.A. and Caribbean immigrants, do not use services other than remittances. 11.6% of them use money orders while 3.6% use check cashing:

Other services	Brazil	Guyana	Ecuador	Nicaragua	Cuba	Colombia	Dominican R.	Guatemala	Honduras	México	El Salvador
Money order	11.6%						1.3%	17.1%		9.8%	5.5%
Check cashing	3.6%									0.7%	
Bill payment	1.2%										
Buy airplane tickets	0.4%										
Buy different things	0.4%										
Payday loan	0.4%										
Checking account	0.4%										
Other	7.0%	68.1%	51.3%	42.6%	39.6%	37.6%	32.3%	16.2%	30.0%	15.8%	6.9%
None	75%	31.9%	48.7%	57.4%	60.4%	62.4%	66.5%	66.7%	70.0%	73.7%	87.6%

OBS: Other services and products made use by the other L.A. and Caribbean communities include phone cards, phone booths and cargo services.

Legend 1st Largest 2nd Largest 3rd Largest

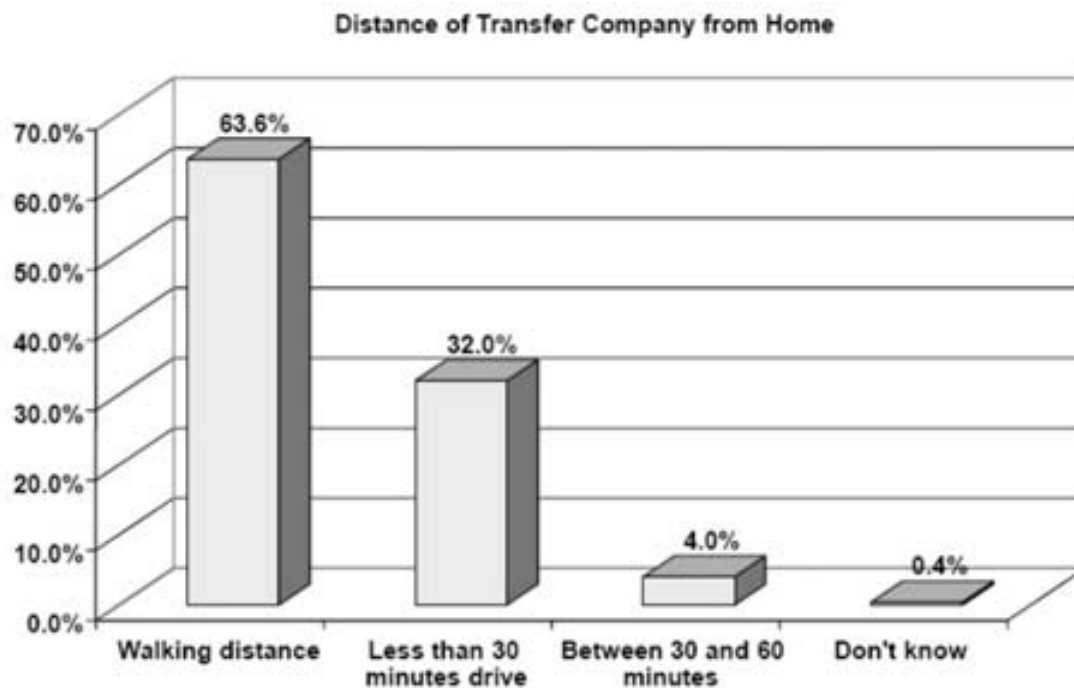
While Brazilians choose an agency based on of the accessibility or convenience of service, other L.A. and Caribbean immigrants look for quality of service and company reputation:

Reasons to prefer agency	Brazil	México	Dominican R.	Jamaica	El Salvador	Guatemala
Close/Convenient/More agencies	27.3%	30.8%	16.0%	7.5%	12.8%	34.0%
Customer service/Friendly staff/Language	22.2%	0.8%	8.3%	13.5%	14.0%	5.0%
Accessible/Easy to use/Services/Schedules	20.1%	14.8%	5.0%	11.0%	8.3%	11.0%
Prestige/Well know/Recommended	16.1%	8.5%	2.0%	2.5%	3.8%	4.0%
Price/Exchange rate/Free/Discounts	14.0%	10.2%	13.7%	16.0%	9.3%	27.0%
Responsible/Secure/Trustworthy		30.2%	32.3%	23.5%	53.3%	32.0%
Fast/Punctual/Efficient/No problems		25.7%	28.0%	28.5%	20.3%	19.0%

OBS: 2003 sample comparison.

1st Choice 2nd Choice 3rd Choice

Consistently, the majority (63.6%) of the agencies preferred by Brazilians are at walking distance from home, although one out of three (32%) are at a less than 30 minutes drive:



Mother/father are the main beneficiaries of remittances for every country, except Guyana. Second place beneficiaries for Brazilians are husband/wife. For Brazilians, as for Nicaraguans, Cubans and Dominicans, children come in third:

Beneficiary	Brazil	Guatemala	México	Colombia	Nicaragua	Ecuador	El Salvador	Cuba	Dominican R.	Honduras	Guyana
Mother/Father	36.3%	49.5%	48.2%	46.0%	43.3%	39.0%	36.7%	36.6%	36.0%	30.7%	11.4%
Husband/Wife	21.4%	22.9%	24.5%	14.0%	15.3%	9.0%	24.8%	7.4%	13.3%	26.7%	8.5%
Your Children	19.3%	5.5%	8.2%	20.0%	15.3%	36.0%	11.9%	16.0%	14.7%	13.3%	16.9%
Your Siblings	14.6%	14.7%	13.1%	9.0%	18.7%	14.0%	14.8%	24.6%	19.3%	18.7%	6.8%
Other relatives	3.9%	6.4%	3.9%	3.0%	2.7%	1.0%	5.7%	8.0%	8.7%	4.0%	18.2%
Friends	2.1%						0.5%		2.7%	1.3%	1.3%
Business Partner	2.1%										
Other	0.3%										
Grandparents		0.9%	2.1%	8.0%	4.7%	1.0%	5.2%	7.4%	5.3%	5.3%	1.3%

OBS: 2003 sample comparison.

Largest 2nd Largest 3rd Largest

Like in many other L.A. communities, Food (24.6%) and Clothing (17.3%) are the main articles bought with remittances in Brazil. Medical expenses come in third place for Brazilians while housing is the third choice for every other communities:

Uses	Nationality										
	Brazil	Nicaragua	Cuba	Guatemala	El Salvador	Colombia	Honduras	Ecuador	México	Dominican R.	Guyana
Food	24.60%	96.7%	96.6%	89.9%	89.5%	89.0%	88.0%	87.0%	86.9%	81.3%	72.0%
Clothing	17.30%	68.7%	44.6%	69.7%	55.7%	59.0%	56.0%	29.0%	49.3%	25.3%	61.9%
Medical	16.90%	10.7%	3.4%	3.7%	3.3%	8.0%	1.3%	4.0%	2.8%	6.7%	
Housing	15.90%	34.0%	16.6%	56.0%	46.2%	29.0%	32.0%	11.0%	37.2%	32.7%	33.1%
Education	11.60%	29.3%	11.4%	39.4%	36.7%	31.0%	28.0%	20.0%	36.9%	21.3%	26.7%
Don't Know	7.30%	2.7%	3.4%	11.0%	8.1%	6.0%	2.7%	8.0%	12.4%	8.0%	16.1%
Business	5.30%	2.7%	0.6%	1.8%	2.4%		4.0%	1.0%	3.5%	4.0%	8.5%
Savings	2.00%		0.6%		1.0%				0.7%	1.3%	
Other	8.00%	0.7%	1.1%	2.8%	4.8%	3.0%		8.0%	5.0%	8.7%	8.5%

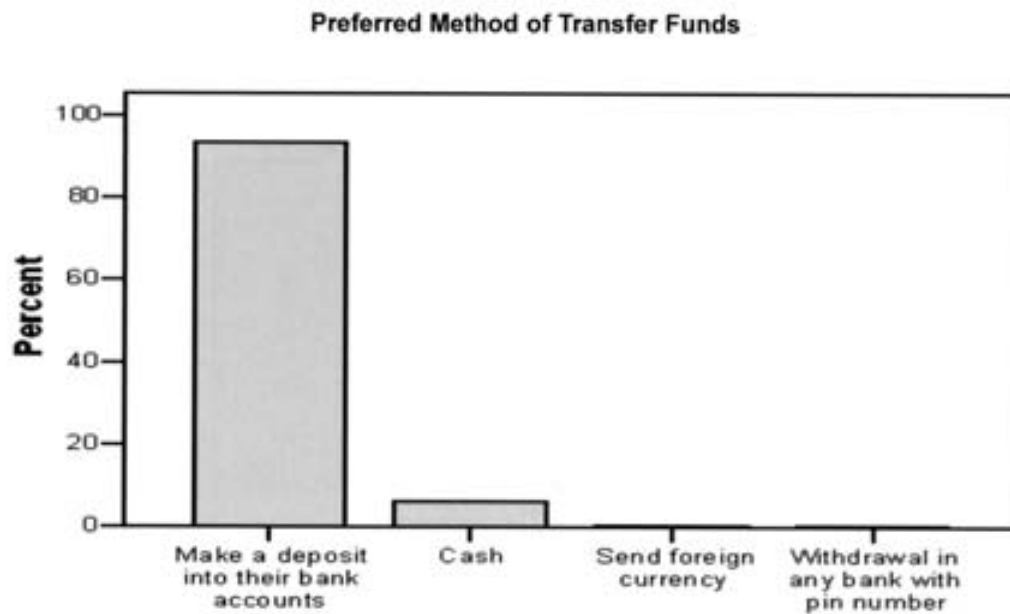
OBS: 2003 sample comparison.

Largest 2nd Largest 3rd Largest

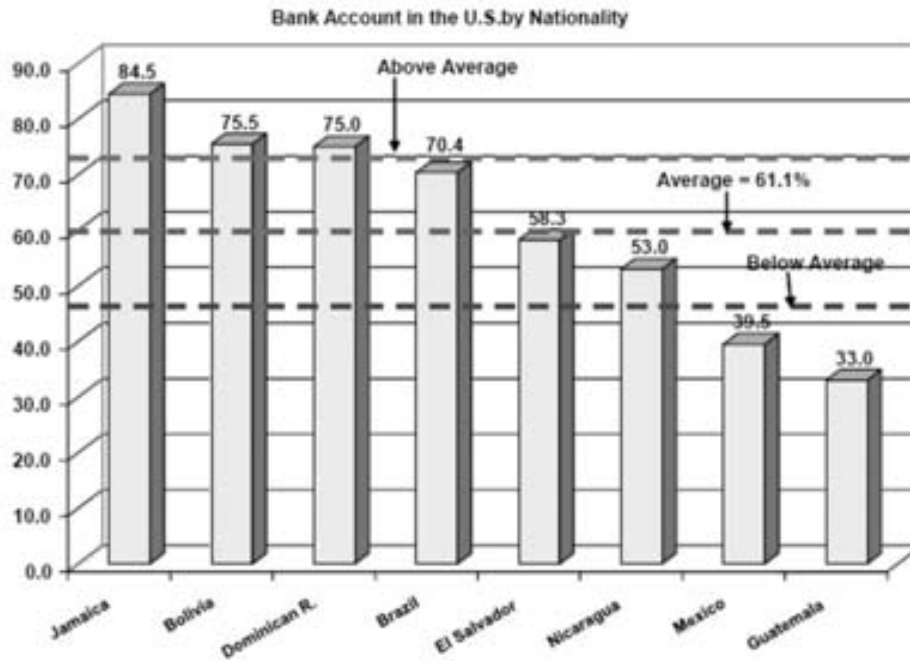
Years sending money to Brazil, has a perfect correlation with years living in the U.S., that is, the longer Brazilians live in the U.S. the longer they send money to Brazil. The same general tendency holds true for all other groups included in the 2003 sample:

Percentage of the total Years in US	Years sending money					Grand Total
	<1	1 - 3	4 - 5	>5	NR	
<1	4.0%					4.0%
1 - 3	2.4%	37.9%			0.4%	40.7%
4 - 5		3.2%	20.6%	0.4%		24.2%
6 - 8		2.0%	4.4%	14.9%		21.4%
9 - 10	0.4%	0.4%		0.8%		1.6%
11 - 15	0.4%	0.8%	0.4%	2.0%		3.6%
>15				3.6%		3.6%
NR			0.4%	0.4%		0.8%
Grand Total	7.3%	44.4%	25.8%	22.2%	0.4%	100.0%

Unlike every other L.A. and Caribbean immigrants, 92.4% of Brazilians prefer sending money by making a deposit into the beneficiary's bank account. Only 6% prefers sending cash:



Brazilians, along with Salvadorans and Nicaraguans, have an average number of people (70.4%) with bank accounts in the U.S.. Mexicans and Guatemalans have below average numbers while Jamaicans, Bolivians and Dominicans have above average:



Statistical analysis shows that Education ($p < .002$) and Years in the U.S. ($p < .004$) are the most important factors in determining bank account ownership for Brazilians residing in the U.S.:

Coefficients*

Model		Non Standardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	.849	.177		4.788	.000
	Gender	-.073	.068	-.076	-1.085	.279
	Education	-.079	.025	-.223	-3.171	.002
	Annual personal income range	.001	.019	.002	.030	.976
	How long have you lived in the United States?	.071	.024	.206	2.932	.004

*Dependent Variable = Do you have a bank account in the United States?

Bank of America is the first bank choice (44.8%) for Brazilians as for many other L.A. and Caribbean immigrants. Nevertheless, the second and third choices for Brazilians, Citizens Bank (17.6%) and Sovereign Bank (4.4%), are not mentioned by any other nationality:

Bank in US	Nationality								
	BRAZIL	MEXICO	Dominican R.	JAMAICA	EL SALVADOR	GUATEMALA	BOLIVIA	NICARAGUA	
Bank of America	44.80%	8.50%	10.67%	9.50%	12.00%	8.00%	26.50%	13.00%	
Citizens Bank	17.60%								
Sovereign Bank	4.40%								
Middlesex Bank	1.60%								
Citibank	0.40%	5.50%	12.67%	18.00%	4.25%	3.00%		3.00%	
Luso American Credit Union	0.40%								
Chase		8.50%	18.00%	20.00%	3.75%				
Washington Mutual		4.17%	7.67%	10.00%	3.75%	13.00%		20.00%	

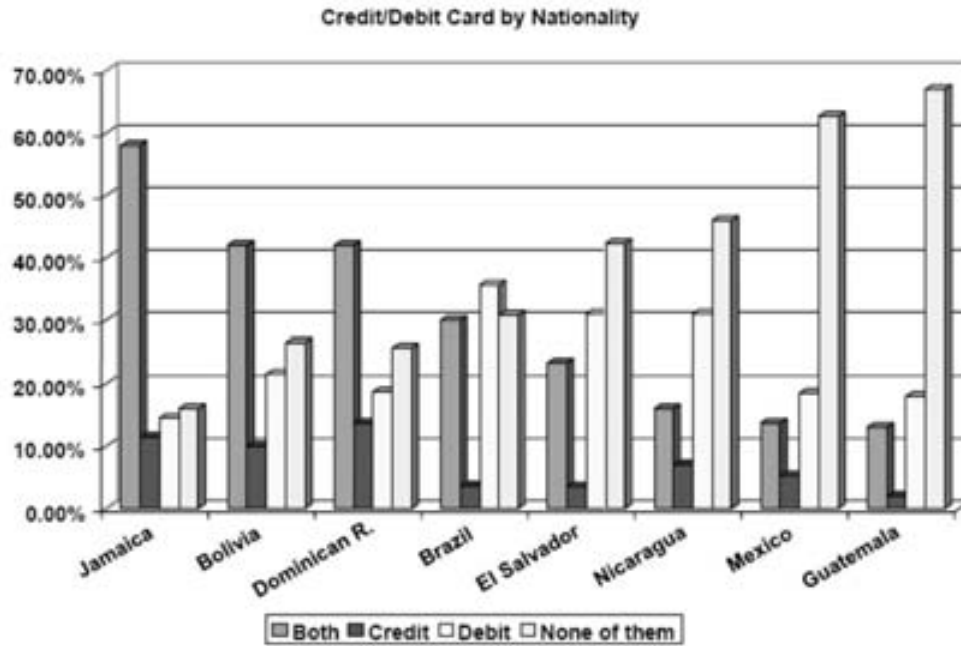
1st Choice 2nd Choice 3rd Choice

As for almost all other L.A. and Caribbean immigrants, the main reason for Brazilians not to have a bank account is the lack of identification papers (40.7%), which is related to Accessibility and Convenience. The second reason (36%) is subjective –“I don’t need a bank account.” But the third reason is also associated with Accessibility: “The process is very complicated:”

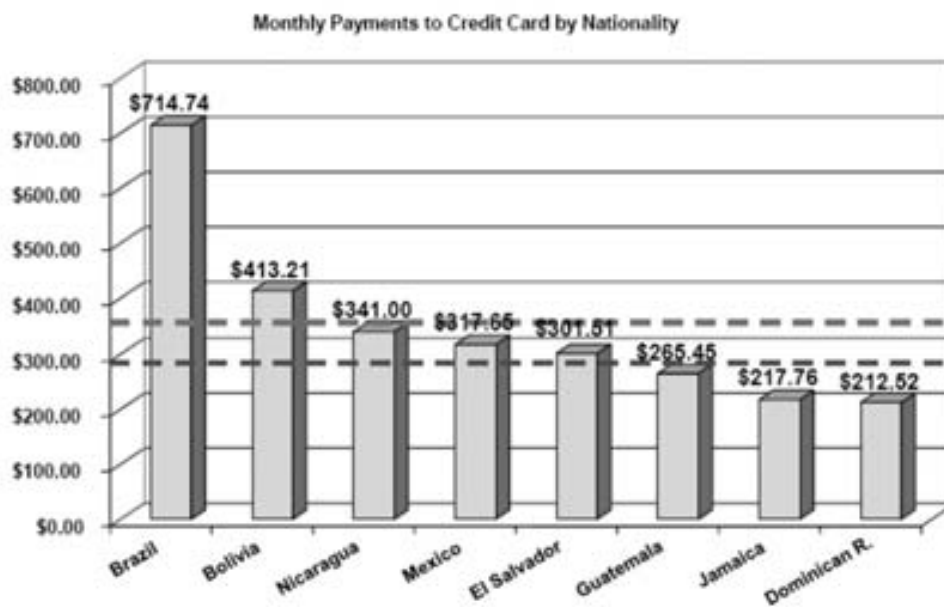
Why not bank	Brazil	México	Dominican R.	Jamaica	Colombia	El Salvador	Guatemala
I don't have identification papers	40.70%	34.50%	4.00%	2.00%	26.00%	30.75%	41.00%
I don't need a bank account	36.00%	21.17%	12.00%	10.50%	24.00%	12.50%	27.00%
The process is very complicated	11.60%	9.17%	4.33%	1.00%	8.00%	9.50%	8.00%
I don't speak English	8.10%				2.00%		
I don't trust banks	2.30%	5.83%	6.33%	2.50%	1.00%	2.75%	6.00%
There is no bank near	1.20%	0.67%	0.33%		1.00%		

1st Reason 2nd Reason 3rd Reason

When arranged by nationality according to both credit and debit card ownership, Brazilians stand in the middle with one third of them (35.6%) holding a debit card and another third (30.8%) holding neither of them:



As with the monthly remittances, Brazilians make above average monthly payments to credit cards (\$744.74). Nicaraguans, Mexicans and Salvadorans are between the limits of the average (\$325.43):

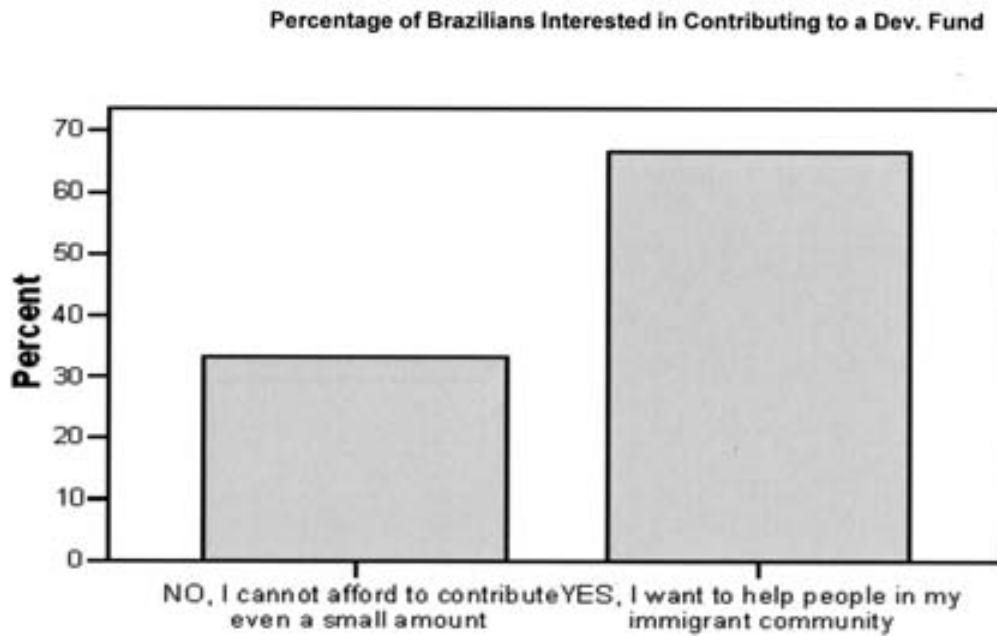


The majority of Brazilians (86.6%), as with other L.A. and Caribbean immigrants, do not have economic obligations in the U.S.. Only 6.3% of them have home loans payments and only 3.9% have other loan payments:

Obligations in US	Brazil	Guyana	Cuba	Colombia	Nicaragua	Honduras	Ecuador	El Salvador	Dominican R.	Guatemala	México
Does not have	86.60%	40.3%	75.4%	82.0%	84.7%	89.3%	96.0%	95.2%	88.7%	98.2%	97.5%
House payment loans	6.30%	34.3%	18.9%	13.0%	12.0%	6.7%	3.0%	2.4%	2.0%	1.8%	1.1%
Loans for other debts	3.90%	26.7%		1.0%		1.3%		1.0%	1.3%		0.7%
Business loans	1.60%	5.5%	2.3%		1.3%				2.0%		
Education loans	1.60%	10.2%	4.6%	6.0%	2.7%	5.3%	1.0%	1.4%	6.0%		0.7%

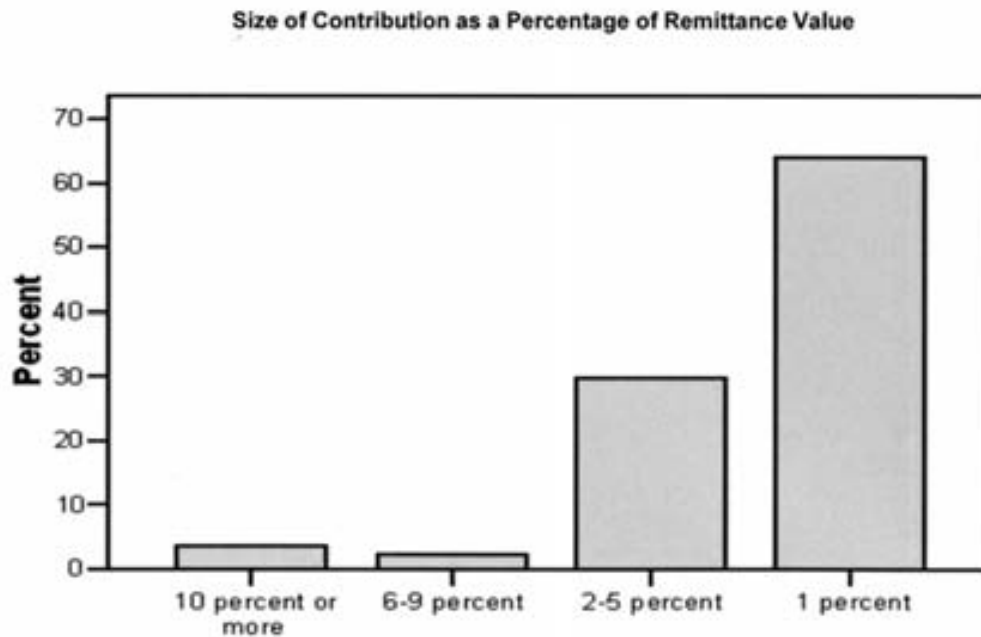
Largest 2nd Largest 3rd Largest

Two out of three (66.8%) Brazilians would be interested in contributing a small portion of their remittances to support a “development fund” to invest in their own community:



42.8% of Brazilians would contribute a 1% of the value of remittance to the fund.

One out of five (20%), could contribute 2% to 5%:

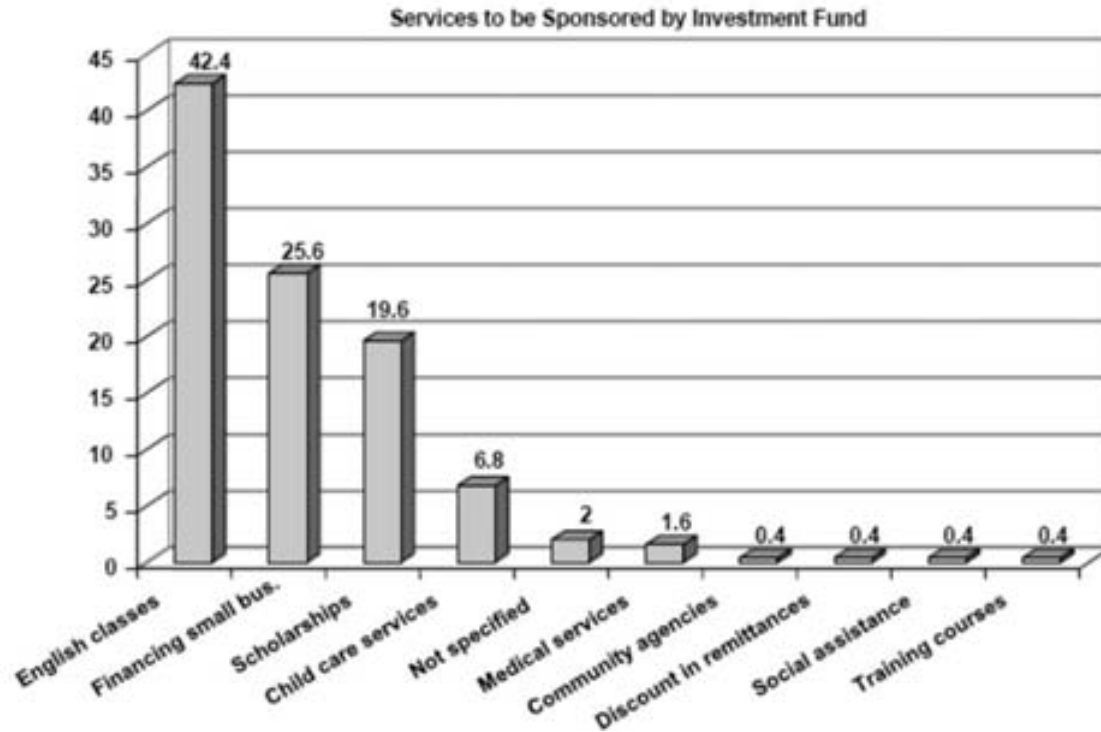


When the monthly remittance to Brazil and the portion donated to the fund are multiplied together, the potential monthly investment would be \$362,471. If instead, we use the general average of \$875 the potential investment would be \$295,918.90. We could also, to be more conservative, use the mode value of \$500 the total would be \$169,082.50:

Potential Monthly Investment in the Dev. Fund

How much money do you send to your home country per month?					
Portion to support immigrant fund	% of the total	Brazilians in MA	Average remittance	% for support	Estimated support
10 percent or more	2.4%	577	\$795.00	\$79.50	\$45,898.85
6-9 percent	0.8%	192	\$325.00	\$24.38	\$4,690.92
2-5 percent	19.6%	4,715	\$1,166.12	\$40.81	\$192,438.38
1 percent	42.0%	10,104	\$1,182.19	\$11.82	\$119,442.85
Total	64.8%	24,056	\$1,152.41	---	\$362,471.00

Almost half (42.4%) of the Brazilians surveyed, chose English classes as their choice for services to be delivered by the investment fund. 25.6% chose small business financing while 19.6% and 6.8% preferred scholarships and child care as their investment priorities respectively:



Transnational Behavior of Brazilian Remitters

72% of Brazilian immigrants have never traveled back home, along with Cubans, Guatemalans, Hondurans, Colombians and Nicaraguans. Dominicans on the other hand travel once or twice a year:

Travel to country	Brazil	Guyana	Ecuador	Rep. Dom.	El Salvador	México	Nicaragua	Colombia	Honduras	Cuba	Guatemala
3 or more times a year	0.40%	5.08%	11.33%	1.43%	2.13%	2.00%	2.00%				0.92%
Twice a year	2.80%	10.59%	9.00%	24.00%	5.24%	4.26%	6.00%	7.00%	5.33%	2.29%	3.67%
Once a year	6.80%	23.31%	29.00%	32.67%	19.05%	17.02%	11.33%	13.00%	6.67%	10.86%	4.59%
Once every two years	1.60%	16.10%	26.00%	10.67%	5.24%	3.90%	13.33%	6.00%	12.00%	4.00%	3.67%
Once every three years	0.80%	9.32%	3.00%	3.33%	8.10%	5.32%	3.33%		2.67%	1.71%	0.92%
Less than 1 every 3 years	1.60%	22.88%	7.00%	16.00%	21.90%	12.41%	12.67%	15.00%	12.00%	13.14%	15.60%
I've never travelled	72.00%				32.38%	39.72%	51.33%	57.00%	58.67%	68.00%	70.64%
Median frequency											

As almost every other L.A. and Caribbean immigrant community, Brazilians who travel, typically stay two to three weeks (5.6%) or less than two months (5.2%):

Duration of Stay	Brazil	Guyana	Dominican R.	Ecuador	El Salvador	Cuba	Nicaragua	Colombia	México	Honduras	Guatemala
A week or less	0.80%	7.63%	7.33%	1.00%	1.90%	1.71%	6.00%	7.00%	3.55%	5.33%	1.83%
2-3 weeks	5.60%	49.58%	48.67%	42.00%	26.67%	26.29%	26.00%	24.00%	18.79%	18.67%	18.35%
Less than 2 months	5.20%	16.10%	26.00%	20.00%	15.71%	3.43%	12.00%	9.00%	12.06%	13.33%	3.67%
More than 2 months	2.40%	1.69%	8.00%	9.00%	8.10%		3.33%	2.00%	6.38%	4.00%	4.59%
Not Applicable	72%				32.38%	68.00%	51.33%	57.00%	39.72%	58.67%	70.64%

1st Duration 2nd Duration 3rd Duration

Brazilians (52%) are among the communities with high frequency of phone calls home (two or more times a week) along with Dominicans and Ecuadoreans. Other L.A. and Caribbean immigrants typically call once a week, except Guyanese and Cuban immigrants who call once every two weeks:

Frequency of calls	Dominican R.	Ecuador	Brazil	Colombia	Nicaragua	Mexico	El Salvador	Honduras	Guatemala	Guyana	Cuba
2 or more a week	60.7%	55.0%	52.4%	39.0%	28.7%	28.0%	23.8%	22.7%	21.1%	15.3%	11.4%
Once a week	16.7%	43.0%	35.2%	38.0%	40.0%	44.0%	34.3%	33.3%	34.9%	23.3%	34.3%
Once every 2 weeks	11.3%	2.0%	6.4%	16.0%	20.0%	14.2%	27.6%	25.3%	26.6%	28.0%	30.9%
Once a month	8.0%		4.0%	6.0%	8.0%	8.9%	11.4%	10.7%	12.8%	19.1%	16.0%
Less than once a month	3.3%		1.6%	1.0%	2.0%	3.9%	2.9%	6.7%	4.6%	6.4%	3.4%
NR			0.4%		1.3%	1.1%		1.3%		8.1%	4.0%

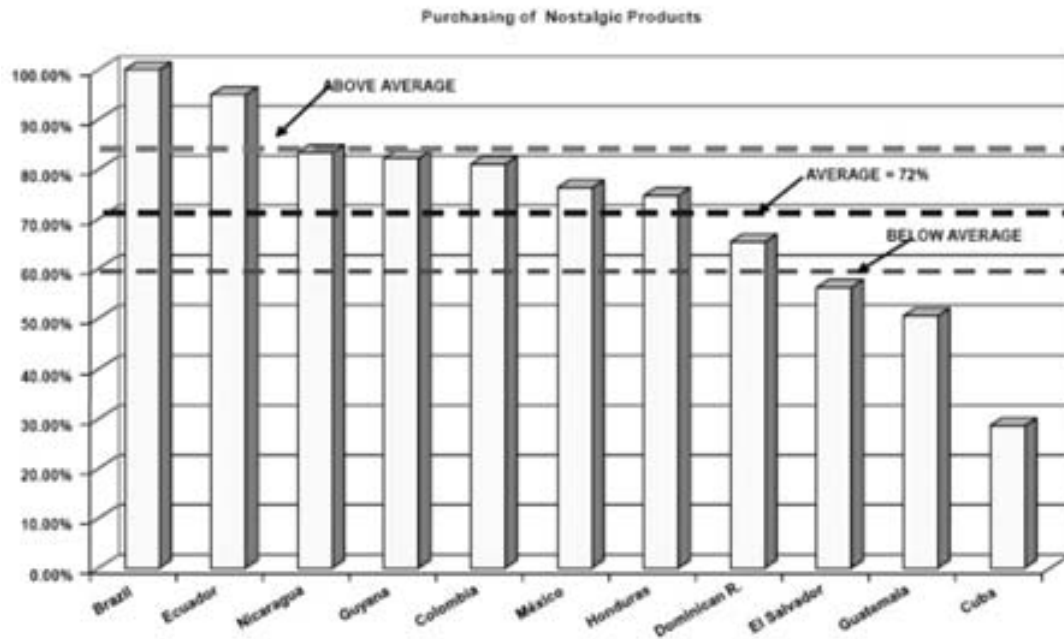
Median frequency

The median call length for Brazilians is 21 to 30 minutes, along with Dominicans, Colombians, Hondurans and Nicaraguans. The lengthier calls, more than 30 minutes, are made by Guatemalans, Salvadorans and Mexicans. Ecuadorean, Cuban, and Guyanese immigrants typically call for 11 to 20 minutes:

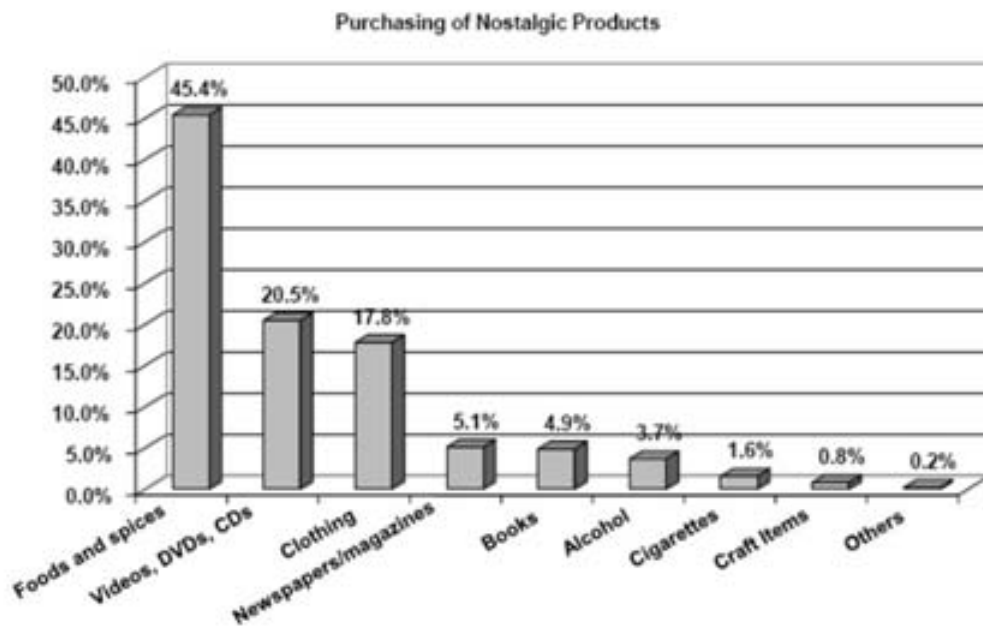
Length of calls	Guatemala	El Salvador	Mexico	Dominican R.	Brazil	Colombia	Honduras	Nicaragua	Ecuador	Cuba	Guyana
Less than 5 min.		0.5%	2.5%	0.7%	1.2%	2.0%	4.0%	0.7%		4.6%	3.4%
6 to 10 min.	1.8%	4.3%	3.2%	6.7%	7.2%	10.0%	14.7%	9.3%	4.0%	21.1%	15.3%
11 to 20 min.	9.2%	11.4%	7.8%	13.3%	18.8%	15.0%	20.0%	24.7%	45.0%	39.4%	39.0%
21 to 30 min.	18.3%	22.4%	29.4%	35.3%	28.4%	32.0%	25.3%	36.0%	37.0%	21.1%	22.0%
More than 30 min.	64.2%	59.0%	55.7%	44.0%	44.0%	40.0%	29.3%	26.0%	13.0%	9.7%	7.6%

Median Length

All Brazilians buy products made in their country of origin, as do 95% of Ecuadorians. Salvadorans, Guatemalans and Cubans show below average purchases:



Almost half of the Brazilians (45.4%) purchase foods and spices from Brazil. One out of five (20.5%) buy Brazilian videos, DVDs and CDs with clothing occupying the third place (17.8%):

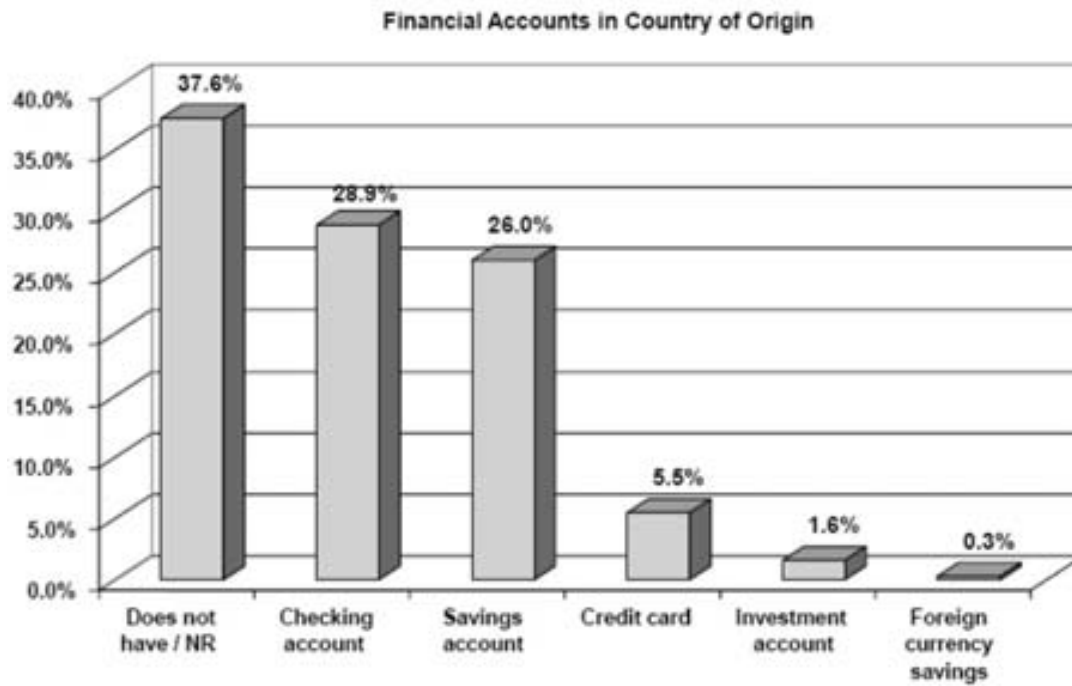


Except for Guyanese and Ecuadorian immigrants, all other L.A. and Caribbean communities do not have financial obligations in their countries of origin. When they do, savings accounts and home mortgages are most common. 27.1% of Brazilians hold a savings account and 6.9% have home mortgages:

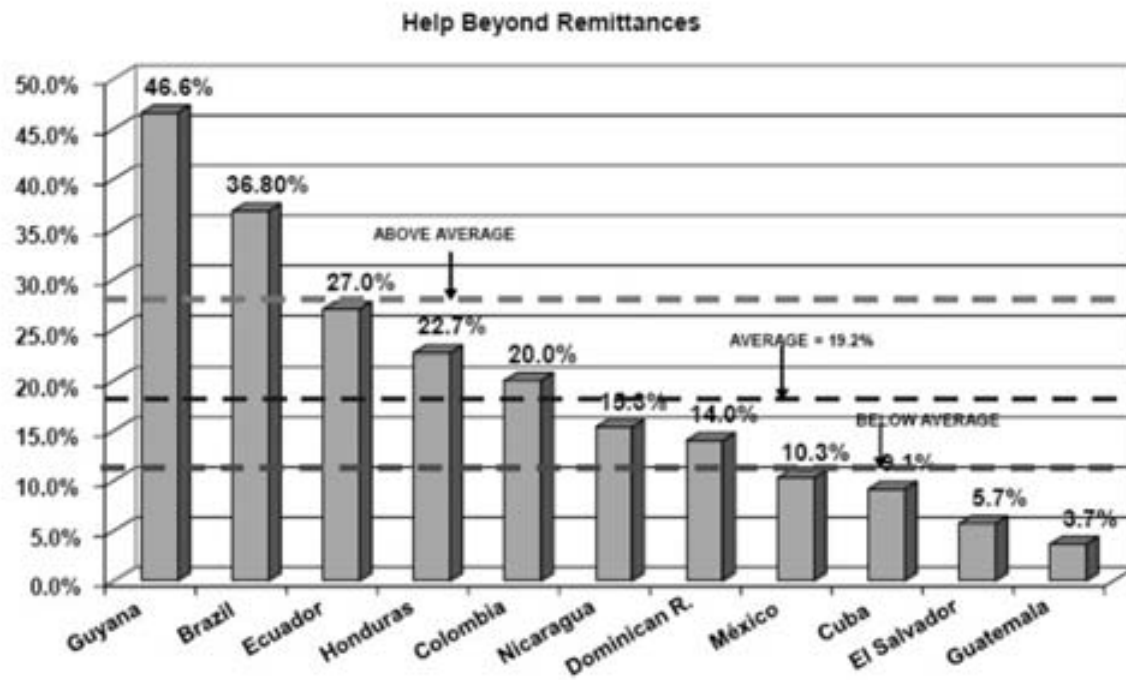
Economic activities back home	Brazil	Guyana	México	El Salvador	Cuba	Dominican R.	Nicaragua	Colombia	Ecuador	Guatemala	Honduras
Does not have	51.2%	35.2%	71.3%	75.7%	92.0%	62.7%	84.0%	62.0%	43.0%	76.1%	60.0%
Savings account in a bank	27.1%	48.3%	25.2%	19.5%	1.7%	29.3%	4.7%	22.0%	55.0%	19.3%	16.0%
Mortgage loan	6.9%	18.2%	4.3%	5.7%	2.3%	6.0%	6.0%	8.0%	14.0%	3.7%	12.0%
Family/commercial business		8.1%	2.1%	1.4%	1.7%	3.3%	2.7%	6.0%	1.0%	1.8%	4.0%
Life and health insurance	2.0%	4.7%			1.1%		2.7%	9.0%			8.0%
Lends money to family	0.4%	8.5%				0.7%	1.3%	4.0%	1.0%	0.9%	2.7%
Student loan	9.9%	1.3%	0.4%	0.5%	2.3%		0.7%	5.0%			
Loan to maintain a business	2.3%	1.7%	0.4%			2.7%	0.7%	1.0%			2.7%
Rent payments	0.1%		0.4%			0.7%					
Medical expenses	0.1%					0.7%					

1st Activity 2nd Activity 3rd Activity

One out of three Brazilians (37.6%) does not have financial accounts in his/her country. 28.9% have checking accounts while 26% have savings accounts. Only 5.5% have credit cards:



One out of three Brazilians help his/her family with more than remittance support, second only to Guyanese immigrants (46.6%). Below average for this kind of help are Mexicans, Cubans, Salvadorians and Guatemalans:

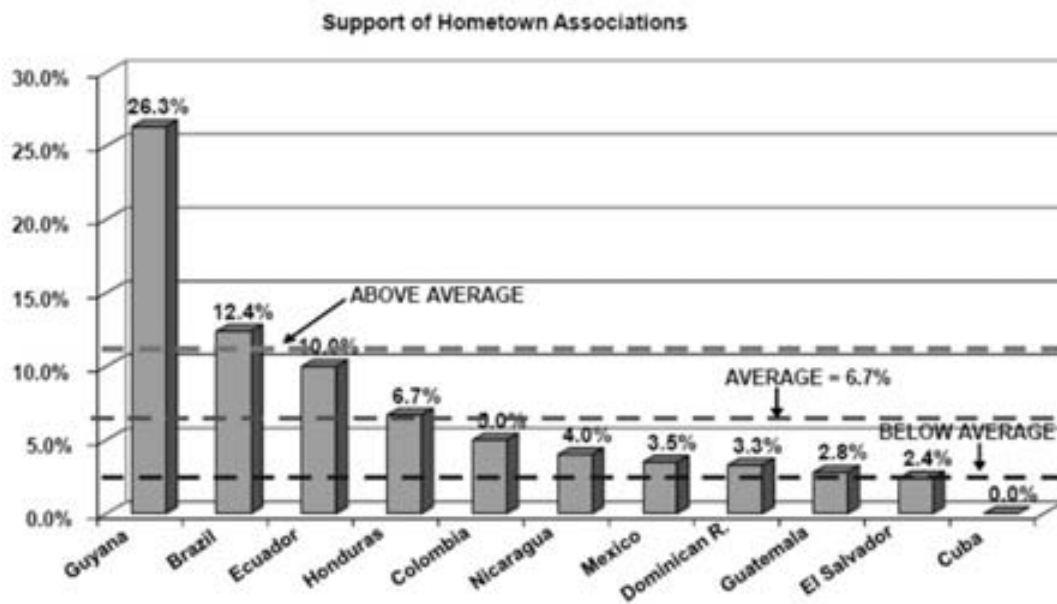


The most common help besides remittances for almost all L.A. and Caribbean immigrant communities including Brazilians (37.1%) is payment of real state loans. However, while all other groups' next two forms of help include student loans, loans to family or life and health insurance, for Brazilians these places are taken with investment-related expenses (30.5%) and pension plan (15.2%):

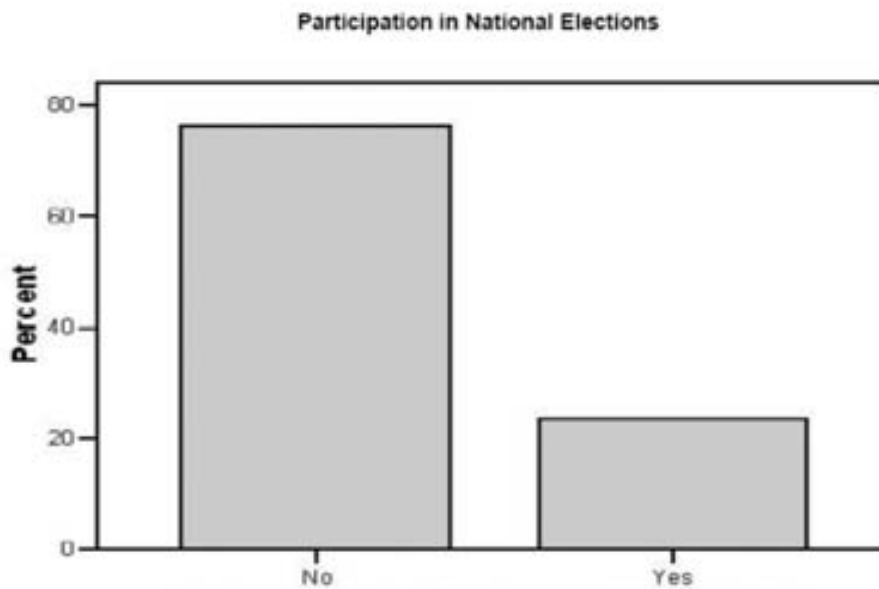
Obligations beyond remittances	Brazil	Ecuador	Guyana	Dominican R.	Honduras	Nicaragua	México	Colombia	El Salvador	Guatemala	Cuba
Payment of real estate loans	37.10%	24.00%	20.70%	12.67%	8.00%	7.33%	7.09%	6.00%	2.80%	0.92%	0.57%
Other investment-related expenses	30.50%										
Help with pension plan	15.20%										
Charitable donations	11.40%										
Payment of student loan	5.70%		5.08%	0.67%	2.67%	2.67%	1.06%	5.00%	1.43%		2.29%
Loan to family for investments			18.64%	1.33%	5.33%	3.33%	1.42%	6.00%		2.75%	2.29%
Life and health insurance		1.00%	2.97%	0.67%	4.00%	2.00%	0.35%	5.00%	0.95%		4.57%
Loan for business		1.00%	5.08%	0.67%	6.67%	2.00%	0.71%	4.00%	0.48%		0.57%
Rent payments							0.35%				
Tuition for siblings		1.00%									

1st Obligation 2nd Obligation 3rd Obligation

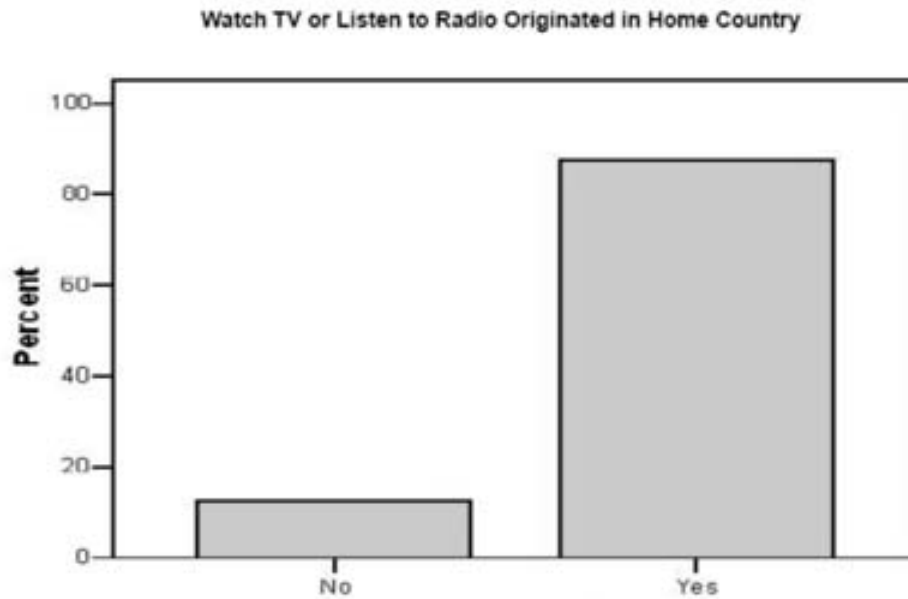
While L.A. and Caribbean immigrant support for hometown associations average 6.7%, Brazilian support for hometown associations is higher (12.4%) second only to that of Guyanese immigrants (26.3%). Salvadorans and Cubans display below average levels:



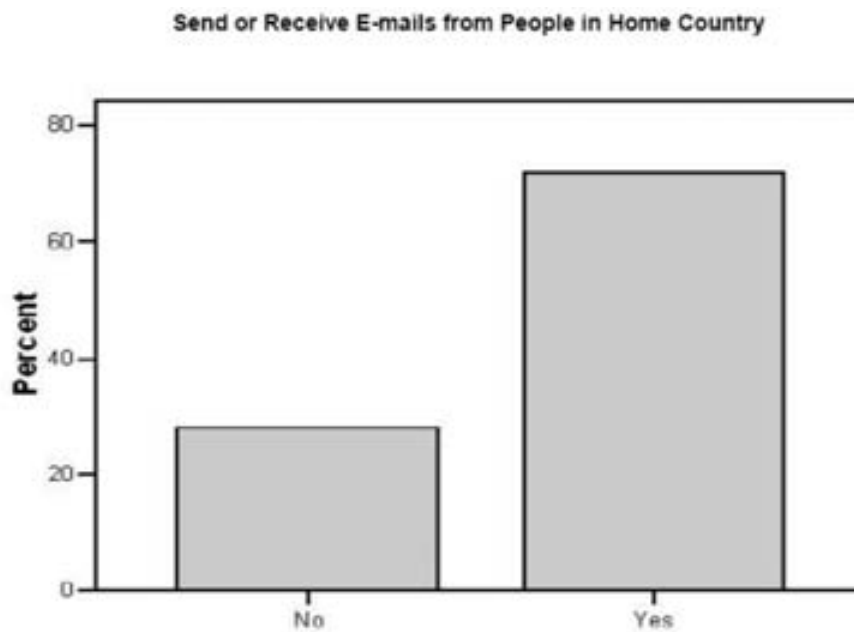
Although voting in Brazil is an obligation and has been extended to Brazilian immigrants, only one out of four Brazilians (23.6%) vote in national elections:



The vast majority of Brazilians (87.6%) watch TV or listen to radio programs broadcasted from or originated in Brazil:

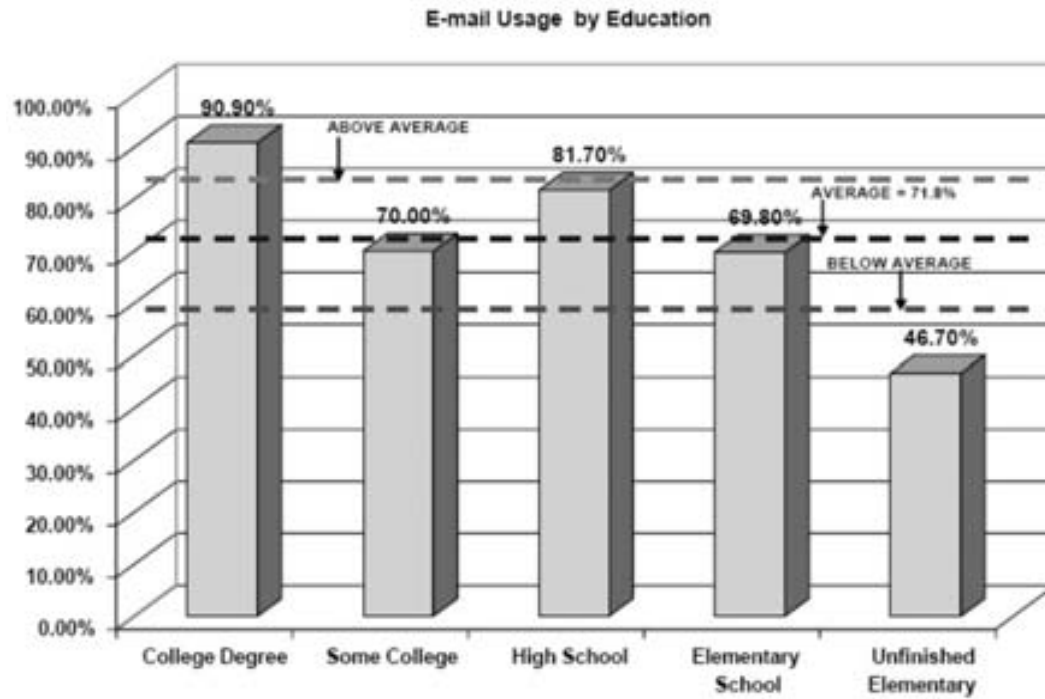


Three out of four Brazilians (72%) send or receive e-mails form people back home. This is a very high internet usage rate when compared to other Latinos (56%), non-Hispanic whites (71%) and non-Hispanic blacks (60%)*:



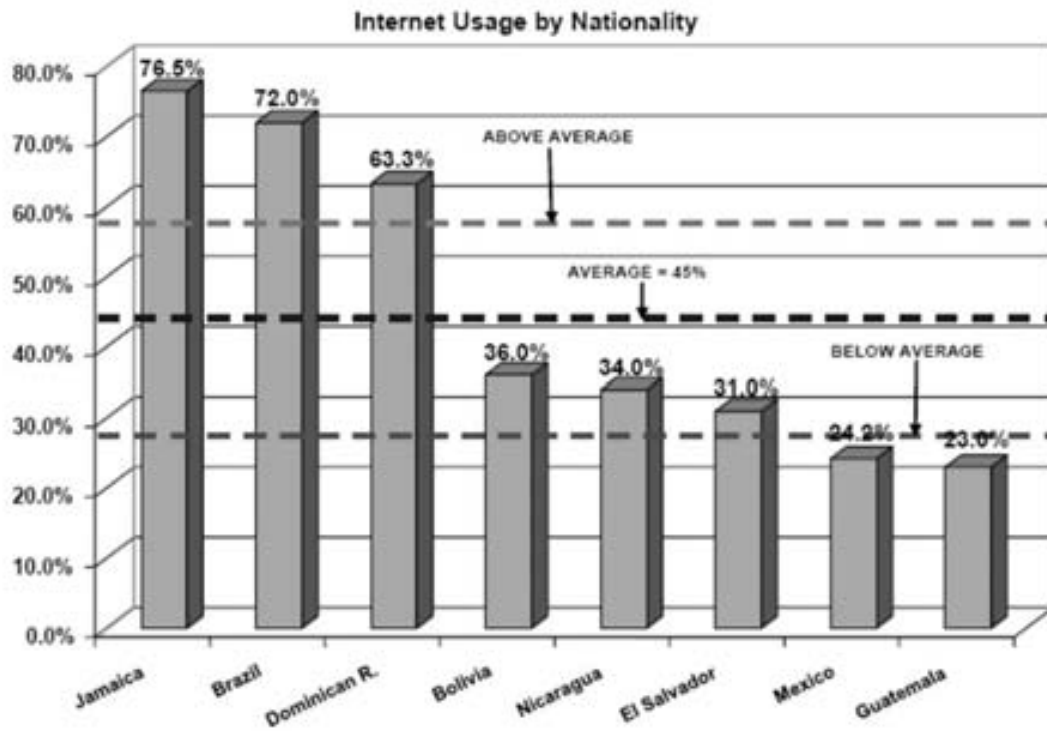
* The Pew Hispanic Center, Latinos Online Report, 2007.

Almost every Brazilian with College degree (90.9%) sends or receives e-mails from his/her country, while only half (46.7%) of those who did not finished elementary school are online:



* Brazilians with College degree have a slightly lower usage rate than that of non-Hispanic whites (91%) and non-Hispanic blacks(93%) but higher than that of other Latinos (89%). Those with less than Elementary school have a much higher rate than all other groups –non-Hispanic whites (25%); non-Hispanic blacks (32%) and Latinos (31%). The Pew Hispanic Center, Latinos Online Report, 2007.

**Brazilians' internet usage (72%) is above average and second only to Jamaicans.
Dominicans also have above average usage with Mexicans and Guatemalans
displaying below average usage:**







4.

Relatório





4. Relatório

Edirson Paiva

Da abertura

Exposição preliminar de abertura em apreciação para o Consulado-Geral do Brasil em Boston, na pessoa do Embaixador Mário Saade, conforme requisitado.

Eu Edirson Paiva, venho apresentar um relatório que indica preferências e sugestões oriundas de conversas e do chamado “boca-a-boca”, onde cada um, sem pressão externa ou interna, como membros da comunidade se dispuseram a expor, falar e até mesmo exigir que as recomendações aqui apresentadas sejam vistas, revistas e com certeza aprovadas pelos responsáveis na apreciação deste relatório.

Do histórico do relator

Nossa experiência na Nova Inglaterra, vem desde meados de 1982, quando aqui cheguei, com visto de turista, mas na bagagem o desejo de além da escolaridade “faturar” o valoroso “dólar” e, logicamente, voltar à terra natal. Uma vez aqui, as coisas se desenrolam, mas no tocar da música e no ritmo acelerado do “time is money” você acaba perdendo os passos e a ordem cronológica das coisas e vão se embaralhando. Todo caso é um caso, mas no fundo, o da maioria se assemelha. E quando se dá por conta, muitos dias, meses se foram. Em outros casos anos se passaram!

Temos a vívida lembrança que quando aqui chegamos em meados de 82, o número de brasileiros na região chamada “Metrowest region” aqui de Massachusetts era de mais ou menos “70” brasileiros. Para ser mais específico na cidade de Marlboro, que já era considerada cidade-residencial e o centro de trabalho seria a cidade de Framingham. Esta teoria continua a mesma, exceto para o número de brasileiros da região, que de “70” em 1982 agora se fala em “70 mil”, isto falando por baixo. E isto, na época, me foi

avaliado por um amigo que me recebeu em sua casa. Residia aqui já há dez (10) anos e me colocou de imediato em dois empregos. Ao chegar disse-me ele: Edirson, aqui na região temos mais ou menos uns “70” brasileiros; e completou “um a mais e outro a menos não vai alterar em nada, pode vir”.

Desci na cidade de Marlboro (MA), vindo de Nova York de ônibus, ficando por aqui 4 (quatro meses) trabalhando como “auxiliar de cosinha” (kitchen help) de um restaurante, que não deixava de incluir também o trabalho de “dishwasher” ou lavador de pratos. Providenciei minha indo para Boston, onde meu alvo seria estudar na “Harvard University”. Em Boston trabalhei em um restaurante com “busboy” e logo depois consegui um trabalho na área de limpeza. E finalmente, vigia de um teatro em “Downtown Boston”. Minha visão era conseguir um diploma ou certificado desta famosa escola e ingressar como professor em uma faculdade no Brasil. Era professor de português e inglês, onde me licenci em Letras, em 1977, na cidade de Caratinga (MG). De 77 a 81 atuei como professor.

Em Boston, para surpresa minha, encontrei-me com ex-alunos que disseram: “professor se veio para trabalhar, ok, mas fique logo sabendo que o serviço aqui é pesado!” E sobre os brasileiros em Boston e região metropolitana na época, final de 1982, falava-se “em torno de 2 (dois mil), hoje fala-se em torno de mais de 250 mil. No ano seguinte os primeiros empreendimentos começaram a surgir: a primeira foi uma pequena lanchonete (na Boylston Street), logo depois assentou-se o restaurante chamado “Buteco” cujos titulares inclui o mais conhecido cidadão brasileiro da área, o detetive de polícia de Boston, de nome Adão. Hoje aposentado, mas ainda se consegue falar com ele. Depois apareceu a primeira agência de remessas a Hilel & Ferreira Co. Logo uma ou outra loja com produtos diversos, contudo produtos brasileiros muito escassos, e salões de beleza. Os eventos sociais como festas em locais públicos (discotecas) começaram a aparecer em 1986. O restaurante da época (Buteco) era mais para americanos que propriamente brasileiro, mas os funcionários de cozinha, todos brasileiros. Os serviços de atendimento, era mais de americanos, devido ao problema da língua. Paralela á comunidade brasileira da grande Boston, capital do Estado de Massachusetts, crescia também a comunidade brasileira da região chamada “Metrowest”, cuja cidade mais babalada pelos brasileiros, embora não seja a maior nem a mais importante a nível americano, é Framingham. Aliás, Framingham é uma “town” e não uma “city”.

Da geografia das comunidades

Além da comunidade brasileira da Nova Inglaterra, considerada na atualidade a maior de todas, a comunidade pioneira, foi sem dúvida iniciada na cidade Nova York. Inclusive lá reside o mais antigo jornal brasileiro na América: o “The Brazilians”, veículo de frequência mensal. O vizinho estado de New Jersey, devido a atração gravitacional exercida pela cidade de Nova York, os dois pólos de concentração brasileira, emergem para Nova York, obscurecendo a grande concentração brasileira na cidade Newark, no Estado de New Jersey.

Em segundo temos a comunidade brasileira da cidade de Miami e região metropolitana, onde reside o segundo jornal mais antigo da comunidade o “Florida Review” veículo de frequência quinzenal. Em terceiro a comunidade da Nova Inglaterra, cujo estados que mais de concentraram brasileiros foram Massachusetts e Connecticut. Existe uma tendência em dissociar a comunidade brasileira de Connecticut, como não sendo da Nova Inglaterra, por causa da proximidade do Estado com o estado de Nova York. Inclusive, um novo Consulado brasileira será inaugurado, breve, na capital do Estado que é Hartford. Cada um destes estados apresentam também suas concentrações. Em Connecticut as grandes concentrações ficam em duas cidades: Danbury e Bridgeport. A capital do estado Hartford, já apresenta uma concentração razoável, mas bem inferior (em números) às duas cidades anteriormente citadas. No estado de Nova York, as grandes concentrações são (Queens, Astoria e Long Island City) e o condado de Westchester (New Rochelle, PortChester, White Plains e Mount Vernon). No estado de New Jersey a maior concentração fica na cidade de Newark (Ironbound) e cidades vizinas, e logo depois vem Long Branch, também em New Jersey. Descendo a Costa Leste americana temos as comunidades de Filadélfia, na Pensilvânia; as comunidades de confluenciam com os estados de Maryland, Virginia e Washington, D.C.; depois temos Atlanta na Georgia. E finalmente a comunidade crescente e emergente, é a da Califórnia.

Pela ordem diacrônica e populacional de imigrantes (mão-de-obra), assim seria: 1 - Nova York (inclui New Jersey); 600 mil (200 mil turistas/400 de imigrantes (mão-de-obra); 2 - Miami e região metropolitano; 550 mil (300 mil a população anual de turistas/250 de imigrantes (mão-de-obra); 3 - Nova Inglaterra 550 mil; 100 mil a população

anual de turistas/450 de imigrantes (mão-de-obra), sendo Massachusetts (300 mil) a maior, logo seguida por Connecticut (150 mil), outros estados (50 mil); 4 - São Francisco, na Califórnia; 300 mil (50 mil a população anual de turistas/250 mil de imigrantes (mão-de-obra). Outras regiões; 200 mil. Total da população brasileira na América: *2 milhões e 150 mil imigrantes. População brasileira anual (transeunte) na América (650 mil). População brasileira anual (imigrante) residente na América (documentada ou indocumentada): *1 milhão e 500 mil.

Da diáspora

A situação da inflação no Brasil e o problema “Color” ajudaram na dispersão ou diáspora brasileira. Aliado a isto, em 1986, o governo americano aprovou uma anistia que foi assinada pelo então presidente Ronald Reagan. Isto permitiu a legalização de milhares brasileiros. Quem não se encaixou dentro desta anistia, anos depois, saiu um lei de legalização das pessoas que trabalhavam na agricultura, mais conhecida como “LULAC”, quando também outros milhares de brasileiros fizeram proveito. E estes milhares convidaram outros milhares...E assim por diante. A diáspora estava levantada!

Da imprensa

Para ler algum jornal, só esperando o final de semana quando da chegada aqui dos grande jornais brasileiros como (Estadão, Globo e Folha) e o jornal interiorano (Diário do Rio Doce) vindos de Nova York e entregues aqui por uma “distribuidora” brasileira localizada em Newark (NJ). Aqui em Boston, em 85, uma “newsletter” chamada “Tribuna Brasileira” de frequência trimestrar começou a circular. Era mantida pela primeira empresa de remessas da região a Hilel & Ferreira Co. Lembro que tínhamos assinatura da mesma. Quando era parou de circular, pensei comigo: Vou lançar um jornal. Em agosto de 1988, após 3 meses de treinamento na redação do jornal português da cidade de New Bedford, o “Portuguese Times”, que originou o nome, resolvemos fundar o Brazilian Times.

* (dados extra-oficiais, baseados em informações com empresários, membros comunitários, associações e divulgados pelas imprensas americana e brasileira. Dados de Consulados e Embaixadas e outros colhido pelo relator.

Os veículos ou jornais principais são:

- Em Massachusetts: Brazilian Times, Jornal A Notícia, Jornal Metropolitan, Jornal A Semana e Jornal dos Sports.
- Em Connecticut: Comunidade News e a A Tribuna
- Em New York: The Brasilians
- Em New Jersey: Brazilian Voice e Brazilian Press
- Na Florida: Florida Review, Brazilian Paper, A Gazeta e Achei USA.
- Na Califórnia: Brazilian Pacific Times, e Brazil Today.

Algumas revistas, mas de frequência irregular. Vários programas de rádios e alguns sites, bem como 2 catálogos ou “páginas amarelas”. Os programas de televisão são praticamente inexistentes. Até porque as televisões Globo e Record dominam o mercado.

Do espírito empresarial

Consideramos que, com o auxílio da imprensa brasileira local e o espírito empresarial do brasileiro, formou-se uma alavanca que impulsionou e impulsiona o surgimento de pequenos e novos empreendimentos brasileiros na América. Além da mão de obra, o Brasil também exporta este dinamismo empresarial do brasileiro. E a comunidade nos Estados Unidos se expandiu de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Uma predominância contudo reside na Costa Leste, onde no Estado de Massachusetts surgiram 3 (três) grandes regiões, as quais são: “Boston Metropolitan Area”, a “Metrowest Region” e “Cape Cod Region”.

No Estado de Rhode Island, a região de: “Providence Metro area”; no estado de New Hampshire, a cidade de Nashua é a que mantém a maior concentração de brasileiros; no estado de Maine, a cidade de Portland. No vizinho estado de Vermont até agora é desconhecida qualquer concentração de brasileiros.

Do aroxo imigratório

No âmbito político da questão imigratória nos Estados Unidos, sempre existiu uma pressão sobre os imigrantes cujo status fosse considerado “ilegal” ou “indocumentado”. A lei de anistia de 1986 passou despercebida por causa do prestígio do presidente Reagan, que embora republicano, assinou a lei sem muita pressão contrária.

O evento marcante que aumentou em quase cem por cento a pressão contra a imigração considerada “ilegal” foi o ataque terrorista de 11 de Setembro de 2001, que ficou na história americana como (9/11). Logo depois a invasão do Iraque e conseqüentemente a deteriorização da economia americana, o imigrante passou a ser o “bode expiatório” destes fatos, e analogamente, posto em ênfase pela elite da mídia americana, e usado como argumento para se elegerem, muitos políticos no tema martelaram, e até candidatos a candidato á presidência, mantiveram como plataforma de governo, a expulsão dos imigrantes “ilegais” deste país. A partir de então o conceito de nacionalidade passou a imperar na sociedade americana, e exarcebados por estes fatos, cresce até então, este nacionalismo americano.

Leis contrárias aos imigrantes têm sido aprovadas, a nível estadual e até municipal. Um resultado favorável ou não aos imigrantes, vai depender da próximo eleição para presidente, em novembro próximo. Escolhidos os dois candidatos, Barack Obama e John McCain ambos favoráveis a uma reforma imigratória justa (fair immigration reform), provavelmente, bons ares poderão advir para todos os imigrantes deste país.

Das Constatações

1 - A maioria dos membros da comunidade estão total insegurança devido a falta de documentação americana para trabalhar, da falta da carteira de habilitação para dirigir (driver's license); do grande número de pessoas afetadas pelo não comparecimento às cortes americanas (sistema judicial). Isto acaba afetando todo mundo.

2 – A separação das famílias é uma constantes na comunidade. O relacionamento do casal se deteriora na medida em que vão aumentados as

responsabilidades com a manutenção da casa, quando os dois têm de trabalhar mais, e os horários não coincidem. Quando um chega em caso o outro está saindo. Os filhos acabam sob os cuidados de parentes ou terceiros.

3 - Mesmo que a maioria tenta aprender o idioma, no trabalho ou em escolas, a mesma maioria fica distante de um nível que possa se compreender os signos da Cultura Americana que os rodeia. O aprendizado da língua em termos básicos serve apenas para a comunicação do dia-a-dia, mas não serve para interagir, dentro de um contexto meramente cultural. Pois entre aprender a língua e absorver a cultura, existe uma enorme barreira: o convívio social e a adaptação à uma nova cultura impositora.

4 - Um pouco como consequência do item anterior, existe a falta de programas para inserir o imigrante dentro de um contexto cultural local que não bate com o que ele traz na bagagem e o conflito fica na falta de ambientação ou mesmo no choque entre as duas culturas. Enquanto o brasileiro é extrovertido o americano é introvertido. Uma diferença que necessitaria especialistas em sociologia e psicologia para resolver. E nada disto existe no momento nem do lado americano, nem do brasileiro.

5 - Sem dúvida, uma conquista da comunidade foi a chegada da televisão brasileira na América. Isto ampliou a facilidade de comunicação do Brasil para cá. A TV entrou forte e pesado na comunicação visual e também no mercado da publicidade. Primeiro a Globo, logo em seguida a Record. Outras tentativas estão previstas! Contudo, serviu como meio de liberação do estresse do trabalho de muitas horas, com o convívio relaxante de se assistir a um programa de televisão ou a um excesso de novelas, que uma maioria acabou se deleitando. Mas este acesso a TV brasileira acaba mantendo os imigrantes fechados no seu próprio mundo cultural brasileiro, estreitando seu horizonte de aprendizado como experiência de imigrante. A modernidade exige o que aí está, e a TV, com toda a sua pompa, não deixa de ser “um mal necessário”.

6 - Apesar das dificuldades no aprendizado do idioma, na interação cultural, muitos que aqui chegaram se deram muito bem e conseguiram realizar o chamado “sonho

americano". Sonho este que dificilmente realizariam no Brasil, e apesar do sacrifício, com raras exceções, todos dizem que valeu a pena. Contudo vale ressaltar aqui que em virtude da recente aplicação das leis imigratórias do país, por questões políticas, muitos imigrantes, devem retornar ao Brasil. Mas trata-se uma percentual pequeno, segundo informações obtidas em agências de viagens, associações e conforme divulgado na imprensa brasileira local.

7 - Mesmo que a certas práticas que podem ser questionadas a maioria das Igrejas fazem um excelente trabalho de oferecer além do conforto espiritual, o espaço onde os imigrantes se sentem acolhidos, de certa forma protegidos e encontram apoio nos mais diversos sentidos. Sabe-se que as Igrejas têm-se destacado como elemento indispensável e ao mesmo encorajador, dando ao imigrante, aquele conceito bíblico de que "em se plantado tudo dá". Mais que isto, uma força interior, que só pelos ensinamentos pregados, o imigrante, consegue absorver, e de positivo, como indivíduo ultrapassar os obstáculos de se viver, embora em terras estranhas.

8 - Diversos Centros Comunitários e Associações daqui da região também desempenham tarefas elogiáveis no apoio aos imigrantes e são também indispensáveis na solução dos problemas práticos do dia-a-dia do imigrante na América.

9 - Mesmo que os Consulados tenham suas limitações institucionais, quem está aqui por uns 10 anos, pôde e pode perceber o esforço desenvolvido por estas instituições na resolução dos problemas apresentados pelos milhares de membros de nossa comunidade. Cada membro em sua peculiaridade, mas pudemos observar que muito foi feito para acompanhar a demanda das necessidades dos imigrantes, as quais são muito complexas devido a situação da maioria. Segundo nos foi passado, a jurisdição do Consulado de Boston abrange todos os estados da Nova Inglaterra, com exceção ao estado de Connecticut que fica sob a jurisdição do Consulado de Nova York.

10 - A ausência do Estado brasileiro (consulados e outros órgãos) nas escolas públicas americanas, onde os filhos, permanecem maioria do tempo sem a presença dos

pais, e isto durante todo o ano letivo. E esta ausência é explicada pelas horas intensivas de trabalho a que são submetidos os pais, por forças de circunstâncias, claramente previstas nos motivos que levaram tais parentes a deixarem a terra natal.

11 - A Ausência do Estado brasileiro (consulados e outros órgãos) nas cadeias públicas, onde os brasileiros se dizem maltratados, alimentados e mesmo discriminados. A reclamação maior parte da ausência de alguém para recebê-los na cadeia, já que muitos vivem aqui sozinhos e sem nenhum parentesco próximo, onde alegam além dos maltratos, limitado acesso ao telefone, a um advogado, bem como o tempo (3 a 6 meses) antes de serem liberados para deportação.

12 – A ausência do Estado brasileiro (consulados e outros órgãos) no enfrentamento da vida do cotidiano do imigrante deixa-o vulnerável aos problemas que afetam até a sua cidadania. No seu dia-a-dia o imigrante enfrenta problemas de violações de seus direitos, sejam estes, profissionais, civis e até mesmo discriminatórios.

Das reivindicações (Análise, propostas e necessidades)

1. Da análise

Em análise ao histórico e às constatações todos os compatriotas envolvidos neste relatório apresentam uma variante no tempo e no espaço, no que se traduz em um termos concretos, nas áreas do trabalho, da educação e da profissionalização. E na cultura adquirida sobre o que vivenciaram, trabalharam, exerceram e se expuseram, formaram um conjunto, embora, dispersado, que só agora começa a ser observado, pesquisado e catalogado. Contudo são tentativas válidas de união, que ao longo dos fatos e acontecimentos, só a história poderá explicar.

Um contingente ainda inumerado, e por isto mesmo, uma diáspora só imaginada e comparada, quem sabe, aos tempos faraônicos. E isto sem dúvida, deve ser aplicado à imensidão geográfica e política desta grande nação que se chama Brasil e do país receptivo, os Estados Unidos. A semelhança no tamanho dos dois países ajudaram

na fixação do brasileiro que sente-se livre de movimentar neste espaço gigante, e fugir de prováveis pressões locais. E isto tem sido uma frequente. E o trecho mais explorado fica na Costa Leste entre, exatamente, Boston e Miami, passando por Nova York, Newark, Filadélfia e Atlanta. A Costa Oeste também cresce, embora em menor escala, ainda por descobrir.

E sobre o que queremos para a nossa comunidade, isto é, uma comunidade forte, tanto na mão-de-obra, quanto na educação, com também no ramo empresarial, na saúde, nos serviços e assistência social, e de como o governo brasileiro e as lideranças políticas se dispõem a assumir ditos compromissos, que direcionados em tais recomendações, expomos este relatório que se segue, em propostas.

2. Das propostas e necessidades

1. Eleger um representante comunitário (a nível de legislador federal) onde exista grande concentração de brasileiros. Neste particular para a região de jurisdição do Consulado-Geral em Boston, que compreende os Estados de Maine, Massachusetts, New Hampshire e Rhode Island;

2. Elaborar projeto que permita a liberação de verbas para entidades de Assistência Social fundadas por brasileiros e que estejam regulamentadas e funcionando de acordo com os estatutos e vigências legais, do país;

3. Melhorar a estruturação dos consulados brasileiros nos Estados Unidos propiciando aos imigrantes brasileiros um atendimento que seja condizente com as necessidades de nosso povo. Necessitamos urgente de mais funcionários trabalhando nos consulados;

4. A estruturação nos Consulados deverá priorizar a contratação de funcionários que já tenham vivência aqui, junto á comunidade. Com exceção aos diplomatas os demais cargos devem ser exercidos por profissionais atuando dentro da comunidade, ou seja, que estejam trabalhando e vivenciado o dia-a-dia dos membros que formam a nossa comunidade;

5. A abertura de mais consulados, bem como dos consulados chamados de “Itinerantes” que possam atender as populações mais afastadas dos grande centros.

6. Prestar apoio a todas as manifestações relativas aos direitos dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos: O consulado, na pessoa do Cônsul deve se envolver mais na vida política e comunitária da comunidade brasileira, ou o próprio Cônsul determinasse uma pessoa de sua confiança para trabalhos diretos com as lideranças comunitárias, e apoiando e fazendo lobby e estreitando relações entre brasileiros e americanos em todos os ní-veis (municipal, estadual e federal);

7. Violência doméstica envolvendo mulheres brasileiras. Isto é uma situação caótica em que o próprio DPH (department of Public Health) decretou recentemente como sendo uma epidemia. E com certeza famílias brasileiras estão nesta estatística. E como o governo brasileiro pode ajudar? Com acompanhamento jurídico, psicológico e social. Por que jurídico? Essas mulheres estão perdendo seus direitos de mãe para os maridos inescrupulosos, principalmente quando são americanos. A discriminação é clara quando um dos parceiros é americano. Psicológico? Famílias inteiras, especialmente a mulher, sofre um abalo muito grande que mexe com o estado mental. Se não houver um apoio do governo brasileiro teremos num futuro bem próximo famílias inteiras desestruturadas retornando para o Brasil. Social? O DSS tem se mostrado muito radical e sem piedade quando se trata de violência doméstica e envolvendo crianças. As mães brasileiras, em várias situações são afastadas de seus filhos e em alguns casos o “status” imigratório ainda não questionado. Se o governo brasileiro não se manifestar ajudando essas crianças órfãos de nacionalidade, vamos perder toda uma geração de “brasileirinhos” para o estado americano;

8. Se algum órgão do Governo brasileiros poderia checar se todas as empresas aéreas que atuam dentro do Brasil aceitam transportar bagagens até o destino final (tickets integrados) com o mesmo peso que é permitido trazer do exterior sem ter que pagar excesso de bagagem;

9. Atuação das Embaixadas brasileiras, com aval do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), mais diretamente na comunidade nas questões que requer envolvimento na área da política, bem como no social, no jurídico e no econômico;

10. Implementação de um programa de visto e fornecimento de uma carteira (identidade consular) fornecida pelos consulados e de validade nacional (tanto brasileira quando americana);

11. Com a já criação da Sub-Secretaria para o Imigrante no Exterior, que dita Sub-Secretaria tenha um representante assentado em cada região, onde se confirme a existência de uma grande concentração de brasileiros;

12. É importante que o Brasil através de seus legisladores reformulem as leis para dar direito aos imigrantes brasileiros o direito ao voto, não só para o presidencial, já existente, mas também para o estadual e municipal;

13. Da necessidade do governo brasileiro de entrar em negociações com o governo americano para o implemento de abertura de vistos na área do trabalho não-qualificado (mão-de-obra);

14. Da necessidade do governo brasileiro em negociar com o governo americano uma melhoria na desburocratização da liberação de vistos a nível estudantil e profissional;

15. Da necessidade do governo brasileiro em apoiar os profissionais da imprensa brasileira local, através da adoção de medidas que visem valorizar tais profissionais, como: prêmios, reconhecimentos, bolsas de estudo, etc.;

16. Da necessidade do governo brasileiro em apoiar as "associações de assistência social", "ONGs" através de um fundo monetário que seria repassado para tais organizações, provado a devida transparência contábil;

17. Da necessidade do governo brasileiro em organizar um panfleto ou livreto com informações sobre leis que regem o traslado de pessoas falecidas aqui para o Brasil. E vice-versa. E que estejam em consonância com as leis dos dois países;

18. Da necessidade do governo brasileiro em incentivar o intercâmbio educacional entre os dois países, oferecendo bolsas e promovendo uma maior interatividade entre estudantes e a comunidade local, onde projetos comunitários possam ser desenvolvidos como forma de retribuição do estudante bolsista;

19. Da necessidade do governo brasileiro em oferecer cursos de aperfeiçoamento profissional para brasileiros através do SEBRAE, principalmente para aqueles que estão longe do país a muitos anos e desejam retornar, e mesmo para aqueles que querem ficar, e precisam de aprendizado para ingressar no mercado americano de mão-de-obra básica ou especializada;

20. Da necessidade do governo brasileiro em oferecer cursos através de entidades educacionais, e recursos através do sistema bancários, facilitando empréstimos para pequenos empresários já existentes, bem mo para aqueles que querem investir no ramo empresarial.

Da finalização

Este relatório conta com informações oriundas de contatos com imigrantes brasileiros, leitura de livros e manuais sobre os imigrantes, e informações publicadas na imprensa brasileira local, principalmente do jornal Brazilian Times, do qual o relator é o fundador.

Este relatório contou também com a colaboração das seguintes pessoas:

Alvaro Lima: (Coordenador de pesquisas da prefeitura de Boston, pesquisador e acadêmico. É também um dos escolhidos para este primeiro seminário)

Claudia Tamsky: (Orientadora comunitária da área do trabalho e membro-diretor do “Comitê Pro-Cidadania”

Pe. Pedro Damázio: Padre da Pároquia de “Saint Anthony’s” da cidade de Cambridge (MA) e participante ativo das atividades comunitárias na região.

Carlos da Silva : Ativista comunitário, primeiro brasileiro membro de um partido político americano na região (Partido Democrático da cidade de Quincy (MA).

5.

Centro Cultural Brasil-USA da Flórida (CCBU)



5.

Centro Cultural Brasil-USA da Flórida (CCBU)*

Adriana Riquet Sabino

O que é o Centro Cultural Brasil-USA da Flórida

O Centro Cultural Brasil-USA da Flórida é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1997 por um grupo de voluntários brasileiros, residentes em Miami.

A missão do Centro Cultural é disseminar Cultura Brasileira no Sul da Flórida e manter as raízes culturais das crianças brasileiras que vivem na região.

O CCBU está localizado ao lado do Setor Cultural do Consulado Geral do Brasil – 80 S.W. 8th Street suite 2600. Seu Presidente Honorário é o Consul Geral do Brasil, Embaixador Luiz Augusto Araújo Castro e sua Presidente, Adriana Riquet Sabino. O Centro Cultural é administrado por um Conselho de voluntários.

O CCBU é mantido com as contribuições anuais de um corpo de associados e com fundos doados por patrocinadores e arrecadados em eventos.

Para cumprir seus objetivos o Centro Cultural mantém parcerias e relações com produtores de eventos culturais, organizações culturais governamentais e privadas, instituições de ensino, universidades para promover eventos culturais e sociais, criando oportunidades de intercâmbios culturais entre Brasil e a Flórida. Através de sua atuação, o Centro Cultural fortalece os laços entre o Brasil e a Flórida e imprime uma marca brasileira positiva e enriquecedora na comunidade multi-cultural desta região.

Em onze anos de atividades ininterruptas, divulgando cultura brasileira no Sul da Flórida, o Centro Cultural Brasil-USA da Flórida (CCBU), tornou-se um ponto de

* Centro Cultural Brasil-USA da Flórida (CCBU), 80 S.W. 8th. Street. Suite 2600 - Miami, FL 33130 - www.centroculturalbrasilusa.org, ccbu@bellsouth.net - Tel: +1-305-376-88 64 . Fax: +1-305-376-88 65 Contato: Adriana Riquet Sabino, Presidente : adrisabino@yahoo.com.

referência da cultura brasileira e uma ponte entre os brasileiros e a comunidade multi nacional desta região.

O Começo: Um acervo de dados se torna um Centro Cultural

- 1996 - Idéia inicial: criar uma coleção de materiais à disposição de estudantes e suas famílias - um Acervo de Dados.
- Nesta época o Ministério das Relações Exteriores estava desativando os Centros de Estudos Brasileiros.
- O então Consul Geral em Miami, Luiz Fernando Benedini, sugeriu ampliar a idéia de um acervo de dados e criar um CENTRO CULTURAL.

Apresentação CCBU

Primeiras Iniciativas

- Criar uma corporação do Estado da Flórida, sem fins lucrativos, com isenção fiscal (501.c.3).
- Estabelecer um corpo de associados.
- Convocar um Conselho Diretor formado por voluntários.

Primeiros Programas

- Criação de uma biblioteca aberta ao público. A biblioteca Nélide Piñon, com um acervo de aproximadamente cinco mil livros em português, cds, videos, foi inaugurada em janeiro de 1999.

- Apoio a produtores culturais. O CCBU foi a primeira entidade cultural que apoiou o Festival de Cinema Brasileiro em Miami (1997).
- Palestras de interesse comunitário.
- Concursos de redações sobre temas brasileiros para estudantes das redes particular e pública.

O Centro Cultural se Posiciona como um Ponto de Referência da Comunidade Brasileira

- O CCBU se torna um ponto contato com a comunidade brasileira.
- Em 1999, o sistema escolar público de Miami-Dade procura o apoio e a parceria do CCBU para lançar o único programa bilíngue e bicultural no sistema escolar público dos EUA.
- De 1999 a 2003, o projeto bilíngue se torna uma prioridade do CCBU.

O Único Programa Bilíngue e Bicultural Português-Inglês no Sistema Escolar Público Americano é Criado com o Apoio do CCBU em 2003 na Escola Ada Merritt, em Miami

- Em 2003, após 4 anos de tentativas, o sistema escolar público do condado de Miami-Dade, cria o primeiro e único programa bilíngue e bicultural, Português - Inglês, no sistema escolar público americano, com o apoio do CCBU, na escola Ada Merritt, próximo ao centro de Miami. Neste programa 60% da carga horária diária é oferecida em inglês e 40% da carga horária é dada em português. Além de ensino

da língua, o programa aborda temas culturais, históricos e geográficos brasileiros.

- Inicialmente, a escola Ada Merritt oferecia apenas o programa do *kindergarten* (jardim de infância) à terceira série. Em 2006, a escola Ada Merritt transformou-se num centro K-8 - uma escola com turmas nas séries *kindergarten* à oitava série.
- No ano escolar 2007-08, 250 alunos estavam matriculados no programa inglês-português da Ada Merrit K-8 Center. Destes, aproximadamente metade não é brasileira ou de origem brasileira.
- Este programa é relevante porque mantém a cultura e a língua maternas das crianças brasileiras, divulga a cultura brasileira e a língua portuguesa entre os estudantes e famílias não brasileiras e forma os futuros intermediários nas relações entre Brasil e Estados Unidos.

Novos Parceiros Novos Programas

O CCBU estabeleceu parcerias com entidades governamentais e privadas para criar programas e eventos culturais que abrem espaço para a comunidade brasileira do Sul da Flórida e divulgam cultura brasileira.

Festivais de Cultura Brasileira nas bibliotecas públicas do Condado de Broward - 2002, 2003, 2005

A rede de bibliotecas públicas do Condado de Broward inclui trinta e três bibliotecas e um milhão de portadores de carteiras. Em 2002, a rede de bibliotecas de Broward contatou o CCBU para promover uma semana de eventos culturais brasileiros na biblioteca central de Fort Lauderdale.

O sucesso deste primeiro festival levou à realização de festivais culturais brasileiros de quatro e cinco semanas em 2003 e 2005. Os festivais incluíram palestras sobre temas brasileiros, apresentações de música e dança ao vivo, cursos de língua portuguesa, mostra de filmes brasileiros.

Juntamente com a Biblioteca de Broward, o CCBU apresentou, na biblioteca central de Fort Lauderdale o Primeiro Forum Brasileiro, um programa informativo para imigrantes brasileiros (2005).

Mostra Brasil no Miami Children's Museum: 2003, 2004

O CCBU colaborou com a equipe do Miami Children's Museum na revisão do material informativo e na instalação da Mostra Brasil, um espaço mostrando aspectos urbanos e da floresta amazonica.

Feira Internacional do Livro de Miami - Pavilhões do Brasil: 2005, 2006 e 2007

Em 2005, a equipe organizadora da Feira Internacional do Livro de Miami procurou o CCBU oferecendo a oportunidade de apresentação de um Pavilhão do Brasil, no setor internacional da feira do livro. Fundada há 25 anos, a Feira do Livro de Miami é a maior feira do gênero dos Estados Unidos. Anualmente reúne grandes nomes da literatura americana e internacional e, durante três dias, a feira nas ruas, em torno do campus do Miami-Dade College, atrai um enorme número de visitantes.

Os Pavilhões do Brasil são um grande instrumento de divulgação de cultura brasileira e o maior evento anual do Centro Cultural.

- 2005 - Pavilhão do Brasil.
- 2006 - Pavilhão Brasil-Salvador. O evento contou com a parceria do Conselho Internacional da Cidade de Miami.

- 2007 - Pavilhão Brasil-Rio de Janeiro. Doze mil visitantes visitaram o pavilhão durante os três dias da feira e participaram do intenso e variado programa cultural que incluiu palestras de oito extraordinários escritores brasileiros (Ana Maria Machado, Affonso Romano de Sant'Anna, Marina Colasanti, Geraldo Carneiro, Horário Costa, João Almino, José Murilo De Carvalho e Roberto DaMatta).

CCBU cria Fundo de Bolsas de Estudo, no Miami Dade College, com o apoio da ODEBRECHT Construction e da TAM AIRLINES: 2007

Em 2007, como uma celebração do aniversário de 10 anos, o Centro Cultural Brasil-USA da Flórida arrecadou doações de duas importantes companhias brasileiras - Odebrecht Construction e TAM Airlines, para criar um fundo de bolsas de estudo que beneficiará estudantes talentosos, de baixa renda e fluentes em português, em perpetuidade. Estes estudantes serão os intermediários nas relações comerciais e internacionais entre Brasil e Estados Unidos.

O Miami Dade College é um importante instrumento de democratização do ensino superior em Miami, e tem sido, através dos anos, uma oportunidade para imigrantes e estudantes de baixa renda terem acesso à educação superior.

Um Legado da Comunidade Brasileira no Sul da Flórida

Inegavelmente, as atividades do Centro Cultural Brasil-USA da Flórida contribuíram para abrir um espaço de prestígio para os brasileiros numa comunidade multinacional e estabeleceram um legado que contribui não só para o fortalecimento da comunidade brasileira e o enriquecimento cultural do Sul da Flórida.

Próximos Projetos

- Conseguir a oficialização do programa português-inglês da escola Ada Merritt K-8, por meio de um acordo entre o governo brasileiro e o Sistema Escolar Público de Miami Dade.
- Iniciar a distribuição de bolsas de estudo do Fundo de Bolsas de Estudo CCBU-ODEBRECHT-TAM no ano escolar 2009-2010, escolhendo os primeiros bolsistas ODEBRECHT e TAM.
- Apresentar o Pavilhão Brasil-Minas Gerais, na Feira Internacional do Livro de Miami, nos dias 12 a 16 de novembro, 2006.

Premiações

O CCBU recebeu oito prêmios *Brazilian International Press Award* em reconhecimento a eventos que promoveu ou iniciativas que projetam uma imagem positiva do Brasil no exterior.

O *Brazilian International Press Award* é uma premiação anual, de âmbito nacional, que reconhece organizações e indivíduos que projetam uma imagem positiva do Brasil no exterior.

Conselho Diretor do Centro Cultural Brasil-USA da Flórida

Embaixador Luiz Augusto Araujo Castro - Presidente Honorário

Adriana Riquet Sabino - Presidente

Gloria Johnson - Vice Presidente Administração

Maria Inês Dal Borgo - Vice Presidente Eventos

Rosane Wechsler - Vice Presidente Associados

Yara Cavaignac - Diretora

Silvana Mandelli - Diretora

Adriana Riquet Sabino

Jo Cavaignac - Diretor


Karen Acher-Howard - Diretora

Secretário Paulo Amado - Representante do Consul Geral no Conselho

6.

Centro Cultural Brasil





6.
Centro Cultural Brasil
Domício Coutinho*

Histórico

Em dezembro de 2006, com a presença de S. Ex.a Embaixador Graça Lima, Cônsul-Geral do Brasil em Nova York, e personalidades acadêmicas e culturais, foi inaugurado o Centro Cultural Brasil em Manhattan, na rua 52 de. Seu objetivo é promover, cultivar e difundir o uso da língua-mãe, nossas artes, letras, costumes e tradições entre nossos imigrantes espalhados nos cinco estados adjacentes (Nova York, New Jersey, Connecticut, Pennsylvania e Delaware) desta jurisdição consular.

O Centro Cultural hospeda a Biblioteca Brasileira de Nova York (Sala Machado de Assis), um projeto da UBENY (União Brasileira de Escritores de Nova York) desde sua fundação em 1999. A biblioteca conta com 3,200 volumes devidamente catalogados, ou em fase de catalogação. Foram doações de várias instituições, casas editoriais, a UFPE, nossos sócios e amigos, sendo que o principal acervo nos veio da Biblioteca Nacional, do Senado Federal e da Academia Brasileira de Letras, por especial favor do Sr. Senador, ex-Presidente José Sarney, e de seu ex-Presidente, Marcos Vinício Vilaça.

Além de conferências e palestras mensais e periódicos eventos e saraus, oferecemos aulas de português para adultos de língua estrangeira, e para filhos de brasileiros. Começamos um programa semanal de filmes nacionais de longa metragem e de curtas, como DESCOBRINDO BRASIL, uma iniciativa do MINC. Tivemos uma representação dramática da peça “Anjo Pornográfico” de Nelson Rodrigues, traduzido e adaptado por Alex Ladd. Cineastas locais, como Tânea Cipriani (“Minha avó tinha uma câmera”, Flávia Fontes(“Casamento proibido”, Ivy Goulart(Edilamar) nos

* Biblioteca Brasileira de Nova York, Centro Cultural Brasil, Domício Coutinho, Ph.D., Presidente, 240 East 52nd Street, New York, NY 10022, Tel: 212 371 1556, Email: bibliobrnyc@gmail.com, website: www.brasilianendowment.org

surpreenderam com seus talentos de cineastas. O Senador ex-Presidente José Sarney, que nos visitou duas vezes, pronunciou uma bela palestra sobre a trajetória da palavra. Visitaram-nos igualmente e pronunciaram palestra Marcos Vilaça e Ana Maria Machado, ambos membros da ABL, Tomás Nonô, ex-Presidente da Câmara Federal, Embaixador e poeta Sergio Duarte, que recitou seus poemas e traduções de sonetos clássicos. Tivemos igualmente palestra e recitação de seus poemas do Secretário Davino de Sena. A cantora lírica e soprano Stela Brandão, que já se apresentou no Carnegie Hall, nos deleiteou com sua voz ao lado da pianista Moema Campos. De três em três meses temos tido exposições de artes, dando aos artistas brasileiros locais oportunidade de exibirem seus trabalhos. O primeiro show foi no salão nobre da Mercedes Benz na Park Avenue, com a surpreendente visita do ex- Presidente Fernando Henrique Cardoso. A ex-miss Pernambuco, atriz e cordelista, Núbia Santana nos fez uma dramática apresentação de uma peça de Ariano Suassuna, FARSA DA BOA PREGUIÇA. Nossa Festa Junina, com trajes típicos, música, dança, forró, comida nordestina, quadrilha e casamento caipira, ficará como um grande evento nos anais de nosso Centro. Finalmente tivemos um concerto com a cantora lírica Angelica de la Riva, a primeira brasileira a se apresentar no Lincoln Center depois de Bidu Sayão.

Releva mencionar dois discursos proferidos na Câmara Federal pelo Deputado Joaquim Francisco.(PFL-PE)

Centenário de Machado de Assis

Por ocasião do centenário da morte de Machado de Assis, escritor-símbolo de nossa literatura, empreendemos nosso mais ambicioso projeto. Em parceria com a CUNY, Americas Society, o Consulado em Nova York, estamos organizando um simpósio, intitulado "MACHADO 21: A CENTENNIAL CELEBRATION". Será uma semana de eventos, conferências, debates, recitações de poemas, exposições fotográficas, filmes sobre Machado e Rio de Janeiro nos seus dias, apresentados pelo cineasta Nelson Pereira, da Academia Brasileira de Letras. Aceitaram convites como palestrantes, o Embaixador, Ministro e Acadêmico, Sérgio Paulo Rouanet, Prof. Acadêmico Fábio Lucas, Prof. Flávio Loureiro Chaves, da URGs; além do Prof. Nelson Vieira, de Brown

University, David Jackson, de Yale, Prof. Pedro Meira Monteiro, de Princeton, Barbara Weinstein, da NYU.

Despesas e Orçamento

O Centro Cultural existe devido a uma doação de espaço da família Coutinho. O espaço é a parte térrea subtraída a um apartamento duplex remodelado e adaptado para a biblioteca, o art hall, e ultimamente, o salão de eventos, num total de uns mil e cem pés quadrados. Infelizmente, mau grado nossas tentativas, não conseguimos nenhum apoio financeiro externo de espécie alguma, exceto da anuidade dos sócios, remuneração das aulas, doações voluntárias.

Para o ano de 2007, as despesas montantes foram de (\$85,000) que incluem valor do imóvel, salário da bibliotecária-secretária, móveis, manutenção, computadores, aparelhos electronicos e vários artigos pertinentes e de uso indispensável.* O total das coletas foi de (\$21,000). A diferença(\$64,000) foi absorvida pela família Coutinho.



7.

Brazilian Civic Center



7.

Brazilian Civic Center

Ricardo Barbosa Braxton e Márcio Mesquita

Brasiricanos (brasileiros/americanos) – brasileiros naturalizados americanos ou que tem assumido os EUA como país de habitação.

Amerizilian (american/brazilian) – Pessoas nascidas nos EUA com ascendência brasileira

Definição

O Brazilian Civic Center, também conhecido apenas como Civic Center, é uma entidade voltada para o lado Educacional no processo de imigração brasileira nos EUA, defenindo educacional como uma um processo cívico e pedagógico combinados.

Histórico

Depois de trabalhar muitos anos como educador no processo de ensinar inglês nos EUA, para o departamento de Educação de Nova York, Ricardo Brabosa Braxtor, descobriu que não era suficiente ensinar o idioma, mas era imperativo encontrar um caminho que integrasse o imigrante nesta nova cultura, dando a todos o senso de fazer parte de uma nova cultura. Unindo forças com Marcio Mesquita, um executivo brasileiro do Bank of America, desde conceito nasceu o Brazilian Civic Center, um lugar onde o brasileiro poderia aprender uma lingua de uma maneira interativa e ajudar no processo cívico em estar em um outro país.

Trabalhos (Consular, Educacional, Social)

Consular:

Renovação de Passaporte

Procurações

Atestados

Educacional:

Cursos de Inglês (ESL)

Supletivo 2º. Grau (GED)

Professionalizantes

Social:

Clube das Mães

Doutores da Alegria

Escola de Futebol

Teen Force One

Coral da Cidade

Projetos

Orfanato, Orfandade (Orphanhood)... Este é o nosso projeto mais ambicioso e, com certeza, o mais relevante para nossa comunidade... Não se trata de um orfanato mas de um local de assistência a todo tipo de orfandade. Estamos chamando este projeto de "Left Behind" (Deixados para trás) para ajudar crianças e famílias que tenham sofrido com a deportação de um dos membros da família... Neste local crianças serão protegidas até serem coladas em lares de adoção, ou mesmo crianças brasileiras poderão ser mantidas em contato com suas raízes brasileiras. Famílias poderão receber ajudas sociais através deste projeto.

8.

Projetos Sociais da Primeira Igreja Batista Brasileira
no Sul da Flórida



8. Projetos Sociais da Primeira Igreja Batista Brasileira no Sul da Flórida

Pastor Silair de Almeida

A Primeira Igreja Batista Brasileira no Sul da Flórida, sob a liderança do Pastor Silair de Almeida, tem se destacado pelo trabalho social desenvolvido através dos anos em sua comunidade. Esta igreja acredita que seu papel vai além do auxílio espiritual, atingindo o homem na área social, cultural e emocional. A instituição conta com um patrimônio privilegiado - 7 hectares de terra, que abrigam um santuário, prédios com diversas salas, um ginásio de esportes multi-uso e quase 400 vagas de estacionamento. Com tamanho patrimônio e tendo esta visão, a igreja, que promove cultos e estudos bíblicos regularmente para seus membros, também abraçou diversos projetos, dos quais podemos destacar:

- **Projeto dos carros:** os congregados são encorajados a doar para igreja carros que estejam ainda em condição de uso. Esses carros são emprestados a pessoas necessitadas, que transferem a documentação para seu nome e assinam um termo de compromisso afirmando que devolverão o carro à igreja assim que tiverem condições de adquirir um automóvel. Após a devolução, esse carro é, então, repassado a outra pessoa. Hoje, são 22 carros emprestados que circulam entre os brasileiros.
- **Consulado:** há 10 anos, o Consulado Brasileiro em Miami tem usado as dependências da igreja para o funcionamento do Consulado Itinerante. Os brasileiros que vivem próximos ao condado de Broward evitam a viagem até Miami e resolvem a maioria dos casos consulares no Consulado Itinerante, que funciona 1 vez por semana, atendendo 100 casos por dia. A igreja também oferece um grupo expressivo de voluntários que auxilia o representante do consulado.

- **Feira Comunitária:** há alguns anos, a igreja realiza a Feira Comunitária. É um evento anual, onde são oferecidos serviços gratuitos à comunidade. Diversos órgãos locais são convidados a participar. Dentre os serviços oferecidos estão: lavagem de carros, troca de óleo, distribuição de cestas básicas, serviço de pediatria, serviço dentário, corte de cabelo, doação de sangue, cadastramento no banco de doação de medula óssea e massagem. Várias entidades são convidadas também para prestar serviço de informação e conscientização. Já são presenças confirmadas o Social Security (órgão governamental que trata do seguro social do trabalhador), a Biblioteca Pública de Broward, o Hospital de Broward e a Fundação Vamos Falar Português.
- **Ajuda ao imigrante carente:** através do seu Departamento de Ação Social, que conta com dezenas de voluntários, a igreja estabelece um dia por semana para distribuição gratuita de cestas básicas ao imigrante recém chegado e ao carente. São distribuídas cerca de 100 cestas básicas por semana, além de roupas e calçados.
- **Serviço de capelania:** tão logo seja acionado, um grupo de brasileiros, devidamente treinados, visita presos e doentes em cadeias, lares e hospitais locais, levando alento e conforto ao indivíduo e familiares.
- **Jornal informativo:** a igreja produz um jornalzinho semanal, publicando procura e oferta de trabalho entre a comunidade.
- **Projetos sociais ao redor do mundo:** a igreja tem prestado ajuda regular aos índios Ticunas e a diversas comunidades ribeirinhas no Amazonas; o trabalho social se estende à Cuba e Haiti, através o envio mensal de recursos para comunidades locais. Recentemente, foi enviado um container de 40 pés com roupas, calçados e comida para o Haiti. O envio de donativos para estas regiões é uma prática comum da igreja, que também visita estes

locais, oferecendo treinamento de líderes, ajuda espiritual e ajuda profissional. Em breve, um grupo viajará para o Haiti a fim de reconstruir templos que foram destruídos pelo furacão.

- **Esporte:** a Primeira Igreja Batista usa seu ginásio de esportes para as grandes celebrações da igreja, para recreação dos congregados e também para o funcionamento de uma escolinha de esportes, aberta à comunidade. O futebol de salão e de campo é oferecido para crianças de 18 meses de idade (fraldinhas) até adolescentes de 16 anos. Há também a escola de basquetebol, ginástica aeróbica e ginástica olímpica. O treinador é profissional e trabalha de tempo integral na igreja.
- **Brasil Fair:** uma grande feira de produtos brasileiros, que na sua última edição contou com 150 expositores. Cerca de 10.000 pessoas circularam pela Feira, que é um verdadeiro entrelaçamento dos Empresários brasileiros e americanos. A BrasilFair oferece também espaço para palestras, shows, gastronomia e diversão para crianças. É produzida pelo Departamento de Empresários Cristãos da igreja, que conta com voluntários para a realização do evento. Além da Feira, o grupo promove diversos eventos durante o ano que visam divulgação e crescimento do grupo empresarial brasileiro no Sul da Flórida.
- **Palestras e Encontros:** a igreja patrocina diversos encontros para líderes comunitários e imprensa, visando reforçar a cidadania, informar e unir os brasileiros na América. O mais recente encontro foi com o Embaixador Otto Maia, realizado no complexo chamado Centro de Família. A igreja foi palco de encontros e palestras com diversas personalidades, como o Embaixador Antonio Patriota, Embaixador Lucio Amorim, Empresário Ricardo Belino, Embaixador João Almino, Embaixador Luiz Araujo Castro e Governador Geraldo Alkimin.

- **Futura clínica médica:** um dos projetos mais arrojados da Primeira Igreja Batista Brasileira no Sul da Flórida é o da implantação de uma clínica médica para atendimento aos carentes. A igreja já possui em sua propriedade um local reservado para este empreendimento. É um projeto inovador, que visa oferecer trabalho dentário e de clínica geral aos carentes à preço módicos ou gratuitamente, a depender das condições financeiras do paciente. A igreja já tem o apoio de vários profissionais que desejam participar voluntariamente do projeto, faltando apenas os recursos financeiros para implementação do mesmo.

Na certeza de que juntos podemos ajudar a construir uma comunidade mais forte.

Juntos somos melhores!

9.

O Grupo Brasil



9. O Grupo Brasil

Josivaldo Rodrigues

Apresentação

Aspectos Gerais

O Grupo Brasil é uma organização não-governamental, fundada em 1983, registrada junto ao governo canadense como instituição de caridade. O Grupo tem ênfase cultural, sem fins lucrativos e sem atuações/interesses políticos e econômicos.

Missão

Promover a Cultura Brasileira no Canadá, dar suporte às atividades da Comunidade Brasileira e encorajar e preservar o estudo do Português Brasileiro no Canadá.

Visão

Transformar-se em uma referência brasileira local para empresas e indivíduos.

Valores

Ser referência da postura séria e ética da nossa Comunidade no Canadá.

Objetivos Gerais

- Promover a cultura brasileira no Canadá, servindo como catalizador para atividades comunitárias brasileiras;

- Facilitar a integração dos brasileiros residentes e recém-chegados nas comunidades brasileira e canadense;
- Promover a credibilidade profissional dos brasileiros nas comunidades brasileira e canadense.

Objetivos Estratégicos/Metas

Associativos

- Aumentar o número de membros associados visando ampliar a representatividade do Grupo.

Financeiros/Patrocínios

- conquistar patrocínio para, pelo menos, 50% dos projetos efetivamente elencados.

Planos Genéricos de Ação

- Organizar atividades sociais, culturais e educacionais e patrocinar/participar de outros programas de interesse geral dos membros;
- Tornar-se um veículo de expressão e representação para os membros da Comunidade, considerando os seus interesses;
- Cooperar e assistir outras organizações com objetivos similares de servir aos interesses da Comunidade Brasileira;
- Operar como uma organização sem fins lucrativos, utilizando os recursos para promover seus objetivos, de maneira que nenhuma

renda seja disponibilizada para benefícios financeiros pessoais de seus membros.





10.

O Múltiplo do Brasil na Bélgica:
Saberes, soluções, modos de vida





10. O Múltiplo do Brasil na Bélgica: Saberes, soluções, modos de vida

Cristiano de Oliveira Ventura¹

Introdução

Hoje, assistimos na Comunidade Européia um movimento ambíguo e tirânico, por parte dos 27 Estados Europeus signatários da União Européia em relação ao imigrante. A inexistência de uma política de imigração por parte dos Estados Europeus produz e introduz no quotidiano do imigrante a segregação, o racismo e o trabalho escravo. Relação cínica, pois a comunidade Européia necessita da mão-de-obra desse trabalhador.

O corte entre o trabalho e o capital desregulamenta, dita, o modo de vida de todos os brasileiros que se incluem no movimento imigratório². A força do trabalhador brasileiro imigrante reside no fato que este tem um saber-fazer que interessa aos países membros da União Européia. Chegamos com o amor e a alegria. Produzimos o jeito descontraído de ser do brasileiro. Porém, não podemos mais fechar os olhos ao fato que, hoje, estes afetos são comercializáveis. O afeto adveio uma forma de mercadoria³. Sobretudo, nas sociedades ditas pós-modernas⁴. O *qüiproquó* aumenta ainda mais porque o amor não demanda nada. O sujeito quer ser amado por aquilo que ele é. O candidato ao amor deve ter os atributos e predicados necessários para satisfazer o bem amado. Isso instaura, inevitavelmente, a insatisfação. O corpo do ser humano aqui faz o nó. Nó apertado que sufoca o corpo que trabalha para ter em si o objeto amado.

¹ Psicólogo graduado pela PUC-MG; D.E.A. pela Université Catholique de Louvain. Psicanalista; Membro da Association de La Cause Freudienne en Belgique. Trabalha em consultório e na Instituição Foyer de l'Équipe em Bruxelas desde 1999. Reside na Bélgica desde 1994. A revisão deste texto foi realizada pelo Professor Alexandre de Oliveira Ventura.

² Antonio Negri, *Fabrique de porcelaine*, Paris, Editions Stock, 2006.

³ Eric Laurent em VI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, *Os objetos a na experiência analítica*, Buenos Aires, 2008. WWW.amp2008.com

⁴ Antonio Negri, *Goodbye mister socialism*, Seuil, Paris, 2007.

I. “Brasileiros Como Eu”

O documentário de Susana Rossberg⁵, *Brasileiros Como Eu*, ilustra o Brasil múltiplo que habita à Bélgica. Susana nos mostra o melhor e o pior do Brasil. A música popular e erudita atravessa todo o filme. Música híbrida, melódica e poética, que testemunha do que é de mais vivo entre nós o amor, a alegria, a mistura de culturas e de línguas. Indissociáveis destes predicados vêm os requisitos determinantes de uma estratificação social brasileira: classista e racista.

O paradoxo é que a exclusão que leva muito brasileiros à imigrar coloca-os em posição de sujeitos que desejam alguma coisa. O que desejam esses sujeitos?

Tentarei situá-los aqui como fazendo parte do que o movimento altermudialista chama de Multidão⁶. Segundo Michel Hardt e Antonio Negri o que configura o projeto democrático de Multidão decorre de uma forma de democracia que se exprime através de um desejo de igualdade e de liberdade; na qual a diferença entre seus membros um predicado constituindo assim, uma rede que permita a cada um de seus membros de trabalhar e de viver administrando o que lhes é comum⁷.

Em *Glob(AL)*, Giuseppe Cocco e Antonio Negri analisam as diferentes experiências democráticas na América Latina, México, Argentina e Brasil, para propor um projeto de Multidão⁸. O paradigma da ação é o êxodo para constituir Canudos. As pessoas que organizaram Canudos veiculam conceitos essenciais para se pensar a Multidão. Conceitos tais como diferença, separação; resistência; miscigenação ; são múltiplos que possibilitaram a organização de uma outra proposta política que aquela vigente do poder colonial seja ele brasileiro ou europeu.

⁵ *Brasileiros Como Eu* é um documentário de Susana Rossberg onde os protagonistas são brasileiros que moram na Bélgica. Este documentário faz parte do 1º Seminário Brasileiro sobre Comunidades Brasileiras no exterior – “Brasileiros no Mundo”.

⁶ Michel Hardt & Antonio Negri, *Multitude guerre et démocratie à l’âge de l’empire*, Paris, La découverte, 2005.

⁷ Michel Hardt & Antonio Negri, *Multitude guerre et démocratie à l’âge de l’empire*, Paris, La découverte, 2005.

⁸ Giuseppe Cocco & Antonio Negri, *GlobAL luttas et biopouvoir à l’heure de La mondialisation : Le cas exemplaire de l’Amérique latine*, Paris, Editions Amsterdam, 2008.

O psicanalista Eric Laurent propõe de lermos esse múltiplo da multidão como sendo um ponto de identificação, uma insígnia que o sujeito encarna⁹. O múltiplo veste e comanda o sujeito dentro de uma organização discursiva guiando-o nas suas relações sociais. Também, particularizando-o no que é da ordem de uma satisfação pulsional¹⁰. Indicando a maneira que um sujeito tem de satisfazer-se; fazendo parte ou mesmo se excluindo de um coletivo humano. De minha parte proponho de verificarmos como este múltiplo incide em dois sujeitos brasileiros trabalhadores imigrantes na Bélgica.

II. A entrada na Bélgica: “a língua é minha pátria”

Os brasileiros que trabalham na construção civil se apropriaram das palavras francesas *plafonner* e *plafonneur*. *Plafonneur* é o estucador, aquele que prepara o estuque. Estuque é a mistura em pó da cal fina, da argamassa com a qual se rebocam os tetos e as paredes. Diga-se de passagem que estes dois termos que designam *estuque* e estucador em português, na Bélgica, são utilizados como belgicismos. O francês “acadêmico” emprega *plafonner* (*plafond* significa teto) somente para o reboque de tetos. Porém na “confusão belga” não se distingue o teto das paredes. É comum assim escutar da boca daqueles que pegam no pesado “eu faço do *plafonage*” ou “eu sou *plafonor*”. Talvez, um dia estes dois léxicos façam parte do vocabulário dos brasileiros no Brasil.

Enquanto psicanalista, atendi nos últimos 5 anos, pacientes brasileiros que pertencem a este êxodo migratório contemporâneo. Proponho aqui, dois fragmentos clínicos, para que possamos refletir sobre a questão do trabalho do migrante e as conseqüências na vida de cada um destes sujeitos.

Jó saiu do Tocantins para Bruxelas. Veio a reboque de um primo português que trabalhava na construção civil. Marlene também veio para Bélgica graças a presença dos primos neste país, todos naturais de Goiânia. Jó foi-me enviado como paciente após ter sofrido um violento acidente. Amputado, angustiado, sem poder trabalhar, contou-

⁹ Eric Laurent em VI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, *Os objetos a na experiência analítica*, Buenos Aires, 2008. www.amp2008.com

¹⁰ Alfredo Zenoni, *La pulsion de Freud* in Zizag n°1, Bruxelles, 1995. PP.39-44. Cf. <http://www.equipe.lesiteweb.be>.

me que ele veio para Bélgica por que no Brasil a microempresa faliu. Marlene foi-me endereçada como paciente por uma associação belga que acolhe vítimas do tráfico de seres humanos e do trabalho escravo. Assim, Marlene saiu do Brasil por causa da violência da família e da falta de justiça do país. Chegaram na Bélgica e foram explorados, ela e o namorado, por um patrão desonesto que os fazia trabalhar 16 a 18 horas por dia.

Jó estava inativo enquanto estucador. Sua angústia aumentava ainda mais passado o momento pós-operatório, período no qual sua esposa assegurou o sustento da família. Jó aprendeu a ser estucador na Bélgica. Nunca havia exercido essa profissão no Brasil. Aprendeu tão bem a nova profissão, que montou uma equipe com 8 empregados. Jó acredita que o trabalho que ele faz interessa ao Rei Alberto I da Bélgica. Assim, logo que pôde, recomeçou o trabalho refazendo sua equipe como mestre-de-obras e empresário. Pegou dois canteiros de obra ao mesmo tempo; terminou-os no prazo combinado. Novo pico de angústia, pois a multinacional que havia de fato contratado a empresa belga, que por sua vez solicitou os serviços da equipe de Jó, não os pagou. Eu diria, *a posteriori*, eu diria que, o tratamento de Jó comigo foi de modular a angústia deste sujeito, distanciando-o um pouquinho da miséria de ser *mestre-estucador*. A solução momentânea de Jó foi de reduzir sua equipe, a três estucadores, incluindo-se a si mesmo como quarto membro da equipe. Disse-me Jó: “eu nado em um mar cheio de monstros e de tubarões. Nisso, eu sou um peixinho”. Isso dito, ele foi prestar o seu saber fazer de estucador em residências de particulares. O risco aqui para Jó é que ele queira abraçar sempre mais canteiros sem limitar a superfície dos mesmos.

Por Marlene, o ponto de interseção Brasil-Bélgica é a justiça. Si o múltiplo de Jó é o “rei”, ou seja, aquilo que dita sua conduta no laço social e permite de possuir um saber-fazer de artesão que serve de maneira imaginária ao Rei; para Marlene, esse ponto parece ser a justiça. No Brasil, Marlene foi casada com um marginal. Hospitalizada, e, principalmente, “medicalizada” de maneira arbitrária, fugiu para Bélgica para se refugiar da violência da própria família e da família do pai de seus filhos. “Aqui, diz Marlene, a justiça é para todo mundo. Não é como no Brasil”. No momento em que a ONG que a socorreu, opondo-se ao arbitrário do trabalho escravo que ela realizava; pode-se instaurar um primeiro limite entre ela e a ferocidade do social. Ambos, até então, indistintos na sua vida.

Após comprovada a existência do trabalho escravo pela associação que a acolheu, ela consegue para o consumo de drogas. Ela começa, porém, um conflito com a assistente social e com as outras pessoas que, como ela, são protegidas da ONG que lhes acolheu. Marlene fala francês e inglês, mas sua relação com os semelhantes se passava aos berros. Os compromissos não eram respeitados necessitando a intervenção de um “terceiro” elemento, entre ela e as outras pessoas. O lugar que Marlene pôde me conceder na transferência foi de um “juiz” que não emite valores morais. Primeiro, um intermediário entre ela e a assistente social; em seguida entre ela e o namorado; e mais tarde, entre ela e as instituições que tratam da inserção social dos imigrantes. Acontece, que Marlene produz no social uma multiplicação de pessoas; onde ela solicita também as instituições. Essa operação de multiplicação parece ter como objetivo alcançar um ponto impossível: “a justiça universal”. O trabalho de Marlene continua, pois o risco de cair e ser capturada nas mãos da injustiça é considerável.

III. Os centros fechados: o depósito de trabalhadores

Em certo momento do documentário de Susana Rossberg, *Brasileiros Como Eu*, ouvem-se gritos. As vozes são de mulheres. Gritos incompreensíveis. Até que em um determinado instante uma senhora volta a gritar em francês: “Ici! Il y a des enfants!”¹¹. A voz desta senhora negra, pois o sotaque é tangível, ressoa do Centro Fechado 127 Bis. Conjugam-se o renascimento dos chamados Centros Fechados à política da União Européia que vem de legitimar uma série de Leis conhecidas como “A Diretiva da Vergonha”: reconduzir o estrangeiro em situação irregular ao país de origem; punir com penas de até 18 meses de cárcere; expulsão de menores não acompanhados; proibição de circulação no território da União Européia. Pergunto: a quem beneficia o fato de que haja milhares de trabalhadores disponíveis, não documentados, no mercado de trabalho europeu?

Os Estados não resolveram a questão dos chamados trabalhadores precários, trabalhadores sem emprego, empregados mal remunerados. Aqui, a imigração é mais

¹¹ Tradução : “Aqui têm crianças!”.

que necessária neste processo, com a condição de que a mão-de-obra seja a mais barata possível. As conseqüências são, em primeiro lugar, o fomento de uma relação de rivalidade imaginária entre os imigrantes e as pessoas reduzidas à precariedade, e em segundo lugar, o medo e o terror integram do cotidiano do imigrante.

A marginalização do imigrante se faz com a sua criminalização. O sentimento de culpa é patente naquele que “vai contra”, que transgride a norma em vigor; é a inscrição da subjetividade do imigrante é sua inscrição no laço social que está em jogo. O múltiplo de cada sujeito vai ao encontro das leis, das normas que regem o social. Logo, quando a lei é arbitrária podemos esperar a segregação, xenofobia e racismo.

IV. “Os Embaixadores Informais” na “Embaixada Popular”

Os “Embaixadores Informais” do Brasil no exterior são os responsáveis pela transmissão de um saber ancestral, artesão, que interessa em muito ao países da União Européia. Os quase dez anos de imigração intensa o comprovam. O espaço de uma Embaixada carece ser ocupado por eles¹². O grande desafio é fazer com que aqueles que compõem a Multidão participem desde espaço político enquanto órgão representativo do Brasil no exterior. Não podemos mais nos permitir de esperar os acordos bilaterais entre a Bélgica e o Brasil. É lógico que os acordos são necessários e bem-vindos. Entretanto, cabe-nos agir, mesmo com os limites que nos são impostos.

As propostas abaixo foram recolhidas pelo Conselho dos Cidadãos no qual faço parte. Elas fazem referência à política brasileira com relação ao que nós podemos circunscrever como uma valorização social do que é Comum aos brasileiros na Bélgica¹³. A valorização do cidadão brasileiro independente do que é *im-possível* no campo político dos acordos e tratados internacionais.

Estas proposições foram formuladas em duas reuniões preparatórias para o 1º Seminário de Comunidades Brasileiras no Exterior – “Brasileiros no Mundo”. Reunião

¹² “Embaixada Popular” é uma expressão da psicanalista Maria Sueli Peres. “Embaixadores Informais” pertence a assistente social Denise Costa. Ambas trabalham e vivem em Bruxelas. Denise Costa contribuiu para o texto “Quem me defende aqui fora? Reflexões sobre a responsabilidade do estado Brasileiro com seus cidadãos residentes no exterior.”

¹³ Antonio Negri, *Fabrique de porcelaine*, Paris, Editions Stock, 2006. p.86.

realizada no espaço Darcy Ribeiro, da Embaixada do Brasil, em Bruxelas. Participaram os membros do Conselho dos Cidadãos Adenilson Pereira, Cristina Barros, Denise de Souza Costa, Ines Oludê da Silva, Jakson Kauffman, José Pereira, Luiza Helena de Oliveira, Oliria Gomes Pereira, Sidnei Tandler, Susana Rossberg; convidada Liesbete Polpoel; sendo o Corpo Diplomático representado pelo Exmo. Sr. Embaixador Almir Franco de Sá Barbuda, pela Ministra Sra. Maria Elisa Teófilo de Luna e o pelo Conselheiro Sr. Luiz Guilherme de Moraes. Eis as propostas:

- A) cadastramento permanente dos brasileiros na Bélgica e em Luxemburgo; à começar por um mutirão; Consulado itinerante; confecção de uma Carteira Consular no ato do cadastramento; atualização do cadastro atual;
- B) a Legislação Brasileira prevê em relação ao serviço consular; caixa de ouvidoria. É urgente tratarmos a imagem do consulado Brasileiro junto aos seus cidadãos; desburocratizar; não confundir controle e prestação de serviços;
- C) reestruturação do Conselho dos Cidadãos; eleição de seus membros pela comunidade; ata pública; agenda de reuniões;
- D) promover cursos que orientam os brasileiros a conhecerem a Bélgica e a Comunidade Européia; cartilhas de informação da Bélgica para serem divulgadas no Brasil; ministrar cursos no Brasil sobre o que é a vida fora do País (as condições de imigração, como irem trabalhar no exterior);
- E) além do português; incentivar outros cursos das línguas nacionais belgas (francês, neerlandês, alemão);
- F) promover acordos com instituições brasileiras e estrangeiras (em particular com o Ministério da Cultura, Ministério do Trabalho e o Ministério da Previdência Social); a criação de associações de brasileiros; criar um sistema de integração via cultura dos jovens e das crianças brasileiras; intercâmbio com os outros Conselhos do Cidadãos tais como o de Portugal;
- G) criação de um serviço social brasileiro ligado as diferentes comunidades de Latino Americanos;

H) programa de rádio para divulgar a cultura brasileira; melhor utilização da *internet (Orkut)* para promover estudos e debates sobre a vida do imigrante na Bélgica.



11.

As artes como fator de integração –
uma experiência positiva na Bélgica







11.

As artes como fator de integração – uma experiência positiva na Bélgica

Inêz Oludé da Silva¹

Apresentação

A Bienal de Artes Brasileiras de Bruxelas é um projeto que questiona o sentido da cultura, o papel da arte e dos artistas na instauração de um lugar de vida possível fora do Brasil.

A Bienal Brasileira de Bruxelas pretende ser uma nova proposta em matéria de manifestações socioculturais - que se realiza em Bruxelas, Bélgica.

“Bienal Brasileira”, como já está sendo chamada nas instituições e mídia belga, é um evento multidisciplinar que pretende englobar todas as disciplinas da arte, com o intuito de aumentar a auto estima da comunidade brasileira e também uma tentativa de incentivar e de favorecer a criação de acordos culturais bilaterais entre o Brasil e a Bélgica.

Desde sua primeira edição, a Bienal das Artes Brasileiras de Bruxelas teve início na Casa das Culturas de Saint Gilles e tematizou a “diáspora” selecionando artistas que em maior ou menor medida participam da cena artística internacional.

A divulgação pelo mundo à fora foi contundente com mais de 40 reportagens de revistas, jornais, internet e rádios do Brasil, Bélgica, França, Inglaterra, mídia brasileira e europeia: BBC Brasil, enviou uma correspondente, RFI (enviou correspondente), TV Brussels International, RTL, le Soir, Kiosque, FM Brussel, Agenda, Village Mondial, Jornal do Comercio, Diário de Pernambuco, A Folha de São Paulo, Brazuca, Luso Jornal, Sem Fronteiras, Info Culture, ABClassificados, Brasil Etc, Globo, Terra, Uol, Yahoo,

¹ **Diretora, artista plástica, membro da CNAP-AIAP-Unesco e Smart Asbl. Contatos :** Rue Saint Bernard, N° 17, 1060 Bruxelas, Tél : + 32 (0) 478 23 68 06, Emails : inezitaulde@yahoo.com.br, Bienaldeartesplasticas_bras_eu@yahoo.fr, Sites : www.bienalbrasileiradebruxelas.com, Site da embaixada : www.brasbruxelas.com, Myspace: **MailScanner has detected a possible fraud attempt from “myspace.com” claiming to be** <http://www.myspace.com/inezolude>, <http://www.myspace.com/.bienalbrasileiradebruxelas>

Wikipédia e Agenda Brasileira de Bruxelas. entre outros. Isso contribui para aumentar o entusiasmo e estimular grandemente a realização de uma segunda edição em 2009, com mais artistas, com mais parceiros, com mais espaços.

Como Surgiu a Bienal Brasileira de Bruxelas

A ideia de organizar a Bienal de Artes Brasileiras de Bruxelas emergiu em uma das reuniões mensais, que acontecem na Casa do Brasil, da qual participam membros da Embaixada e da comunidade brasileira. Com efeito, em Setembro de 2006, propus à Embaixada, de associar-se à meu projeto de Bienal que permitiria a artistas brasileiros, que têm adotado diversas nações européias, apresentar coletivamente os seus trabalhos. Eu já tinha certeza, nessa época, de poder contar com o apoio do Serviço Cultural do bairro de Saint-Gilles, onde moro e com os quais colaboro há 6 anos. O Service Cutlural de Saint Gilles é muito ativo e aberto a projetos multiculturais. A Embaixada do Brasil na Bélgica já teve a ocasião de colaborar com o Serviço Cultural de Saint-Gilles na primeira edição da Semana do Cinema Brasileiro em Setembro de 2006. A colaboração revelou-se muito frutuosa. Assim, a 1ª Bienal foi uma iniciativa que contribuiu, de maneira evidente, à promoção da produção artística de brasileiros que residem não só na Bélgica, mas igualmente nos países vizinhos.

Políticas Culturais para os Brasileiros Residentes no Exterior

Se trata de um evento que se insere dentro de uma proposta enviada em 2003 ao nosso Presidente sr Luiz Inácio Lula da Silva e ao Sr Gilberto Gil, Ministro da Cultura, sugerindo a criação de políticas culturais para os brasileiros residentes no exterior e apoio a projetos a longo prazo.

2ª Edição

Uma segunda edição do projeto visa, além de estabelecer o evento no calendário cultural dos dois países, ampliar as possibilidades de apresentação das artes

brasileiras na Europa, desta feita dando uma Mirada regional, com nomes de artistas consagrados em todo o Brasil e no mundo, a exemplo de Abelardo da Hora, Corbiniano, Francisco Brennand, João Câmara, Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro.

O Tema

A temática abordada na segunda edição que acontecerá do dia 17 de setembro ao 04 de outubro de 2009 será « o Mundo no Brasil o Brasil no Mundo » e enfatizará uma nação, que abrigou com simpatia e apreço todas as sociedades e culturas dos povos do mundo e que hoje se espalha pelo mundo e não é recebido como deveria ser. De fato o tema coincide com a temática deste evento e acompanha a preocupação do Governo brasileiro em relação à nossa comunidade e suas vivências pelo mundo à fora.

A popularidade da cultura brasileira na Europa vem sendo observada em grandes eventos realizados na França, Alemanha, Inglaterra, Barcelona e artigos nos diferentes meios de comunicação.

Com toda essa diversidade cultural, a arte brasileira ganha prestígio e admiradores na Europa. Esta é uma excelente oportunidade de aumentar a participação da população de Bruxelas um dos principais pólos eventencial do planeta.

Grupos musicais projetos artísticos, documentários , ateliês , conferências, performances... enfim, um evento aberto e democrático, promovendo a sua diversidade cultural fora do Brasil.

Com o apoio cultural do Ministério do Service de la Culture de Saint Gilles, da Embaixada Brasileira e do MRE, e do Ministério da cultura poderemos envolver várias entidades para fazer da Bienal Brasileira de Bruxelas um evento que consolide-se no tempo como uma referência das artes brasileiras no mundo.

A Casa das Culturas de Saint Gilles

A Casa das Culturas responde a um objetivo simples: instaurar uma dinâmica de cruzamentos e de encontros. Acolhe, com base numa agenda compartilhada, as

associações, habitantes e operadores culturais locais para as suas actividades, festas, repetições, cursos coletivos... Dirige-se em primeiro lugar à sociedade multicultural que caracteriza Saint-Gilles. Mais de 140 nacionalidades compõem o population do bairro.

No térreo, a Casa das Culturas tem uma sala de exposição de 250m², um espaço cénico de 125m², uma cozinha, um bar e um lar, lugar de convivialidade e de trocas. No primeiro andar, encontra-se uma sala de reunião, uma sala de ensaio, uma sala de aula bem como uma sala de actividades multiculturais de 370m².

Nossa Força

- Service de la Culture de Saint Gilles - Co-produtor do evento;
- Casa das Culturas -Local de realização do evento;
- Apoio da Embaixada do Brasil e Ministério de Relações Exteriores - MRE;
- Ministério de Relações Exteriores da Bélgica (CGRI);
- Smart Asbl - Que faz a gestão orçamentária do evento;
- Os artistas que participam com grande interesse e motivação;
- O público - De maioria europeia que vem prestigiar nossa cultura.

Destacamos também os apoios de: LCC - Transenvio, Sindicato dos Comerciantes do Centro de Saint Gilles.

Objetivo principal

Promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio artístico; Manter viva a cultura brasileira no seio da comunidade residente no exterior. Para isso a Bienal projeta a difusão dos diferentes aspectos de vida brasileira mostrando todas as formas de manifestação da nossa cultura, tais como, música, dança, artes visuais, cinema, etc. A atividade da Bienal vai além da divulgação e promoção da cultura brasileira pelo mundo. Buscamos também incentivar o intercâmbio cultural entre o Brasil e a Europa, na sua capital Bruxelas.

São esses alguns dos objetivos específicos da Bienal Brasileira de Bruxelas

Selecionar artistas brasileiros residentes no exterior para a exposição no espaço acima citado.

- Convidar artistas do Brasil, artistas de qualquer nacionalidade vinculados de alguma maneira com o Brasil e/ou grupos para exposições coletivas na Bienal “Off” que acontecerá nas galerias parceiras Marcos Vilaça, Brennart, Louise Londre, et la Girafe.
- Apresentar novos artistas ao mercado europeu;
- Apresentar manifestações populares brasileiras aos europeus;
- Abrir novas vias de mercado para os artistas brasileiros;
- Fortalecer as estruturas já existentes e criar novas parcerias para a divulgação da cultural brasileira no exterior;
- Melhorar e ampliar a visão do europeu sobre as artes brasileiras;
- Transmitir ao mundo outra coisa que os « clichês » sobre o Brasil;
- Criar a possibilidade do Brasil de influenciar ao mundo com sua diversidade cultural e contribuir ao diálogo intercultural;
- Sensibilizar o público brasileiro em relação ao reconhecimento da nossa produção artística e cultural realizada no exterior.

Por Que Criar uma Bienal Brasileira no Exterior

Para divulgar os artistas as associações e as empresas brasileiras implantadas na Europa. Informar ao público europeu sobre a realidade cultural brasileira, melhorando a imagem do Brasil e do brasileiro, contribuindo assim para a auto estima, bem como melhora das relações entre as comunidades. Ajudando na integração dos brasileiros e diminuindo os índices discriminatórios a exemplo dos ocorridos com outras comunidades migrantes (marroquinos, turcos, italianos).Mostrar que somos protadores de cultura e que podemos contribuir grandemente ao desenvolvimento social e cultural do país.

Porque os artistas brasileiros estão conquistando espaços respeitáveis no exterior. Porque os benefícios são notórios para os brasileiros que se sentem orgulhosos e mais respeitados por terem sua cultura reconhecida. Para favorecer as trocas artísticas e intercâmbios culturais, científicas técnicas, favorecendo assim uma melhor compreensão entre os povos.

Por Que em Bruxelas?

Bruxelas é na atualidade uma cidade dinâmica e acolhedora, que se consolidou como sede das instituições européias e de numerosas instituições internacionais, é uma cidade propícia à elaboração de projetos culturais devido a sua dimensão internacional. Bruxelas é também uma cidade cosmopolita e internacional que detém um poder de irradiação cultural que se estende por toda a Europa. Além disso, 2007, coincidiu com a comemoração dos cinquenta anos da assinatura do Tratado de Roma, um ato fundador da integração européia. Muitos elementos por conseguinte em prol desta bienal: 2007, foi um ano importante para a integração européia, Bruxelas, uma cidade símbolo, Saint-Gilles, um bairro privilegiado pelos brasileiros.

Como Recriar os Laços Interrompidos com o Brasil

Nós que vivemos no exterior, não temos a possibilidade de participar de manifestações culturais no Brasil, a não ser de maneira independente e de forma comercial. Os editais sempre estão dirigidos para os brasileiros ou estrangeiros que residem no Brasil há 5 anos. Enquanto que nos países onde vivemos, fora os países com os quais o Brasil tem acordos culturais bilaterais, (quando se realizam eventos nestes países, em geral, trazem o « melhor do Brasil » mas nunca se faz algo com « o melhor dos brasileiros que está lá fora ». Na Bélgica, por exemplo não podemos beneficiar de subsídios, ou pouco beneficiamos, pelo fato de sermos brasileiros e de não existir acordos culturais bilaterais entre o Brasil e a Bélgica. Isto dificulta muito a realização de projetos de grande envergadura.

Ora, nós aprendemos novas tecnologias, adquirimos conhecimentos e técnicas que poderiam ser muito úteis ao Brasil. Seria muito importante criar parceiras

com o intuito de voltarmos periodicamente para transmitir estes know-hows ao nosso povo, para ensinar aos brasileiros estes conhecimentos. O governo e as instituições brasileiras teriam a possibilidade de aproveitar melhor nossas capacidades. E conseqüentemente desenvolver mais solidariedade entre os brasileiros de lá e os brasileiros de cá.

O Público

O perfil do público da edição passada: formada por pessoas de todas as idades de diferentes países europeus e formadores de opinião (franceses, ingleses, alemães, italianos, belgas, africanos, latino-americanos, portugueses,...).

Também é importante destacar a participação da nossa comunidade, com sua maneira genuinamente brasileira de partilhar as nossas artes e a nossa cultura com alegria e prazer.

Áreas das Artes bordadas

- Pintura, escultura, desenho, fotografia, instalação, música, performance, vídeo, etc.
- Programação “Off”;
- Exposições, música, dança, cinema, oficinas, conferências, etc.

Conclusão

Podemos dar início a um diálogo Norte-Sul muito construtivo e esclarecedor, voltando as miras para as nossas artes relegadas à segundo plano. Mostrar que somos viáveis, que somos portadores de cultura, e usufruir da “cesta básica” da cultura nacional, mostrar que nossos produtos são de ótima qualidade e que merecem algum reconhecimento.

Tenho absoluta convicção que só um debate de projeção nacional levaria o Brasil a dirigir a mira pro nosso lado...

... 'a ter orgulho de seus filhos pródigos' (alguns "prodígios") e nós a termos orgulho do Brasil. Precisamos saber que fazemos parte de nosso povo, resguardar nossa identidade e preservar nossa diversidade cultural. Precisamos, saber que somos de algum lugar mesmo se andamos sempre com uma perna na identidade e outra na mestiçagem, por questão de sobrevivência e adaptação aos países que, mal ou bem, escolhemos para viver.



12.

Eu sou o Brasil em Mim
(Como é que eu posso dizer então que eu saí dali?)





12.

Eu sou o Brasil em Mim
(Como é que eu posso dizer então que eu saí dali?)

Flávio Carvalho*

Nunca traces tu frontera, ni cuides de tu perfil; todo eso es cosa de fuera

(Antonio Machado)

Um dos piores momentos que eu passei como migrante (diferente de considerar-me Imigrante) foi quando uma pessoa preconceituosa me tratou como “você”. Era como se assumisse todas as culpas de uma coisa que eu não sabia nem o que era. Eu deixava de ser eu, indivíduo, pessoa, Flávio, para me tornar uma coletividade, forçada pela vontade preconceituosa de alguém. Aquela pessoa não ME considerava; para ela, eu era: *eles, os outros...* “você”!

Quando resolvi incentivar a criação do Coletivo Brasil Catalunya (esse sim, um coletivo surgido da *NOSSA* intencionalidade *política*), foi respondendo uma outra, melhor, provocação de uns *compañeros, migrantes de latino-América, politicamente* bem organizados, em uma federação de entidades latinas. Diziam-me: *o problema é que vocês, os brasileiros e os cubanos são muito parecidos: significam importantes referências políticas da América Latina e, por isso, estão no imaginário coletivo de alguns europeus. Fidel, Lula, o PT, o MST, o Orçamento Participativo, o Fórum Social Mundial, todas essas coisas! Mas, no final não querem saber nada de politicamente se organizar para, pelo menos, defender os seus próprios direitos. Aqui em Barcelona, por exemplo, os brasileiros só se juntam é pra fazer festa! E um outro completou: afinal o que são os cubanos, senão uns brasileiros que falam castelhano – e vice versa?!*

Para mim, sempre que me perguntam quem são os brasileiros em Barcelona, na Catalunha, na Espanha, na Europa ou no exterior, tenho tanta dificuldade em

*Sociólogo. Coordenador do Coletivo Brasil Catalunya e Coordenador Provisório da Rede de Brasileiras e Brasileiros no Exterior. Barcelona, inverno de 2007.

caracterizar esse *nosso universo*, que me nego a fazer qualquer tipo de generalização. Assim como eu não estou aqui por causa de nenhuma festa (muito pelo contrário, se fosse pelas festas eu prefiro mil vezes as que se fazem no Brasil - e apesar de que não acho nada mal gostar tanto de festa como *EU gosto*), aqui em Barcelona eu já trabalhei muito mais do que no Brasil, de carregador de cadeiras, de informação de festival, de digitador de questionários, de colhedor de uva, de pregador de cartazes em universidades, de varredor de rua, e até mesmo de sociólogo! Mas é verdade que nunca vi tanta dificuldade para organizar pessoas na defesa dos seus direitos, como estou aqui, *trabalhando com a brasileirada*. E, olha que nem com o atrativo aperitivo da caipirinha feita com boas cachaças - no final das reuniões, é bom que se diga - os brasileiros não aparecem muito; quem adora (e participa mais) são os catalães. E assim mesmo, também não gostei quando, um dia desses, vieram me caracterizar de imigrante econômico (aquele que vem em busca de trabalho, por mais precário que seja, mas pago em Euros). Se existe uma categoria que aceito que me considerem é “imigrante amoroso”. Foi por isso que aqui estou. E me reservo o direito de dizer o que eu quero, a quem eu quero, da forma que eu quiser. Uma decisão pessoal que merece todo respeito.

Cada dia, eu conheço um *brazuca* diferente nessa imensa *fauna*: músico (muito *quase músico* também!), transexuais (muitos), filha de diplomata, mais um filhinho de papai, pedreiro, capoeirista, futebolista, prostituta, pastor evangélico, ex-vereador, “dono” de ONG, filho de amazonense casada com africano (nascida na Suíça), sem falar naqueles bons filhos-da-puta de sempre, que a gente encontra pelo caminho. Contudo, muita gente boa, no final das contas...

Ou seja, não dá nem pra tentar resumir em *nós* somos isso ou aquilo. *Nós* o quê? *Nós* quem? Diversidade é a melhor resposta e uma boa saída¹.

Evidentemente, se o Brasil não é outra coisa senão um continente que fala a mesma língua e tem o mesmo Presidente, o reflexo da sua migração não poderia ser outra coisa que não fosse a *nostra* diversidade sociocultural e injustamente econômica. Aliás, não é isso que dizem que nos torna *especiais* perante o *resto do mundo*?

¹ Pelo menos enquanto o meu amigo conterrâneo pesquisador do Grupo de Estudos sobre Migração da Universidade Autônoma de Barcelona, Leonardo Cavalcante, não consegue concretizar com a Fundação Cultural Hispano Brasileira, uma ampla pesquisa sobre o perfil dos brasileiros, no mínimo, na Espanha. Uma proposta assumida como desafio por toda a Rede de Brasileiras e Brasileiros no Exterior, da qual faço parte e faço questão de fazer propaganda.

Caetano Veloso declarou recentemente no jornal *El País* que o Brasil tem a responsabilidade de exercer a sua originalidade perante o mundo. Um país forçado pela colonização européia a ser multiétnico. Poderia até hoje ser muito mais multiétnico, se os próprios colonizadores não tivessem extinguido tantas etnias indígenas, *nativíssimas* do Brasil. Pois dessa mistura forçada, em princípio por meio dos estupros da Casa Grande sobre a Senzala (leiam *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro), acredita-se que há surgido uma nova originalidade étnica. Darcy Ribeiro, autor de *O Povo Brasileiro*, interpretava que de tanta mestiçagem, se acreditava no surgimento de uma nova etnia, esse tal *Povo Brasileiro*. A grande questão é: se somos assim tão misturados, o que nos identifica como *povo brasileiro*? O que nos torna um *Povinho*, *povão*, *povo bunda*, etc.? Creio que o importante é que EU me identifique; e não que me identifiquem. Não me venham, do “exterior”, com seus estereótipos, forçar uma identificação sobre mim. Eu sou o Brasil em mim. Ta lá no título deste texto. O resto é tudo *cosa de fuera*, como dizia o poeta escolhido para este texto.

Até mesmo porque na hora de excluir (*na hora que o bicho pega*), se exclui o que não for mais parecido com um *branco puro*, dependendo da tonalidade dos *brancos* que te rodeiam. Como uma propaganda de comparação de sabão de lavar roupa: sempre tem um que lava mais branco! E, afinal, encontra-se uma fácil solução: excluir o não branco; o que não for branco, desde a *minha* percepção individual, que se generaliza, até tornar-se um processo de exclusão coletiva.

Pois, foi exatamente na Europa que eu, que achava que era *branquelo*, descobri que posso ser *considerado* negro; como se eu, de repente, dependesse do preconceito de quem me percebe, ou me ignora (também por preconceito).

El ojo que ves no es ojo porque tu lo veas; es ojo porque te ve - diria esse poeta sevilhano Antonio Machado.

Outro exemplo, que eu percebi também aqui em Barcelona e utilizo somente para ilustrar o enredo deste texto. Na hora de se promover para vender música brasileira no exterior (um dos nossos maiores produtos de exportação), se utiliza o argumento de que *a minha identidade musical é única no mundo: eu sou o fruto do fruto da mistura – e, portanto, por favor, não tentem me classificar, eu sou assim mesmo, eu faço música brasileira*. E com isso, a indústria cultural tem conseguido vender muitos discos, numa nova categoria que se cria dentro do estigma da *world music: música brasileira*. Uma

nova prateleira na grande estante, um lugar onde termina cabendo tudo. Uma prateleira tão indefinidamente ampla, onde cabe tudo. E o que pode ser tudo, também está muito perto de não ser absolutamente nada. Basta ser simpático e agradável para acabar se tornando música de elevador, aquela que todo mundo ouve, sem parar pra escutar.

Por fim, chegou a minha vez de generalizar. *Os europeus*, quando dizem que os brasileiros são os imigrantes mais simpáticos que existem, bem diferentes dos problemas que se encontram na Europa (a *outra violência*), muitas vezes se esquecem que é um país *inventado* por *eles* mesmos e estão falando com base em estereótipos. A origem de grande parte dos nossos problemas históricos, não foi outra coisa senão a *descoberta* de um lugar para tentar escapar dos seus próprios problemas, e criar outros. Não é fácil hoje criticar a possibilidade desse negócio de biodiesel voltar a aumentar os índices de trabalho escravo? Não é tão fácil quanto esquecer quem *inventou* esse negócio de levar escravidão das Áfricas para as Américas, justamente pra dar conta da nossa base econômica fundada em monoculturas como a da cana-de-açúcar, devastando a Mata Atlântica ou a Amazônia que esses irresponsáveis brasileiros ironicamente insistem em substituir pela soja que o mundo compra?

Estima-se que o Brasil é o maior país do mundo acolhedor (de braços abertos, como o Cristo Redentor) da migração européia. Os números são difíceis de representar, sobretudo porque nunca se exigiu, nem se verificou, nem mesmo se contaram vistos para a entrada. Os vistos foram substituídos pelas boas vindas. O Brasil, em geral, sempre acolheu a migração européia como ilustres visitantes com dinheiro para gastar (seja como seja), como filhos adotivos (inclusive com subsídios públicos para instalar-se no Brasil do início do século passado), ou até mesmo como pais culturais; grandes exemplos de erudição. Pois nessa exata semana em que se comemora o dia do migrante², vários brasileiros estão sendo obrigados a voltar pra casa, no Aeroporto de Madrid, porque não trouxeram nos bolsos 530 euros em espécie (uma mera desculpa) ou porque são

² Em 1990, aos 18 de dezembro, pela Resolução 45/158, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou a “Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas Famílias”, a qual entrou em vigor no dia 1º de julho de 2003, quando alcançou o total de ratificações necessárias para tanto, isto é, de 20 países. Em 1999, iniciou-se uma campanha mundial pela designação oficial por parte das Nações Unidas do Dia Internacional do Migrante. A mobilização culminou, finalmente, em 4 de dezembro de 2000, quando as Nações Unidas proclamaram 18 de dezembro o Dia Internacional do Migrante (Ir. Rosita Milesi, Diretora do IMDH).

considerados *potenciais imigrantes ilegais* pela União Européia. Tinham gasto muito mais que isso na esperança de passar o natal com pessoas da família.

Comecei falando da minha realidade de migrante brasileiro na Europa, de percepções diferentes sobre a migração por aqui, para tentar um caminho de falar da migração por aí – o caminho se faz ao caminhar. Tentei abordar um grande tema das relações internacionais: a reciprocidade em temas migratórios e não apenas comerciais. Isso que acostumaram a dizer que é uma oportunidade, mais que um problema, seja onde seja.

Aliás, o exercício de migrar também é um direito humano fundamental. Por mais que não se respeite. Faz parte da história de quem ajuda a reconstruir a história dos países de origem, tanto quanto dos países de acolhida. É incrível como ainda é necessário reafirmar isso.

Para reflexionar um pouco sobre a contribuição da migração brasileira ao Brasil, não poderia deixar de recomendar a minha particular coleção de sobrenomes incorporados ao imaginário coletivo brasileiro, ou que, pelo menos um dia tiveram a oportunidade de ter seus nomes escritos nos grandes jornais ou revistas, por motivo de orgulho ou crítica: Portinari, Niemeyer, Lispector, Luft, Odebrecht, Gerdau, Bündchen, Kuerten, Fitipaldi, Piquet, Stédile, Alckmin, Maulf, Palocci, Grzbowski, Roussef, Dumont, Casoy, Fischer, Meneghel, Geisel, Kubitscheck, etc.

Longe de xenofobias (basta!), são sobrenomes apenas para lembrar de exemplos tão positivos quanto negativos que chegam aos ouvidos da opinião pública, ou dos que se chamam “formadores de opinião”, dentro e fora do Brasil. Pessoas de famílias que migraram ao Brasil e que contribuíram, de uma forma ou outra, para a construção desse *contraditório* país. Aquilo que na França dos suburbanos carros queimados (ou em toda a Europa) seriam logo chamados de imigrantes de segunda ou terceira geração, mas que são nomes absolutamente abasileirados, ou seja, absorvidos até mesmo por aqueles que não sabem pronunciá-los bem. Na Europa, muitos migrantes como eu, optam, ao contrário, por colocar nomes *européus* em nossos filhos, nascidos em território europeu. Até mesmo para que sejam considerados, pelos seus próprios nomes, indivíduos, pessoas e cidadãos – não de segunda categoria, como os imigrantes ou filhos de imigrantes.

Em exercícios de interculturalidade, aprendi que o pior que pode passar com meu amigo Yasser, seria ser chamado como *o árabe*, ou *o palestino*, ou *o paqui*

(abreviatura de paquistanês em Barcelona, que serve para designar todo pequeno comércio *dessa gente vinda de lá*). Eu mesmo interiorizei esse preconceito de chamar todo mercadinho de *paqui*. A melhor forma de se dirigir a esse amigo Yasser, seria a mais simples: pelo seu próprio nome, Yasser! Isso eu só aprendi aqui, no contexto de multiculturalidade³ de Barcelona.

Entendem agora porque eu até aceito que me diga Flávio, *UM* brasileiro; e não Flávio, *O* brasileiro, ou *ESSE(S)* brasileiro(s)? Se não entenderam, certamente não entenderão porque aqui me convidam para falar do Brasil e eu digo que prefiro falar dos *BrasiS*. Ou ainda porque uma letra pode fazer diferença na hora de dizer migrante ou Imigrante, etc.

Aproveito essa história de falar de multiculturalidade para terminar dizendo também que a ONU estabeleceu o ano de 2008 como o ano da diversidade cultural. Uma oportunidade mais para o *Brasil, país do futuro* (leiam esse livro, de Stephen Zweig). Pois se não chega esse futuro, na verdade não importa tanto para aqueles brasileiros que aproveitam o presente para viver um pouco mais.

E, atenção para o final que não conclui este texto. Eu não quis dizer viver melhor ou pior: eu escrevi “viver mais”. Tirem suas próprias conclusões.

Como diria o comunicador Chacrinha, *eu vim aqui para confundir e não para explicar*.

¿Tu verdad? No, la Verdad,
Y ven conmigo a buscarla,
La tuya, guárdatela⁴.

³ Diferente do conceito de interculturalidade, onde há o entrecruzamento de culturas, na multiculturalidade as culturas podem até caminhar paralelamente, sem se cruzar em nenhum momento.

⁴ Antonio Machado nasceu em Sevilha, em 1875. Morreu no exílio na fronteira entre a França e a Espanha, na cidade de Colliure, em 1939, fugindo da ditadura franquista. Os versos citados fazem parte dos seus Provérbios y Cantares.

13.

Rede de Brasileiras e Brasileiros na Espanha



13.

Rede de Brasileiras e Brasileiros na Espanha

Flávio Carvalho

Propostas

1. Muitas das propostas que demandam uma resposta imediata já foram apresentadas em diversos encontros anteriores, como em Lisboa, no ano 2002, e Bruxelas, no ano 2007. Agora, a necessidade mais urgente é a organização de todas as comunidades brasileiras em redes de sociabilidade, como a Rede de Brasileiras e Brasileiros no Exterior, para poder comunicar-se, formar-se, divulgar, sensibilizar, mobilizar, lutar pelos seus direitos e cobrar do Governo do Brasil, uma imediata política pública integral para atender os legítimos interesses da cidadania brasileira emigrada.

2. Para poder agir em defesa das brasileiras e brasileiros migrantes, inicialmente, é urgente a revisão da política brasileira voltada aos milhares de imigrantes de diversas nacionalidades que escolheram o Brasil como país para viver. Até mesmo para exigir reciprocidade em casos de interesse diplomático, o Brasil deve começar dando exemplo de boas práticas como país de acolhida (tal como sempre foi caracterizado).

3. Defendemos um processo participativo de discussão sobre a melhor resposta de todo o conjunto da sociedade brasileira, para este peculiar fenômeno da emigração. Esse percurso pode ser sintetizado em:

- a. Conferências Locais sobre Emigração Brasileira, nos países onde existam brasileiras e brasileiros emigrados;
- b. Conferências Continentais ou por Blocos de Países sobre Emigração Brasileira e temas correlacionados;

- c. Conferência Nacional sobre Emigração Brasileira, a ser realizada no Brasil, culminando o processo participativo.
 - d. Nesse processo participativo, haverá espaço para discussão da melhor democracia representativa das comunidades brasileiras no exterior, onde representantes serão escolhidos em nível ascendente, das Conferências Locais à Conferência Nacional, de acordo com critérios previamente estabelecidos, assegurando a democratização para ampla participação em todo esse importante processo.
 - e. Tal como ocorre na construção e gestão de diversas políticas públicas brasileiras, se adotará formatos semelhantes ou com base em experiências anteriores como a Conferência das Cidades, Conferência da Igualdade Racial, Conferência do Idoso, Conferência da Criança e do Adolescente etc.
 - f. O objetivo principal será a construção do Estatuto do Migrante Brasileiro (ou Estatuto da Cidadania Brasileira no Exterior), tal como existem diversos resultados frutos dessas conferências (Estatuto da Criança e do Adolescente, etc.) e como tem sido aprovadas em países da América do Sul, como a Argentina, ou da Europa, como no caso da Espanha.
 - g. Para organizar esse processo, propomos que seja constituída uma Secretaria Especial das Comunidades Brasileiras no Exterior, no âmbito da Presidência da República do Brasil, tal como ocorre com demandas específicas diversas de outras políticas construídas ou em construção, como o tema de assuntos específicos da mulher, e igualdade racial, dentre outros. Importante salientar que será uma gestão compartilhada com o Conselho Nacional das Migrações (proposta de modificação do nome e das suas respectivas finalidades) e do Ministério das Relações Exteriores, contando ainda com a colaboração de diversos organismos especializados no tema e das próprias comunidades brasileiras no exterior, articuladas em rede.
4. Propomos a inclusão de uma representação (efetiva e suplente) da Rede de Brasileiras e Brasileiros no Exterior no Conselho Nacional das Migrações – podendo

essas vagas serem exercidas por brasileiras ou brasileiros retornados de seus respectivos processos migratórios, entendendo a necessidade de otimizar recursos e contando com a colaboração voluntária de representantes da Rede que estejam vivendo em território nacional. E entendendo ainda que o tema da migração envolve tanto o processo de saída e retorno ao país, passando pelo tema da convivência em outros países.

5. Propomos, que o MRE faça a imediata reflexão e deliberação sobre o papel e objetivos dos Conselhos Cidadãos, dotando-o de uniformidade e adequando aos diversos contextos onde se efetivará a sua presença.

6. Propomos a divulgação aberta das contas de todos os Ministérios do Governo do Brasil, inclusive do MRE, disponibilizadas como informação transparente sobre recursos públicos, para o conhecimento amplo da população brasileira em geral. Para isto, propomos a elaboração de um Informe Especial da Presidência da República contendo todas as ações do Governo do Brasil voltadas para as comunidades brasileiras no exterior.

7. Propomos para o dia 22 de julho de 2008 o lançamento do Dia do Migrante Brasileiro, numa referência ao migrante brasileiro assassinado em Londres, Jean Charles de Menezes. Diante da proximidade da data ainda neste ano 2008, propomos que no dia 22 de julho de 2009 haja articulações para manifestações no Brasil e no Mundo, chamando atenção para o caso do cidadão Jean Charles e para a situação geral das comunidades brasileiras no exterior. No dia 22 de julho de 2010, dia em que se completam cinco anos da morte de Jean Charles, seria oficializado o Dia do Migrante Brasileiro, através de projeto de lei de iniciativa do Governo do Brasil.

8. Propomos o lançamento do Mapa Público das Comunidades Brasileiras no Exterior, coordenado pelo MRE, em colaboração com a Rede e diversos organismos apoiadores, como fonte de informação pública para todos os brasileiros que migraram ou que tenham interesse em migrar, disponibilizando informações, sobretudo, sobre o associacionismo das brasileiras e brasileiros no exterior.

9. Propomos que o Governo do Brasil dote as organizações das comunidades brasileiras no exterior, de um amplo percurso formativo sobre associativismo, cooperativismo e outras dinâmicas de participação, convivência e inclusão social em contextos de interculturalidade e multiculturalidade, além de temas de interesse específico, elegidas pelas próprias comunidades.

10. Propomos que o Governo do Brasil estabeleça de forma regulamentar a possibilidade de financiamento de projetos das comunidades brasileiras no exterior, através dos seus respectivos espaços associativos ou articuladas em redes.

11. Propomos a constituição de uma agenda de visitas por parte do Governo do Brasil (e a conseqüente elaboração de relatórios públicos) aos países onde haja uma forte presença das comunidades brasileiras no exterior e, sobretudo, em caráter de urgência, visita a determinados territórios onde há um alarmante indicador de ameaça à sobrevivência e aos direitos humanos destas cidadãs e cidadãos.

12. Propomos um esforço conjunto de todo o Governo Brasileiro para que se faça uma contagem imediata (estimativa ou com base em dados objetivos fornecidos por estudiosos, consulados, meios de comunicação e organismos com experiência sobre o tema) da migração das brasileiras e brasileiros. Propomos que haja um diagnóstico inicial, seguido de um planejamento de políticas públicas para esses inúmeros cidadãos e cidadãos brasileiros no exterior. Posteriormente, seria construído o primeiro Censo das Brasileiras e Brasileiros no Exterior.

13. Propomos uma discussão imediata sobre as possibilidades de aprovação e desdobramento do Projeto de Emenda Constitucional 05/2005, de autoria do Senador Cristóvão Buarque, sobre a democracia representativa das brasileiras e brasileiros no exterior, antecedendo as conseqüências de sua possível aprovação no Congresso Nacional.

14. Propomos que o Governo do Brasil estabeleça um mapeamento de todas as iniciativas de projetos de lei e de normativas das diversas esferas de governo

que terão impacto sobre a vida das comunidades brasileiras no exterior e que se inicie um processo de diálogo para o aperfeiçoamento dos mesmos, de acordo com os interesses gerais do conjunto da população brasileira.

15. Propomos que o Governo do Brasil inicie, com urgência, a promoção de relações bilaterais com países de interesse estratégico para assegurar o voto às cidadãs e cidadãos brasileiros no exterior, um dos requisitos fundamentais para o pleno exercício da cidadania em qualquer país do mundo.

16. Propomos que o Governo do Brasil pautar o tema dos fluxos migratórios de seres humanos (e a conseqüente defesa da Declaração Internacional de Direitos Humanos) nas esferas de discussão dos acordos internacionais que estão sendo realizadas em todo o mundo.

17. Propomos que o MRE, em conjunto com a Secretaria Especial para Assuntos da Mulher, da Presidência da República, realize imediatamente uma discussão aprofundada sobre as temáticas de gênero mais importantes que estão relacionadas com o fato da maior presença feminina nos processos migratórios do Brasil ao exterior. Com ênfase, deve ser discutida imediatamente a violência contra a mulher nos processos migratórios, inclusive dotando os consulados de mecanismos adequados para abordar esse fenômeno.

18. Propomos que o Governo do Brasil inicie, no exterior, uma campanha de promoção da diversidade sociocultural brasileira e as suas possibilidades de contribuição para a convivência entre pessoas de origens culturais diversas, com o objetivo de desconstruir estereótipos prejudiciais para todo o conjunto da população brasileira. Acreditamos que o processo histórico de constituição da sociedade brasileira pode aportar importantes reflexões para o fenômeno migratório em escala mundial.

19. Propomos que seja convocada uma audiência pública da Presidência da República com as representações diversas das Comunidades Brasileiras no Exterior,

assegurando visibilidade, reconhecimento público e as amplas possibilidades de solidariedade do povo brasileiro em geral, diante da opção de muitas brasileiras e brasileiros pelo exercício do direito de migrar, pelos seus mais diversos e legítimos interesses.

20. Propomos a realização, no Brasil, de um Encontro sobre o tema do Retorno Voluntário de pessoas ao país, inclusive contando com a participação de diversas pessoas que já retornaram ou estão em processo de retorno ao Brasil, integrantes da Rede ou de organizações que atuem com o tema da migração e retorno, para discutir questões específicas desse contingente. Só assim, abrangeremos os três momentos que compõem a integralidade do processo migratório, cada um com sua especificidade e articulados no conjunto: a saída do país, a permanência no exterior e o retorno ao país de origem.

21. Propomos o reconhecimento, por parte do Governo do Brasil, da nossa Rede de Brasileiras e Brasileiros no Exterior, como interlocutor no tocante aos temas da migração brasileira em geral.

22. Propomos uma discussão de priorização de pontos desse Documento, dotando-o de força e expressiva representatividade democrática.

Muitas das propostas contidas nesse documento expressam a palavra “urgência”, pelo simples fato de que é inadiável um atendimento urgente às principais reivindicações desse importante contingente populacional da sociedade brasileira, que paradoxalmente ao fato de viver no exterior deverão sempre ser reconhecidos como cidadãos e cidadãos brasileiros em sua essência.

Rede de Brasileiras e Brasileiros na Espanha, 20 de junho de 2008.

“Toda vez que alguém quiser perseguir um brasileiro tem de lembrar que o Brasil age com coração de mãe. Aquele país recebeu muito bem italianos,

espanhóis, portugueses, chineses, coreanos, bolivianos, alemães. Não queremos nada mais. Só queremos que as pessoas nos tratem como os tratamos a vida inteira” (Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, (Agência Reuters, maio de 2008).

Associação Amigos do Brasil. Barcelona.

Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na Catalunha – APEC. Barcelona.

Casa NOAR – Associação Cultural da Nova Arte. Barcelona.

Can Brasil. Barcelona.

Associação Brasileira de Assistência ao Estrangeiro – ABRAE. Barcelona.

Clube da Música Brasileira. Barcelona.

Associação de Capoeira Banzo da Senzala. Barcelona.

Coletivo Brasil Catalunha. Barcelona.

AHBAI – Associação Hispano Brasileira de Apoio ao Imigrante. Madrid.

NEBE – Núcleo de Entidades Brasil Espanha. Madrid.

Núcleo do Partido dos Trabalhadores de Madrid.

Associação AME – Articulação das Mulheres Empreendedoras. Madrid.

Asociación El Camino. Madrid.

SpanBrasil. Madrid.

Observatório das Migrações Brasileiras na Espanha. Madrid.

Marcela Peixoto – Integrante do Comitê de Apoio ao MST / Madrid.

Clube de Intercâmbio de Idiomas de Vilafranca del Penedés, Barcelona.



Alter Nativas, Espanha.





14.

Proyecto de Investigación:
Los inmigrantes brasileños en la estructura
socioeconómica española





14.

Proyecto de Investigación:
Los inmigrantes brasileños en la estructura
socioeconómica española

Grupo de Estudios de Inmigración y Minorías Étnicas*

Resumen de La Memoria Técnica

Resumen

El proyecto de investigación titulado “los inmigrantes brasileños en la estructura socioeconómica española” (que será realizado durante el período de julio de 2008 hasta diciembre de 2009) pretende analizar las diferentes formas de inserción de los inmigrantes brasileños en la estructura social y económica de España. En concreto, son dos los principales objetivos del estudio. Por un lado, a partir del análisis de fuentes secundarias, se trata de construir un **perfil sociodemográfico de la inmigración brasileña**, que permita aproximarnos a las siguientes características del migrante: volumen de población y evolución de los flujos, principales zonas de procedencia y de destino, diferencias por sexo, edad, clase social, nivel formativo, trayectorias en el país de inmigración, tipos de redes migratorias y papel que éstas juegan en las estrategias de los diferentes proyectos migratorios de los brasileños hacia España.

Por otro lado, el estudio tiene como principal objetivo desarrollar un análisis sobre las diferentes formas de **inserción del inmigrante brasileño en el mercado de trabajo español**. En este sentido la investigación centrará su interés tanto en la incorporación del trabajador brasileño en actividades por cuenta ajena, como por cuenta propia. Las diferentes iniciativas empresariales de los inmigrantes serán analizadas tanto desde la

* GEDIME - Grupo de Estudios de Inmigración y Minorías Étnicas - Departament de Sociologia, Universitat Autònoma de Barcelona (UAB).

DIRECCIÓN: Dra. Carlota Solé (Catedrática de Sociología – Directora del GEDIME)

COORDINACIÓN: Dr. Leonardo Cavalcanti y Dra. Sònia Parella (Profesores de la UAB)

EQUIPO INVESTIGADOR:

Miembros del GEDIME y otros investigadores que colaboran con el grupo.

perspectiva de la estructura de la oferta y de las características de los brasileños que establecen sus propios negocios y de sus empleados; como, desde la perspectiva del contexto institucional, social y económico de la sociedad receptora que influye en su formación.

En definitiva, el estudio posibilitará conocer en profundidad un colectivo que ha crecido de modo significativo en el contexto de la inmigración en España. Para ello, se llevará a cabo un planteamiento metodológico basado en un diseño mixto, en el sentido de utilizar diferentes técnicas de observación que son complementarias. Si bien prima un diseño metodológico de carácter cualitativo, centrado en la entrevista en profundidad como principal herramienta de recogida de información.

E-mail de contacto: leonardo.cavalcanti@uab.cat

15.

Direitos Humanos e Políticas Sociais



Capítulo I

Atualmente vivemos o fracasso do liberalismo e da mundialização econômica, países em continentes unem-se para não serem tragados por grandes potências capitalistas, o que se torna evidente nas distorções do mercado global, no aumento da pobreza, na degradação ambiental, no domínio econômico imposto por empresas e governos, e no incremento dos fluxos migratórios. Sem dúvida, este último é o aspecto mais contraditório, uma vez que, justamente no momento em que ocorre a mais intensa movimentação de bens e capitais jamais vista pela humanidade, é quando se verificam, paradoxalmente, as maiores restrições à circulação de trabalhadores. O conceito de sociedade livre acaba de revelar o seu verdadeiro alcance: uma sociedade aberta ao dinheiro e mercadorias, **não as pessoas**. E por isso, se erguem os muros legais e reais a fim de “impedir a ameaça” da imigração.

Num mundo cada vez mais excludente e desigual, onde as assimetrias entre os países, povos e grupos sociais se aprofundam, quando se fala de imigrante fala-se de trabalhadores que contribuem, no mundo inteiro, para uma produção significativa, no crescimento econômico e desenvolvimento dos países de destino.

Os trabalhadores que vivem no exterior enviam dinheiro para suas famílias, do país onde trabalham para seus países de origem, e podemos considerar este envio como uma contribuição ou cooperação internacional.

Em rota de colisão com essa realidade, a União Européia vem endurecendo sua legislação para conter a imigração, tendo estabelecido a previsão de duro processo de criminalização aos imigrantes, detenção e deportação. Com isso, a Europa se transforma em uma fortaleza trancada e implanta meios de força para impedir o acesso a seu território e expulsar os estrangeiros sem papeis.

Outra medida da Comissão Europeia (CE) é a criação da “tarjeta azul” para os imigrantes qualificados que trabalharão para a União Européia (UE) e será válida para os 27 países do bloco. A “Blue card”, que será parecida a o “Green Card” de os EUA, tem por objetivo atrair aos imigrantes de alta qualificação para que residam e trabalhem em na UE durante dois anos, prorrogável por outros dois, com possível posterior permissão de permanência por larga duração. Para beneficiar-se desta permissão, os imigrantes deverão contar com um contrato de trabalho de antemão e com um salário de pelo menos três vezes o salário-mínimo do país de destino e com isso acredita estar ajudando e proporcionando o bem estar e equilíbrio social para todos. Isto é mais um meio de impulsionar a economia européia necessitada de mão-de-obra jovem e especializada.

Mas a exemplos localizados que nos servem de referência para a análise. O prefeito de Cartaya e Presidente do Comitê Organizador da V Feira do “ Morango e Cítricos”, busca trabalhadores no Marrocos, principalmente para passar de 9 meses a um ano na Espanha e trabalhar no campo espanhol, se dizendo satisfeito por estar ajudando esses campesinos que recebem um salário de 600• ao mês e, no final da colheita, são levados de volta a seus países de origem. Além disso, esses trabalhadores não podem de maneira alguma trazer seus familiares. Este prefeito está contentíssimo com seu plano de ação, sua cidade esta prosperando e ele considera que está ajudando aos imigrantes a trabalharem de forma honrada e com seus papéis em ordem.

Quando perguntado por que em vez de ir ao Marrocos buscar trabalhadores não oferecia essa oportunidade aos imigrantes que estão vivendo na Espanha sem documentação espanhola completa e sem trabalho, sabendo que muitos gostariam de voltar a seus países, mas não tem condições financeiras, a resposta dele foi categórica: “não quero contribuir para vinda de estrangeiros no meu país sem os devidos documentos legalizados e sem contrato de trabalho. Já temos bastante não precisamos mais”.

Na Espanha fala-se de uma ajuda pública para o retorno de 1.569 estrangeiros. O Ministério do Trabalho subvencionaria o regresso dos desencantados do ‘**sonho espanhol**’. 1.569 estrangeiros, a maioria residentes em Madri e de origem latino-americana, aproveitariam as subvenciones públicas para retornar a seus países. Prefeririam isto que permanecer em um país no qual suas expectativas não se cumpriram. Afirma-se que, dentre esses imigrantes, os brasileiros são os que mais desejam voltar para o Brasil.

Os riscos mais graves dessas políticas são o aumento da xenofobia e o incremento do racismo no seio da sociedade, uma vez que a imigração é apresentada como algo negativo, algo de que os cidadãos devem se prevenir, algo que se constitui em uma ameaça, pois está diretamente associada à violência e ao desemprego dos nacionais.

Por outro lado, se assiste à implementação de políticas seletivas, seja nos Estados Unidos, seja na Europa, para atrair imigrantes qualificados dos países do Sul, o que constitui uma espécie de novo colonialismo. A fuga de cérebros dos países pobres é o novo produto colonial adquirido a baixo preço.

Capítulo II

Proposta do NEBE

1. Cartilha Brasileiros e Brasileiras no Exterior

- a) Indicar nesta cartilha os acordos firmados entre os diferentes países, explicando como se beneficiar destes acordos no país de destino. (Previdência social, Educação, Trabalho etc.)
- b) Cartilhas com direitos e deveres dos cidadãos brasileiros no exterior, devem ser distribuídas nas:

1.1 Agências de viagens e companhias aéreas brasileiras ou estrangeiras no Brasil

- a) obter das agências de viagens ou companhias aéreas brasileiras ou estrangeiras (no Brasil) uma lista com o destino de todos os passageiros brasileiros que viajam para o exterior.
- b) Nesta ficha devem constar: Nome completo / local de nascimento e idade / nº de CPF e nº de passaporte / o endereço onde vive / nome, endereço e telefone de um familiar mais próximo, cidade / país para onde viajarão (

destino final) e se possível nome, endereço e telefone do local onde permanecerá durante sua estadia no exterior.

c) **A agência de viagem ou companhias aéreas brasileiras ou estrangeiras (NO BRASIL)** deverão enviar uma lista com os dados de cada cidadão brasileiro citados no parágrafo (b) diariamente **à Polícia Federal**.

1. Brasileiros que viajam para o exterior.

2. Brasileiros que regressam do exterior.

d) Estes mesmos processos (dados do viajante brasileiro) ver parágrafo (b) deverão ser enviados **apenas** pelas companhias aéreas brasileiras ou estrangeiros que entram e saem (DO BRASIL) .

1.2. Polícia Federal

Guiados pelo **numero de passaporte** dado a cada indivíduo no momento de obtê-los.

Verificará se todos os brasileiros vindos em vôos procedentes do exterior:

a) Fazem parte das listas enviadas para eles pelas agências de viagens ou companhias aéreas brasileiras e estrangeiras, na chegada e saída de todos os vôos no/do Brasil.

b) Fazer três tipos de lista com os dados dos brasileiros que devem serem enviadas ao Itamaraty:

1. Lista de todos os brasileiros que viajam para o exterior.

2. Lista (**coincidindo o número de passaporte**) de saída e retorno do brasileiro no Brasil.

3. Lista de todos os brasileiros que retornam ao Brasil.

c) Essas listas devem ser enviadas diariamente ao **Itamaraty** por todas as **agencias da Polícia federal** espalhadas no Brasil.

1.3. Manter sempre arquivado o número de passaporte brasileiros pedidos no Brasil

- a) Retirá-los do arquivo nos seguintes casos:
1. Quando o proprietário do mesmo, volte a renová-lo e caso haja mudança de numero.
 2. Quando perde a validade e o proprietário do mesmo esteja vivendo em solo brasileiro.
 3. Quando for comprovado pelo o Itamaraty que o proprietário do mesmo fez a renovação de passaporte no exterior e caso haja mudanças no número.

2. Itamaraty – Brasília

O Itamaraty deverá comparar as listas, acrescentar ou retirar essas informações do seu banco de dados computadorizados:

- a) Ver paragrafo 1. 3 ponto b.
1. Os que estão viajando para fora do Brasil - enviar essa lista para diferentes consulados brasileiros espalhados no estrangeiro, para que cada consulado no estrangeiro possa colocar em sua base de dato.
 2. Nas listas que coincidam (ida e volta do brasileiro) no Brasil – enviar para os consulados, para que eles retirem esse nome do seu banco de dato computadorizado no estrangeiro.
 3. As listas dos brasileiros que retornam ao Brasil – enviar para os consulados para vê se coincidem com a inscrição consular do brasileiro no exterior e pedir retorno de informação.
 4. O funcionário do Itamaraty, uma vez que receba essa informação, poderá retirar-lo do seu banco de dados computadorizado em Brasília.
 5. O Itamaraty também deve enviar para policia federal os dados de todos os passaportes renovados no exterior.

2.1 – O Itamaraty poderá receber, informar e retornar informações ao Consulado

3. Consulado

Os consulados brasileiros no exterior estão colapsados de trabalho. É importantíssima a criação de novos postos de trabalho para que eles possam atender corretamente os brasileiros que buscam orientação, auxílio e documentação através deles.

Existe um número imenso de brasileiros com formação, competência e documentos regularizados que poderiam ser contratados para trabalhar no consulado. Hoje há excessiva demora nos trâmites e, conseqüentemente, muita insatisfação da parte das pessoas que agredem cotidianamente os funcionários. É preciso, pois, criar mecanismos especiais de atendimento, aumentar o quadro de funcionários e garantir formação técnica e humana para estes trabalhadores.

Vejamos o caso espanhol: hoje o consulado tem uma base de dados baseada nas “inscrições dos brasileiros nas prefeituras de diversas cidades da Espanha”. Sabe-se que as pessoas não querem ir ao consulado para fazer inscrição consular por falta de tempo e disposição de ficar na fila durante horas ou correr o risco de voltar outro dia só para isso. Assim, vão ao consulado apenas em casos extremos.

3.1 – Ampliar base de dados e quantificar os brasileiros chegando ao exterior:

1. Através de lista enviada ao Itamaraty dos brasileiros que viajaram ao exterior.
2. Através das inscrições consulares.
3. Através das informações dadas pelas prefeituras aqui na Espanha, por exemplo.

Observação: o numero do passaporte do brasileiro sempre deve ser destacado como referencia em todos os documentos.

3.2 – O consulado poderá receber / informar e retornar informações ao Itamaraty

1. Fazer lista e ficha, assim como contabilizar o número de brasileiros inadmitidos (devem ser obtidos pela policia no aeroporto do país onde foi retido).

2. Verificar se na lista enviada pelo Itamaraty (entrada e saída) do/no Brasil, coincide com o número de pessoas inscritas no consulado.

3. Verificar se na lista de pessoas que retornaram ao Brasil, coincide com as pessoas inscritas no consulado ou prefeitura na Espanha.

4. Enviar essa informação ao Itamaraty e retirar do banco de dados do consulado.

3.3 - Contabilizar a quantidade de brasileiros que estão deixando ou retornando ao Brasil e identificá-lo no exterior em caso de problema:

1. Polícia

2. Morte

3. Saúde

4. Documentos perdidos ou desconhecimento do número de passaporte que causa dificuldade na hora de refazer um novo passaporte brasileiro.

5. O consulado deve enviar para o Itamaraty todos os dados de passaporte feitos no exterior.

Para o item nº 4, é importante que a Polícia Federal tenha os números dos passaportes emitidos na sua base de dados, independentemente do fato de ter caducado ou não. Este tipo de informação será vital para quem perde sua documentação no exterior ou para aqueles que simplesmente nunca pensaram em voltar para o Brasil e decidem voltar anos depois.

3.4 – Prever uma multa anual mínima para os brasileiros ou filho de brasileiros que vivam no exterior

a. filhos de brasileiros nascidos no exterior :

- No caso de não regularizarem sua situação no Brasil antes dos 20 anos.

b. Para os brasileiros que tenham viajado para o exterior após ter completado 20 anos

- No caso de não manterem seus documentos brasileiros em dias .

4. Trabalho

4.1 - Criar acordo entre o governo espanhol e brasileiro

- a) Facilitar as documentações para o empresário que queira empregar um trabalhador brasileiro residente na Espanha.
- b) Regularização de documentos para os brasileiros que possam ser contratados por uma empresa na Espanha sem necessidade de voltar ao Brasil.
- c) Contratação / autorização de trabalho para o brasileiro no estrangeiro (visto de residência para a família)

A complicação é tanta que muitos empresários desistem de levar adiante essa possibilidade.

4.2 - Maneira de buscar recursos para inserir os brasileiros no mercado de trabalho no exterior

- a) Recuperar uma porcentagem dos benefícios das empresas estrangeiras no Brasil e distribuir esses benefícios entre as entidades brasileiras que trabalham com imigrantes no país de origem dessas empresas que estão no Brasil.
- b) Estes recursos servirão para oferecer formação aos imigrantes que buscam oportunidades de trabalho.

5. Título Eleitoral

- No exterior é obrigatório o alistamento eleitoral, sobretudo para renovação de passaporte segundo o código eleitoral brasileiro. Se o eleitor cadastrado no exterior não votar nem justificar a ausência nas eleições, ele fica proibido de requerer qualquer documento perante a repartição diplomática a que estiver subordinado, enquanto não se justificar.

- No entanto, o alistamento eleitoral não está bem estruturado na Espanha. Além de não ocorrer permanentemente, é feito somente em Madri ou Barcelona, distantes das regiões periféricas da Espanha, onde se encontra grande parte dos brasileiros. Em Madri existem cerca de 40 000 “empadroados nas prefeituras e em torno de 1.500 estão cadastrados como eleitores nas suas cidades. A imensa maioria, portanto, está privada do direito ao voto.
- Por isto é importante a criação de acordo entre consulado e as associações brasileiras no exterior para beneficiar os brasileiros, identificá-los e quantificá-los.

5.1 - Para aumentar o número de brasileiros que se cadastram no consulado e possam votar nas eleições

- a) As pessoas que se inscrevessem dentro de uma associação automaticamente estariam inscritas no consulado brasileiro (com fichas de inscrição consular assinadas por seus associados).
- b) As associações espalhadas em território espanhol serviriam de ponto apoio para que os eleitores fossem até elas para voltar isso claro com funcionário capacitado consulado/embaixada para orientar-los no decorrer do dia de votação.
- c) As associações poderiam manter um fichero de seus associados atualizados a cada ano no computador e enviariam essa atualização ao consulado brasileiro no país.
- d) Para aqueles que estivessem inscritos diretamente no consulado, poderiam enviar seus votos por correspondência se vivessem em cidades distantes do consulado ou sem conhecimento de nenhuma associação próxima a seu domicilio.
- e) Os brasileiros que não tivessem feito a transferência de seu título de eleitor para o país onde reside e nem estivessem com o seu passaporte em dia (pagariam as taxas necessárias anteriormente ou neste dia) e poderiam

votar (uma forma de contabilizar e formalizar os documentos desses brasileiros).

- f) Ampliar o direito de voto dos brasileiros residentes no exterior, para que elejam parlamentares.

Hoje a possibilidade de apoio do consulado aos cidadãos brasileiros é de extrema precariedade, porque recebem cerca de 100• por pessoa ao mês destinados à estadia e alimentação por dois dias. No entanto, esse orçamento é raramente utilizado: o que se pode fazer com este orçamento?

5.2 - Como aplicar este dinheiro com o que restasse dele no final do ano?

- a) Distribuindo em quantidades iguais para as associações brasileiras existente no país independente do número de pessoas associadas a ela.
- b) Este dinheiro serviria para ajudar as associações na compra de materiais necessários para as inscrições consulares feitas por elas.

Acredito que essa mínima quantidade poderia servir de incentivo para que estas associações pudessem continuar este trabalho de colaboração.

6. Transferência de dinheiro

6.1 – incentivar o envio de dinheiro dos brasileiros no exterior para assegurar um eventual retorno?

- a) Proteção das poupanças do imigrante.
- b) Conta de poupanças abertas.
- c) Isenção de imposto no caso de já os terem pagado no país de residência.
- d) Isenção de imposto para manutenção de familiares no Brasil.

7. Carteira de motorista:

Outro problema que o brasileiro enfrenta é a impossibilidade de homologar na Espanha a sua carteira de habilitação, o que acaba sendo mais um entrave na busca por inserir-se no mercado de trabalho, posto que muitas vezes a pessoa não dispõe dos recursos necessários para a obtenção do correspondente documento espanhol.

O acordo “ carteira de habilitação foi assinado em setembro 2007 – aprovado em junho 2008 . Quando poderemos beneficiar desde acordo na Espanha?

8. Televisão – objeto de comunicação

O acesso às informações brasileiras para os emigrantes é atualmente possível via Internet, porém ao contrário de outros países, como Portugal e países francófonos, o Brasil não dispõe ainda de uma televisão gratuita no país de emigração. Tanto as redes Globo como Record exigem pagamentos, mesmo no caso de possuírem antena parabólica. Espera-se que um tipo de Televisão Brasil para Imigrantes possa sanar essa situação que priva alguns milhões de brasileiros do contato com este meio de comunicação com o Brasil.

9. Para os retidos na Alfandega

9.1 - Criar acordos entre a policia espanhola / consulado /ONGs brasileiras no exterior para possibilitar:

- a) Que as associações brasileiras na Espanha possam manter-los sob seus cuidados até o momento do seu retorno ao Brasil.
- b) Possibilitar que as ONGs lideradas por brasileiros possam ver-los e ajudá-los psicologicamente.
- c) Deixar que alguém ligado a esta pessoa possa contactar-lo ou vê-lo antes de seu regresso ao Brasil.

Capítulo III

NEBE Pretende Apoiar/Incentivar e Proporcionar Melhoras

1. Educação

Deverá ser abordada, no que se refere ao idioma e preservação da cultura brasileira. Uma atenção especial deverá ser dada ao sistema português, que garante um bom ensino do idioma, história, geografia, educação moral e cívica com professores formados e selecionados para lecionarem aos filhos dos brasileiros, crianças brasileiras adotadas por família de outra nacionalidade, fazendo convênio com as escolas locais para uso das salas de aulas uma ou duas vezes por semana ou durante o fim de semana.

2. Aposentadoria

Existe um acordo entre Brasil - Espanha . http://www.previdenciasocial.gov.br/pg_secundarias/previdencia_social_04_01.asp

2.1 – Como ajudar os idosos brasileiros no exterior ?

Utilizando ajuda de psicólogos ou voluntários dispostos a dedicar-lhes uma atenção mínima.

Ex: corte de cabelo, manicure, leitura, e acompanhar-lhes em seus passeios e todo auxílio de primeira necessidade.

3. Presos

Cerca de 300 brasileiros vivem nas prisões na comunidade de Madrid, geralmente presos por tráfico de drogas, corrupções, roubos etc.

a) Assistência psicológica.

- b) Advogados brasileiros ou lusófonos para acompanhar-los durante a sentença de seu processo.

3.1 – Hoje nas Prisões Espanholas Existem 700 Alunos que Cursam Universidades na UNED

- a) ACREDITA-SE 1.90% dos reclusos.

O objetivo é :

1. Ampliar os conhecimentos e as habilidades sociais dos presos;
2. Promover a cultura como elemento de educação, de integração e de liberdade;
3. Promover as relações entre os internos e os voluntários e convidados;
4. Servir de ponte entre a prisão e a sociedade.

4. Prostitutas/os

Centro de auxílio e proteção para as mulheres prostitutas.

- a) Escutar e analisar sua situação.
- b) Fazer prevenções e reinserção na vida laboral.
- c) Apoio e promoção pessoal para dar acesso a uma nova vida em melhores condições.
- d) Convidar para participar de atividades.
- e) Oferecimento de cursos de formação profissional.
- f) Estágios profissionalizantes remunerados.
- g) Integração no mercado de trabalho.

5. Para os sem tetos

Trinta mil pessoas dormem na rua a cada dia na Espanha. Como em todas as grandes cidades, Madrid se vê habitada por mais de mil de pessoas que não têm casa, uma cifra que chega até as 6.000 pessoas, segundo a Caritas. Mas em muitos casos o pior é a ausência de um teto o de uma cama.

A solidão, e falta de integração social e afetiva e a marginalização são algumas das conseqüências mais duras que sofrem os sem-teto. Muitas instituições, públicas e privadas, têm tratado de buscar soluções.

Existem serviços sociais como albergues, comedores o serviços sanitária em quantidade insuficiente na atenção.

- a) Pretendemos apoiar ou orientar-los na busca de um local onde dormir durante um determinado período.
- b) Onde encontrar locais que distribuam refeições grátis.
- c) orientação e integração no mercado de trabalho.

Capítulo IV

Serviços Permanentes do NEBE para os Brasileiros

1. Assistência médica psicológica por profissionais brasileiros ou encaminhamento para centros hospitalares especializados. (sempre acompanhado por um medico brasileiro).
2. Curso de espanhol , informática etc. – oferecendo este tipo de atividade ou direcionando para as diversas entidades ou empresas brasileiras e espanholas espalhadas pela comunidade de Madri.
3. Declaração anual de isento.
4. Desconto de tramitação de documentos através de empresas brasileiras existente na Espanha.
5. Desconto em traduções espanhol- português ou vice versa através de

- empresas brasileiras existente na Espanha.
6. Inscrição Consular
 7. Ajudar o brasileiro na formulação do curriculum vitae.
 8. Informação e apoio jurídico.
 9. Informação sobre : Direitos e deveres do cidadão brasileiro no exterior.
 10. Bolsas de emprego – proporcionando ou direcionando a outros setores.
 11. Educação : informando e direcionando aos devidos órgãos.

Capítulo V

Esta Asociación se Constituye por Tiempo Indefinido

Artículo 3º. - Fines:

La existencia de esta asociación tiene como fines:

El núcleo de entidades Brasil - España (NEBE), tiene como fines crear un espacio para las entidades, empresas y ciudadanos brasileños y otras nacionalidades en España.

Este espacio hará beneficiar a todos los brasileños y extranjeros que tienen proyectos o desean trabajar con el Brasil , entidades brasileñas y otras.

Este espacio también servirá para auxiliar las mujeres y hombres en riesgo de exclusión social, niños y adolescentes con dificultades en su entorno social y a todas las personas que sufrieron una ruptura con sus raíces y necesitan afirmación psicológica.

Un espacio donde los artista en dificultad financiera pueda utilizar para da seguimiento a su arte a través de curso para adultos, adolescente y niños.

El Núcleo de Entidades Brasil – España (NEBE) pretende apoyar y participar en proyectos sea en el ramo social, político, económico, profesional,cultural y humanitario.

Es un intento de reunir a los ciudadanos en torno al mismo interés, como fines proponer, promover y sobre todo concluir y consolidar la integración social y la inserción laboral de los brasileños y otras nacionalidades en la sociedad receptora.

Artículo 4º.- Actividades

Para el cumplimiento de estos fines se realizarán:

1. Las siguientes actividades:

- a) Reunir sus socios y amigos para charlas, coloquios, foro, seminarios etc.
- b) Ofrecer a través de la secretaria de ese núcleo, informaciones sobre otras entidades, servicios públicos y gubernamentales brasileños y de otras nacionalidades existentes en España.
- c) Organizar encuentros entre entidades de otras nacionalidades y brasileñas.
- d) Organizar foros de profesionales brasileños y otros profesionales independientes.
- e) Organizar encuentros entre las autoridades brasileñas existentes en España y sus ciudadanos.
- f) Crear cartillas con las direcciones de entidades, empresas y profesionales brasileños.

2. En las siguientes áreas:

- a) **Legal** – facilitando asesoría jurídica amplia y en todas las ramas del derecho, a los asociados y sus familiares y amigos.
- b) **Social** - Ofreciendo información en los temas empleo, estudios y recursos públicos y privados, socializan con la cultura e costumbre español.
- c) **Político** - intentar buscar acuerdos que sea favorable a los dos países (Brasil – España), para la integración de los ciudadanos español en Brasil y brasileños en España.
- d) **Económico** – contactar empresas brasileñas , españolas y extranjeras, que podrán auxiliar, asociarse o financiar proyectos brasileños.
- e) **Actividades Culturales** - Promocionando la cultura brasileña a través de distintas manifestaciones artísticas: danza, teatro, poesía, artes plásticas, música, literatura etc.
- f) **Humanitaria** - En situaciones de emergencia ayudando con productos de primera necesidad.

- g) **Psicológica** - Ofreciendo apoyo psicológico y promoviendo el bienestar en sus diferentes ámbitos, organizando encuentros, charlas, coloquios, fiestas conmemorativas y reuniones.
- h) **Sanitaria** - Informando cómo acceder a los Centros de Salud públicos así como concertar convenios con asociaciones especializadas en salud.
- i) **Inserción Laboral** - Promoviendo cursos de formación , cursillo en empresas para el acceso al mercado laboral. Estableciendo convenios con instituciones, organismos públicos e privados, crear una bolsa y cooperativa de empleo ayudarlos indicando direcciones donde podrá solicitar trabajo.
- j) **Recursos Humanos y adecuación de perfil laboral** - Asesorando en las solicitudes de subvenciones para promoción del auto empleo, ayudar y apoyar na elaboración de currículo vita e
- k) **Mediación Ínter-cultural** - Ofreciendo acompañamiento y seguimiento a nivel individual, grupal y comunitario. Organizando programas de integración, prevención, resolución y mediación de posibles conflictos.
- l) **Ocio y Deporte** - Incentivando y promoviendo la convivencia a través de actividades de ocio, deportes y tiempo libre.
- m) **Entidades** – Fomentar intercambio con entidades brasileñas, españolas y extranjeras (Escuelas, universidades, asociaciones, ONGs, etc.)
- n) **Adultos y Niños** – Trabajar o hacer proyectos que puedan beneficiar las mujeres y hombres que sean ancianos, adultos , adolescentes y niños, en España u en Brasil.

Cualquier otra actividad dirigida a cumplir los fines de la Entidad.

NEBE – NÚCLEO DE ENTIDADES BRASIL

<http://nebemadrid.wordpress.com>

email : nebe.madrid@gmail.com

edasilvacabioch@yahoo.com

PRESIIIDENTE

Edineia da Silva

00 34 91 492 77 00

00 34 654 473 673

COORDENADORA DO NÚCLEO PT MADRI

<http://www.pteuropa.blogspot.com/>

email : ptmadrid2007@yahoo.es

DIRETORIA DO NEBE

VICE PRESIDENTE – **Fernando Iglesias**

SECRETARIO – **Ricardo Perez**

TESOURERIA – **Alba Santos**

16.

AME - Asociación de Mujeres Emprendedoras Brasil-España



16.

AME – Asociación de Mujeres Emprendedoras Brasil-España

Madrid a 18 de mayo de 2008.

Estimados Senhores:

Somos uma Associação sem fins lucrativos e estamos trabalhando para a integração social da mulher (comunidade) brasileira na sociedade espanhola mediante a realização de várias atividades que formentam o encontro de culturas, a participação e o intercambio de experiencias entre as comunidades brasileiras, españolas e outras nacionalidades.

Nossas atividades se concentram nos desenvolvimentos de projetos que favoreçam os siguientes contingentes:

Ajudar às mulheres imigrantes ou não que contactem com a AME da seguinte maneira:

- Assessorar jurídicamente as consultas que nos cheguem em conjunto com o CEPI (Centro Hispano Centroamericano).
- Apoiar a empresas, empresarios que estejam começando e que necessitem nosso direcionamento de onde ir ,de que informação buscar e onde pode ter respostas para suas dúvidas.
- Favorecer Bolsa de trabalho.
- Propiciar Bolsa Aluguel.
- Formar profissionais em conjunto com o CEPI (Centro Hispano Centroamericano) com os cursos gratuitos de formação que possibilitam o CEPI e o INEM de Madrid assim como outras unidades de formação.

- Fomentar a cultura Brasileira na sociedade espanhola.
- Incentivar o ocio e a intercultural mediante charlas, coloquios, encuentros, almoços , merendas e jantares.

A AME pretende estar sempre realizando actividades que possibilitem a realização destes objetivos aquí apresentados de maneira destendida, interativa e com afã de crescimento qulitativo e integrador .

Fraternalmente,
Junta Directiva AME
asociacioname@gmail.com



17.

Associação Cultural “Nossa Senhora Aparecida -
Comunità Brasileira a Roma”





Associação Cultural “Nossa Senhora Aparecida - Comunità Brasiliana a Roma”

Leonardo Della Pasqua e Padre José Renato Vendruscolo, cs

Introdução

A Associação Cultural “*Nossa Senhora Aparecida – Comunità Brasiliana a Roma*” nasce oficialmente no dia 20 de abril de 2008, porém a história da sua gestação e criação tem origens há muitos anos. É impossível escrever e apresentar a associação sem mencionar e descrever a história da “*Comunidade Brasileira em Roma: Nossa Senhora Aparecida*”, uma comunidade católica que faz parte da *Missão Latino Americana de Roma*.

Portanto, este trabalho partirá da história da “*Comunidade Brasileira em Roma: Nossa Senhora Aparecida*” até chegar à criação da Associação Cultural “*Nossa Senhora Aparecida – Comunità Brasiliana a Roma*”. A semelhança dos nomes e membros que fazem parte desses grupos pode gerar confusão, mas com a leitura desse trabalho as diferenças irão ficar claras.

Apresentaremos a Comunidade, suas atividades e a preparação do grupo para o ***II Encontro de brasileiros e brasileiras no exterior***, realizado na Bélgica nos dias 30/11, 01 e 02/12 de 2007, com a presença de representantes de 11 países europeus e representantes do governo brasileiro.

Descreveremos a criação da Associação, seus objetivos, ideais e suas atividades. Apresentaremos a “*Pesquisa sobre a Realidade dos Brasileiros em Roma*”, o primeiro trabalho de tipo antropológico da Associação (ainda em fase de execução), realizado com a colaboração de diversos grupos de brasileiros em Roma. Comentaremos a criação do vídeo da associação e a idéia de utilizar a internet como meio de divulgação.

Por fim, encerraremos o nosso trabalho refletindo sobre os desafios futuros do nosso grupo em território italiano.

História da Comunidade Brasileira em Roma

Em 1981 um grupo de religiosos missionários começou a encontrar-se uma vez por mês na Igreja Santa Madalena em Roma. O objetivo desses encontros era celebrar a santa missa em língua portuguesa.

O grupo cresceu e surgiu a necessidade de partilhar com os imigrantes brasileiros, havendo um momento de oração e de encontro social no grupo. Os missionários Escalabrinianos tiveram a tarefa de coordenação deste espaço. Ajudados por outras pessoas, organizavam atividades religiosas, culturais, sociais, celebrando de maneira tradicional as festas da cultura brasileira.

Após 15 anos de vida pastoral, a comunidade ainda não possuía uma sede própria. A partir do mês de novembro de 1995, graças a disponibilidade da Paróquia de Santo Antônio dos Portugueses, a Comunidade Brasileira iniciou a encontrar-se semanalmente, numa atmosfera de irmandade, solidariedade e comunhão. No ano de 2004, a comunidade brasileira trocou de sede. Começou a organizar-se na Igreja Santa Maria della Luce, na via della Lungaretta 22/A – Trastevere – Roma.

No relacionamento comunitário respira-se um ar juvenil porque são muitos os jovens que chegam na Itália tentando encontrar melhores condições de vida. Desta maneira a comunidade tornou-se um importante ponto de referência para muitos brasileiros que chegam em Roma.

Quem é o brasileiro que chega ou procura a comunidade?

A partir da realidade observada no centro de atendimento latino-americano, constatamos que a maioria dos imigrantes que batem à nossa porta pedindo auxílio procura trabalho, comida e lugar para morar.

As mulheres geralmente procuram trabalho de doméstica, auxílio aos idosos e baby-sitter. Aspiram um trabalho fixo, de preferência dormindo no mesmo para evitar custos ulteriores de moradia. Esta situação favorece uma situação de exploração e semi-escravidão. Por este motivo, muitas mulheres preferem trabalhar por hora (ainda que

seja mais difícil encontrar trabalho por hora), devido a maior remuneração e liberdade pessoal deste tipo de trabalho.

A situação laboral dos homens é mais complicada. Quando encontram trabalho, geralmente é no setor da construção civil (ajudante de pedreiro, pintor, carregador), empregado doméstico, panfletagem e assistência a idosos. Frequentemente não são trabalhos estáveis e ocorre que ficam diversos dias sem trabalhar.

Na acolhida realizada ao imigrante, constata-se que a grande maioria das pessoas que vem para Itália está despreparada e mal-informada sobre a realidade italiana. No que se refere à informação, verifica-se que os imigrantes, na sua maioria, saem do Brasil com destino à Itália com pouco dinheiro e sem conhecimento mínimo das leis italianas. Crêem que será fácil conseguir trabalho, juntar dinheiro e adaptar-se.

No que se refere à formação, nota-se que uma grande parte dos imigrantes pensa que não precisam saber o idioma e mais, que não terá problemas com a língua local.

Na falta de formação e informação os imigrantes passam por um trauma diante da nova realidade cultural, hábitos, comida, jeitos e língua diferente.

Nesse trauma, muitos procuram a Igreja (centro de escuta). Quando chegam, estão desesperançados. A Igreja passa a ser vista como a única luz de esperança no final do túnel.

Na primeira acolhida, percebe-se que o imigrante encontra-se dolorido, traumatizado, sofrido, com fome e frio. Alguns brasileiros moram na rua, e até mesmo, dormem dentro de ônibus, metrô, devido ao medo de serem assaltados, mortos e deportados.

Comunidade Brasileira hoje

A maioria das atividades desenvolvidas pela Comunidade é ligada à igreja, já que se localiza dentro da casa da Missão Latino Americana. Neste espaço o grupo encontra-se para as missas, para almoços comunitários típicos, festas, passeios e para um exercício de fraternidade, onde poucos ficam sem ajuda.

Atualmente, a Comunidade encontra-se assim:

Um padre e um grupo de voluntários (distribuídos entre 1 padre que atende 2 horas por semana na segunda-feira a tarde, 1 diácono que atende na quarta-feira a tarde, 1 leiga que procura estar disponível todos os dias a tarde na medida do possível, 1 advogado no sábado a tarde, 1 advogada na quarta-feira de manhã). No que diz respeito à questão religiosa–pastoral, aos domingos, temos a colaboração de religiosos e religiosas que contribuem para a formação dos membros da comunidade.

O grande desafio é a acolhida, porque todos os dias chegam brasileiros (uma média de 5 ao dia) e existe uma carência de pessoas que falem o português e estejam disponíveis diariamente a atender aos que chegam.

Da acolhida faz parte:

- 1) Preenchimento de um cadastro;
- 2) Orientação sobre onde dormir, comer, hospitais à disposição quando necessário (serviços estes oferecidos pela Cáritas);
- 3) Inscrição em horário marcado para disponibilidade de trabalho (terças e quintas-feiras à tarde e sábados pela manhã);
- 4) Encaminhamento para assuntos específicos como cidadania, assistência social, permissão de estadia e declaração de presença no país e fluxo migratório;
- 5) Aulas gratuitas de italiano.

Da mesma forma que os imigrantes chegam, vão embora, porque após terem obtido ou não o que precisavam, a comunidade deixa de ser um “pronto-socorro” para eles. São poucos aqueles que continuam participando e fazendo parte do grupo.

Com o objetivo de mudar esta realidade, visando sanar as primeiras necessidades daqueles que chegam e dar a possibilidade de que o lugar onde se encontram os brasileiros seja um pedacinho do Brasil na Itália, um lugar para o encontro, para preservar a cultura, para fazer valer os direitos como cidadãos e exercer nossos deveres, expressar a nossa cidadania mesmo em terra estrangeira a comunidade começou a organizar-se para a criação de uma Associação.

A Igreja vê-se muitas vezes de mãos atadas, porque não há um espaço apropriado para poder fazer uma acolhida sistemática e organizada ao imigrante.

A preparação ao Encontro de Bruxelas

Nos dias 28 de Setembro e 25 de novembro de 2007, na Igreja N. S. Della Luce, a comunidade dos brasileiros em Roma, organizou dois encontros com o objetivo de discutir assuntos referentes aos Brasileiros que vivem no exterior, em preparação ao **Encontro de Bruxelas (II Encontro de brasileiros e brasileiras no exterior)**, organizados pelo *Instituto Migrações e Direitos Humanos* das Irmãs Escalabrinianas, numa parceria entre a Pastoral da Mobilidade Humana da CNBB e a Pastoral do Migrante.

Objetivos do Encontro de Bruxelas

- Verificar as dificuldades, os sofrimentos e críticas relatadas pelos imigrantes.
- Refletir sobre a remessa de dinheiro ao Brasil, que atinge a soma de U\$ 7.000.000.000,00, proveniente do trabalho de cerca de 5.000.000 de brasileiros que buscam meios de sobrevivência no exterior.
- A partir do encontro, fazer reivindicações perante o Governo brasileiro, visando por meio da diplomacia, solucionar alguns problemas dos imigrantes.

Foi distribuído um questionário preparatório para o **Encontro de Bruxelas**, com a realização de um debate. Os temas levantados pelos participantes foram:

1 - Problemas enfrentados em Roma:

- Moradia – **aluguéis elevados** e submissão a condições de exploração laboral, pela falta de documentos;

- A importância de aprender a falar a língua italiana. Há uma crença que com português se compreende o italiano, o que é falso. Muitas pessoas sofrem pelo fato de não saberem comunicar-se, conseqüentemente não sabem defender-se diante das dificuldades. Conhecer a língua é um elemento fundamental para a integração na cultura onde se vive. Quanto mais o tempo passa, o fato de não conhecer a língua favorece a exclusão. A pessoa gradualmente fecha-se em si mesma, excluindo-se da sociedade, começando a criticar a realidade do lugar onde está vivendo, idealizando o seu país de origem e “esquecendo” os reais motivos que a fizeram emigrar. **Quando se conhece a língua, as possibilidades de trabalho e inserção social são muito maiores. O problema da língua deveria ser discutido no Brasil;**
- **Falta de documentos**, que torna a pessoa muito vulnerável;
- **Falta de valorização profissional**, pois muitos brasileiros tem curso superior, mas a qualificação profissional não é reconhecida O brasileiro é bem aceito em Roma. Deve-se pensar em modos possíveis de intercâmbios bilaterais entre o Brasil e a Itália, procurando incentivar bolsas de estudo que possam dar oportunidades de ir até um país estrangeiro, com uma estrutura que dê a possibilidade de, enquanto está estudando, analisar a eventualidade de permanecer por um período de tempo superior no país;
- **Tráfico de pessoas** envolvendo muitos brasileiros, em especial modo em relação à prostituição. A imagem da mulher brasileira ligada à prostituição é um fato estimulado pelos meios de comunicação da Itália que noticiam este tipo de informação em modo excessivo;
- **O tipo de trabalho**: muitas pessoas tem um trabalho fixo de doméstica e/ou assistência a idosos e sentem-se obrigadas a **trabalhar 24h por dia**, recebendo pouco, sentindo-se exploradas, em situação de semi-escravidão;
- **Falta de integração na cultura italiana** e desconhecimento dos direitos como cidadãos;
- Muitas mulheres brasileiras casadas ou conviventes, são **maltratadas pelos maridos (italianos)**.

2 - As indicações por parte dos participantes em relação ao que poderia ser feito para solucionar os problemas levantados foram:

A. Pelas autoridades Locais

Neste ítem, as críticas dirigiram-se à algumas pessoas do Consulado Brasileiro em Roma, cujo atendimento não é considerado adequado e às vezes pouco respeitoso. Sugere-se:

- Que se faça um *encontro com os funcionários do Consulado e a “Comunidade Brasileira de Roma”,* a fim de poder melhorar o tratamento dispensado aos usuários;
- Que a comunidade forme uma *equipe mista* composta por: 1 pessoa paga a tempo integral – de preferência pelo Consulado – e pessoas voluntárias que dêem cerca de duas horas semanais, 2^a. 3^a. e 6^a. Das 16 às 18h, para o atendimento e acolhida dos que chegam.;
- Que haja um *guichê de informações para brasileiros residentes na Itália, com assessoria jurídica* que possa servir de ponte entre os imigrantes e os órgãos interessados na imigração;
- Desenvolver um *grupo de voluntários* que seja capaz de auxiliar o Consulado, a comunidade dos brasileiros e os imigrantes. Um grupo autônomo que permita a rotatividade dos voluntários no trabalho de informação e apoio ao imigrante.

B. Pelas autoridades no Brasil

- *Trabalho de conscientização nacional sobre as dificuldades que enfrentam os imigrantes,* pois há muita propaganda enganosa, que apresenta pessoas que têm muito sucesso no exterior, desconsiderando as situações de exclusão social, de exploração e semi-escravidão de muitos imigrantes;

- Que as agências de viagens sejam obrigadas a dar informações, fornecendo um manual já elaborado sobre o assunto.

3 - Problemas enfrentados pelos imigrantes brasileiros em relação ao Brasil

- Desemprego, baixos salários, dívidas;
- Dificuldade de reinserção social para os que estão fora do mercado de trabalho;
- Dificuldade de encontrar trabalho, especialmente para os homens;
- Divisão familiar – muitos e muitas deixam cônjuges e filhos no Brasil;
- Saudade.

4 - Sugestão de formação de uma Equipe Mista

Todos os participantes manifestaram interesse em apresentar demandas ao Executivo e Legislativo Brasileiros a partir do Encontro de Bruxelas. Para esta participação sugere-se a formação de Equipe Mista:

- **No Brasil** - CNBB e Governo
- **Em Roma** - Comunidade dos brasileiros em Roma e Consulado.

5 - Em relação às remessas de dinheiro para o Brasil:

- A. São difíceis, pois as taxas são elevadas;
- B. Sugere-se o aprimoramento a respeito da informação sobre as cotações do Real e a diminuição das taxas para o envio de dinheiro.

6 - Percebe-se a utilidade e importância da construção de uma rede entre entidades e/ou grupos de brasileiros na Europa, porém:

- Deve ser de forma organizada para se ter credibilidade;
- É necessário a interação entre os vários grupos de brasileiros na Itália, pois cada grupo trabalha sozinho, sem a participação dos demais;
- Necessita-se de uma pessoa remunerada, que coordene um grupo de voluntários, com conhecimento sobre as leis internacionais de imigração;
- Organizar um grupo para o conhecimento das necessidades e interesses dos imigrantes, a fim poder articular a demanda de políticas públicas em favor dos brasileiros imigrados, junto às autoridades competentes.

Muitas questões discutidas em Roma encontraram ressonância no **II Encontro de brasileiros e brasileiras no exterior** e fizeram parte das discussões que geraram o **Documento de Bruxelas** e a criação da **Rede dos brasileiros e brasileiras no exterior**. A *“Comunidade Brasileira em Roma: Nossa Senhora Aparecida”* foi a única instituição brasileira do território italiano presente no encontro.

A Associação “Nossa Senhora Aparecida- Comunità Brasiliana a Roma”

Em Fevereiro de 2008, a Ministra e Conselheira do Consulado do Brasil em Roma Irene Vida Gala, favoreceu o contato da Comunidade com a psicóloga brasileira Amaranta Mathias Fernandes, membro da associação *“Nodi – Nostri Diritti”* (uma associação que trabalha pelos direitos das mulheres imigradas) e Rossano Salvatore, vice-presidente da *“Comunità Internazionale di Capodarco”* de Roma (uma ONG que atua com serviço de voluntariado no Brasil através do *“Projeto Luar”* na baixada fluminense). Após um primeiro contato, organizou-se uma série de reuniões na Comunidade para a criação do Estatuto e a constituição oficial da Associação.

No dia 20 de abril de 2008 a Associação Cultural *“Nossa Senhora Aparecida – Comunità Brasiliana a Roma”* foi oficialmente fundada. A associação é uma instituição

sem fins de lucro, que opera no território italiano e brasileiro com a missão de elaborar, promover e realizar projetos de solidariedade social, como a atuação de iniciativas sanitárias, sócio-sanitárias, sócio-educativas e culturais que visem favorecer a integração social dos imigrantes brasileiros na Itália e a troca cultural entre os dois países.

Algumas propostas de trabalho da associação:

- Auxiliar os brasileiros presentes na Itália oferecendo informações, orientação profissional e social, apoio psicológico e assistência legal;
- Visitar e orientar os brasileiros nos cárceres italianos, nos hospitais, nas casas famílias e nos centros-antiviolença;
- Formação de operadores sociais para o trabalho no setor público e privado;
- Organização de uma rede de ajuda com instituições públicas e outras associações;
- Facilitar a inserção social dos brasileiros na Itália, favorecendo o conhecimento da cultura brasileira na Itália;
- Elaboração de projetos que favoreçam a integração escolástica dos menores brasileiros na Itália.

A partir da sua criação, a associação já iniciou o seu trabalho de divulgação e de iniciativas culturais, previstas pelo estatuto e compartilhadas pelos membros. Em maio a associação participou da **Festa dei Popoli**, uma festa organizada pelos missionários Escalabrinianos de Roma. Nessa festa, todas as comunidades estrangeiras em Roma reúnem-se na frente da Igreja San Giovanni in Laterano para apresentar a própria cultura e interagir com outras comunidades de imigrantes do território. É um evento histórico, freqüentado por imigrantes e italianos.

Nessa ocasião, a nossa presidente Neide Zanete subiu no palco do evento e apresentou a Associação a todos os presentes, sendo recebida com um caloroso aplauso.

Neste mesmo evento, iniciou-se a **Pesquisa sobre a realidade dos brasileiros em Roma**, o primeiro projeto de tipo antropológico da Associação, que visa identificar o perfil e as condições de vida dos brasileiros que vivem em solo romano. Essa pesquisa,

ainda em fase de execução, conta com a contribuição de várias instituições brasileiras que atuam em Roma e cederam os próprios espaços para a realização da mesma. Futuramente os dados serão avaliados e publicados em português e italiano, no Brasil e na Itália.

A Associação Cultural “*Nossa Senhora Aparecida – Comunità Brasiliana a Roma*”, sabendo da importância de divulgar as suas atividades criou um vídeo explicativo, que mostra a criação da associação e explica seus objetivos e projetos. Este vídeo foi produzido pela associação e publicado no site de compartilhamento de vídeos *Youtube* (http://br.youtube.com/watch?v=IM0g3_3l6C0). A ideia de utilizar a internet como meio de divulgação é fundamental para uma associação que pretende atuar seja no território italiano que brasileiro e o *Youtube*, com a facilidade de acesso e publicação, é uma boa ferramenta para a divulgação da associação e de seus projetos.

Projetos futuros da Associação

O caminho percorrido pela associação está somente no início. Muitos obstáculos e desafios deverão ser enfrentados, porém o grupo possui uma ideia clara de quais são os próximos objetivos a serem alcançados.

São eles:

- Individuação de uma sede para que a Associação possa trabalhar sem depender *exclusivamente* dos espaços da Igreja;
- Criação de um site, que sirva como ferramenta importante de comunicação e divulgação da associação;
- Criação de uma “Casa de Acolhida” do imigrante, um lugar onde o brasileiro em Roma possa dormir, lavar-se, alimentar-se, vivenciar a cultura de origem e planejar a sua inserção na nova realidade sócio-cultural.

A principal diferença entre a Comunidade e a Associação é o aspecto religioso. Enquanto a Comunidade ocupa-se principalmente de questões pastorais e

religiosas, a Associação vai além dessas questões, focalizando-se em aspectos sociais, assistenciais, psicológicos e legais.

A demanda dos imigrantes cresceu nos últimos anos e sentiu-se a necessidade de criar uma estrutura que pudesse empenhar-se em todos os aspectos da imigração. Na Comunidade não era possível trabalhar essas questões, que vinham encaminhadas a pessoas externas presentes no território.

A Associação nasce com a intenção de ocupar-se dos aspectos globais que envolvem a vida do imigrante brasileiro, trabalhando-os no seu interno, mantendo o espírito de voluntariado e comprometimento social que sempre caracterizou a Comunidade Brasileira.

Como fazer parte da associação?

Podem aderir a Associação pessoas físicas e jurídicas, entidades públicas e privadas que compartilhem do Estatuto e dos ideais da Associação e que pretendam participar e colaborar dos seus objetivos, auxiliando no seu desenvolvimento e aceitando as suas finalidades.

Para contatar a associação mande um e-mail a: comunitabr@gmail.com ou ligue para (+39) **345 439 0191**.

Associação Cultural

**“Nossa Senhora Aparecida –
Comunità Brasiliana a Roma”**

Presidente - Neide Zanete

Vice-presidente - Inês Terezinha Manfrin Corbari

Tesoureiro - Amilton Gomes de Araujo

Vice tesoureiro - Ândrela Maria Gnata Coppola

18.

A Comunidade Brasileira na Holanda



Inrodução

Este documento visa expor informações sobre a comunidade brasileira nos Países Baixos de acordo com orientação da repartição consular dos Países Baixos em carta convite para a participação no primeiro Seminário Das Comunidades Brasileiras No Exterior promovido pelo Ministério das Relações Exteriores. Pelo objetivo proposto na tal carta que apresenta limitação para grandes relatos escolhi aleatoriamente alguns assuntos sem pretensão alguma a não ser atender à sabia proposta que, se for atendida por cada representante, nos permitirá conhecer melhor os diferentes contextos nos quais vivem os que fazem parte da chamada diáspora brasileira.

Levando em conta minha experiência de 11 anos e meio residindo nos Países Baixos passo a considerar sucintamente alguns pontos que julgo serem relevantes e elucidativos ou ao menos fomentadores de questões que viabilizarão o bom intercâmbio aos que participarem do Seminário acima citado.

Vale, em princípio, citar que vejo tal evento como uma resposta a uma iniciativa dos estrangeiros de discutirem os assuntos pertinentes ao seu contexto como estrangeiros, não apenas na esfera neerlandesa. Tal iniciativa historicamente documentada gerou dois documentos de importância fundamental para a compreensão do fenômeno de emigração brasileira de uma forma global, partindo do ponto de vista de que se conhece um povo, entre outras coisas, quando este expressa suas necessidades. Os documentos referidos são o Documento de Lisboa datado de 11 de Maio de 2002 e o Documento de Bruxelas datado a partir do encerramento daquele encontro no dia 2 de Dezembro de 2007.

Nestes documentos contemplamos tópicos que apontam as características dos brasileiros dispersos tais como: A postura do Estado Brasileiro ante os brasileiros e

brasileiras no exterior em face às reivindicações diretas tais como a realização de encontros periódicos com representantes da rede de brasileiros e brasileiras iniciada a partir dos encontros realizados e do Ministério das Relações Exteriores para discutir as reivindicações das Brasileiras e Brasileiros no exterior e a criação de mecanismos de acompanhamento e cobrança das propostas apresentadas em defesa das cidadãs e cidadãos no exterior; (Como já disse tal reivindicação encontra resposta na realização deste seminário) a reivindicação de celebração de acordos para a redução dos custos e simplificação dos trâmites de legalização de documentos nos consulados brasileiros; bem como uma política permanente do Estado Brasileiro em defesa dos direitos fundamentais das cidadãs e cidadãos em situação irregular; a criação de uma comissão de representantes do Governo que se ocupe da consulta às comunidades brasileiras no exterior e na preparação das negociações entre o Brasil e os países receptores, em especial, às comunidades brasileiras na Europa, nessa matéria; elaboração de acordos multilaterais e bilaterais em matéria de políticas públicas relacionadas a trabalho, educação - ensino profissional e superior, cultura, saúde e seguridade social, e outras reivindicações no campo da educação e cultura, funcionamento dos consulados, seguridade social e financeira, figuram nestes documentos como elementos fundamentais de identificação do brasileiro no exterior e isto não exclui, exceto as exceções que insistem em coadjuvar com as regras, a Holanda.

Passo porém a listar experiências locais que podem de forma específica trazer um esboço da imigração brasileira na Holanda.

Um Misto de Estatísticas, Comentários e Experiências

De acordo com algumas matérias da Agência Brasil - EBC - Empresa Brasil de Comunicação, publicadas recentemente colhemos dados interessantes que subsidiam o início da formação do perfil do brasileiro nos países baixos. Vejamos alguns trechos:

“Mais de 17 mil brasileiros vivem hoje na Holanda, segundo dados da Embaixada Brasileira no país. Em dezembro do ano passado, pelo menos 2.600 estavam em situação ilegal no país, mas a maioria, cerca de 14.800, estava em situação

legal. São homens e mulheres que trocaram o Brasil pelo país do noroeste europeu, alguns de forma temporária outros nem tanto, em busca de estudos, melhores oportunidades ou mesmo por motivos familiares.”

Tais informações carecem de um comentário empírico, posto que o que se encontra nas ruas da pequena Amsterdã, por exemplo, aponta para um contingente de cidadãos brasileiros não documentados bem maior do que se apresenta nesta matéria. Aqui cito um dos capítulos do livro “Batalha em Sodoma Vitoria em Gomorra” de minha autoria onde trato dos fatores que compõem as “batalhas” travadas por mim durante os anos que tenho vivido nesta terra. Me refiro ao que chamo no livro de “O Fator Brasil e o meio do caminho” onde relato o seguinte:

“Pelas minhas origens e mesmo pelo chamado específico para pregar o evangelho aos falantes da língua portuguesa espalhados pelo mundo, posso falar dos brasileiros como um exemplo significativo de uma dura realidade. O sonho de ganhar dólares nos Estados Unidos da América se tornou inviável pelas dificuldades de se obter um visto, tendo em vista o grande fluxo de brasileiros que imigraram para lá.

A região chamada de Nova Inglaterra, onde fica a cidade de Boston, no estado de Massachusetts, está repleta de brasileiros. Sem falar de New Jersey, New York, Flórida e outras regiões. Costumo chacotear dizendo que há tanto brasileiro, a ponto de, em alguns lugares, a palavra “help” ter perdido o lugar para socorro e o “why” se confundir com o “uai” próprio das Minas Gerais, um dos estados do Brasil que mais enviou imigrantes para a América.

Com a dificuldade de obtenção do visto para os Estados Unidos, a atenção dos “Brasucas” ficou voltada para outra Inglaterra, a velha, já que para irem para lá não se exige, ainda, nenhum visto prévio. O que não se sabe é que os tais vistos são concedidos, ou não, bem na entrada do país. O que fica para trás são as dívidas comuns dos que partem nessa aventura, tais como passagens com pagamento parcelado, empenho de bens e outras armadilhas. Os desesperançados, diante de uma negativa irreversível,

enfrentam a humilhação de ficarem detidos em celas próprias a criminosos, até serem deportados, ou diretamente para o Brasil ou para o último país de escala.

Comumente os agentes de turismo orientam seus clientes que façam tais escalas em outros países da Europa, para não aumentar o prejuízo e vergonha de ter que voltar pra casa sem o sucesso que se esperava, em caso de uma negativa. Um dos países preferidos nessas estratégicas trajetórias é a Holanda, pois recebe todos os povos. Isso é o que chamo de o “Fator Brasil e meio do caminho”. Prefiro não entrar no mérito dessa questão, nos detalhes da situação econômica do Brasil, já que é algo que diz respeito às batalhas que se passam do lado sul ocidental do globo, uma das porções do chamado terceiro mundo. Mas apesar de o assunto ser a batalha travada na Holanda, não poderia deixar de falar nesse fator.

Observo pelo ângulo de filho de uma nação que tem sido o palco de injustiças sociais, de miséria premeditada, de política suja, corrupção e violência. É o terrível contraste com uma terra fértil, de um povo inteligente, alegre e capaz.

Um povo privilegiado pela paz e contemplado pela ausência de catástrofes naturais como terremotos, tornados, erupções vulcânicas e coisas do tipo. O fato de a economia de um país como o Brasil se mostrar fraca o suficiente para trazer privações de trabalho e sobrevivência aos seus jovens cheios de sonhos pode despertar desde as mais simples frustrações até a criminalidade. Também pode provocar da improdutividade e apatia até a ilusão da fuga para outra terra mais próspera, mesmo que custe uma fortuna.

É aqui que posso fazer uma relação clara desses fatos com a batalha que se trava em Amsterdã. As pessoas, em sua maioria, chegam totalmente falidas, endividadas e humilhadas. Conseqüentemente tornam-se pessoas agressivas, desconfiadas e mentirosas. Muitas vezes tal comportamento começou lá, na sua cidade natal, com o rompimento dos padrões morais e de honestidade seguido do inevitável e conseqüente envolvimento no mundo do crime.

Algumas pessoas se prostituem, outros trazem droga na bagagem e até mesmo no estômago, com o objetivo de ganhar alguns Euros, como aconteceu num caso que acompanhei na prisão de Alpha a/d Rijn, perto de Amsterdã. Um dos chamados “mulas” perdeu parte do estômago e rins, quando as bolinhas de cocaína explodiram lá dentro. O outro amargava longos quinze meses de prisão por ter acreditado no que chamo de

“verdade mentirosa”, pois, paradoxalmente, consumir maconha é permitido, mas traficar, não. As plantações de maconha são regulamentadas e controladas, para abastecer os “Coffee Shops”, porém, não é permitido trazer qualquer tipo de droga para a Holanda, como muitos dizem.

Faremos mais adiante uma abordagem breve sobre esse assunto. Enfim, a batalha se torna pesada quando aqueles que estão longe da família, mordem uma “isca para peixe fora d’água”. Fora do seu país, longe dos limites morais, sem satisfações a dar, entregam-se a uma vida que jamais admitiriam no seu país. É uma verdadeira batalha levar tais pessoas a Cristo, pois estão dispostas a matar e pisar, às vezes são quase mortas e muitas vezes pisadas, tendo que viver na clandestinidade, sem direitos, sempre assustados, incapacitados de falar a língua, explorados e passados para trás muitas vezes pelos próprios patrícios. Como já disse, uma dura realidade. “

Considerando que tais linhas foram escritas ao longo dos dois anos que antecederam a publicação da obra em 2006, ressalvo as mudanças contextuais com respeito a situação econômica do Brasil e algumas catástrofes naturais outrora nunca registradas no Brasil, mas que agora entram nas terras onde entre as palmeiras canta o sabiá, sob a força das mudanças climáticas de caráter global. No entanto endosso os demais contextos aqui citados a fim de que minha perspectiva prática acerca da ilegalidade não seja considerada utópica.

Em outro trecho desta obra cito mais explicitamente a realidade da ilegalidade abordando os conflitos vividos pelos brasileiros que vivem em colônias, casas compartilhadas e subalugadas, sofrendo as penas da enrijecida política imigratória que ao contrario do Reino Unido abre as portas para a entrada e fecha as janelas das estruturas sociais dificultando a permanência dos não documentados.

No que diz respeito aos números de cidadãos brasileiros legais no país, traça-se um perfil que encontra na fidedignidade das estatísticas acima apresentadas outras necessidades, tais como a facilitação de transferência de dinheiro, os projetos culturais e educacionais que atendem quem veio pra ficar, adquiriu este direito de alguma forma, sem querer cortar os vínculos com suas caudalosas raízes.

No entanto, através de parte de outra pequena matéria da Agência Brasil - EBC - Empresa Brasil de Comunicação encontramos outra informação interessante:

“Voltar para o Brasil é o sonho de grande parte dos brasileiros que vivem em Haia, na Holanda, segundo relatos dos próprios imigrantes. Mas para retornar, dizem eles, é preciso que seu país de origem ofereça duas garantias que a Holanda já fornece: segurança e boas oportunidades.”

Isto remonta o conhecido quadro que retrata, através dos que aqui conseguem ficar, que estes se prendem pela estrutura da seguridade social e pelo mercado de trabalho. Esta estrutura mesmo restrita aos documentados, sobeja migalhas e fatias que saciam a muitos na clandestinidade.

Outro quadro que aleatoriamente escolho para figurar aqui é o da conhecida permissividade ou licenciosidade neerlandesa e suas implicações na vida do brasileiro. Acrescendo como anteriormente parte do meu relato publicado em 2006, num dos subtítulos da obra intitulado “Os Presídios e as Drogas” :

“Num paradoxo entre o permitido e o proibido, conheci, nas minhas freqüentes visitas aos presídios da Holanda, muitos que lá estavam por pensarem que podiam trazer droga para o país onde “a droga é liberada”. Como já relatei, os estabelecimentos que vendem a chamada droga leve recebem licença para tal. No entanto ninguém tem licença para traficar, e ali encontrei muitos que, na sua simplicidade, trouxeram droga embrulhada em papel de presente e ao serem interrogados, responderam sorrindo e orgulhosos que estavam trazendo maconha de presente. O sorriso se foi ao receberem imediatamente pulseiras apertadas de metal conhecidas vulgarmente como algemas. Outros, julgando-se mais espertos e sabendo dos limites entre o permitido e o proibido, escolheram trazer droga no estômago, entre os órgãos genitais ou mesmo no canal do reto. O pior é que isso quase lhes custou a vida e a outros, o afastamento por anos de todos seus os familiares. Alguns deles, com vergonha, não comunicavam nem às autoridades brasileiras (Consulado ou Embaixada) nem às suas famílias no Brasil. Não foram poucas as vezes que eu encontrei reclusos que eram tidos como mortos pelos familiares no Brasil.

Inicialmente não é possível o acesso aos presos por causa da lei da privacidade na Holanda e então só se toma conhecimento quando a própria pessoa toma a iniciativa de comunicar. Foi nesta área que o Senhor nos deu uma grande vitória, pois conhecemos uma missão holandesa ligada a Europe Christian Mission que fazia visita nos presídios através dos padres ou pastores responsáveis, levando literatura, música cristã e apoio espiritual. Nós nos filiamos a essa missão e formamos um grupo de samba para levar naquelas visitas. Ali descobrimos muitos brasileiros, portugueses, colombianos e de muitas outras nacionalidades que abriram o coração para o Senhor Jesus, alcançando a libertação, ainda que atrás das grades. Alguns deles já repatriados enviaram fotos juntamente com a família e foram novamente reintegrados na sociedade. O engano do enriquecimento fácil tem atraído muitos desesperados, mas até mesmo circunstâncias como essas podem ser um veículo para que tais pessoas conheçam Aquele a quem realmente devem se prender.”

Conclusão

Pretendendo apresentar algo e não tudo, de acordo com a própria limitação imposta na solicitação de redação deste documento, encerro aqui, considerando que as abordagens acima feitas fazem parte do meu limitado ponto de vista. Certo estou que muitos representantes da comunidade brasileira nos países baixos poderiam enriquecer este relato com suas experiências na área cultural, jornalística, dentre outras, posto que temos representados nas terras abaixo do nível do mar, um alto nível de musicalidade com o melhor do tom brasileiro, um nível elevado de jornalismo com a descontração e criatividade bem próprias dos verdes campos, o que na verdade tem sido o grande instrumento de alívio dos choques culturais naturais de quem deixa a terra natal. Penso que os Holandeses nos recebem pela nossa cultura, mesmo que suas estruturas políticas não permitam a todos alcançar o status de residentes legais.

Esperamos que neste Seminário possamos dar curso às nossas boas intenções de fortalecer aquele que longe da sua terra permanece bem perto dela sempre.

Como representante da comunidade brasileira nos Países Baixos e na companhia do representante diplomático destacado para este posto, espero levar questões relevantes, com vistas a melhorar o atendimento dos cidadãos estabelecidos neste país e viabilizar a chegada das providências que venham a ser tomadas a partir deste seminário em prol dos não documentados que vivem ou passam por aqui aos milhares.

Vejo, por fim, ser necessário citar que o trabalho da repartição consular estabelecida em Roterdã tem sido revolucionaria em termos de qualidade na prestação dos serviços e eliminação de problemas que sempre afastaram os cidadãos daquele órgão, no entanto não se observa a mesma eficiência no que diz respeito ao Consulado Honorário estabelecido em Amsterdã, lugar de maior concentração de brasileiros, que figura na lista telefônica como Consulado do Brasil em Amsterdã, mas não se deixa figurar na vida e necessidades práticas e diárias dos que os contatam diariamente.

Como parceiro do Consulado em Roterdã, no que diz respeito a assistência consular, tenho visto muita boa vontade da parte dos que o dirigem, contudo penso que pelo numero de brasileiros residentes no país em diferentes regiões, bem como pela maior concentração deles na região de Amsterdã, isto considerando apenas as estatísticas e não meu comentário no terceiro parágrafo da segunda página deste documento, seria necessário a criação de consulados honorários nas tais regiões, como um proposta de efetivação do Consulado Honorário em Amsterdã no mínimo com um atendimento em português.

Esperando ter apresentado subsídios para o cumprimento do que proposto foi e será, encerro aqui agradecido e honrado pela oportunidade de representar a comunidade de brasileiros nos países baixos desta forma.

19.

Relatório sobre a Comunidade Brasileira no Reino Unido



1. Informações Gerais sobre a organização

A ABRAS – Associação Brasileira no Reino Unido é uma companhia limitada por garantias, sem fins lucrativos, registrada e incorporada na Inglaterra sob nº 05838070 em 6 de junho de 2006, que presta serviços de assistência geral à comunidade brasileira no Reino Unido, em especial a de Londres. Foi inaugurada e aberta ao público em 24 de julho de 2006.

A sede da organização está localizada em Londres no *Council de Brent*, área de maior incidência de brasileiros em Londres e conta hoje com mais de 2000 associados. Ela foi fundada por iniciativa de brasileiros e atende qualquer caso para brasileiros e alguns outros migrantes ibero-americanos para casos de emergência. Possui um estatuto em vigor, além de um regimento interno constantemente atualizado e se adequando às necessidades de seu bom andamento e progresso.

A ABRAS trabalha em conjunto com o Consulado na área de assistência a brasileiros. O principal objetivo da associação é prestar serviços de orientação à comunidade e aos que pretendem migrar para o Reino Unido, tentando assim garantir o bem-estar geral dos imigrantes brasileiros. Incluem-se aqui assistências jurídica, psicológica e social. Além disso, serviços de traduções; intérpretes; auxílio com acomodações, escolas e trabalho; convênios com bancos, médicos e dentistas; auxílio no preenchimento de formulários complementam os principais serviços da agenda diária. Uma linha de emergência presta plantão 24 horas e trata de casos de prisão, acidentes, falecimentos e imigração.

A ABRAS mantém relacionamento próximo com as autoridades britânicas para buscar soluções simples e integração da comunidade com órgãos que a proteja, sempre em benefício da população brasileira, mas com a devida cautela a fim de garantir

nossa neutralidade. Essa neutralidade é também garantida pelo nosso estatuto anti-discriminação, sem vínculos político-religiosos.

2. Visão Geral sobre a Comunidade Brasileira no Reino Unido

Nos últimos anos a nossa comunidade cresceu acentuadamente no País, em especial na capital inglesa. Os fatores que levaram a isso são: força da moeda britânica; dificuldades imigratórias em outros países, principalmente os EUA; discriminação sofrida em outros países, como por exemplo em Portugal e Espanha e crises econômicas não tão sentidas no Reino Unido.

Mais recentemente a defasagem cambial e a melhora na economia do Brasil contribuíram para o retorno de alguns imigrantes, porém o fluxo de migrantes vindo para o Reino Unido ainda é superior ao dos que decidem retornar. A alta do Real, na realidade, causou uma jornada de trabalho mais longa de nossa comunidade, que compensa a defasagem para manter o mesmo nível de remessas seja para poupança, seja para ajudar familiares no Brasil. Nota-se também que há interesse particular em compra de imóveis no Brasil.

Os brasileiros que migram para o Reino Unido têm, em geral, objetivos claros a serem alcançados e definem como um prazo de dois anos como pretensão de permanência no País. Por observação de nossa organização, nota-se que este prazo inicial se estende por mais dois anos.

Nos recentes anos também, notou-se queda da qualificação dos novos migrantes, o que gera uma mão de obra necessária e bem absorvida no País até o presente. Mesmo com a abertura da Europa a países do Leste Europeu, a mão de obra brasileira é bem aceita no mercado de trabalho e satisfaz empregadores devido à sua dedicação, eficiência, eficácia e higiene.

Os principais problemas enfrentados pela nossa comunidade se concentram na falta de documentação imigratória, barreira da língua, informalidade e integração não só com os britânicos, mas também com os compatriotas.

Os recém-chegados são as principais vítimas da falta de informação, outro grave problema que afeta a comunidade aqui presente.

3. Dificuldades e metas de nossa organização

Como a ABRAS se criou da iniciativa de brasileiros voluntários e ajuda de indivíduos que acreditaram no projeto colocou-se em prática uma política de caminharmos com os próprios recursos sem contar com ajudas financeiras na fase inicial. Era importante que a comunidade a mantivesse e entendesse a importância do associativismo.

O projeto original da ABRAS é bastante ambicioso. Estamos em uma segunda fase dele, já com uma sede de uso exclusivo, diferente da primeira que era uma sala de 2,5 x 3 metros. O crescimento da organização se deu exatamente, como desejado, pelo grande número de adesões de brasileiros. Com alguma colaboração da mídia brasileira local, nossa principal propaganda foi garantida pelos próprios usuários que nos recomendam aos amigos e parentes. Isso persiste até o presente.

Estamos ainda para entrar em nossa terceira fase de crescimento e criar um espaço de convívio e integração (se possível em forma de um 'Café'), uma biblioteca, um centro médico / dentário e espaço para eventos. Em uma quarta fase planejamos uma creche.

Devido às prioridades do governo britânico terem-se voltado em projetos que diferem do social, até o momento, a ABRAS não se registrou oficialmente como 'charity' e não o fará enquanto não houver justificativa financeira para tal. O processo é extremamente burocrático e caro e os recentes cortes do governo aos projetos socioculturais são fatores de desmotivação para perseguirmos esse objetivo.

A ABRAS, portanto, não conta com recursos nem do governo britânico e nem tampouco do brasileiro. Desta forma não temos como propagar em massa a existência de nossos serviços. À medida que apenas praticamos o bem e sempre perante à lei, espera-se que no futuro próximo, principalmente o governo brasileiro passe a incentivar a organização além do apoio moral e institucional que sempre existiram.

A entrada de recursos também gerará a possibilidade de profissionalização da ABRAS e transformar alguns voluntários em empregados, ação necessária para garantir a trajetória do crescimento.

4. O Brasil em Londres e no Reino Unido

Diferentemente de outros países, nossa comunidade é bem aceita no País pelos nativos face aos pontos de interesse comum de modo amplo (raça, religião); de modo típico como o comércio de produtos importados do Brasil e restaurantes; e o futebol. Além disso, a comunidade brasileira é tida como pacífica e ordeira, além de competente profissionalmente em diversas áreas de atuação.

As principais áreas de atuação de brasileiros no País são: estudos, serviços domésticos, 'couriers' (motoqueiros e motoristas), trabalhadores na construção e reformas, trabalhadores em restaurantes e pequenos e médios empresários, incluindo-se autônomos.

Como consideramos a desinformação uma das maiores inimigas do imigrante brasileiro, a mídia brasileira presente presta serviço essencial para a comunidade. Hoje há uma grande variedade de publicações mensais e semanais que agradam os mais diversos níveis sociais e estilos de vida.

Nossa comunidade em geral não se integra com os britânicos, não só pela barreira linguística, mas também pela falta de tempo devido ao excesso de trabalho. Mesmo entre brasileiros a desintegração é demasiada e o combate a isso é um dos objetivos também de nossa organização. Um dos locais de integração que não deve ser ignorado são as igrejas, frequentadas em grande número pelos brasileiros. Estima-se que metade da população de Londres atenda regularmente missas e cultos.

Organizações formais e informais passaram a ser criadas nos últimos anos, especialmente com o crescimento da população brasileira no País. Sejam de caráter religioso, educacional, social, cultural, político e assistencial, estas se constituem em verdadeiros pontos de apoio para a nossa comunidade e passam a atendê-la não só em Londres, mas como em outras cidades da Inglaterra, além de Escócia e País de Gales. Não temos conhecimento de organizações na Irlanda do Norte.

Como o Reino Unido não controla a saída em suas fronteiras é impossível determinar a quantidade de brasileiros que vivem hoje no País. Alguns estudos apontam para números subestimados, pois baseiam-se em camadas muito específicas da comunidade. O grande número de brasileiros com dupla cidadania também dificultam essa contagem.

5. Os serviços prestados pela ABRAS

- Aconselhamento jurídico
- Aconselhamento psicológico
- Traduções Juramentadas* e Intérpretes – Reembolso de transporte cobrado
- Assistência social
- Assistência geral, inclusive benefícios sociais e reportes policiais
- Formulários e Guias do Consulado Geral do Brasil
- Ajuda com o preenchimento de formulários
- Auxílio na busca de acomodações, escolas e trabalhos
- Mural de anúncios
- Caixas Postais*
- Acesso a Internet*
- Serviços de Cópias* e Serviços de Fax*
- Cartões de Visitas*
- Digitalização de documentos*
- Convênios com médicos e dentistas*
- Auxílio para aberturas de contas em bancos
- Auxílio aos que pretendem migrar para o Reino Unido
- Espaço para pequenos eventos e palestras*
- * Serviços cobrados – associados com descontos de até 50%

6. Quadro estatístico dos problemas da comunidade

DIFICULDADES	Frequência	Gravidade
1. Falta de documentação imigratória	5	5
2. Idioma	5	5
3. Falta de trabalho	3	2
4. Trabalho excessivo	2	3
5. Exploração trabalhista	4	5
6. Exploração por parte de outro brasileiro/a	3	5
7. Problemas financeiros	2	4
8. Pagamento de dívidas	1	3
9. Dificuldades práticas para enviar remessas	0	0
10. Dificuldade de alimentação	1	5
11. Problemas de moradia	4	3
12. Dificuldade de acesso à saúde/medicamentos	4	5
13. Dificuldade de acesso ao sistema educacional (filhos)	2	4
14. Dificuldade de transporte	1	0
15. Pressão para agir fora da lei	4	5
16. Dificuldade de adaptação	2	3
17. Discriminação étnica	2	1
18. Violência física/doméstica	2	5
19. Medo da deportação	3	4
20. Falta de orientação sobre os próprios direitos	4	3
21. Falta de orientação/Desinformação antes da migração	4	4
22. Isolamento	1	4
23. Saudade	1	3
24. Tristeza/Depressão	1	4
25. Problemas familiares	0	1
26. Detenção/prisão	4	5

O quadro apresenta duas colunas com notas de 0 a 5, a primeira se refere a frequência que o problema ocorre e a segunda a gravidade baseada nas consequências que o problema gera ou pode gerar.

7. Propostas para o Governo Brasileiro

Incentivar financeiramente as organizações que desenvolvem papel assistencial nos países do exterior. Certamente estas organizações colaboram não só para os imigrantes presentes nos países que mantêm sede, mas também podem orientar responsabilmente os que pretendem migrar para eles. Estes incentivos nem sempre precisam ser em espécie, certamente equipamentos tecnológicos, imóveis e outros bens móveis poderiam tentar garantir o bom uso das verbas destinadas aos projetos.

Criar mecanismos de orientação específica para migrantes por área geográfica de destino. As diferenças da legislação de países americanos para europeus, por exemplo, são em grande número e conteúdo. Mesmo entre países europeus, há diferenças gritantes que não devem ser ignoradas. Há facilmente países fáceis de se identificar como alvos de migrantes brasileiros, que ao menos destes hajam informações específicas sobre algumas leis, regras, costumes, clima, estatísticas, etc.

Facilitar remessas para o Brasil e do Brasil para o exterior. Terminar ou justificar muito bem a exclusividade cedida a Western Union, que não tem como competir com outras empresas de maior preferência popular. Que o Banco do Brasil passe a operar com todas as empresas de remessas oficiais e devidamente registradas nos países no operação.

As remessas inversas, ou sejam, do Brasil para o exterior passaram a exercer um papel fundamental para renovação de vistos de estudantes no Reino Unido, que necessitam justificar patrocínios brasileiros.

Incentivar o registro consular. Fazer que o processo de registro no Consulado do país de residência seja desburocratizado ao máximo e a visita ao Consulado para este propósito seja prazerosa. Estabelecer convênios com associações para este propósito.

Contratar um número maior de funcionários para os Consulados Gerais e treina-los para que possam prover um tratamento educado e sensível aos brasileiros e estrangeiros que os visitam. Seria de suma importância o fornecimento de informação e justificativa para os usuários que tenham seus requerimentos indeferidos ou inicialmente recusados.

8. Casos específicos de sucesso

A ABRAS pratica uma política de confidencialidade sob a legislação britânica prevista pelo Data Protection Act. Desta maneira não podemos descrever casos específicos que identificariam o nosso usuário.

Para casos de particular sucesso, com o consentimento dos associados envolvidos, divulgamos alguns êxitos obtidos pelo nosso trabalho, principalmente de nosso plantão de emergência. Abaixo, alguns deles:

Brasileira removida por engano

Uma brasileira foi presa na estação de Richmond, Grande Londres. Turista recém-chegada, já havia passado por vários países europeus, viajando com seu marido e sua filha de 14 anos, todos brasileiros. Como chegou a Londres via República da Irlanda, não passou pelo controle imigratório no aeroporto de Londres. Por falta de conhecimento do oficial que a prendeu foi considerada como visitante irregular. Após negociações com a Imigração conseguiu-se ordem para que fosse solta, mas por falha de comunicação dos oficiais que decidiram isso e a escolta dela já no aeroporto, ela acabou por embarcar para o Brasil. A ABRAS entrevistou e conseguiu que o Home Office patrocinasse a volta da brasileira para Londres, terminando-se assim suas férias com sua família.

Este exemplo serve para ilustrar que organizações como a nossa podem e devem atuar além da capacidade e autoridade de representações diplomáticas brasileiras.

Inversão de caso de remoção por regresso voluntário

Vários casos de sucesso quando conseguimos alterar uma remoção (deportação) por prazo de visto vencido por regresso voluntário, financiando o próprio bilhete aéreo e, desta forma, eliminando barreiras para um possível pedido de visto futuro.

Prevenção de crimes e abusos aos recém-chegados

Orientação constante à comunidade, principalmente aos recém-chegados sobre como agir legalmente no País e facilitando o reporte de crimes, algo hoje que temos capacidade para registrar na própria sede da organização.

9. Comentários Adicionais

“Representar uma comunidade não é apenas fazer política e ser oposição a tudo e a todos”,
Carlos Mellinger, Londres.

“A decisão de mudar de vida, de País e de costumes é algo muito sério! Tenha sempre como regressar – não elimine todos os recursos no Brasil para uma aventura!”,
Carlos Mellinger, São Paulo.

10. Bibliografia

Banco de dados da ABRAS – Associação Brasileira no Reino Unido.

11. Agradecimentos

Em primeiro lugar, disparadamente, a todos os voluntários da ABRAS. Eles fazem da organização motivo de orgulho de todos nós brasileiros no exterior.

A ABRAS não existiria não fosse a cessão do espaço que ocupamos, inicialmente cessão gentilmente oferecida pela Minas Center (Grupo Center Union) que nos apoia incondicionalmente até o presente.

A Revista Brasil Etc que nos cedeu a criação de um logotipo, hoje marca registrada na Europa juntamente com o nome ABRAS, elogiado por muitas pessoas. Mídia brasileira em Londres que apoia a ABRAS, seus projetos, metas e eventos.

O Sr. Lucas Amadeu de Santos – S.P., que criou e mantém nosso website.

Embaixador José Maurício Bustani, Embaixador Flávio Miragaia Perri, Amélia Alves e todos os que fazem parte do governo brasileiro e entendem a importância da ABRAS.

Primeira diretoria da ABRAS, membros de um comitê de formação que entenderam o projeto como beneficente aos brasileiros e não a si próprios: Iricê Godói, Fátima Lessa e Itamára Régis, além do autor deste.

20.

Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais
no Reino Unido



1. Introdução

“Minha pátria é a língua portuguesa”, escrevia Fernando Pessoa em seu Livro do Desassossego no início do século passado. Se um dos fatores de unificação de um país é o uso do mesmo idioma, não deveria ser lógico que todo brasileiro tivesse oportunidade de aprender o idioma de seu país? A realidade emigratória do Brasil hoje tem como resultado milhares de crianças que nasceram e/ou estão crescendo no Reino Unido, e por falta de outra opção foram inseridas no sistema educacional britânico, sem contato com o idioma português.

A Constituição Portuguesa determina que o ensino do idioma pátrio seja oferecido a todos os filhos de emigrantes, e disponibiliza professores treinados em Portugal e transferidos aos países onde sejam necessários. No entanto, apesar de compartilharmos o mesmo idioma, a diferença de realidade sócio-cultural dificulta a inserção das crianças brasileiras nas escolas portuguesas. A lei brasileira ainda não contempla o ensino de português às comunidades brasileiras no exterior, especialmente por este ser um fenômeno relativamente recente em nosso país.

O Home Office¹ (Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido) registrou a entrada de 120.000 brasileiros no Reino Unido em 2001. No entanto, acredita-se informalmente que hoje o número de brasileiros possa chegar a 160.000 apenas em Londres (Evans *et al.* 2007:5). Nem todos os brasileiros que chegam ao Reino Unido dominam o idioma inglês e, como resultado, temos uma comunidade em crescimento, que passa a gerar demanda de serviços em sua língua nativa.

¹<http://www.official-documents.co.uk/documents/cm56/5684/5684.html>

Na Inglaterra há uma série de revistas e jornais editados em português. O Consulado-Geral do Brasil, em seu site, lista dez meios de comunicação, entre revistas, jornais, guias on-line e websites dedicados à comunidade brasileira residente no Reino Unido. A primeira revista escrita e publicada em Londres para a comunidade brasileira apresenta pelo menos 36 serviços que podem ser acessados na capital inglesa através do uso da língua portuguesa, além do conteúdo cultural e informativo.

A comunidade brasileira tem demonstrado interesse em manter o uso da língua portuguesa, por meio da organização de “playgroups” por mães brasileiras. Os *playgroups* são creches informais, não dependentes do Estado, e oferecem o acompanhamento das crianças por meio período, ou por algumas horas por dia, ao invés do período integral oferecido pelas creches oficiais. Um *playgroup* pode ser montado e coordenado por iniciativa particular ou por voluntários, caso dessas mães preocupadas com que seus filhos não tenham contato com o idioma português ou não sejam fluentes nele. Outra iniciativa que tenta manter o uso do idioma são grupos que oferecem aulas de português para crianças.

2. Iniciativas Educacionais em Londres

A comunidade brasileira de Londres empreitou algumas iniciativas educacionais no intuito de difundir a língua portuguesa entre os filhos de brasileiros emigrados. O BrEACC (*Brazilian Educational and Cultural Centre*) é a única iniciativa educacional que tem funcionado desde sua fundação, em 1997, sem interrupções, e é registrado como instituição de caridade junto à Charity Commission na Inglaterra. A iniciativa despontou quando pais brasileiros sentiram necessidade de que seus filhos aprendessem português e mantivessem contato com a cultura brasileira, apesar de viverem no Reino Unido. Seu objetivo é promover e difundir informação sobre o Brasil e a língua portuguesa, levando ao entendimento e apreciação da cultura, literatura, música, arte e dança brasileiras. Para isso desenvolve, através de aulas aos sábados, atividades curriculares e promove eventos sociais e culturais. O centro é dirigido por um comitê constituído por pais de alunos e outros voluntários da comunidade brasileira e/ou vinculados a ela.

Além desta bem sucedida e duradoura iniciativa, podemos listar pelo menos outras 4 iniciativas: Arco-Iris, O Visconde, Escola Brasileira de Bromley e BCA (Brazilian Contemporary Arts). Todas estas iniciativas tiveram suas atividades interrompidas devido às dificuldades enfrentadas pelos seus organizadores.

3. Dificuldades

Vários são os motivos que levaram ao encerramento das atividades dessas iniciativas educacionais. A limitação financeira talvez seja o fator mais grave, já que acarreta outros empecilhos. O espaço necessário para que um trabalho educacional satisfatório seja realizado nem sempre está disponível, muitas vezes o grupo que organiza a escola não dispõe do espaço físico e nem sempre o governo local tem um espaço à disposição dos interessados.

Outro grave problema é a falta de professores qualificados. Alguns brasileiros acreditam que basta ser falante nativo – e, portanto, fluente – para estar apto a lecionar língua portuguesa, contudo sem formação pedagógica o ensino fica profundamente prejudicado. Assim como no Brasil todos os professores, desde a escola primária, precisam ter formação universitária adequada à profissão, necessita-se de profissionais qualificados para lecionar às crianças que estão longe do país natal de seus pais. Algumas vezes, existem profissionais qualificados, no entanto, como muitas pessoas trabalham aos sábados, esses profissionais não estão disponíveis. A documentação é ainda outro problema que dificulta a contratação dos professores; alguns brasileiros são plenamente qualificados, porém não têm permissão para trabalhar.

Um último fator que dificulta o ensino da língua portuguesa no exterior é a falta de acesso a material didático adequado. Os livros têm que ser importados, ocasionando um elevado custo; a esse custo acrescenta-se a necessidade de um local para o armazenamento desses livros. Houve casos de doação de livros didáticos usados, mas ainda falta espaço físico disponível para guardá-los, e outra vez esbarramos na limitação financeira que toda organização enfrenta.

4. Perfil

O perfil das famílias que geralmente se envolvem com estas iniciativas educacionais pode ser ilustrado por um estudo feito em 2006 por Ana Souza. Neste estudo, foi constatado que as famílias eram em sua grande maioria formadas por mães brasileiras casadas com homens de outras nacionalidades.

As características sociais, culturais e lingüísticas destas famílias são resumidas por Souza em um de seus artigos (2008a) como mostrado abaixo:

As famílias tendem a ser pequenas, uma média de 2 crianças por família e não estão concentrados em uma região específica da cidade de Londres. Apesar da variação do nível educacional, a maioria dos pais tem nível universitário. Muitas das mães são profissionais liberais e trabalham junto a comunidade brasileira em Londres ou com os brasileiros que visitam Londres por um curto período de tempo. A maioria das famílias diz ser de classe média.

As famílias procuram manter contato com o Brasil por meio de viagens. Além disso, envolvem-se com atividades culturais, políticas e econômicas; este envolvimento pode ser constatado através de alguns dos empregos que as mães possuem. A maioria dos entrevistados não possui familiares em Londres e poucas vezes é visitada pelos mesmos. Este contato limitado parece ser um dos motivos pelos quais as mães se envolvem em atividades com a comunidade brasileira em Londres. As mães desta pesquisa, por exemplo, estão principalmente conectadas à escola de fim de semana que ensina português.

Os serviços mais usados pelas famílias que utilizam a língua portuguesa estão relacionados à indústria alimentícia (restaurantes, padarias, cafés, mercearias). Os serviços consulares e de agências de viagem também são usados com frequência.

As mães em geral constroem e participam de uma rede de amizades que utiliza o português como idioma de comunicação. Muitas das mães também relatam usar a língua portuguesa para se comunicar com seus filhos. Contudo, apenas um dos pais utiliza português com as crianças.

A identidade das mães é afetada pelas experiências culturais advindas tanto de seus países de origem quanto do país de imigração, bem como pelas

experiências lingüísticas que elas têm com sua língua materna, português brasileiro e a língua local, inglês britânico (*cf.* Souza, 2008b). Assim, a idade das mães ao imigrarem e o objetivo que as levaram a imigrar parecem influenciar a qualidade das conexões que possuem com o Brasil e a abertura em se relacionarem com a sociedade inglesa. As ligações que as mães sustentam com seus lugares de origem e a comunidade brasileira em Londres resultam de suas necessidades de estar em contato com suas 'raízes' lingüísticas e culturais.

Apesar de haver uma variedade no perfil econômico e educacional dessas famílias, elas estão intimamente conectadas pela importância que as mães dão ao uso da língua portuguesa na construção de sua identidade. Elas também estão ligadas pelo esforço em promover o uso do português entre seus filhos.

As crianças mencionaram que seu senso de identidade é afetado por quatro fatores: (1) suas experiências tanto na sociedade inglesa quanto na comunidade brasileira em Londres, (2) pela maneira que se sentem em relação ao nível de competência nas duas línguas, (3) a maneira pela qual suas mães se definem, (4) a atitude de seus pais em relação às suas línguas e identidades. As crianças também mencionaram fatos de suas vidas tais como local de nascimento, línguas que falam, grau de competência nessas línguas e o perfil de seus pais/mães. (Souza, 2007).

No entanto, é inegável a importância das iniciativas educacionais na preservação da língua portuguesa entre as crianças de famílias brasileiras em Londres. As gravações feitas por Souza (2006) mostram que, apesar das crianças serem incentivadas a falar português durante as atividades em sala de aula, elas interagem em português com os adultos e tanto em inglês quanto em português com as outras crianças. Mesmo assim, tanto as crianças quanto suas mães relatam que o espaço das aulas é o local principal onde elas interagem em português. Na verdade, algumas dessas crianças relatam ser a 'escola brasileira' o único lugar onde elas praticam a língua portuguesa.

Considerando a importância do ensino de língua portuguesa para as crianças de famílias brasileiras crescendo no exterior e da exposição das mesmas à cultura brasileira, um grupo de voluntários fundou, em Londres, a ABRIR.

5. ABRIR

A ABRIR (Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido) surgiu na lista de discussão do Diálogo Brasil (DB) no segundo semestre de 2006. A associação é uma tentativa de ter um ponto de referência para oferecer orientação sobre:

- o ensino de língua portuguesa para crianças e adultos;
- formação de professores (seleção, contratação, treinamento, qualificação);
- currículo escolar (enfoques usados por outras escolas, incluindo línguas estrangeiras);
- material didático e paradidático adequado a cada faixa etária e estágio de aprendizagem;
- rede de contato com outros grupos no Reino Unido e no exterior;
- recursos humanos e financeiro aplicados à educação.

Espera-se que a associação possa ser útil tanto para apoiar grupos já existentes, como também para ajudar na formação de novos grupos interessados em difundir nossa cultura e nossa língua.

Este projeto conta com a colaboração de professores, pais e pedagogos, além do apoio do Consulado-Geral do Brasil em Londres. A ABRIR conta hoje com onze membros, todos não-remunerados. São cinco membros fundadores, um representante do Consulado-Geral do Brasil, dois colaboradores e três membros voluntários.

5.1 *Membros fundadores*

Além de um representante do Consulado-Geral do Brasil em Londres, Paulo Henrique Vale, a ABRIR possui 5 membros-fundadores:

Ana Souza lecionou inglês como língua estrangeira (EFL) no Brasil antes de fazer Mestrado em Ensino de Língua Inglesa na Thames Valley University, Londres. Tem experiência com o ensino de inglês para falantes de outras línguas (ESOL) e português

para adultos e crianças em Londres. Para sua tese de doutorado na Universidade de Southampton, estudou língua e identidade junto à comunidade brasileira no Reino Unido. No momento trabalha como pesquisadora visitante na Universidade de Londres, Goldsmiths College.

Cláudio Souza tem 12 anos de experiência como professor primário no Brasil, atuando em escolas estaduais e municipais no Estado de São Paulo, além de experiência com alunos portadores de necessidades especiais. Trabalhou em diversos projetos comunitários vinculados ao Instituto Paulo Freire, à PUC-SP e ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.. Atualmente estuda Psicoterapia e Arte em Londres, onde também trabalha como instrutor numa escola de artes e dramaturgia especializada em alunos portadores de autismo.

Deise Rodrigues é professora formada pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, com ênfase em Educação Especial, e tem larga experiência na educação de crianças em idade pré-escolar. É articulista da revista Verbo Vivo, publicação mensal de distribuição gratuita no Reino Unido, onde assina uma coluna sobre Educação Infantil.

Fábio Rodrigues é funcionário de carreira do Banco do Brasil desde 1983, de onde se licenciou em janeiro de 2006 para vir morar em Londres com a família. Formado como bacharel em Ciências Econômicas pela UNESA-RJ, possui ainda vasta experiência no desenvolvimento de sistemas de controle de informação. É atualmente o Editor Chefe da revista Verbo Vivo, publicação mensal de distribuição gratuita no Reino Unido.

Valéria Fleury lecionou inglês como língua estrangeira e português para estrangeiros no Brasil, antes de se mudar para Nova York, onde fez Mestrado em Ensino de Língua Inglesa na Hunter College, City University, NY. Mudou-se para Londres e fez Mestrado em Desenvolvimento Infantil no Instituto de Educação da Universidade de Londres. No momento, trabalha como consultora pedagógica free-lance.

5.2 *Colaboradores*

Aline Belisário trabalhou como psicóloga, professora e educadora infantil no Brasil. Na Inglaterra especializou-se em dislexia e trabalha como professora primária desde 2002. Além do trabalho de sala de aula, também monitora estudantes de PGCE na parte prática do curso.

Elias Pinto - formou-se em Engenharia Mecânica na Universidade Católica de Petrópolis e trabalhou por 5 anos como engenheiro mecânico no Brasil. Na Inglaterra, cursou o PGCE e tornou-se professor de Ciência Geral (GCSE), Astronomia (GCSE) e Física (AS e Nível A). Lecionou na Hammersmith Secondary School e vem lecionando na Jews Free School (JFS) desde 1991.

5.3 *Membros voluntários*

Emerson Zanette – Finalizando o mestrado em Marketing Communications na University of Westminster, trabalhou como assessor de imprensa no Brasil nas áreas cosmética, nutricional e cultural/educacional. Fez parte da equipe da Conteúdo Comunicação e atendeu a conta do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Formado em jornalismo pela PUC-SP, passou pelas redações do DCI e Jornal da Tarde antes de se tornar relações públicas

Isabel Gonçalves - Formada em engenharia química e com mestrado em microbiologia aplicada, produtos bioativos, trabalhou para a Ambev até vir para o Reino Unido em 2001. Em Londres, participou, como membro voluntário do comitê gerencial para o Brazilian Educational and Cultural Center, BREACC, por um ano. Atualmente, trabalha na Universidade de Londres, Escola de Farmácia, como responsável pelos serviços técnicos para o departamento de ciências farmacêuticas.

Maria Lucia Mancinelli – Formada em Letras, tem Mestrado em Literatura e está cursando Doutorado em Filologia da Língua Portuguesa, sempre pela USP.

Com 17 anos de magistério, tem experiência no ensino da Língua Portuguesa para Ensino Fundamental, Médio e Universitário, além de ter lecionado português para estrangeiros.

5.4 Serviços prestados até o momento

21 de Junho de 2008 – Workshop ‘Discutindo questões de identidade com crianças em idade escolar’. Workshop a ser apresentado no Brazilian Educational and Cultural Centre (BrEACC), Londres. Público alvo: mães brasileiras.

27 de Outubro de 2007 – Diálogo Brasil — Apresentação da palestra ‘A importância de falar português com seu filho’, no Seminário do *Diálogo Brasil*, London School of Commerce, Londres, organizada inicialmente por Ana Souza e Valéria Fleury, com a contribuição de um grupo de colaboradores (Aline Belisário, Elias Pinto e BrEACC).

Orientação diária de famílias, professores e iniciativas educacionais através da Internet (mais efetivamente através de email), telefone ou reuniões, em relação a diversos assuntos. Entre eles, encontramos:

- casais interessados em formar associações para ensinar língua portuguesa aos filhos;
- pessoas interessadas em montar escolinhas alfabetizantes em português com necessidade de informação prática e jurídica para fazê-lo;
- mães brasileiras com o objetivo de formar grupos em que os filhos possam brincar juntos, praticar o português e vivenciar a cultura brasileira;
- brasileiros interessados em tradução e equivalência de diplomas no Reino Unido, ou em tradução juramentada;
- brasileiros interessados em aprender inglês;
- professores brasileiros que residem no Reino Unido com interesse em participar da associação, e querendo lecionar português aqui;

- brasileiros que se mudaram para o Reino Unido e estão em busca de escola brasileira para os filhos, ou precisam de informações sobre como matricular os filhos nas escolas britânicas;
- pais brasileiros e busca de esclarecimentos sobre o sistema educacional britânico;
- pais brasileiros expatriados buscando internato no Reino Unido para adolescentes que querem aperfeiçoar o inglês, por alguns meses;
- interessados em aulas/escolas de português para adultos;
- estudantes em busca de informações sobre carta de aceitação das universidades britânicas;
- interessados em aulas particulares de português para quem vai se mudar para Portugal ou Brasil, ou para quem vai prestar GCSE;
- busca de informação sobre testes de português GCSE e AS;
- brasileiros que residem no Reino Unido mas querem manter contato com a cultura e a educação em português;
- solicitação de informação sobre imigração, visto de residência e de trabalho.

Todas as solicitações são sempre respondidas. Se não cabe à ABRIR a informação solicitada, o email é devidamente encaminhado a alguém que possa ajudar a resolver o problema ou fornecer a informação solicitada. Desde a abertura de sua conta de email, aproximadamente 50 famílias foram orientadas através deste canal de comunicação. Atualmente, a ABRIR possui mais de 200 pessoas em sua lista de contatos.

A homepage da ABRIR, cujo endereço é www.abrir.org.uk está disponível ao público desde 1º de junho de 2008.

5.5 Apoios

A ABRIR conta com o apoio de diversas fontes, públicas e privadas, que contribuem para que os serviços prestados sejam conhecidos por um maior número de

peças. Desta forma, colaboram para que a Associação consiga ajudar a um número mais significativo dentro a comunidade brasileira no Reino Unido.

Algumas das empresas que apoiam nossa iniciativa são a revista *Brasil.etc*, a revista *Verbo Vivo*, a BLMPress, e o Consulado-Geral do Brasil em Londres.

5.6 Parcerias

- ABRAS (Associação Brasileira no Reino Unido) – festa de confraternização entre a Polícia Metropolitana de Londres e a comunidade brasileira a ser realizada em 13 de julho de 2008.
- Evoluir Cultural – projeto para o desenvolvimento de livros trilingües (Português, Espanhol e Inglês) sobre temas relacionados à cidadania, especialmente sobre a questão da ecologia e da Amazônia.
- FLAME (Friends of Latin America Expression) – A ABRIR participou da festa juliana organizada pela FLAME em colaboração com a *Sure Start* em Hoggarston Park, Londres, promovendo seus serviços e registrando famílias.

5.7 Histórico

- 22 de junho de 2008 – Criação da conta de email dentro do domínio ABRIR, **moderators@abrir.org.uk**
- 1º. de junho de 2008 – Lançamento da homepage da ABRIR, www.abrir.org.uk
- 4 de Novembro de 2007 – BLM Press ofereceu o design e o patrocínio da página da ABRIR.
- 20 de Outubro de 2007 – O logotipo foi usado pela primeira vez em um panfleto produzido pela *Revista Verbo*.
- 20 de Outubro de 2007 – A ABRIR foi representada pela primeira vez em um seminário organizado pelo *Partido dos Trabalhadores (PT)* para a comunidade brasileira no Reino Unido, além de ter sido mencionada pelo Embaixador Flávio Perri como uma organização de grande importância para a comunidade.

- 12 de setembro de 2007 – Criação da conta de email da ABRIR, **abrir.info@yahoo.co.uk**
- 11 de Setembro de 2007 – A revista Brasil.Etc finalizou o logotipo e o doou à ABRIR.
- 21 de Junho de 2007 – Aprovação do formulário para o cadastro de famílias.
- 24 de Maio de 2007 – Aprovação do formulário para o cadastro de professores.
- 24 de Maio de 2007 – Informações sobre a ABRIR foram publicadas pela primeira vez em duas revistas brasileiras no Reino Unido (Verbo e Brasil.Etc).
- 23 de Abril de 2007 – Escolhido o nome para o projeto: ABRIR (Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido / Brazilian Association of Educational Projects in the UK).
- 30 de Março de 2007 – O projeto é enviado ao Itamaraty, Ministério de Relações Exteriores, com o apoio do Embaixador Flávio Perri, Cônsul Geral do Brasil em Londres.
- 15 de Março de 2007 – Eeva Salomaa-Jago (Representante da Comunidade Finlandesa) apresentou sua experiência em como formar uma organização comunitária para oferecer serviços educacionais no Reino Unido.
- Novembro de 2006 – As primeiras discussões sobre a necessidade de se formar uma associação brasileira dedicada à educação no Reino Unido ocorreu durante uma reunião do *Diálogo Brasil*.

5. Demandas

A ABRIR acredita nos benefícios que o aprendizado da língua portuguesa pode trazer tanto às crianças de famílias brasileiras crescendo no exterior quanto a seus pais. Como demonstrado por Souza (2003), as crianças naturalmente estabelecem conexão entre as línguas que falam e suas identidades. Quando a criança é exposta tanto à cultura brasileira de suas mães quanto à cultura inglesa de onde vivem, cria-se uma tendência para vivenciar uma identidade híbrida. Ao promover o ensino de

português, estamos contribuindo para que essas crianças tenham uma experiência positiva dessa identidade híbrida. Além disso, é importante para o bem-estar emocional das mães que elas possam falar português com seus filhos. Essa necessidade deve ser reconhecida pelas pessoas que circundam a estrutura dessas famílias, bem como pelas sociedades inglesa e brasileira (Souza, 2008b).

Assim, a ABRIR vem por meio deste relatório pedir apoio em relação aos seguintes pontos:

- a) facilitação de importação de material didático/paradidático;
- b) recebimento gratuito de material didático que é distribuído pelo MEC nas escolas brasileiras para distribuição às escolas brasileiras no Reino Unido;
- c) provento de espaço para o funcionamento dos grupos de pais e das escolas que ensinam português para as crianças brasileiras crescendo no Reino Unido (e/ou ajuda financeira em sua obtenção);
- d) criação de um fundo de bolsa de estudos para os professores que trabalham com a comunidade brasileira no Reino Unido, especialmente para financiamento para o curso de *PGCE in Community Languages*, que prepara profissionais para o ensino de línguas em contexto de imigração;
- e) apoio do MEC na formação de uma biblioteca central no Reino Unido para as famílias brasileiras e suas crianças;
- f) provento de espaço para o funcionamento desta biblioteca;
- g) criação de uma parceria com o MEC para viabilizar a jovens e adultos brasileiros que possam fazer as provas de supletivo enquanto estiverem vivendo no Reino Unido;
- h) apoio permanente do Consulado-Geral do Brasil às iniciativas da ABRIR, através de concessão de espaço para suas reuniões, fornecimento de material de escritório e uma sala para funcionamento e atendimento ao público.

Ressaltamos porém que a diáspora brasileira caracteriza-se por ainda estar em formação. Assim sendo, as demandas listadas acima representam uma necessidade

inicial da comunidade. Acreditamos que estas necessidades mudarão conforme os imigrantes brasileiros se estabeleçam no Reino Unido e seus filhos cresçam. Obviamente, estas mudanças requerem uma constante revisão das necessidades da comunidade.

6. Referência bibliográfica

Evans, Y. et al. 2007. *Brazilians in London: a report for the Strangers into Citizens Campaign*. Department of Geography, Queen Mary, University of London.

Souza, A. (2008a) 'The Effect of Migration on the Identities of a Brazilian Mother' in ICML XI Proceedings, Budapest: Akadémiai Kiadó (Academic Publishing House) (To be published in July.

Souza, A. (2008b) 'How Linguistic and Cultural Identities are Affected by Migration' in *Language Issues*, Birmingham: NATECLA, vol. 19, number 1, pp. 36-42

Souza, A. (2007) 'Language and Identity in a Community Language School' in *Community Languages Bulletin*, issue 20, London: CILT. (also available in http://www.cilt.org.uk/pdf/pubs/bulletins/cl_20.pdf)

Souza, A. (2003) 'Children See Language as a Feature of their Ethnicity' in <http://www.naldic.org.uk/docs/BRB5.doc>

21.

Associação Brasileira de Fomento aos Negócios e
Integração à Sociedade Britânica





21.
Associação Brasileira de Fomento aos Negócios e
Integração à Sociedade Britânica

Alvaro Piton e Else Vieira

Introdução

A Associação Brasileira de Fomento aos Negócios e Integração à Sociedade Britânica - **BASE** - foi criada por um grupo de profissionais liberais, empreendedores e professores universitários que atuam no Reino Unido e participam ativamente em atividades ligadas a comunidade brasileira.

Em Londres e em outras cidades do Reino Unido, existem mais de 200 negócios brasileiros, nas mais diferentes categorias de indústrias.

Houve um crescimento expressivo no número dessas empresas nos últimos anos e a maioria esmagadora delas são controladas e administradas por brasileiros, com empregados brasileiros e a clientela também composta por brasileiros, embora não exclusivamente. Essas empresas projetam o Brasil, seu potencial humano e seus produtos, sendo também geradoras de empregos para os brasileiros e de divisas para o Brasil.

É importante salientar que o montante de remessas feitas pelos brasileiros que trabalham no exterior para a terra natal é maior do que o valor econômico representado pela exportação da soja.

Os principais tipos de estabelecimentos brasileiros no Reino Unido são:

1. Restaurantes;
2. Escritórios de advocacia & consultoria;
3. Agências de remessas de dinheiro;
4. Agências de viagens;
5. Igrejas;
6. Salão e clínicas de beleza;
7. Agências de locação & venda de imóveis;

8. Empresas de construção e manutenção de imóveis;
9. Empresas de transporte e mudanças

Por outro lado, a BASE mantém estreitas articulações com o Centre for Brazilian Studies do Queen Mary da Universidade de Londres, através de sua diretora. A criação deste Centro, que abriga pesquisas nas diversas áreas do conhecimento sobre o Brasil (migração, economia, administração de negócios, direito, política, cinema, teatro, cultura em geral e língua portuguesa do Brasil), aponta para o fenômeno sem precedentes de o Brasil se constituir como área do conhecimento na universidade britânica. Tal instituição foi pioneira na projeção da especificidade do Brasil e de sua crescente autonomia ao contrário da tradição britânica que insere o Brasil institucionalmente como uma derivação de Portugal.

A BASE também tem parceria com a ONG britânica IEA (Innovative Enterprise Action), que trabalha no desenvolvimento dos pequenos negócios em Londres, inclusive brasileiros.

Com o objetivo de participar do Seminário sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior, a ser realizado no Rio de Janeiro em 17 e 18 de julho de 2008, os membros da **BASE**, e convidados se reuniram no dia 4 de junho nas dependências do Consulado-Geral do Brasil em Londres, com o objetivo de discutir, redigir e encaminhar o seguinte relatório final ao evento.

A ênfase e a especificidade da atuação da BASE concentram-se nos tópicos **f**, **g**, **h** e **i**. Contudo, em vista da louvável iniciativa do governo brasileiro de consulta as comunidades brasileiras no exterior e, mostrando-se sensível aos problemas que afetam muitos dos imigrantes brasileiros, sobretudo os não-documentados, os membros da BASE acrescentam algumas sugestões que podem auxiliar o governo brasileiro na definição de diretrizes e políticas para suas comunidades no exterior.

Tópico:

a) Imigração e Direito Internacional: o quadro legal da circulação internacional de pessoas e direitos humanos na área migratória.

É importante que o Governo Brasileiro tenha um posicionamento firme no combate e a repressão do tráfico humano que envolve, apenas na Europa, mais de 75 mil mulheres brasileiras. Há uma verdadeira “indústria do sexo” e, na Espanha e Portugal, o número de brasileiras envolvidas em prostituição supera o de outras nacionalidades. Faz-se necessário o desenvolvimento de mecanismos de orientação, por exemplo, uma Cartilha entregue as pessoas juntamente com o passaporte.

Tópico:

b) A circulação de pessoas: contrastes entre facilidades da globalização e restrições na face migratória.

Tópico:

c) Brasil, da imigração à emigração: as comunidades brasileiras no exterior – número, perfil, necessidades e demandas.

I - Necessidade imperativa de informação básica sobre imigração e direitos do cidadão brasileiro em terra estrangeira: a adaptação do brasileiro no exterior, as condições de exercício profissional e abertura de negócios e representações, de acesso ao atendimento médico e a educação para os filhos, sobre os riscos do status de não-documentado, etc.

O brasileiro que deixa seu país deveria estar plenamente ciente das diferenças culturais, políticas, organizacionais (trabalhistas, residenciais, educacionais, médico-hospitalares, etc.) com as quais vai se deparar no país de destino.

Em geral, infelizmente, muitos brasileiros desconhecem não apenas seus direitos básicos, mas também os deveres que lhe cabem, independentemente de sua situação migratória.

Esta necessidade premente surge com o crescimento constante da imigração brasileira nos últimos anos. Devido justamente à falta de informação, brasileiros estão

deixando o país porque idealizam a emigração e, principalmente no caso dos emigrantes econômicos, ignorando a possibilidade de agravamento dos possíveis problemas sócio-econômicos, pessoais, familiares ou de saúde que os levaram a emigrar.

Dentre as diversas dificuldades enfrentadas, destaca-se a crescente exploração humana dos mais vulneráveis (em geral o emigrante econômico não-documentado e de baixa escolaridade). Profissionais da área da saúde, também expressam sua preocupação não apenas em relação a continuidade no país de destino de tratamentos médicos anteriormente iniciados no Brasil (como os HIV positivos), mas também com o agravamento ou desenvolvimento de problemas psicossomáticos e psicológicos advindos de dificuldades enfrentadas no país.

Ademais, é crucial que sejam feitos mais estudos sobre as comunidades no exterior e que eles sejam veiculados em linguagem acessível a todas as classes sociais. Eles devem ser disponibilizadas em pontos-chave no Brasil. Essa política deve iniciar anteriormente a saída do país, tornado a decisão mais consciente, e se completar com a chegada do cidadão no país de destino.

Cabe ao governo também contrabalançar a política da mídia brasileira com relação a migração, tendente a veicular a partida do Brasil e a chegada ao país de destino em odisséia, a exemplo dos casos de travessia do México para os Estados Unidos, o que parece estimular ainda mais os de espírito aventureiro. As novelas costumam apresentar uma visão polarizada da emigração, ou o sucesso total ou o submundo de tráfico de drogas, deixando de lado todo um espectro de possibilidades de inserção ou integração precária no país de destino, depressão, etc. Os que já se encontram no país de destino também costumam “dourar a pílula” como forma de provar seu sucesso fora do país, projetando ou forçando imagens de um Eldorado que, na maioria das vezes, não coincidem com a realidade.

Tópico:

d) Ação do Estado em prol dos brasileiros no exterior: realidades e limites. Quadro atual da assistência e do atendimento consular prestado pelo Ministério das Relações Exteriores e planos de modernização e reforma consulares.

I - Assistência e atendimento consular:

Apesar do já mencionado número crescente de brasileiros que imigram para vários países da Europa e mais especificamente, para o Reino Unido, o Consulado ainda mantém um número reduzido de funcionários, fato que atrasa e dificulta, muitas vezes, a obtenção de documentos, renovação de passaportes, obtenção de informações e assistência consular.

Tópico:

e) Exame comparado de políticas para comunidades nacionais do exterior.

Tópico:

f) Atuação governamental em relação às comunidades brasileiras no exterior nas áreas trabalhista, previdenciária e educacional.

I - Falta de apoio e assistência efetiva do Governo Brasileiro aos pequenos empresários brasileiros no exterior.

Expressamos a preocupação com a ausência desse apoio que poderia vir através do setor comercial da embaixada do Brasil e/ou a criação de um SEBRAE Internacional ou mesmo fazendo parcerias com as organizações brasileiras no exterior que já trabalham com os pequenos empreendedores.

II - Insuficiência de brasileiros capacitados a nível de Pós-Graduação no Reino Unido

Há uma carência de profissionais qualificados e pesquisadores com conhecimentos e trânsito nas especificidades do Brasil e do Reino Unido, sobretudo nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, para atender a demanda do crescente número de

empresas brasileiras e dar assessoria a projetos envolvendo os dois países, para suprir a carencia de professores universitários e pesquisadores especialistas em Brasil, para suprir as necessidades da mídia em expansao (jornalistas, correspondentes locais), e para promover a cultura brasileira em geral. De destaque é a necessidade de pesquisas a nível de Pós-Graduação, também conducentes a publicações, sobre o fenômeno sem precedentes históricos da emigração brasileira.

Um grande número de brasileiros, residentes no exterior, que, embora preencham plenamente os requisitos acadêmicos, não atendem as exigências britânicas como tempo de residência para terem acesso a cursos de Pós-Graduação com as mesmas taxas que os britânicos. Classificados como “international students”, eles pagam em torno de £10.000 (dez mil libras) por ano. Para que os cidadãos brasileiros residentes no Reino Unido possam efetivamente se qualificar e contribuir para a constituição de “Brasil” como área de atuação, conhecimento e pesquisa, a **BASE** vê cinco iniciativas prioritárias e mutuamente complementares:

- (1) que a CAPES, o CNPq e as FAPs, que têm como requisito a inexistência de cursos análogos no Brasil e o retorno do bolsista ao país, revejam essa política levando em consideração esse segmento de brasileiros residentes no Reino Unido e potenciais supridores das demandas supracitadas, instituindo uma quota de bolsas para pagamento de anuidades para esse segmento, sem os ônus de passagem e acomodação para os órgãos de fomento. A atribuição de uma quota de bolsas seria um fator determinante para fomentar a representatividade econômica, intelectual, acadêmica e disseminação da pesquisa e produção de brasileiras tanto no exterior como no Brasil;
- (2) a mediação da CAPES e do CNPq para a criação de convênios com os Colleges e Universidades supracitados (em c) para a introdução de incentivos através de taxas escolares mais baixas para alunos brasileiros de pós-graduação nessas áreas relacionadas ao Brasil que não lograrem obter uma bolsa;

- (3) a ampliação do âmbito da Lei Rouanet (Lei no. 8.313/91), lei federal de incentivo aos investimentos culturais, de tal forma que o mecanismo de Mecenato viabilize benefícios fiscais para investidores que não só apoiem projetos culturais como também, mais especificamente, contribuam com quotas para a capacitação a nível de Pós-Graduação de brasileiros residentes no Reino Unido, para o que teriam a isenção em até 100% do valor no Imposto de Renda;
- (4) a presença cada vez mais significativa de empresários brasileiros e empresas brasileiras no exterior sugere também a possibilidade de um “tax-back” (restituição de imposto) para a geração de um fundo para ajudar a financiar os estudos de brasileiros residentes no exterior;
- (5) articular a integração de grandes empresas brasileiras no território nacional com Colleges e Universidades nos quais o Brasil seja comprovadamente um Estudo de Área (Area Studies); espera-se que a integração Empresa Brasileira-Universidade Britânica e os possíveis benefícios de acordos dela advindos possam aumentar o número de brasileiros com trânsito nas especificidades dos dois países para atuarem em empresas brasileiras e atividades relativas ao Brasil no exterior.

III - A rigidez dos critérios de revalidação de diplomas de instituições estrangeiras no Brasil

Este é um ponto que merece muita atenção das autoridades brasileiras. O mundo globalizado requer mobilidade e um país para o outro. Contudo, a rigidez dos critérios de revalidação de diplomas universitários no Brasil cria barreiras para o trânsito ou eventual retorno de profissionais brasileiros para o Brasil.

A revalidação de diplomas, a exemplo sobretudo dos cursos de Graduação realizados no Reino Unido, apresenta dificuldades muitas vezes intransponíveis para os cidadãos brasileiros que porventura desejem exercer seu direito de retornar ao Brasil. Trata-se de um processo penoso, demorado e extremamente rígido calcado não propriamente na equivalência mas, na prática, na igualdade de carga horária e conteúdo

em todas as disciplinas. Há casos conhecidos de graduandos de universidades de renome mundial como Oxford, Harvard e Paris que tiveram a revalidação de seus diplomas indeferida a partir de uma análise de correspondência ao pé da letra. Observa-se, por outro lado, que o inverso, ou seja, a revalidação de um diploma brasileiro no Reino Unido segue critérios de comparabilidade, credibilidade da instituição que conferiu o grau e o desempenho do estudante dentro dos parâmetros da instituição de origem.

Além disso, há também a necessidade de reconhecimento de cursos Joint-Honours, como por exemplo, Direito e Administração, Eletrônica e Computação, ou seja, cursos complementares e que atendem a crescente exigência de interdisciplinaridade no mundo atual.

IV - Carência de incentivos a projetos artísticos

Há uma carência de incentivos oriundos do governo brasileiro para a geração de melhores oportunidades para projetos artísticos que promovam o Brasil e beneficiem direta e indiretamente a comunidade brasileira e sua interação com o Reino Unido.

V - Tributação e direitos previdenciários

A questão da regulamentação do CPF fica obscura. E conseqüentemente, a impossibilidade de abertura de conta-corrente para expatriado.

A tributação é uma área particularmente nebulosa. Há pouca clareza quanto as obrigações tributárias dos brasileiros residentes no exterior e de como equacionar, quando do retorno ao Brasil, o imposto pago sobre ganho de salário e de capital auferido no exterior e a legislação tributária brasileira.

No caso de apenas um dos cônjuges trabalhar no exterior, não há clareza sobre como lidar com a renda conjunta porém, auferida em dois países diferentes, o mesmo se aplicando ao patrimônio conjunto assim constituído.

Os Brasileiros não-aposentáveis tanto no Brasil como no Reino Unido constituem casos gravíssimos e freqüentes pois eles não tem condições de cumprir o prazo de carência em nenhum dos dois países. E ainda gravíssima a perda dos anos de

contribuição no Brasil. Embora o governo brasileiro tenha negociado a reciprocidade previdenciária com Portugal e Itália, por exemplo, o mesmo não ocorre com muitos outros países, como o Reino Unido para onde um contingente cada vez maior de brasileiros vem afluindo desde 2001. Um agravante é que a previdência brasileira não autoriza o pagamento retroativo como autônomo no Brasil para os brasileiros que residem em países sem acordo de reciprocidade previdenciária, o que amenizaria a gravidade do problema. Um outro desdobramento grave desse problema, e o caso de muitos Brasileiros que trazem seus pais para o exterior e que ficam sem direito a aposentadoria quando previsivelmente mais dela necessitarão. As dificuldades em administrar as contribuições tributárias e previdenciária entre os dois países são inúmeras.

Tópico:

g) O Congresso Nacional e a diáspora brasileira: o debate sobre a representação política de brasileiros no exterior.

É necessária a abertura de votos no exterior para outros cargos políticos além de Presidente da República.

Além disso, a representação política dos brasileiros residentes no exterior em Brasília seria um marco importante na implementação de novas diretrizes governamentais para os emigrantes brasileiros.

Tópico:

h) A questão das remessas dos migrantes brasileiros.

Profissionais brasileiros que trabalham na área fiscal salientam que há um grande número de trabalhadores autônomos e tantos outros sem qualquer tipo de registro.

Outro dado importante colhido é que o montante que o trabalhador brasileiro envia ao Brasil representa entre 20% a 30% do seu salário.

Com base nessas informações, pensamos ser necessária a criação, a exemplo

do incentivo dado por Portugal aos que trabalham no exterior, de uma “poupança imigrante” ou outro tipo de investimento com taxas preferenciais para as remessas do exterior, que, além de aumentar a reserva de capital no Brasil, permite que o retorno dos brasileiros seja facilitado por essas economias acumuladas ao longo dos anos para fazer face as despesas de retorno e re-adaptação no país.

Tópico:

i) A mídia voltada para as comunidades brasileiras no exterior.

A mídia brasileira no exterior vem exercendo importante papel na articulação das comunidades, na disponibilização de informação, na manutenção da cultura brasileira e na preservação de uma identidade nacional no exterior. No entanto, o Brasil ainda não criou um acervo dessa mídia no território nacional, enquanto valiosa fonte de informação sobre determinada comunidade como também sobre o seu surgimento e desenvolvimento. É crucial a criação desse acervo para registro do fenômeno sem precedentes históricos da migração brasileira como parte da memória nacional.

A mídia poderia também veicular informações sobre assuntos relevantes para o desenvolvimento da comunidade e, desta forma, promover a integração entre a comunidade e o país onde estão situados. Atualmente, a conduta da mídia no exterior é direcionada essencialmente para o comércio e diversão.

Tópico:

j) Proposta de política governamental para as comunidades brasileiras no exterior.

Apesar de não ser possível determinar esses números, acredita-se que em torno de 160.000 brasileiros vivem no Reino Unido. Estes somados aos milhares que hoje vivem em outros países perfazem mais de 3 milhões. Em conseqüência, torna-se urgente que o governo brasileiros juntamente com o Congresso Nacional reconheçam

os direitos das comunidades brasileiras no exterior e ajam de acordo para que as nossas justas reivindicações sejam deliberadas o mais rápido possível.

Conclusão

Esperamos ter podido contribuir para o debate democrático nesse evento, e esperamos que os tópicos desenvolvidos sejam também relevantes para outras comunidades brasileiras no exterior, e na condição de coordenador do projeto da associação BASE e de Diretora & Delegada da Associação BASE no Seminário, colocamo-nos a disposição para troca de informações e experiências.

Cordialmente,

Alvaro Piton

Coordenador

Associação BASE

base.projeto@yahoo.co.uk

Else Vieira

Diretora & Delegada da Associação BASE no Seminário

Membros fundadores da associação BASE:

Alvaro Piton - Consultor de Empresas;

Daniel Clark - Pastor Batista, Pesquisador da Universidade de Pais de Gales;

Else Vieira - Professora Adjunta de Cultura Brasileira, Coordenadora Departamento de Português e Diretora do Centro de Estudos Brasileiros -Queen Mary/ Universidade de Londres;

Íris Griffiths - Consultora - Across Consultoria - Market Research & Language Services;

Joabe Cavalcanti - Padre Anglicano;

Rose Chamberlain - Cineasta e Editor-Chefe da Revista Festivais de Cinema;
Zenilde O'Donnell - Psicóloga

Colaboradores:

Mônica Galliano Hehnes - Professora Universitária, Língua e Expressão
francesa;

Iza Viana p - Jornalista;

Gui Tavares - Músico;

Luciana Hindley - Consultora da ASC Accountants;

Bianca Veloso - Consultora da ASC Accountants;

Rodolfo Basílio - Diretor Vertice Services;

Bispo Enoque Pereira - Associação dos Pastores;

Padre José Osvaldo;

Daniel Martins - Advogado de Imigração da FTC;

Luciana Melo - Consultora - Nabas Legal Consultancy,

Marcela Nucci - Faith - Consultora em Imigração - Platt & Associates;

Antony Tait - Empresário e representante da V

22.

Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido (GEB)



Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido (GEB)

Ana Souza, Denise Maria Brites Garcia, Else R. P. Vieira,
Marcelo Batarce, Maria das Graças Brightwell e Tamara Oliven

1. Introdução

Há importantes iniciativas culturais e acadêmicas sobre o Brasil no Reino Unido. Os brasileiros no Reino Unido constituem um dos seus vários temas ou, muitas vezes, um tópico tangencial da agenda dessas iniciativas. Mas é importante que os brasileiros fora do território nacional constituam uma categoria em si de pesquisa e debate e que seus sub-temas surjam da observação e da vivência concreta da comunidade.

A idéia de formação de um grupo de estudos sobre brasileiros no Reino Unido já havia surgido em 2005 entre um grupo de pesquisadores residentes no Reino Unido (Ana Souza, Amélia Alves, Daniel Florêncio, Cleverson Souza, Rose Chamberlain e Erika Tambke), mas na época não foi possível concretizar esse empreendimento.

Em 2008, a lacuna existente quanto a grupos ou instituições que pudessem dedicar-se ao estudo e pesquisa dessa comunidade foi reconhecida pelas discussões que se deram na lista online da ABEP (Associação Brasileira de Estudantes de Pós-Graduação no Reino Unido). A catapulta deste interesse foi o envio de um artigo publicado por Ana Souza e da dissertação de mestrado de Denise Garcia. O interesse pelo assunto e a importância de se desenvolverem estudos e projetos voltados para a comunidade brasileira no Reino Unido manifestados na lista foram transformados em ação em 28 de abril de 2008, quando aconteceu o primeiro encontro para discutir as idéias para a implementação de um grupo de estudo e pesquisa.

Pesquisadores e pessoas interessadas em estudar questões relacionadas com os brasileiros imigrantes do Reino Unido foram reunidos e o grupo foi formalizado e batizado de GEB (Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido) em 5 de junho de 2008.

Os participantes deste grupo residem na sua maioria no Reino Unido mas existem participantes em outros países. O grupo também está aberto para participantes de outras nacionalidades que estejam interessados em questões relativas a brasileiros residentes no exterior.

2. Objetivos do GEB

2.1. Congregar pesquisadores e outros participantes de diversas áreas do conhecimento que tenham como tema ou interesse de estudo sobre brasileiros no Reino Unido.

2.2. Articular relações com indivíduos, instituições, empresas, centros de estudos, grupos de discussão e outras organizações governamentais e não-governamentais que tenham interesse em tais pesquisas e que possam de diversas formas contribuir para o estudo da comunidade brasileira no Reino Unido.

2.3. Divulgar tais pesquisas através de vários canais como seminários, palestras, publicações, páginas na WEB, e outras modalidades de disseminação a serem oportunamente itemizadas.

2.4. Elaborar, desenvolver e/ou contribuir com projetos de pesquisas sobre esta temática.

3. Expectativas dos pesquisadores e participantes do GEB

3.1. Apoio a organizações que visam discutir o impacto da imigração em assuntos relativos a identidade junto as famílias brasileiras, como a ABRIR (Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido), ABRAS (Associação Brasileira no Reino Unido) e a LAWRS (*Latin American Women's Rights Service*).

3.2. Apoio a centros que possam fornecer serviços psicológicos as famílias brasileiras que enfrentam problemas emocionais em consequência de terem migrado,

através de divulgação de informações obtidas nas pesquisas e discussões de temas/ problemas enfrentados.

3.3. Um contato mais próximo do governo brasileiro, especialmente o MEC, com o DCSF (Department for Children, Schools and Families, departamento de educação no Reino Unido), para melhor entendimento sobre as necessidades das crianças brasileiras que tentam se integrar ao sistema educacional britânico assim como as que tentam se re-integrar ao sistema educacional brasileiro.

3.4. Criação de um acervo de publicações sobre a emigração brasileira para consulta dos interessados e debate.

3.5 . Promover debates com representantes de comunidades brasileiras ou centros análogos em outros países sobre experiências compartilhadas e respectivas especificidades para um melhor entendimento da experiência brasileira da emigração, um fenômeno sem precedentes históricos.

4. Expectativas dos pesquisadores brasileiros no Reino Unido

4. 1. Reajuste sistemático das bolsas de pós-graduação CAPES/CNPQ para estudantes no exterior, com base na alíquota oficial de inflação ou adoção anual do valor sugerido por cada universidade, que já incluiria as diferenças de cada região.

4.2 Revalidação de diplomas universitários obtidos no exterior, com uma homogeneização do processo quanto aos critérios, ao preço e aos prazos.

5. Perfil dos pesquisadores e integrantes e resumo de suas pesquisas

Ana Souza - Pesquisadora Visitante, Goldsmiths College, Universidade de Londres. Ana Souza ensinou Inglês como Língua Estrangeira (EFL) no Brasil por 10 anos

antes de vir para a Inglaterra em 1997 cursar Mestrado no Ensino de Língua Inglesa. Publicou artigos sobre EFL em *EFL News and Views Newsletter*, *BRAZ_TESOL Newsletter* e *FOLIO*. Na Inglaterra, Ana ensinou Português como Língua Estrangeira e se envolveu com o ensino de Português para crianças, experiência que levou a sua pesquisa de doutorado. Desde a conclusão de seu doutorado em junho de 2006, Ana tem apresentado sua pesquisa em conferências na Europa tais como 35a e 36a Conferências da Associação Britânica de Linguística Aplicada (BAAL); 11a Conferência Internacional sobre Línguas Minoritárias (ICML-XI); Conferência da Associação para Estudos Ibericos (ACIS), **17o Simpósio de Sociolinguística (SS17)**, **1a Conferência Internacional sobre a Diáspora de Falantes de Língua Portuguesa e Seminário Internacional sobre Língua e Migração (AILA)**. **Além de atuar academicamente, Ana tem se envolvido com projetos que apoiam a comunidade brasileira no Reino Unido em referência a assuntos relacionados com língua, identidade e bilingüismo, tais como a Associação Brasileira de Iniciativas Educacionais no Reino Unido (ABRIR).**

Sua pesquisa examinou a relação entre língua e identidade sob a perspectiva de um grupo de mães brasileiras em Londres e seus filhos. Mais especificamente, esta investigação analisou como identidade influencia a escolha de línguas (Português e/ou Inglês) dessas famílias. O senso de identidade das mães foi explorado assim como a maneira em que as crianças se posicionam em relação às línguas e as identidades a que elas estão expostas através do uso de entrevistas qualitativas. Além disso, as interações orais das crianças em casa e em uma escola que ensina português como língua comunitária foram gravadas. Informação sobre a visão dos participantes sobre língua e identidade coletada durante as entrevistas foi usada na análise do significado do uso das diferentes línguas nas interações gravadas. Em geral, Ana argumenta que as crianças que participaram de sua pesquisa se referem a suas experiências de identidade e língua em dois níveis: sentimentos e fatos. A interação destes dois aspectos de suas experiências influencia como elas se identificam em diferentes momentos. Além disso, este estudo especifica quatro critérios objetivos e quatro critérios subjetivos que afetam a maneira na qual essas crianças se identificam. Estes critérios também afetam a maneira na qual as crianças usam suas línguas como um símbolo de suas 'híbridas' identidades étnicas e suas múltiplas identidades sociais.

Denise Maria Brites Garcia - Psicóloga graduada pela PUCRS, trabalhou com psicologia organizacional no Brasil. Residiu em Oxford a partir de 1997, quando se afiliou a Oxford Brazilian Society (University of Oxford) e ABEP (Associação Brasileira de Estudantes de Pós-Graduação no Reino Unido). É também membro da BPS (British Psychological Society) e Imago/Multi-Lingual Psychotherapy Centre.

Participou de conferências relacionadas com Imigração e Psicanálise, como a IX Rencontre Internationale de IAHP: *“Psychanalystes en Exil, Elements d’une Histoire”*, Barcelona; Association Psychanalyse, Culture et Formation: *“Une Mere, une Terre, une Langue”*, UNESCO, Paris; Imago Multi-Lingual Psychotherapy Centre, Hungarian Psychoanalytic Society and The Freud Museum London: *“Lost Childhood and the Language of Exile”*, Londres. Residiu em Oxford por mais de cinco anos, onde iniciou mestrado em Organizational Studies pela Warwick University e realizou cursos em Counselling no Ruskin College e Oxford College of Further Education. Realizará trabalho voluntário com aconselhamento psicológico para imigrantes brasileiros na ABRAS (Associação Brasileira no Reino Unido) e CLA (Casa Latino Americana), ambas em Londres. Atualmente reside em Londres e trabalha com traduções Inglês/Português e vice-versa.

Realizou mestrado em psicanálise (MA in Psychoanalytical Studies, The Tavistock & Portman NHS Trust/University of East London), cuja dissertação *“(Dis)integration in a Foreign Land: Psychoanalytic Explorations of Migration”* consistiu um estudo sobre migração sob o ponto de vista psicanalítico. Este estudo consistiu em uma análise do que ocorre no mundo interno de um indivíduo quando este deixa o seu país para ir viver em um outro. Aborda o contexto psíquico da imigração, com as ansiedades e fases do processo migratório: perda, separação e luto e as defesas psíquicas empregadas na migração; questões de identidade e como ela é afetada; migração e linguagem, o significado da língua materna e as diferentes reações experienciadas quanto a uma outra língua que não a materna, perda do sentido em linguagem e sua importância no contexto psíquico; e escrita em outra língua, além de um estudo com famílias de imigrantes brasileiros e com seus filhos bilíngues (português e inglês).

Else R. P. Vieira - Professora Adjunta (*Reader*) de *Brazilian and Comparative Latin American Studies* do Queen Mary, Universidade de Londres, desde 2001. Sua

formação de graduação, Mestrado e Doutorado foi na Universidade Federal de Minas Gerais (o Doutorado intercalado com a Universidade de Warwick) e seu pós-doutorado foi nas Universidades de Oxford e Harvard. No Queen Mary e também coordenadora de Português, Diretora do Centro de Estudos Brasileiros e Diretora de Estudos de Pós-Graduação em Estudos Hispânicos. Introduziu a língua portuguesa na sua vertente brasileira e várias disciplinas sobre o Brasil no Queen Mary, onde também orienta diversas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado sobre aspectos diversos da cultura brasileira. Trabalhou durante muitos anos na Universidade Federal de Minas Gerais, onde foi também Coordenadora de Pós-Graduação. Foi *Visiting Professor* nas Universidades de Oxford e de Nottingham. Tem várias publicações ao longo de sua carreira, dentre as quais destaca um número especial da *Interventions: International Journal of Post-Colonial Studies* no ensejo dos 500 anos do descobrimento do Brasil; um livro sobre o filme Cidade de Deus, de Fernando Meirelles (*City of God in Several Voices: Brazilian Social Cinema as Action*), um Banco de dados sobre a cultura militante dos sem-terra hospedado pela Universidade de Nottingham; um livro sobre o poeta Haroldo de Campos. Cita-se também o texto “Jean Charles de Menezes e o luto cultural dos emigrantes brasileiros”, apresentado no *IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, 2006. Promoveu dois simpósios sobre a cultura do exílio e da imigração brasileira, um em Londres em 2004 e outro no Rio em 2006.

Marcelo Batarce - Professor efetivo na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul www.uems.br , tem Licenciatura em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita (UNESP) e obteve seu mestrado na mesma universidade (UNESP) no programa de pós graduação em Educação Matemática, campos de Rio Claro. Atualmente faz doutorado na *London South Bank University* em Londres e tem interesse em filosofia, notadamente no trabalho de Derrida. Estando em Londres atuou como segundo tesoureiro da Associação de Brasileiros de Estudantes de Pós-Graduação e Pesquisa no Reino Unido (ABEP-UK) e se envolveu com a questão da imigração de brasileiros, tendo participado ativamente no Diálogo Brasil (DB) e freqüentado algumas reuniões da Associação de Brasileiros (ABRAS) na ocasião de sua fundação. Em seguida

em parceria com a Friends of Latin American Expression (FLAME-UK) tem organizado eventos focados na comunidade Brasileira e Latino Americana especialmente para as famílias e crianças. Em 2007 organizou em conjunto com a FLAME The Touring Children's Party e em 2008 em conjunto com a ABRAS e FLAME participa da organização *Metropolitan Police FC and Brazil United Match*. Marcelo Batarce atua voluntariamente como Coordenador de Projetos na FLAME e tem interesse em intercâmbios entre companhias e ONGs sobre brasileiros em Londres e a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

Maria das Graças Brightwell - Graça está cursando o primeiro ano de Doutorado em Geografia Social e Cultural pela Royal Holloway, University of London, financiado pelo *Overseas Research Award* and pelo Departamento de Geografia da mesma universidade. Seu projeto de pesquisa busca analisar os espaços e as relações sociais do consumo alimentar de forma a entender como os imigrantes brasileiros em Londres constroem identidades diaspóricas. Graça morou no Reino Unido dez anos atrás, por seis anos, trabalhando como intérprete comunitária (português e espanhol) para Lambeth, Southwark and Lewisham Health Commission. Formada em história pela Universidade Federal de Santa Catarina e com mestrado em geografia na mesma universidade, Graça desenvolveu pesquisas sobre conflitos em áreas protegidas e mudanças no provisionamento alimentar em áreas rurais de Santa Catarina, Brasil. Além disso, no Brasil trabalhou como professora de Inglês e tradutora. Atualmente ensina Português para estrangeiros no Strode's College, em Egham.

Resumo do projeto de pesquisa atual: 'O sabor Brasileiro de Londres: comércio, consumo e as geografias transnacionais dos alimentos'.

A alimentação tem sido considerada uma das práticas culturais e materiais mais fortemente associada com a manutenção da identidade de imigrantes. Como prática social, os fluxos das mercadorias envolvidas mobilizam redes e conexões transnacionais interligando aspectos culturais e econômicos.

Apesar do crescimento das comunidades de imigrantes brasileiros e dos circuitos de comercialização de produtos brasileiros no Reino Unido (especialmente em Londres), as resultantes dinâmicas espaciais, sociais, culturais e econômicas têm sido

ignoradas na academia. Vários aspectos da vida da diáspora brasileira mundo afora tem sido objeto de estudos acadêmicos – nenhum deles busca analisar as práticas alimentares.

Nossa pesquisa visa sanar esta lacuna examinando os espaços e relações sociais de consumo alimentar dos brasileiros que vivem em Londres. Argumentamos, portanto, por um entendimento de como a alimentação, como uma prática material e cultural, pode nos informar sobre a construção de um sentido de ‘Brasildade’ em Londres. Para tanto, buscamos analisar os espaços comerciais, religiosos, festivos e domésticos. Ao analisar os espaços comerciais (tais como restaurantes e cafés) poderemos entender como estes lugares e as mercadorias ali vendidas permitem a (re) produção da cultura de um país para além de suas fronteiras. Que imagens do Brasil são aí mobilizadas? Que representação da culinária brasileira é oferecida? Como a ‘comida brasileira’ se situa no contexto da diversidade culinária de Londres? No âmbito doméstico, nos interessa os processos de negociação entre os moradores, as práticas culinárias híbridas (adaptações, substituições, improvisações), os processos simbólicos e técnicas que fazem produtos de várias procedências geográficas transformarem-se em ‘comida brasileira’. Os encontros religiosos nos apontarão subsídios para pensar a comensalidade como estratégia de agrupar e promover a sociabilidade entre os brasileiros em Londres.

Tamara Oliven - Psicóloga graduada pela PUCRS, mestranda em Psicanálise (University College London), financiada pelo Abbey Master Awards do Banco Santander. Tamara Oliven trabalhou como Bolsista de Iniciação Científica (2002-2005), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ, na linha científica: “Estudos Culturais, identidades/Diferenças e Teorias Contemporâneas”, no projeto: “Vulnerabilidade Social, Políticas Públicas e Processos de Subjetivação” no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-RS. Através da sua pesquisa publicou dois artigos e apresentou trabalhos em diversas conferências nacionais e internacionais. Atualmente, além do mestrado, trabalha como voluntária no Anna Freud Centre com um instrumento de avaliação chamado “Story Stem Coding Manual” e tem um interesse especial por Trauma e Psicanálise, assunto que abordará na sua dissertação de mestrado.

6. Algumas publicações dos pesquisadores e integrantes do GEB

BRIGHTWELL, M. G. L.; Espíndola, M. A. & Junior, V. P. (Aceito) Apontamentos sobre a produção agrícola e o transporte cargueiro entre Praia Grande – SC e as comunidades serranas, in Lucila M.S. Santos et al. (eds.) *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Edições EST, Porto Alegre.

BRIGHTWELL, M. G. L. (2008) 'Dinda Zefa's Brazilian beans'. *Family life. The Guardian*. London, 26 de abril.
<http://lifeandhealth.guardian.co.uk/family/story/0,,2276278,00.html>

BRIGHTWELL, M. G. L. & Silva, C. A. da (2006) 'Dinámicas Espacio Temporales de la Alimentación: estudio de caso sobre los cambios en la dieta de las familias rurales del municipio de Praia Grande – SC –Brasil'. In: Resumos do *Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural*, 7, p. 554-555.

BRIGHTWELL, M. G. L. (2007) Translation of Doreen Massey's article: 'Imaginando a globalização: geometrias de poder do tempo-espaco'. *Revista Discente Expressões Geográficas. Ano III, número 3*. Florianópolis, UFSC.

BRIGHTWELL, M. G. L. (2005) 'A comida na roça e as transformações no meio rural' In: Brightwell, M. G. L.; Nodari, E. S. ; Klug, J. (Eds.) *Sabores e Saberes de Praia Grande: Práticas Alimentares, Memória e História*. Florianópolis: Imprensa Universitária, p. 25-47.

BRIGHTWELL, M. G. L.; Nodari, E. S. ; Klug, J. (Eds.) (2005) 'Sabores e Saberes de Praia Grande: Práticas Alimentares, Memória e História'. Florianópolis: Imprensa Universitária.

GARCIA, Denise M.B. (2002) Dis (In) tegration in a Foreign Land: Psychoanalytical Explorations on Migration. MA in Psychoanalytical Studies dissertation (unpublished), Tavistock & Portman NHS Trust and University of East London.

GARCIA, Denise M.B. (2000) *The Mourning After: Psychoanalytical Understanding on Migration and Loss*. MA in Psychoanalytical Studies essay (awarded Distinction, unpublished), Tavistock & Portman NHS Trust and University of East London.

OLIVEN, Tamara; GUARESCHI, N.M.F; REIS, C.D; HÜNING, S.M. *Usuários do Hospital-Dia: uma discussão sobre performatividade em saúde e doença mental*. *Revista Mal estar e subjetividade*, Volume VIII, Number 1, 2008.

OLIVEN, Tamara; GUARESCHI, N. M. F.; BERNARDES, A.G; WEBER, A. *Vulnerabilidade social e o programa Hospital-dia: uma discussão sobre as políticas públicas em saúde mental*. *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC*, n. 40, p. 299-316, Outubro de 2006.

SOUZA, A.B.B. (sendo revisado) *‘Language and Identity through interactions in a Community Language School’* in *International Journal of Iberian Studies*.

SOUZA, A.B.B. (aceito) *‘The Effect of Migration on the Identities of a Brazilian Mother’* in *ICML XI Proceedings*, Budapest: Akadémiai Kiadó (Academic Publishing House) (To be published in July 2008).

SOUZA, A.B.B. (2008) *‘How are Linguistic and Cultural Identities Affected by Migration?’* in *Language Issues*, Birmingham: NATECLA, vol. 19, number 1, pp. 36-42.

SOUZA, A.B.B. (2007) *‘Language and Identity in a Community Language School’* in *Community Languages Bulletin*, issue 20, London: CILT. http://www.cilt.org.uk/pdf/pubs/bulletins/cl_20.pdf

SOUZA, A.B.B. (2006) *“Should I speak Portuguese or English?” - Ethnic and social identity construction in the language choices of Brazilian mothers and their mixed-heritage children at home and in a community language school in the UK’*. Unpublished PhD Thesis, University of Southampton.

VIEIRA, Else R.P. (no prelo) *Poets Adrift, Brazil Within: First Anthology of Brazilian Diaspora Poetry/Poetas à Deriva, o Brasil no Ser: Primeira Antologia da Poesia da Diáspora Brasileira. Bilingual* (compiled, edited and introduced by Else R. P. Vieira). Considered for publication by Faculdade de Letras/Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

VIEIRA, Else R.P. (2008) Brazilian Print Media in the US: A Comparative View'. In: *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the US*. Ed. Clemence Joue-Pastre and Letícia Braga (Harvard U P/David Rockefeller Center for Latin American Studies, pp. 44-75.

VIEIRA, Else R.P. (Ed.) (2006) Simpósio. *Representações do exílio e da migração*. Anais da International Conference of the Brazilian Association of Comparative Literature), Rio de Janeiro, Electronic Publication.

VIEIRA, Else R.P. 'Jean Charles de Menezes e o luto cultural dos emigrantes brasileiros.' In: (2006). *Simposio Representações do exílio e da migração*. Anais da International Conference of the Brazilian Association of Comparative Literature), Rio de Janeiro, Electronic Publication.

VIEIRA, Else R.P. (org.) (2004) Congresso. *Exile and Migration Portuguese Speaking Countries*, Institute of Advanced Studies, University of London.



23.

Propostas do Conselho Brasileiro na Suíça



1. Questão escolar

1.1. Argumentação

Nos diversos países onde os emigrantes brasileiros estão presentes, a comunidade procura, de alguma forma, manter os laços com a pátria. Em casa, os pais de origem brasileira tentam continuar falando português com seus filhos, a fim de que esses possam comunicar-se sem problemas com os parentes que ficaram no Brasil e para que também saibam qual é a sua origem.

O ensino da Língua Portuguesa aos filhos de emigrantes é outra forma de manter viva a língua e a cultura materna. Em cada país a forma de desenvolver esse trabalho é variada, assim como são diversas as dificuldades e desafios enfrentados por quem se propõe a realizar essa tarefa.

Na Suíça, tendo em vista o grande número de estrangeiros vindos de diversos países, o governo resolveu reconhecer o ensino da Língua e Cultura Materna como parte integrante do ensino local, estimulando os chamados Cursos de Língua e Cultura Materna (em alemão HSK - Heimatliche Sprache und Kultur). Cada nacionalidade decide como organizar suas aulas e as escolas suíças oferecem o espaço físico, isto é, disponibilizam salas de aula.

Os brasileiros na Suíça optaram por se organizar em associações por estado (cantão). Algumas das associações que estão ativas nesta área no momento são a ABEC - Associação Brasileira de Educação e Cultura (www.abec.ch), de Winterthur, a Raízes - Associação para a Língua e a Cultura Brasileira (www.raizes.ch), de Genebra e o CLiC Brasil - Curso de Língua e Cultura, de Binningen.

Todas essas associações trabalham com recursos próprios, precisam desenvolver material de ensino e encontrar formas de financiar os professores, que realizam também uma boa parcela de trabalho voluntário.

1.2. Proposta

Propomos o apoio ao ensino da Língua Portuguesa e cultura do Brasil nos diversos países da emigração brasileira.

As formas de apoio do Governo Brasileiro, através do Ministério da Educação e Cultura a essas iniciativas são variadas e deveriam ser discutidas diretamente com os grupos envolvidos nos diversos países. Acreditamos que o acesso a material didático e programas de aperfeiçoamento e formação de professores são algumas das alternativas de apoio viáveis num primeiro momento.

De qualquer forma, consideramos imprescindível que o Governo Brasileiro, reconhecendo a importância desse trabalho de divulgação e manutenção da cultura brasileira como elemento indispensável para o desenvolvimento da cidadania, estabeleça canais de comunicação com os diversos grupos e busque formas de trabalho conjunto.

2. Questão trabalhista e previdenciária

2.1. Argumentação

A população emigrante brasileira residente nos diversos países procura se integrar no país de acolhida da melhor forma, participando também ativamente do mercado de trabalho.

Essa integração no mercado de trabalho representa um grande desafio para muitos emigrantes. Ao lado da necessidade de aprender um novo idioma e adaptar-se a uma cultura diferente, existem também bloqueios causados pelo não reconhecimento da formação universitária ou técnica concluída no Brasil.

Uma parcela significativa dos emigrantes brasileiros acaba tendo de reiniciar uma formação no país de residência, muitas vezes similar àquela já concluída no Brasil, apenas para poder ter seu diploma reconhecido e desta forma poder desempenhar sua profissão e ter acesso às ofertas de trabalho. Outros passam simplesmente a exercer outras funções, ainda que inferiores às suas capacidades, a fim de conseguir o sustento para si e sua família.

Uma vez integrados no mercado de trabalho, esses emigrantes não apenas garantem o sustento de sua família no país de residência, como também enviam regularmente grandes somas de dinheiro para o Brasil, seja para auxiliar seus familiares, ou para fazer uma economia com vistas a um retorno futuro. Dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) dão conta que os emigrantes brasileiros enviam mais de U\$ 7 bilhões por ano aos familiares que ficaram no Brasil. Ou seja, mesmo estando fora do país, esses brasileiros contribuem diretamente para a economia nacional.

Além dessa contribuição enviada com regularidade ao Brasil, os emigrantes trabalhadores também recolhem com o desconto nos salários, para fundos de aposentadoria nos países estrangeiros durante os anos em que estão ativos no exterior.

No momento em que decidem voltar ao Brasil, os emigrantes enfrentam dois problemas cruciais: a contagem (ou não) do tempo de serviço no exterior para fins de aposentadoria e o destino do dinheiro recolhido com o desconto nos salários recebidos fora do Brasil para fundos de aposentadoria nos países estrangeiros. Grande parte da massa emigrante brasileira ainda estará no exterior no momento da aposentaria e se retornarem ao Brasil devem ter garantia de que as caixas estrangeiras enviem-lhes os fundos de aposentadoria devidos.

Para o Brasil isso significa a entrada no país, junto com os emigrantes retornados, de um capital de bilhões de euros e dólares.

2.2. Proposta

Propomos a assinatura de acordos bilaterais com o maior número possível de países nos campos previdenciário, educacional e trabalhista, a fim de efetivar:

- o reconhecimento mútuo dos anos de trabalho

- a transferência dos fundos recolhidos nos vários países
- o reconhecimento mútuo de diplomas universitários

3. Registro e Passaporte para filhos de brasileiros

3.1. Argumentação

Todos os filhos de brasileiros nascidos no exterior têm o direito à nacionalidade brasileira nata, conforme prevê a Emenda Constitucional 54/07, aprovada em setembro de 2007 pelo Congresso Nacional. O procedimento burocrático inclui a emissão do Registro de Nascimento no Consulado que atende a região de residência dos pais.

Também é necessário, para que a criança possa entrar no Brasil sem problemas, que seja emitido o passaporte brasileiro. Nesse ponto começa a dor de cabeça de muitas mães ou pais brasileiros casados com estrangeiros. Caso conste no Registro de Nascimento da criança o nome dos dois progenitores, é necessário que ambos assinem o formulário de pedido de passaporte para a criança. Um procedimento que não deveria ser complicado esbarra muitas vezes na negação do parceiro ou parceira estrangeira, que não vê necessidade ou até não quer que seu filho ou filha tenha o passaporte brasileiro.

Essa atitude do parceiro estrangeiro, se por um lado fere o direito da criança de ter seu documento de viagem brasileiro, por outro lado dificulta para o cidadão brasileiro sua entrada e saída no Brasil com a criança portando um passaporte estrangeiro.

No momento, se no Registro de Nascimento da criança consta o nome do parceiro estrangeiro, a única possibilidade de fazer um passaporte brasileiro sem o seu consentimento é por meio de uma autorização especial, emitida pela Prefeitura ou pelo Juizado de Menores da cidade de residência no exterior.

3.2. Proposta

Propomos a eliminação da obrigatoriedade de assinatura do pai ou mãe estrangeira na emissão do passaporte brasileiro, a fim de resguardar o direito da criança de ter seu passaporte brasileiro, mesmo que uma das partes não esteja de acordo.

4. Homologação de Divórcio

4.1. Argumentação

Na hora do casamento os noivos não pensam que sua união pode não dar certo e eles tenham de se separar um dia. A realidade porém é que muitos casamentos não dão certo, independente dos parceiros serem da mesma nacionalidade ou não. A taxa de casais que se divorciam é muito grande.

No caso do casamento de brasileiros com estrangeiros efetuado no exterior, a Lei brasileira prevê que, para ser válido no Brasil, esse casamento tem de ser registrado no Consulado da jurisdição do país de residência e depois transcrito no Registro Civil Brasileiro. O mesmo acontece na hora do divórcio. A dissolução do matrimônio firmada no exterior também precisa ser homologada no Brasil e registrada no Consulado. Sem essa homologação, o parceiro brasileiro continua casado pela Lei brasileira. Fora a questão pessoal de ainda ser considerado casado diante da Lei, há também o problema da identidade, uma vez que em muitos casos a dissolução do matrimônio implica também numa alteração de nome.

Quando os divórcios são firmados de comum acordo, normalmente não há problema para resolver as questões burocráticas envolvidas na dissolução do casamento em ambos os países, que exige a assinatura dos dois parceiros.

O problema acontece quando o parceiro estrangeiro não concorda em assinar os formulários para a homologação do divórcio no Brasil, apesar de o processo já estar concluído no país onde o casamento foi contraído. Muitos usam a exigência da assinatura no processo de homologação como forma de pressão contra o cônjuge brasileiro, causando muitos danos morais e financeiros.

4.2. Proposta

Propomos a simplificação do processo de homologação de divórcio no Brasil, por meio da não exigência da assinatura do parceiro estrangeiro. Se o divórcio já é um fato consumado na Justiça, não deveria ser necessária a assinatura do cônjuge estrangeiro para a homologação.

5. Registros emitidos nos Consulados

5.1. Argumentação

Como emigrantes que querem manter seu contato com a Pátria e garantir aos seus filhos o direito à nacionalidade brasileira, os brasileiros residentes no exterior procuram manter em ordem toda sua documentação brasileira. Isso significa: registrar no Consulado seu casamento, caso seja realizado no exterior, registrar o nascimento dos filhos, fazer seu recadastramento eleitoral, fazer o cadastramento do filho para o Serviço Militar, registrar o óbito de membros da família.

Os Consulados, incumbidos de atuarem como autoridade cartorial do Brasil no exterior, emitem os registros e certidões devidas. No entanto, para que sejam válidos em território nacional, os registros de nascimento, casamento e óbito precisam ser transcritos no Registro Civil Brasileiro.

A experiência mostra que o processo de “transcrição”, embora seja uma formalidade burocrática e legal, em muitas cidades e estados brasileiros se transforma num processo moroso, complicado e caro. Há casos em que se cobrou R\$ 120 pela transcrição de um documento. Em outro estado da Federação a soma chegou a R\$ 800.

Considerando que os Consulados são os órgãos oficiais do Governo Brasileiro no exterior com função cartorial, os documentos por eles emitidos deveriam ter o mesmo valor no território nacional do que um documento emitido por um cartório ou tabelionato local.

5.2. Proposta

Propomos o reconhecimento automático de todos os registros expedidos pelos Consulados, sem exigência de sejam “transcritos” no Registro Civil Brasileiro.

6. Divulgação da Cultura Brasileira no Exterior

6.1. Argumentação

A cultura brasileira pode ser vista em suas várias nuances e manifestações pelo mundo inteiro, atraindo turistas para o Brasil e mostrando a diversidade cultural do país.

Quem responde por esse verdadeiro trabalho de marketing a favor do Brasil são em grande parte grupos brasileiros instalados no exterior, que se ocupam diretamente com a divulgação da cultura brasileira. Os projetos variam desde exposições, apresentações musicais e teatrais, até a manutenção de bibliotecas, centros de consulta e videotecas, entre outros.

Em alguns países é possível conseguir apoio local para a promoção de atividades deste gênero, em outros é preciso recorrer ao patrocínio e apoio privado. Há também alguns exemplos de cooperação com entidades públicas ou privadas brasileiras para a realização de projetos específicos.

A realidade mostra, porém, que muitos grupos realizam seu trabalho com sacrifício, na base do voluntariado e às vezes até investindo recursos próprios para viabilizar suas atividades. Boa parte deles têm dificuldade de obter recursos para realizar projetos maiores. É de interesse nacional que se mostre o que há de melhor no Brasil, até para mudar a imagem do país no exterior. São os brasileiros emigrantes que respondem em grande parte pela imagem do Brasil que se vê no exterior e os grupos e associações culturais organizados nos diversos países deveriam ter condições de concretizar seu trabalho da melhor forma possível, com proveito principalmente para o Brasil.

6.2. Proposta

Propomos a divulgação das possibilidades existentes para a promoção da cultura brasileira no exterior, incluindo as fontes de recursos disponíveis, linhas de crédito para projetos fora do Brasil e os destinatários para encaminhamento de projetos culturais.

7. Política em relação aos brasileiros emigrados e representação em Brasília

7.1. Argumentação

A transformação do Brasil de país de imigração para país de emigração foi um processo gradativo, que cresceu com o passar dos anos. Como os movimentos migratórios em direção ao Brasil aconteceram em ondas, também a saída dos brasileiros para outros países se fez em ciclos, para os Estados Unidos, a Europa, o Japão, atingindo agora o mundo inteiro.

Essa realidade emigratória significa ter fora do território nacional uma massa significativa de cidadãos, que também têm direitos e deveres enquanto brasileiros. Regularização de documentos de identidade e registro civil, exercício do dever de voto, prestação do Serviço Militar, regularização do Imposto de Renda são algumas das preocupações do cidadão brasileiro mesmo fora do país.

Soma-se a isso a necessidade de se integrar no novo país, comprovando sua formação e capacidade de participar no mercado de trabalho. O cidadão brasileiro passa à condição de „estrangeiro residente” em outro país. Como tal, também têm direitos e deveres e muitas vezes sofre por desconhecê-los.

Ultimamente, em função de uma política cada vez mais restritiva de imigração notadamente nos países europeus, multiplicam-se os casos de expulsão de brasileiros e recusa de entrada no país. Como estrangeiros, os brasileiros também são alvo de práticas discriminatórias e vêm restringidas suas oportunidades de desenvolvimento no país de acolhida. Voltar ao Brasil nem sempre é uma solução. Faltam meios para recomeçar e coragem para enfrentar as dificuldades que motivaram a busca por melhores condições de vida. Os países europeus, por sua vez, criam cada vez mais mecanismos para evitar a permanência de imigrantes, chegando até a pagar o retorno e auxiliar financeiramente no recomeço de vida no país de origem, como é o caso da Suíça.

Resta saber o que faz o Brasil por seus emigrantes, como os informa, orienta e protege. Até hoje não se sabe o número exato de brasileiros emigrados. Não existe um censo, apenas estimativas. Sabe-se quanto volume monetário os brasileiros retornam

ao Brasil com seu trabalho no exterior, mas não se pergunta em que condições vivem os emigrantes, que atendimento recebem por parte das autoridades brasileiras no exterior.

O reconhecimento do Brasil como país de emigração implica na necessidade de identificar os motivos que levam à saída do país e acompanhar essa população que continua sendo brasileira. Não é possível cumprir essa tarefa sem conhecer a realidade dos emigrantes, sem saber de suas necessidades e reivindicações, sem manter contato com a base.

7.2. Propostas

Propomos a transformação da Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior em Secretaria Especial, diretamente ligada ao Ministro das Relações Exteriores e mantendo uma linha direta de contato com a comunidade brasileira no exterior.

Propomos que seja dado à população brasileira emigrante o direito de participar nas eleições legislativas federais. A fim de não onerar o erário público propomos que, ao invés de se criarem mais cadeiras para deputado federal e senador, seja dado à população brasileira emigrante o direito de participar nas eleições legislativas federais. Com seu voto essa população poderá escolher candidatos comprometidos também com os brasileiros que estão fora do Brasil.

8. Reivindicações da população emigrante, Serviço Consular e Diplomático

8.1. Argumentação

Viver no exterior é uma experiência única e apenas quem é sujeito dessa história sabe definir o que precisa. A vivência diária permite identificar os problemas, as necessidades, as oportunidades e os desafios. A distância da terra natal impulsiona a conhecer novas culturas, a rever conceitos, a reconhecer capacidades e olhar o próprio

país com outros olhos. A necessidade de manter os laços com seu país motiva o encontro com outros conterrâneos, a reunião em grupos, associações, grêmios representativos. É preciso saber-se parte de algo maior e não elemento isolado, perdido.

Os grupos funcionam como catalizadores e desempenham um papel fundamental no apoio ao emigrante, por meio de informação, aconselhamento, acompanhamento, tradução, mantendo sites informativos e telefones de contato. A maioria desses grupos funciona por meio do trabalho voluntário e investe meios próprios para servir à comunidade brasileira de sua região.

A aproximação e contato entre os grupos, fez ver aos brasileiros emigrantes espalhados pelos quatro cantos que eles têm problemas e reivindicações comuns e têm mostrado sua disposição de agir em conjunto para conseguir seus objetivos. A campanha bem sucedida dos Brasileirinhos Apátridas, que partindo da Suíça atingiu o mundo todo e pressionou a aprovação da Emenda que garante a todos os filhos de brasileiros nascidos no exterior o direito a nacionalidade brasileira nata é um exemplo atual. Da mesma forma o II Encontro de Brasileiros e Brasileiras na Europa, realizado em dezembro de 2007 em Bruxelas e do qual resultou uma Rede de Brasileiras e Brasileiros na Europa mostra a disposição de agir de forma coordenada e conjunta.

Nesse processo de cidadania e ação solidária falta ainda um componente importante: encontrar eco para as reivindicações e movimentos junto ao Governo Federal do Brasil em Brasília. Se muitas das necessidades dos cidadãos emigrados dependem de decisões que devem ser tomadas em território nacional, é necessário que haja um canal de comunicação aberto entre as duas partes.

Por outro lado, também em território estrangeiro os brasileiros emigrados precisam de apoio, orientação e serviços. Nesse ponto entram em ação as autoridades brasileiras no exterior. Da mesma forma como a emigração brasileira parece ter sido uma descoberta recente, também os Consulados ainda não se adaptaram a essa realidade. Falta pessoal, espaço compatível com o volume de público a ser atendido, formação adequada, equipamentos. Ao reconhecer a emigração como „fato” é preciso capacitar os agentes que devem atendê-la para que prestem serviços de qualidade e eficiência.

8.2. Propostas

Propomos a criação de uma Comissão Consultativa das Comunidades Brasileiras no Exterior ligada ao Poder Legislativo, com membros votados por jurisdição consular. Essa Comissão, em contato direto com a comunidade brasileira no exterior, estaria capacitada a expressar as necessidades e anseios dos brasileiros emigrantes.

Propomos a otimização e aperfeiçoamento do trabalho realizado pelos Consulados e Embaixadas, com a adequação das instalações e meios utilizados, formação e capacitação de pessoal e criação de um canal aberto de comunicação com a comunidade de sua jurisdição.





24.

Carta ao Senhor Samuel Bueno







24.
Carta ao Senhor Samuel Bueno

Rui Martins

Berne, 17 de maio de 2008

Excelentíssimo Senhor Samuel Bueno,
Conselheiro e vice-consul em Zurique

Inicialmente transmito a enorme satisfação dos representantes do movimento Brasileirinhos Apátridas pela decisão da Subsecretaria-Geral das Comunidades Brasileiras do Exterior do MRE de convocar um encontro das lideranças dessas comunidades, no Rio de Janeiro, para que possam debater as principais questões relacionadas com nossa diáspora, dentro da expectativa de surgirem contribuições positivas ao temário apresentado.

Excelente iniciativa que corresponde às nossas reivindicações, entregues ao ministro Celso Amorim pelo embaixador em Berna, no contexto das iniciativas que pedíamos, naquela época, em favor da reaquisição da nacionalidade brasileiras pelos filhos da emigração brasileira.

Aproveitamos, portanto, para externar nosso agradecimento às medidas que vêm sendo tomadas em favor da emigração pelo Ministério das Relações Exteriores, desde o Portal Consular à melhora dos serviços em muitos Consulados, tantas vezes congestionados por terem sido apanhados de surpresa pelo recente e crescente fluxo da emigração.

Primeiro movimento internacional emigrante

Desnecessário, sem dúvida, destacar o papel do movimento Brasileirinhos Apátridas no esclarecimento da comunidade brasileira emigrante na questão da

nacionalidade de seus filhos nascidos no estrangeiro. Petições, pedidos de informações e até mesmo manifestações nos fizeram conhecer em Brasília ou por embaixadas e consulados ou ainda pelos numerosos artigos publicados na imprensa brasileira ou das comunidades brasileiras no Exterior.

De uma ação solitária em favor dos brasileirinhos ameaçados de apatridia se chegou a um movimento de cidadania de dimensão internacional que, igualmente, organizou as primeiras manifestações internacionais de emigrantes brasileiros diante de consulados e embaixadas. Manifestações pacíficas, respeitosas, marcadas pelo bom humor dos participantes e caracterizadas pelo diálogo com as autoridades consulares e diplomáticas locais.

Entretanto, cabe assinalar que se a questão da nacionalidade brasileira era o objetivo principal do movimento, essa não era nossa única preocupação. Tanto que mal acabou de ser promulgada a Emenda constitucional 54/07, restituindo a nacionalidade brasileira aos filhos da emigração, lançamos a idéia do Estado dos Emigrantes, nada mais que uma federação internacional das comunidades brasileiras do Exterior com autonomia para propor regulamentos, leis e decretos em favor dos nossos emigrantes.

Para dar força à idéia desse Estado Emigrante ou Estado Exterior, pedimos ao mesmo cartunista Ênio Lins a criação de uma bandeira, cuja mensagem pudesse ser tão visível e clara como foi a do Bebê Apatrida, cuja interrogação no peito emocionou tantos pais emigrantes. Ênio nos propôs uma bandeira que, embora minimalista (e nisso talvez sua força), lembra a mensagem deixada por Portinari na sua tela Os Retirantes. E os emigrantes repetem, ao partir para o Exterior, a mesma busca de vida melhor da migração brasileira, nos anos 50.

A luta pelos brasileirinhos que nascidos depois do 20 de setembro de 2007 já foi ganha, mas esse tema ainda precisa ter uma solução para os brasileirinhos inseridos no limbo, se assim poderíamos chamar o período que vai do 7 de junho de 1994 ao 20 de setembro de 2007. São mais de treze anos, nos quais nasceram um número avaliado de 200 mil brasileirinhos. Recentes notícias de Estados brasileiros diferentes dão conta de problemas de registros como brasileiros natos para esses brasileirinhos, sob alegação de não estar clara a medida provisória que acompanhou a Emenda 54/07. Fundadas ou infundadas tais resistências desses tabeliães, caberá ao Ministério da Justiça desfazer as

dúvidas para evitar que nossos emigrantes seja obrigados a depender de advogados e processos para que seja reconhecido um direito certo.

Outro aspecto que se evidenciou, nos treze longos anos de luta pela recuperação da nacionalidade dos brasileiros e na demora para a votação da PEC 272.00, foi o de que nossos mais de quatro milhões de emigrantes não têm importância política. Embora possam votar para presidente, não participam da escolha de representantes na Câmara e Senado, o suficiente para serem marginalizados do processo político brasileiro. O resultado é impressionante – apenas cerca de cem mil emigrantes votam, o equivalente a 2,5%.

Por isso, o movimento Brasileirinhos Apátridas logo juntou aos seus objetivos duas outras reivindicações – a representação dos emigrantes no legislativo brasileiro e o voto por correspondência dos emigrantes restrito ao espaço da cidade onde vivem até o Consulado mais próximo, a fim de evitar qualquer risco de fraude.

A criação de vagas no legislativo para representantes de emigrantes provocará, sem dúvida, a presença e a competição partidária nas regiões dos emigrantes. Os partidos se debruçarão sobre os problemas dos emigrantes e elaborarão programas voltados aos eleitores emigrantes. A emulação partidária fará o resto. Ao mesmo tempo, o voto por correspondência evitará as despesas para ir votar em Consulados distantes. E conscientes de sua importância política, os emigrantes manifestarão o desejo de votar e não mais de se justificar por não ter votado.

Está atualmente na pauta de votação do Senado, a PEC 05/05 do senador Cristovam Buarque, criando cargos eletivos para representantes dos emigrantes nos EUA, Europa e Japão. Na visão do nosso movimento, a representação legislativa deverá ser conjugada com o atual sistema português, no qual existe um Ministério das Comunidades, havendo um fórum especial em Lisboa reunindo os representantes das comunidades de emigrantes portugueses espalhadas pelo mundo. Ora, embora a emigração portuguesa seja um fenômeno antigo, um estudo recente revela não haver um número muito superior de emigrantes portugueses aos dos brasileiros, sendo da ordem de seis milhões. O número de portugueses nos EUA é equivalente ao dos brasileiros, cerca de dois milhões.

Na defesa da nacionalidade dos brasileiros e nas reivindicações atuais decorrentes, há uma determinante cultural – a defesa do idioma português-brasileiro e

sua cultura junto aos emigrantes, para que sejam preservados pelos seus descendentes, mesmo no caso de casamentos mistos. É preciso haver uma estrutura ativa nas regiões com maior número de emigrantes, capaz de permitir o bilinguismo para os brasileiros. Portugal criou um setor de educação no Exterior. O Brasil não tem, na Suíça existem cursos de português financiados pelos programas locais de integração. Programas de incentivo para escolas precisam ser criados e setores culturais ativos com biblioteca, festivais de cinema e concertos musicais, para se preservar também a memória do nosso folclore.

Outro aspecto que preocupa os emigrantes é o previdenciário – muitos já contam como uma contribuição para o INSS no Brasil e, ao começarem a trabalhar legalmente no Exterior, sabem que não contribuirão com o número de anos necessários a uma boa aposentadoria. Os emigrantes de retorno, no caso de falta de acordo bilateral, perdem os anos pagos no país da emigração. Alguns países permitem que se retire o capital contribuído, porém não garantem o pagamento de aposentadoria no caso do emigrante retornar ao seu país de origem. Serão, portanto, necessários acordos bilaterais para resolver esses problemas previdenciários.

Os emigrantes enviam ao Brasil um total avaliado entre 5 a 7 bilhões de dólares anuais, destinados ao sustento de suas famílias ou construção de casas para quando retornarem. Ora, os custos com as comissões de transferência do dinheiro dos emigrantes para suas famílias cobrado pelos bancos ou doleiros é alto. Muitos emigrantes gostariam de ter no Brasil suas economias na moeda enviada. Nem sempre é uma boa alternativa, veja-se a queda atual do dólar, mas deveria ser averiguada a possibilidade dos emigrantes brasileiros poderem ter contas em dólar, euro ou moeda economizada no país de emigração.

Portanto, nosso movimento, embora recente, já tem uma história por ter possibilitado a união de emigrantes de diversos países em torno de um interesse comum. Essa experiência deverá ser incentivada para que, em conjunto com a SGEB, se possa traçar uma política comum. Nos comunicados do nosso movimento, sempre deixamos claro nossa proposta de que a SGEB não seja constituída apenas de funcionários, embora altamente qualificados, do MRE. Achamos essencial uma participação igualitária de representantes das comunidades de emigrantes.

Defendemos mesmo a idéia de que esses representantes tenham uma função itinerante na região onde vivem na qual informem sobre as iniciativas do governo e, ao mesmo tempo, recolham as críticas e propostas dos emigrantes. Esse um dos aspectos que nosso movimento poderá propor, discutir ou negociar no Seminário do Rio de Janeiro.

Enfim, a luta pelos brasileiros foi um elemento detonador para muitas comunidades locais. Na Suíça, por exemplo, nem o Conselho Brasileiro e nem as comunidades tinham conhecimento da gravidade do problema da nacionalidade dos brasileiros. Não havia também a idéia de que um movimento de cidadania pudesse obter inclusive uma mudança constitucional. Ao considerar o emigrante num contexto internacional e propor medidas e acompanhamentos que transcendiam as atividades locais, o movimento Brasileirinhos Apátridas provocou a emulação e despertou a entidade para questões mais amplas.

Material Visual e Audio-Visual

A seguir, links aos nossos logos, filme sobre Brasileirinhos Apátridas no YouTube e outros destaques.

Rui Martins, responsável pelo movimento Brasileirinhos Apátridas.

Site – www.brasileirinhosapatridas.org , clicar em cada item para ter acesso a informações da campanha, áudios, jornais e vídeos.

Logos da campanha – o Bebê sem Pátria, por nós cedido pelo cartunista Ênio Lins; os Brasileirinhos com Passaporte, foto free de Rui Martins, numa classe de Português, do grupo Atitude em Berna; e a Bandeira do Estado dos Emigrantes – estão em anexo neste e-mail, mas estão também num DVD que estou enviando ao Consulado de Zurique.

Links You Tube – com manifestações dos Brasileirinhos Apátridas e entrevistas em Brasília

<http://br.youtube.com/watch?v=lvYMCh-ig3g>
<http://br.youtube.com/watch?v=SaQTuO5RFw0>
<http://br.youtube.com/watch?v=1rHKWjod-j8>
<http://br.youtube.com/watch?v=-8gG0Z8tSuc>
<http://br.youtube.com/watch?v=zlgUR-WOKdw>
<http://br.youtube.com/watch?v=EzwPGqHiM4E>
<http://br.youtube.com/watch?v=d4AHV8k0PhE>
<http://br.youtube.com/watch?v=Qs1Y5j7Kgbc>
http://br.youtube.com/watch?v=fkqVn_uA_-A
<http://br.youtube.com/watch?v=wWS9ShYSbVg>

25.

Brasileirinhos Apátridas e Estado do Emigrante



25.

Brasileirinhos Apátridas e Estado do Emigrante

Rui Martins

A Secretaria-Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior - MRE

Referência - 1 Seminário das Comunidades Brasileiras do Exterior

Venho solicitar a inclusão, no Programa previsto para o dia 17 de julho, como contribuição complementar aos itens XVII e XVIII, já aberto à participação do movimento scalabriniano e ao IMDH, dos dois textos anexos, relacionados com o movimento de cidadania, láico e apolítico, Brasileirinhos Apátridas, cuja ação foi determinante na obtenção da Emenda constitucional 54/07, e com sua sequencia, se transformando em Estado do Emigrante, projeto incluso.

Rui Martins - Brasileirinhos Apátridas e Estado do Emigrante. Berna, Suíça, 18 de junho de 2008.

Texto 1 - Movimento BRASILEIRINHOS APÁTRIDAS - un exemplo de organização voluntária da emigração



Bebê sem Pátria, criado pelo cartunista Ênio Lins, de Brasília. (copyright cedido aos Brasileirinhos Apátridas).

Na análise das organizações e entidades voltadas à emigração brasileira, não pode ser omitida a emergência de um movimento de cidadania que, embora sem qualquer financiamento de origem governamental, religiosa, política, privada ou filantrópica, conseguiu se transformar num grupo internacional de emigrantes, ativo e unido, capaz de mobilizar comunidades dos países com maior número de emigrantes e, ao mesmo tempo, parlamentares em Brasília.

Trata-se do movimento de cidadania Brasileirinhos Apátridas que, na história da emigração brasileira, entrará como o articulador e organizador das primeiras manifestações internacionais de emigrantes. E, mais que isso, como principal responsável pela aprovação da PEC 272.00, da qual se beneficiaram mais de 200 mil filhos de emigrantes, sem se contar os filhos de brasileiros nascidos a cada dia no estrangeiro, que totalizam anualmente cerca de 18 mil brasileirinhos.

Com efeito, sem dispor de verbas, seus representantes em dez países organizaram reuniões de emigrantes, imprimiram cartazes, faixas e, no 2 de junho de 2007, manifestaram diante de Consulados ou Embaixadas, onde leram e entregaram ao Cônsul ou Embaixador local o documento reivindicatório e abaixo-assinados dos emigrantes em favor da PEC ou Proposta de Emenda Constitucional 272.00, restituição da nacionalidade brasileira aos filhos de brasileiros nascidos no Exterior.

Ao mesmo tempo, seus representantes em Brasília, contataram parlamentares, dialogaram e incentivaram a criação de uma Comissão Parlamentar encarregada de discutir, dar parecer favorável à PEC 272.00 e aprovar a modificação constitucional..

O deputado Carlito Merss, PT/SC, numa viagem a Genebra, pouco antes de assumir seu cargo, encontrou-se com emigrantes brasileiros na Suíça e ali teve também a oportunidade de ver o site www.brasileirinhosapatridas.org, portal do movimento, no qual se informou sobre a injusta situação dos filhos do emigrantes, que desde a reforma constitucional de 1994, estavam sujeitos a ficarem sem pátria em 2012, ao completarem 18 anos. De volta a Brasília, Carlito Merss se tornou o presidente da Comissão Parlamentar e coube à deputada Rita Camata, PMDB/ES, dar o parecer favorável à aprovação da emenda.

Bem organizado, o movimento Brasileirinhos Apátridas mantinha contato direto com a Comissão Parlamentar através de representantes ou por telefone e e-mail. De maneira surpreendente, a PEC - apesar das Medidas Provisórias, prioritárias na pauta

da Câmara Federal -conseguiu entrar em discussão e ser aprovada em tempo recorde, três meses depois do parecer favorável da deputada Rita Camata, incluindo-se nisso julho, mês de férias.

Vale ressaltar na ação de cidadania desse movimento, os diferentes tipos de envolvimento pessoais obtidos, sempre de maneira benévola. Um dos principais fatores de sucesso e expansão do movimento, entre emigrantes e seus familiares e amigos no Brasil, foi a visibilidade permitida pelo logotipo criado por um cartunista de Brasília, Enio Lins, o Bebê sem Pátria (em anexo) que circulou em jornais, mídia alternativa, sites e por e-mails, sem se esquecer a penetração permitida por uma rede de contatos, o Orkut.

Diversas comunidades Orkut dos Brasileirinhos em países diferentes levaram a campanha em favor da PEC 272.00 a dezenas de milhares de pessoas, a maioria emigrantes. Jornais das comunidades brasileiras na Suíça, nos EUA, na Europa e no Japão publicaram reportagens, entrevistas, que, a seguir, ecoavam principalmente na mídia alternativa brasileira.

Se algum dia, os emigrantes quiserem fazer um agradecimento, deverão fazê-lo ao informático suíço André Mazouer, que sem qualquer vínculo com o Brasil, criou e manteve benevolmente o site dos Brasileirinhos Apátridas, ponto de encontro dos pais emigrantes preocupados com a nacionalidade de seus filhos.

A luta pela nacionalidade dos filhos da emigração tinha sido solitária no seu início por haver opacidade a esse respeito, tanto no MRE como nos Consulados, pois o passaporte entregue às crianças era considerado pelos pais como um documento de nacionalidade, quando na verdade não passava de um documento de viagem. Apenas esparsos artigos na imprensa (CBN, Agência Estado) ou publicados em O Globo pelo jornalista Ascânio Seleme apareciam, sem despertar qualquer interesse.

Finalmente, um contato com o então ministro da Saúde José Serra, em 1999, levou o problema ao senador cearense Lúcio Alcântara, que, no ano seguinte, depositou um projeto de emenda (havia duas ou três propostas de projetos pendentes mas sem sequência), com o número de 272.00, aprovado por quase unanimidade - dois votos contra.- no Senado. A Câmara deveria se pronunciar a respeito, mas a PEC 272.00 ficou parada até 2004, quando o então presidente da Câmara, João Paulo Cunha, nomeou uma Comissão Parlamentar encarregada de dar seu parecer. Mas a CP nunca se reuniu.

Foi nessa altura, que uma entrevista sobre a questão para a revista da comunidade brasileira na Suíça, Cigabrazil, despertou interesse e preocupação na comunidade emigrante de Berna, capital suíça. A detonadora da consciência coletiva dos emigrantes, que iria se propagar rapidamente por diversos países, foi um palestra pronunciada para emigrantes no Grupo Atitude. Outra palestra ocorreu em Zurique.

Em pouco tempo, o movimento se expandiu para Genebra e, logo depois, para o Japão, EUA, e países europeus.

Em junho de 2007, o Conselho Brasileiro na Suíça, do qual fazem parte as comunidades brasileiras, organizou uma manifestação no Consulado de Zurique com a participação dos Brasileirinhos Apátridas, que, ao mesmo tempo, convocava e organizava manifestações nos países com maior presença de emigrantes brasileiros. Manifestações pacíficas registradas pela imprensa brasileira e na mídia das comunidades brasileiras do Exterior.

Nessas manifestações, realizadas pelos representantes locais dos Brasileirinhos Apátridas, ficou evidente a capacidade de organização dos emigrantes - as maiores manifestações foram em Zurique, Paris, Washington, Nagoya e Londres.

Enquanto esperam do Ministério da Justiça uma portaria para que os cartórios apliquem a medida transitória acompanhando a aprovação da PEC 272.00, transformada em Emenda constitucional 54/07, os membros dos Brasileirinhos Apátridas imaginaram uma reconversão do movimento vitorioso, numa nova campanha pela criação do Estado Emigrante. O objetivo é o de entregar aos emigrantes a gestão institucional da emigração brasileira.

Foto de brasileirinhos, num curso de Português em Berna, Suíça (foto RM)

Rui Martins, criador e responsável pelo movimento Brasileirinhos Apátridas.



Foto de brasileirinhos, num curso de Português em Berna, Suíça (foto RM)

Texto 2 - O Estado do Emigrante, ou a entrega da gestão institucional de sua condição aos próprios emigrantes



Bandeira do Estado do Emigrante (uma versão estilizada dos Retirantes de Portinari, pelo cartunista de Brasília, Ênio Lins, copyright cedido ao Estado do Emigrante).

O Estado do Emigrante, ou a entrega da gestão institucional de sua condição aos próprios emigrantes

A idéia de se reunir os emigrantes num Estado, virtual ou real, surgiu no decorrer da campanha pelos Brasileirinhos Apátridas. A demora na aprovação da Emenda 272.00, sujeita à boa vontade ou não dos deputados de constituírem a Comissão Parlamentar e depois se reunirem, elaborarem um parecer e votarem, mostrou haver necessidade de os emigrantes serem os próprios responsáveis pela leis que lhes interessam.

Se houvesse deputados emigrantes em 1994, na reforma da Constituição, não teria sido aprovada a emenda retirando a nacionalidade nata dos filhos de brasileiros nascidos no Exterior. Se houvesse deputados emigrantes em 2000, a PEC 272.00 não teria ficado na gaveta da Câmara Federal tanto tempo, de onde saiu só em decorrência de manifestações de pais emigrantes.

O aumento do número de emigrantes e o volume de dinheiro por eles enviado ao Brasil, mais de 7 bilhões de dólares anuais, mostrou não ser a criação do Estado do Emigrante uma idéia absurda, mas realizável se encontrasse eco junto a parlamentares, setores governamentais e privados, opinião pública e mídia.

Ora, depois de alguns anos de germinação, a idéia do Estado do Emigrante parecer ter cumprido esse trajeto, chegando mesmo a interessar setores da iniciativa privada e empresários, bem como tem obtido pronunciamentos em seu favor, no Congresso nacional.

A idéia do Estado do Emigrante não chega a ser original, pois se baseia numa mistura da experiência de três países com seus emigrantes - a de Portugal, da Itália e da França..

Portugal, cujos emigrantes se espalham pelo mundo desde as conquistas marítimas de Vasco da Gama e de Fernando de Magalhães, chegou a ter mais da metade da população fora do país na emigração e, durante a ditadura salazarista e guerras coloniais, os emigrantes portugueses em Paris eram tantos, que se costumava dizer ser Paris a segunda maior cidade portuguesa. Com essa experiência, criou um sistema de representação das comunidades num Conselho de Comunidades, por eleições diretas dos emigrantes, que elegem 63 conselheiros benévolos (antes eram 100), conjugado com um ministro das Comunidades.

Ao mesmo tempo, existem duas circunscrições eleitorais, para os emigrantes na Europa e para os que vivem em outros continentes, nas quais elegem por voto direto, utilizando-se as listas eleitorais dos Consulados, 4 deputados, 2 para cada circunscrição. O Conselho das Comunidades é olhado com certa reserva atualmente porque só possui o poder de recomendar medidas, o que limita sua eficácia. Ao contrário, os 4 deputados eleitos (em Portugal não há senadores) legislam e editam projetos de leis no Parlamento.

O sistema francês permite aos emigrantes votarem para um Conselho de franceses do Exterior que, por sua vez, elege por votação indireta, alguns senadores. O sistema italiano reconhece o direito de voto dos emigrantes nas legislativas, mas não há circunscrições próprias, podendo o eleitor votar para um candidato emigrante ou um candidato das listas internas do país.

O Estado do Emigrante ou Estado Emigrante, na nossa proposta, deve ter uma representação na Câmara Federal e no Senado. Paralelamente, deve existir um Conselho das Comunidades com representantes das comunidades do Exterior, que poderia ter uma duplicata da Secretaria das Comunidades Brasileiras no Exterior, mas funcionando de forma autônoma ao lado do órgão homônimo, no Ministério ds Relações Exteriores. Em lugar de um governador, o Estado do Emigrante teria um ministro ou sub-ministro da Emigração ou dos Emigrantes.

Já existe no Senado um projeto PEC 05/05, de autoria do senador Cristovam Buarque, para serem permitido o voto dos emigrantes nas legislativas e com direito à escolha de representantes, também por circunscrições eleitorais - Américas, Europa, Asia e outros continentes. O projeto não cita senadores, mas poderá ser complementado para se criar vagas de deputados e senadores.

Atualmente, dos quatro milhões de emigrantes votam apenas cem mil por não despertar interêsse a simples participação nas eleições presidenciais e porque a presença exigida torna onerosa a votação, pois muitos Consulados ficam distantes da residência dos emigrantes.

A criação do Estado do Emigrante deverá ser precedida da aprovação da PEC 05/05 , complementada com a criação do voto por correspondência entre a residência dos emigrantes ao Consulado mais próximo. O voto por correspondência funciona em diversos países, como a Suíça, sem risco de fraude, e poderá aumentar o interesse dos emigrantes pelos pleitos eleitorais legislativos.

Ao mesmo tempo, a criação de 4 ou mais cadeiras na Câmara e no Senado irá provocar a criação de diretórios dos diversos Partidos no Exterior e ativar a vida política entre os emigrantes, que, não mais cem mil, porém, alguns milhões, poderão mesmo decidir eleições presidenciais.

Nossa proposição no I Seminário das Comunidades Brasileiras no Exterior é a de que seja adotada imediatamente uma fase de transição, para que se acelere a discussão no Congresso da criação do Estado do Emigrante. Essa fase de transição, calculada em dois anos, consistirá na indicação de um ou mais emigrantes presentes para elaborarem junto com a SGCE o projeto ou as adaptações governamentais necessárias à criação do Estado do Emigrante.

Esse ou esses representantes poderão também ter contato com parlamentares para ser proposta, no mais curto espaço de tempo, uma PEC criando o Estado do Emigrante ou Estado Emigrante, constituição de uma Comissão Parlamentar e votação. Ao mesmo tempo, esse ou esses representantes deverão cumprir uma missão de informação itinerante junto às comunidades de emigrantes, coletando também as necessidades e reivindicações mais urgentes.

Rui Martins, idealizador do Estado do Emigrante, na sequência dos Brasileirinhos Apátridas.





26.

Processo Migratório e a Integração Brasil-Japão
no Espaço Global: Os desafios para a construção
de uma Agenda Social Transnacional





Processo Migratório e a Integração Brasil-Japão no Espaço Global: Os Desafios para a Construção de uma Agenda Social Transnacional¹

Edson Urano²

O objetivo deste artigo é discutir e analisar as perspectivas e possibilidades de construção de políticas sociais em dois campos, o do **mundo do trabalho**, e da **questão previdenciária**, partindo da realidade que o migrante tem enfrentado no país receptor, o Japão, e também ao retornar ao Brasil. O argumento principal é o de que o processo migratório dos brasileiros ao Japão tem uma natureza transnacional, e que as políticas sociais também precisam refletir e ser construídas tendo em mente este aspecto para que tenham efetividade. É natural que programas como os de seguridade social tenham sido originalmente desenhados tendo como base e limite as fronteiras sociais, políticas e culturais de cada país. Contudo, a crescente fluidez de bens, capitais e pessoas em termos globais tem trazido cada vez mais a necessidade de mecanismos regulatórios e políticas que transcendam as fronteiras nacionais. Passados mais de 20 anos desde o início deste processo migratório dos brasileiros ao Japão, o desafio que se coloca é o de se costurar esquemas de suporte, *safety nets*, que permitam um futuro “auto-sustentável” para a vida resultante desta travessia. Travessia essa feita, muitas vezes, no fio da navalha, entre dois países tão distantes.

Transitoriedade e Permanência

O que no início, em meados da década de 80, parecia ser um processo migratório temporário, tanto em termos dos planos e expectativas dos migrantes brasileiros rumo ao Japão, assim como por parte do país receptor, transformou-se, de um lado, em

¹ Texto com modificações e acréscimos da comunicação feita no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Setembro de 2004, Universidade de Coimbra, Portugal.

² O autor é professor do departamento de Estudos Luso-brasileiros da Faculdade de Estudos Estrangeiros da Universidade Sofia e também diretor da NPO SABJA, Serviço de Assistência aos Brasileiros no Japão. E-mail: uranoster@gmail.com.

um processo transitório, ambíguo, com pessoas num movimento recorrente entre o Brasil e o Japão, e de outro, resultou na formação de uma comunidade “estável” no Japão, que hoje representa um contingente de 316 967 pessoas³. Hoje, a população brasileira representa 14.7% da população estrangeira no Japão, de um total de 2152973 ⁴.

Em mais de 20 anos desse processo migratório, à semelhança do que ocorreu com as correntes migratórias de mexicanos para os Estados Unidos, de indianos para a Europa, e de tantos outros, um espaço social peculiar, que não é somente Brasil, nem somente Japão, estruturou-se ao longo do tempo, deste processo a que inicialmente se denominou “dekassegui”, do migrante temporário. Um espaço social diverso, em que certos vetores, certas forças, movem as pessoas de volta ao Brasil, e outras as motivam a se aventurarem em terras nipônicas. Transitoriedade e permanência se entrelaçam na mente, nos corações, na vida destes brasileiros.

A legalidade e suas implicações

Ao compararmos o caso dos brasileiros no Japão com a realidade das comunidades brasileiras de outros países pelo mundo afora, precisamos atentar para uma peculiaridade importante: a grande maioria pode viver legalmente no país, o que inclui brasileiros *nikkeis* de segunda e terceira gerações, seus filhos e cônjuges, graças à reforma da Lei de Imigração Japonesa em 1990. Com direito à renovação de seus vistos sem limites de tempo, os migrantes têm grande facilidade para transitar na ponte aérea Brasil-Japão. Isto, combinado à subordinação destes trabalhadores à lógica de um mercado de trabalho periférico extremamente instável no país receptor, tem sido determinante para a constituição de um mercado de trabalho transnacional, em que a atuação de intermediários, agenciadores, empreiteiras e redes sociais dos migrantes tem tido um papel fundamental. Com o incessante esforço de enxugamento dos processos de produção e de seus custos, formou-se um mercado de trabalho

³ Fonte: Relatório do Departamento de Imigração do Ministério da Justiça do Japão, dados relativos ao final de 2007 <http://www.moj.go.jp/PRESS/080601-1.pdf>

⁴ Op.cit.

transnacional no qual prevalece a instabilidade empregatícia através de empreiteiras, agências de empregos e produção flexível nas fábricas (Kajita et al.2005). Concomitantemente, uma gama de serviços tem se estruturado em torno desse movimento. Fluxos financeiros gerados pelos migrantes e serviços bancários especializados para os mesmos; escolas brasileiras, cursos universitários à distância, a mídia étnica. Tudo isso tem gerado, ao mesmo tempo, uma série de oportunidades e também a necessidade de programas especiais para demandas sociais específicas que possam dar conta desse complexo espaço social transnacional.

Para o propósito deste artigo, é importante ressaltar que o status legal para a permanência no Japão é um elemento chave para pensarmos sobre a viabilidade das políticas sociais. Em termos trabalhistas e previdenciários, os brasileiros possuem os mesmos direitos, pois a aplicação das leis trabalhistas é universal. Cabe questionar porque questões como o respeito às leis trabalhistas, a inscrição no seguro social, não tem se concretizado de uma maneira mais abrangente. E também atentar para o fato de que, de certa maneira, com a legalidade, as condições básicas para inscrição dos brasileiros no *Shakai Hoken*, o seguro social japonês, e para a costura de acordos como o previdenciário entre o Brasil e o Japão estão, em certo grau, dadas.

Este trabalho é uma tentativa de apontar algumas possibilidades e discussões em relação a estes problemas, à luz do que a realidade empírica nos traz, realidade essa captada através de pesquisa de campo realizada pelo autor, com dezenas de depoimentos colhidos ao longo de mais de 10 anos de atividades junto à comunidade brasileira no Japão em regiões como a província de Aichi, Gunma, Mie, Okayama e Miyagi, e também no Brasil.

Migração, (a falta de) uma política migratória a e formação de espaços sociais transnacionais

Começaram a surgir em meados da década de 80 (Fujizaki, 1992), movimentos de retorno dos migrantes japoneses e seus filhos com dupla nacionalidade para o Japão, como forma de fugir da 'década perdida' brasileira em direção ao Japão, país esse que também sofreu com a estagnação econômica na década de 90.

Como foi dito anteriormente, as reformas na Lei de Imigração japonesa aprovadas em junho de 1990, tornaram possíveis o ingresso de descendentes de japoneses de até terceira geração no país. Para que isso ocorresse, houve uma considerável pressão de natureza social, política e econômica. Embora o país tratasse de garantir a estruturação de um novo canal de captação de mão de obra através dessa medida, é importante frisar que isto não representou necessariamente uma política migratória. E até hoje, embora seja patente o processo de fixação de parte dos brasileiros e outros estrangeiros à sociedade japonesa, órgãos oficiais dificilmente os reconhecem, os admitem formalmente como imigrantes. Ao pensarmos nas possibilidades de políticas sociais, inevitavelmente nos deparamos com esse paradoxo. Apesar do processo migratório e de fixação dos *nikkeis* à sociedade japonesa estar em curso, estes não são reconhecidos como imigrantes. Então, o primeiro passo para que haja um avanço das políticas públicas passa por essa revisão de natureza “conceptual”, que gere um maior engajamento por parte do governo japonês na adoção de medidas de cunho nacional para a integração dos mesmos à sociedade.

Em um momento em que a sociedade japonesa, o empresariado japonês têm se movimentado no sentido de introduzir mais mão-de-obra estrangeira no Japão, com a possibilidade de introdução de trabalhadores de países do leste asiático (Filipinas, Tailândia, Malásia e Coréia do Sul), associadas à formação da área de livre comércio do Japão com esses países, uma análise mais profunda do movimento migratório e das formas de incorporação dos brasileiros no Japão é importante também para se dimensionar até que ponto o país está preparado para acolher novas correntes de trabalhadores estrangeiros, tendo em vista a inclusão/exclusão social dos estrangeiros em uma perspectiva de longo prazo, já que mesmo no caso da comunidade coreana, presentes na sociedade japonesa há muitas décadas, não se pode dizer que esteja completamente integrada.

Faist(2000:13) tem definido os espaços sociais transnacionais como resultantes de combinações de laços, simbólicos e sociais, posições em redes e organizações e redes de organizações que podem ser encontradas em pelo menos dois locais geográfica e internacionalmente distintos. Outra importante característica é que tais espaços são desterritorializados, ultrapassam as fronteiras das nações-estado através de redes de pessoas e instituições. Ao mesmo tempo, estas redes pessoais e institucionais

desterritorializadas viabilizam uma circulação de bens e pessoas através de diferentes países (Tsuda 2003: 224-225). O sistema migratório dos brasileiros ao Japão tem como eixo a atuação de agentes de viagens, empreiteiras, laços sociais e familiares, além de uma gama de serviços como a mídia étnica, comércio de produtos alimentícios, serviços de telefonia, serviços bancários, principalmente em centros com alta concentração de populacional de brasileiros em cidades como Toyota (Aichi), Hamamatsu (Shizuoka), Oizumi (Gunma). Jornais étnicos como o International Press e o Tudo bem, têm concretizado a circulação da informação dentro da comunidade, funcionando como ponto de intersecção do mercado de trabalho através de seus classificados. O canal de televisão da International Press TV, que retransmite programas de televisão brasileiros e também grades com noticiários traduzidos dos jornais japoneses e também reportagens de dentro da comunidade brasileira, tem acelerado ainda mais este processo de circulação da informação. O desenvolvimento de serviços de telefonia internacional, como a Brastel, entre outros, tem reduzido significativamente os custos de comunicação entre os dois países. No caso desta companhia, sua influência na comunicação internacional tem extrapolado as fronteiras da comunidade latino-americana, sendo utilizado por diversas comunidades estrangeiras no Japão, ao conectar os residentes no Japão, através do sistema de *call-back*, com mais de 240 países. Uma circulação bastante ativa de bens, pessoas, símbolos, tem se formado entre os dois países. É notável também, como já foi citado inúmeras vezes em textos acadêmicos e jornalísticos, o volume de recursos financeiros que os migrantes brasileiros enviam para o Brasil todos os anos.

A importância de se considerar a questão da formação dos espaços sociais transnacionais está no fato de que visões locais não parecem ser suficientes para abarcar a complexidade do processo migratório e das necessidades destes indivíduos. Como bem observa Sassen sobre os processos transnacionais, “Esta localização do global, ou do não-nacional, em territórios nacionais minam a dualidade chave corrente em muitos dos métodos e esquemas conceptuais prevalentes nas ciências sociais – de que o nacional e o não-nacional são duas condições mutuamente exclusivas” (Sassen 2001: 187). Isto possui implicações também a nível das políticas sociais, pois políticas calcadas em visões locais correm o risco de não serem eficazes justamente por não abarcarem a complexidade do problema a ser trabalhado.

Famílias Transnacionais

Sinais de uma fixação um tanto quanto ambígua dos brasileiros podem ser notados, por exemplo, através do aumento do número de vistos permanentes. Contudo, em termos de planejamento do movimento migratório ao nível das famílias, a obtenção deste visto não significa necessariamente uma decisão de estada definitiva no Japão. Nas investigações de campo que tenho realizado, deparo-me com muitos entrevistados que possuem hoje o visto permanente, mas indagados se isto significava um plano de estada definitiva, a resposta foi muitas vezes indefinida ou de que seria para fugir dos periódicos trâmites burocráticos a que estão sujeitos os outros tipos de visto. Embora valha lembrar que, muitas vezes, o desejo manifesto pelos migrantes corra na direção oposta aos processos sociais efetivamente em curso.

O casal Davi e Janete⁵, naturais do estado de São Paulo, residentes na cidade de Okazaki, Aichi, entrevistados em janeiro de 2004, vive no circuito Brasil-Japão desde 1990. Primeiro o marido, depois o casal veio ao Japão, e tiveram experiências de trabalho em construção civil, fábrica de pneus, fábrica de macarrão instantâneo, autopeças, entre outros. Para este casal, que tinha conseguido o visto permanente há 6 meses, o maior motivo para terem este visto era para que seu filho, que é de quarta geração, pudesse ter um visto de descendente de terceira geração, o que lhe permite ter um visto sem restrições quanto as suas atividades profissionais e de estada no Japão. Contudo, os planos para o futuro são difusos. O casal gostaria de montar uma farmácia no Brasil mas não possuem experiência anterior nesta atividade. Gostariam também que seu filho, hoje com 15 anos, fizesse uma faculdade no Brasil ou no Japão. Expressaram também a vontade ir a outro país, como Estados Unidos, Europa ou Portugal.

Ao focar a análise nos indivíduos e famílias, também podemos perceber a formação de esquemas transnacionais de migração, em que diferentes membros de familiares formam laços de solidariedade residindo em países distintos para atingir objetivos de médio e longo prazos. Um caso bastante interessante é o da família Nihei, entrevistado pelo pesquisador na província de Okayama e também na cidade de Guaíra, no Paraná.

⁵ Todos os nomes de entrevistados utilizados neste texto são fictícios.

Augusto Nihei foi para Okayama, em 1993, junto com seu irmão, através de uma agência de viagens sediada em Maringá, Paraná, que tinha conexões com a empreiteira Nippak, objeto de um estudo de caso do pesquisador (Urano 2004c). Na ocasião, sua irmã mais nova, que já se encontrava empregada na mesma companhia, apresentou-os à empresa, deu suporte financeiro e assistência para iniciar a vida no Japão. Augusto partilha com seu irmão todas as despesas de casa e agora dá suporte a esta irmã, que retornou ao Brasil e hoje vive com seu marido e dois filhos em Guaíra. O casal começou um pequeno negócio de design e impressão de adesivos para múltiplos usos. Para expandir seu negócio, o casal necessitava de uma máquina de impressão e corte de adesivos que custava 30 000 dólares. Este aparelho foi financiado através do trabalho dos irmãos Nihei, que trabalham em uma fábrica de autopeças. A expectativa é de que com a expansão do negócio, também eles possam participar no negócio criado pelo casal em Guaíra. Uma conexão de longo prazo se estabeleceu através da combinação de conexões entre agências de viagens e empreiteiras e se mantêm através de conexões e estratégias familiares. A queda nos salários, para os irmãos Nihei tem significado, ao invés de um desincentivo de suas estadas no Japão, um estímulo, uma reprogramação para capitalizar seu negócio no Brasil.

Outro ponto importante é que a vida pessoal e profissional do indivíduo fica atrelada à dinâmica do mercado de trabalho dos dois países. Em muitos casos, uma análise superficial pode identificar o comportamento migratório como uma sucessão de decisões equivocadas dos indivíduos, com sucessivas idas e vindas, abertura mal sucedida de negócios e alijamento do mercado de trabalho. O presente artigo focaliza esta problemática sob um prisma diferente: o que existe, na realidade, é uma forte influência sobre o indivíduo e famílias da instabilidade empregatícia em um mercado de trabalho com força para ligar espaços geograficamente distantes, o que gera uma condição social frágil, com conseqüências na esfera do trabalho, da família, no ciclo de vida do migrante ao longo dos anos. Nem sempre, as estratégias individuais têm sido capazes de trabalhar com as pressões de ordem econômica, social e emocional geradas por esta condição, o que pode gerar conseqüências ao longo dos anos, também para a segunda geração gestada atualmente na comunidade brasileira no Japão. O fator causal maior precisa ser localizado nesta condição social de trabalhador temporário, alijado de muitos

componentes de sua condição social no país de origem, como o status social, o convívio social e familiar. Vejamos o caso do Sr. Asanuma, 55, que viveu um gradativo processo de desagregação familiar, enquanto ele e os membros da família se deslocavam dentro do mercado de trabalho japonês e brasileiro.

No caso de Asanuma, a busca por oportunidades no mercado de trabalho fez com que ele se distanciasse gradativamente do convívio familiar. Muitas vezes, torna-se difícil encontrar as melhores chances para todos os membros da família na mesma região, já que as chances de emprego possuem características regionais, o que acaba sendo um fator desagregador.

Para Asanuma, a ida ao Japão, em termos financeiros, foi boa. Mas “em termos de viver a vida, foi zero”. Não teve muito lazer, saía para ir ao mercado fazer compras. Um fato triste, pesado do ponto de vista emocional para ele, é que a família está separada. Isto ele enfatizou diversas vezes durante as entrevistas, tanto no Japão quanto no Brasil. A última vez em que encontrei Asanuma, em junho de 2004, ele estava vivendo com sua irmã e cunhado na região norte da cidade de São Paulo, uma filha se casou e está vivendo no interior do estado. Sua mulher e duas filhas continuavam a viver em Aichi, Japão, trabalhando em fábricas de componentes eletrônicos e processamento de alimentos. Na época da entrevista, ele esperava pelos trâmites do INSS para conseguir a sua aposentadoria no Brasil.

Asanuma resumiu da seguinte maneira sua experiência no Japão: “Pelo lado financeiro compensa, mas acabou com a família. Estas idas e vindas acabam abalando a família. A maioria dos homens acaba se separando da mulher. As coisas acabam caminhando para a separação. Nós nunca conseguíamos arrumar emprego num lugar só. Apesar disso, acho que ir de dekasegui salva muita situação e tenho sorte de ser descendente e poder ir para lá. Quando eu fui, fui a zero do Brasil. Então, o Japão permitiu uma recuperação”.

Novas tendências no mercado de trabalho: agências de trabalho temporário, o Seguro Social

Em março de 2004, entrou em vigor a reforma da Lei que regula as agências de emprego temporário, que permitirá a atuação das mesmas no setor manufatureiro. A

atividade das agências de empregos era vedada, até então, a ocupações como operários nas linhas de montagem do setor manufatureiro. Assim, o nicho de atuação das agências de empregos se concentrava em 26 categorias de trabalhos temporários em escritórios, tradutores, enfermeiras e outros.

Para os formuladores da política de geração de empregos do Japão, este foi um passo no sentido de aumentar as ofertas de emprego através da desregulamentação da economia. Contudo, devemos atentar para o fato de que novos padrões de concorrência entre empreiteiras e agências de empregos podem levar a novos achatamento da renda dos trabalhadores, além de gerar uma flexibilização e instabilização do emprego ainda maior.

Ao mesmo tempo, anuncia-se, por parte dos órgãos fiscalizadores do trabalho, um maior rigor no controle e na exigência da inscrição dos trabalhadores estrangeiros empregados via empreiteiras no sistema de seguridade social (Miyakawa 2004).

Em entrevistas realizadas em 2003 entre 2007 em empreiteiras da região de Aichi e Okayama, o pesquisador pôde identificar algumas tendências significativas. As empreiteiras têm assumido diferentes estratégias para fazer face a essas mudanças. Uma dessas empreiteiras, de grande porte, com sede em Aichi (Urano a, b), com mais de 3000 funcionários espalhados por diversas regiões do Japão, efetuou uma mudança de suas atividades para uma composição mista, em que atuará como empreiteira junto a alguns clientes, e como agência de emprego junto a outros, de acordo com as necessidades dos contratantes. Outra, de pequeno porte, na província de Okayama, optou pela manutenção do sistema de empreitagem, embora, de fato, tenha muitas características de uma agenciadora de mão-de-obra. Também há a incursão de potências do mercado de agências de emprego, com dezenas de milhares de empregados, concorrendo com as empreiteiras no mercado de outsourcing dirigido aos latino-americanos.

Em relação à inclusão dos trabalhadores no Seguro Social, tanto trabalhadores quanto empreiteiras têm estado bastante sensíveis à questão, pela implicação que isto possui nos lucros, custos e salários. Os custos de inscrição, as contribuições são arcadas meio a meio por trabalhadores e empregadores. Um dos fatores diferenciais que compõe os custos de alocação da força de trabalho brasileira é o fato de que a maioria das empreiteiras não inscreve seus empregados no Seguro Social japonês, que é composto

pelo Seguro Saúde (*Kenko Hoken*) e a aposentadoria (*Kosei Nenkin*). Para os trabalhadores que pretendem se fixar no Japão, esta inscrição é um importante fator para que se atinja uma condição mínima de cidadania para permanecer no país. Contudo, para os que tendem a estar por um curto período, as perdas decorrentes dessa inscrição são consideráveis, já que, mesmo podendo usufruir do seguro saúde, não poderão usufruir plenamente da contribuição referente à aposentadoria. Aos estrangeiros, existe o dispositivo do Reembolso por desligamento (*Dattai Ichijikin*). O problema é que, o formato atual, em que os migrantes só conseguem resgatar até 3 anos de contribuição após o retorno ao país de origem, não atende satisfatoriamente às necessidades destes trabalhadores, constituindo um desestímulo a sua inscrição neste sistema.

Novas fronteiras no âmbito das políticas sociais - Sindicatos e a defesa dos direitos básicos

1. A filiação dos brasileiros nos sindicatos, hoje em um percentual muito baixo, mas que possui um grande potencial. Já há casos concretos de pequenos sindicatos de minorias, os *community unions*, que já sindicalizam trabalhadores latino-americanos em províncias como Aichi, Kanagawa⁶ e Mie.
2. As transformações estruturais no mercado de trabalho, que tem resultado em taxas de sindicalização declinantes ao longo dos anos, têm levado também as maiores centrais sindicais japonesas, como a *Rengo* e a *Zenroren*, a esboçar a sindicalização também dos estrangeiros, fato que tem ocorrido, porém, ainda de uma maneira tímida.
3. O importante papel de ONGs como a Sabja e outras. A necessidade de conectá-las em redes, em cooperação com órgãos governamentais, entre as próprias ONGs, centrais sindicais, tanto no Brasil como no Japão.

⁶ Sobre este assunto, ver Urano&Stewart(2007).

4. Ação de instituições internacionais, como a IOM, na regulação do processo migratório, como já acontece no caso, por exemplo, da migração de colombianos para a Espanha⁷
5. O avanço nos acordos bilaterais, já que o Japão também tem ampliado o leque das negociações nesse sentido, inclusive com países como a Austrália, Holanda e República Tcheca.

Considerações finais

A extensão do sistema de Reembolso por Desligamento do Seguro Social para um maior número de anos pode ser uma das soluções para que o pagamento do Seguro Social japonês se torne uma atitude racionalmente atraente para os trabalhadores temporários brasileiros. Outra saída seria a de encontrar alguma forma de equalização, equivalência entre os sistemas previdenciários brasileiro e japonês, através de acordos bilaterais. Contudo, em um momento em que os sistemas previdenciários de ambos os países passam por dificuldades na equalização das suas próprias contas, pode parecer detalhismo ou um problema menor a solução envolvendo migrantes em situações específicas. Um ponto importante está relacionado ao asseguramento da cidadania no mundo globalizado. Como foi apontado ao longo do texto, pensar a questão do migrante somente a partir do dilema do migrante “não sei se fico ou se volto para casa”, não basta para dar conta das questões sociais que a condição migrante suscita. A compreensão da dinâmica pendular e recorrente do migrante, conseqüência de atrações e repulsões estruturais que transcendem a esfera do indivíduo, embora nela estejam espelhadas, é também uma tarefa da qual não podemos nos esquivar, tanto a nível local, como nacional e global. A validade da identificação e análise dos espaços sociais transnacionais não se limita, a meu ver, em sua dimensão teórica. O fato que melhor justifica este percurso é que a vida dos migrantes está constituída de uma forma transnacional, sendo que isso exige, de pesquisadores, governos locais e nacionais, a desconstrução e reconstrução de seus

⁷ Ver <http://www.iom.int/jahia/Jahia/cache/offonce/pid/448>

instrumentos de investigação e política social, de forma a garantir uma nova cidadania aos indivíduos que vivem no fio da navalha entre países tão distantes, dentro do mundo globalizado.

Referências bibliográficas

Faist, Thomas(2000) Economic activities of migrants in Transnational Social Spaces, em *Minorities in European Cities*, Sophie Body-Gendrot and Marco Martiniello(ed), Centre for Research in Ethnic Relations, University of Warwick.

Fujizaki, Y. (1992) *Dekasegi nikkei gaikokujin rodosha*, Akashi shoten.

Japan Immigration Association (JIA 1993-2007) *Statistics on the foreigners registered in Japan*.

Higuchi N. e Tanno K. (2003) "What's Driving Brazil-Japan Migration? The making and remaking of the Brazilian Niche in Japan", *International Journal of Japanese Sociology*, No. 12.

Keidanren(2003), *Interim Recommendations on Accepting Non-Japanese Workers - Bring Dynamism of Diversity into Japan by Opening Doors to Transnational Human Resources*.

Kajita, T., Kiyoto Tanno, Naoto Higuchi(2005) *Kao no Mienai Teijuka (Invisible Residents Japanese Brazilians vis-à-vis the State, the Market and the Immigrant Network)*, Nagoya Daigaku Shuppankai, Nagoya.

Miyakawa, A. (2004) "Kaisei-ho Shiko Go Wa, Shido, Kantoku wo Kyoka" (After the enforcement of the revised law, intensification of orientation and supervision - Interview), *Jinzai Business*,v.210, Tokyo, January 1st.

Mori, K. (1994)"*Gaikokujin rodosha no rekishiteki iso*" , *Shakai Seisaku Gakkai Nenpo* Vol. 38, Ocha no Suishobo, 1994.

Nihon Keizai Shimbun – Nikkei(2004) “Kango to kaigo bubun kaiho(Partial liberalization for nursing care” , July 1st .

Nojima, T. (1989) “ Susumetai nikkeijin no tokubetsu ukeire” , Gekkan Jiyu Minshu, Outubro, pp.92-99.

Sassen, S.(2001) “Cracked casings – Notes towards an analytics of studying transnational processes” in Ludger Pries(ed), *New Transnational Social Spaces*, Routledge, London and New York.

Sato, H.(2002) ‘Konai Ukeoi Kigyo no Keiei Senryaku to Jinji Senryaku ni Kansuru Chosa’(Research on the Managerial strategies and personal management strategies of In-plant subcontractor companies) , SSJ Data archive research paper series, Tokyo.

Tsuda, T. (2003) *Strangers in the Ethnic Homeland – Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective*, Columbia University Press, New York.

Urano,E.I.(2003a) *In the limits of flexible labour : Brazilian migrants and subcontractors in Japan*, 21st Annual International Labour Process Conference, 14-16 April, University of West England, Bristol,UK.

Urano, E.I. (2004b) ‘The relationships between subcontractors and Brazilian migrants in Japan’, *Journal of Labor Sociology*, Tokyo: Japanese Association of Labor Sociology(em japonês).

Urano,E.I.(2004c) “Brazilian Migrants and Labour Flexibility: A Comparative Analysis of Japanese Subcontractor Companies”, IREC 2004- Industrial Relations in Europe Conference, 26-28 August, Utrecht University, The Netherlands.

Urano,E.I.&PaulOStewart (2007) “Including the Excluded Workers? The Challenges of Japan’s Kanagawa City Union”, *Working USA : The Journal of Labor and Society*, March, Vol. 10, No.1. PROJETO JUNTO A RENGO NIKKEI.



27.

Educação das Crianças Brasileiras no Japão



Crianças Brasileiras na Escola Japonesa

No Japão, o ensino fundamental considerado obrigatório consiste em 6 anos primários e 3 anos ginasiais. E todos os estrangeiros residentes têm o direito de frequentar a escola, porém não existe a obrigatoriedade como para os japoneses. Motivo pelo qual da incompatibilidade entre o número de crianças em idade escolar (de 6 a 14 anos) com o número de matriculados. Segundo estatística de 2007, são 2.923 crianças estrangeiras registradas na prefeitura de Hamamatsu para 1.558 crianças matriculadas, ainda assim representa um número elevado para as escolas que não estão preparadas para ensinar as crianças que ingressam na escola praticamente sem nenhum conhecimento do idioma. A maioria das crianças passam o dia na escola sem compreender a aula, e nas provas são estas crianças que tiram as menores notas, sem dizer aquelas que entregam a prova em branco por não conseguir ler as questões.

Outro motivo pela baixa das notas é que a maioria dos pais destas crianças também não dominam a língua japonesa impossibilitando ajudar nas tarefas de casa ou tirar dúvidas das matérias, desmotivando a criança a continuar estudando.

Como tentativa para solucionar o problema do idioma, a Secretaria de Educação de Hamamatsu contratou auxiliares bilíngües para as 4 escolas que mais concentram alunos brasileiros, envia assistentes para ouvir e tentar solucionar os problemas do dia-a-dia, criou o curso de reforço da língua japonesa, entre outros. Porém a realidade é que a Secretaria de Educação não consegue dar o suporte necessário para todas as escolas.

*Presidente da Associação Mundial de Karate Shidokan na Província de Shizuoka

Comovidos com a situação, surgiram vários grupos de professores formados por voluntários japoneses para ensinar a língua japonesa a estas crianças após o término das aulas. Porém existe a grande dificuldade para estes voluntários que não falam o português, e não conseguem ensinar aquelas crianças que estão a pouco tempo no Japão ou foram transferidas de escolas brasileiras e não entendem a língua e os costumes japoneses.

Para tentar amenizar o problema, o brasileiro mestre de karatê e diretor do Centro de Socialização Infanto-Juvenil Tetsuyoshi Kodama iniciou um trabalho também voluntário para dar suporte a estes professores, e também para incentivar as crianças a não desistirem, inclusive Kodama também dá aulas pessoalmente para estas crianças.

Vimos que existem muitos professores dedicados que se preocupam realmente com as crianças brasileiras, assim como vem crescendo o número de voluntários japoneses tentando ajudar estas crianças, porém a maioria dos pais brasileiros não sabem realmente das dificuldades que seus filhos passam na sala de aula, não somente pela dificuldade de comunicação, mas também pela falta de interesse em compartilhar com a vida escolar de seus filhos, talvez gerados pelo cansaço pela longa jornada de trabalho e pelo estresse acumulado pela rigidez das normas dentro da empresa. Notamos também que são poucos, ou quase nulos trabalhos voluntários de brasileiros pelo bem das crianças.

Inclusive, foi dito pelo Presidente da Câmara dos Deputados Arlindo Chinaglia, na ocasião de sua visita em Hamamatsu em fevereiro deste ano, que sua preocupação maior em relação à visita ao Japão, seria com os problemas no setor da educação das crianças brasileiras, e que estes problemas são nossos problemas, então a comunidade brasileira deveria se unir para tentar solucioná-los.

Escolas Brasileiras no Japão

A legislação japonesa diz que todas as crianças estrangeiras residentes no Japão têm o direito de receber educação escolar até o ginásio, e os pais que queiram matricular seus filhos deverão procurar o órgão competente para fazer o procedimento da matrícula. Porém, apesar de terem o direito, as condições não são favoráveis, a começar pela precariedade de informação aos pais que não compreendem a língua japonesa, e a

falta de estrutura para receber os alunos brasileiros. Mais a preocupação de que seus filhos sofram preconceitos e não se adaptem ao sistema escolar japonês, muitos pais brasileiros deixam de matricular seus filhos na escola japonesa.

Motivo que fez surgir várias classes particulares de português, transformando-se em escolas, e a entrada de redes educacionais particulares do Brasil, que enxergaram o problema como oportunidade de negócio. O principal intuito para o surgimento destas escolas, seria para atender às crianças que não freqüentavam nenhuma escola, e para aquelas que não conseguiam se adaptar às escolas japonesas. Porém, estas escolas consideradas empresas pela legislação japonesa, não poderiam receber subsídios do governo japonês, acarretando alto valor das mensalidades, visto que as escolas teriam que arcar com aluguéis altíssimos e gastos administrativos. Diferentemente do Brasil, a falta de experiência para lidar com as crianças que se ingressam carregando diversos problemas provenientes do choque cultural e emocional, a falta de professores capacitados, mais a falta de colaboração dos pais, que vêm a escola mais como uma creche para cuidar de seus filhos enquanto trabalham, são alguns dos problemas vividos por estas instituições.

Atualmente muitas escolas brasileiras foram homologadas pelo MEC, e os certificados emitidos por estas entidades têm validade no Brasil, apesar de não receberem vistoria temporária nem subsídios do governo brasileiro. Algumas poucas escolas foram reconhecidas como escolas miscelâneas pelo governo japonês, porém o subsídio que recebem são insuficientes para manter uma boa estrutura, mas mesmo assim, as mensalidades destas escolas abaixaram relativamente.

Alguns problemas vividos por estas escolas: rotatividade grande de entrada e desistência dos alunos, geralmente causada pela situação do emprego dos pais. Falta de colaboração dos pais no acompanhamento escolar, e a alta taxa de inadimplência das mensalidades. Muitas crianças com problemas de relacionamento com seus pais. Classes unificadas com alunos de várias séries numa mesma sala de aula, principalmente no ginásio que o número de alunos é insuficiente para formar uma classe para cada série. Dificuldade de manter o nível de ensino igual ao do Brasil. Falta de estrutura para ensinar a língua japonesa, causando isolamento destas crianças dentro da sociedade japonesa. Entre outros.

Apesar de todos esses problemas, a existência destas escolas brasileiras tornou-se necessária dentro da comunidade, visto que muitas crianças preferem estas escolas por causa do calor humano dos professores e amigos, e sofreriam numa possível mudança brusca no ambiente escolar, e também porque as escolas japonesas não comportariam todos os alunos brasileiros que não dominam a língua japonesa.

Crianças Brasileiras fora da Escola

Através do trabalho de patrulha noturna para pesquisa e orientação aos jovens brasileiros nas ruas de Hamamatsu, o grupo descobriu que a maioria dos jovens que desistiram de estudar foi durante o ginásio e o número é preocupante. As crianças que estudaram na escola japonesa dizem que durante o curso primário não pensaram em desistir, mesmo não conseguindo acompanhar o estudo, pois sabiam que mesmo não tirando boas notas passariam de ano, e também porque no primário tem muitas atividades interessantes, e é mais fácil de fazer amizades com os alunos japoneses. Porém, ao ingressarem no ginásio, tudo muda radicalmente, as matérias ficam mais complicadas, e mesmo sabendo que no ginásio também passará de ano automaticamente independentemente da nota; a diferença é que as notas que tirar no ginásio definirão o nível da escola colegial, e em alguns casos de notas muito baixas impossibilita o aluno a ingressar no colegial. Inicia-se uma batalha por uma nota melhor entre os alunos, estressando-os, causando pequenos atritos entre os colegas, onde surgem os maus-tratos (ijime), onde muitos brasileiros acabam brigando ou desistindo de estudar, até mesmo pela falta de incentivo dos professores.

Os jovens que estudaram em escola brasileira, acabaram desistindo no ginásio pela falta de expectativa para o futuro, pois estudando numa classe onde alunos de três séries diferentes estudam juntos, seria difícil adquirir bom aprendizado, e também porque muitos já não pensam em voltar ao Brasil e preferem trabalhar no Japão para conseguir dinheiro para diversão.

A facilidade de conseguir emprego, mais o consumismo que dominou o Japão nesta época moderna, muitos jovens acham que o dinheiro é mais importante do que o estudo, e mais a falta de um líder na família que ensine valores morais, ou algum adulto

que eles respeitem e que sirva de modelo dentro da sociedade, estimula estes jovens a fazerem o que bem entenderem, às vezes cegando-os impedindo-os de enxergar o limite da diversão com o da criminalidade.

(Tradução) JORNAL SHIZUOKA SHINBUN, 24 de marco de 2008

A SEGUNDA GERAÇÃO DE NIKKEIS DEKASSEGUIS
ADOLESCENTES EM ESTADO DE ISOLAMENTO SOCIAL
DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR E O BAIXO NÍVEL ESCOLAR

O “Grupo de Pesquisa e Orientação aos Jovens” formado pela Faculdade Hamamatsu Gakuin, Universidade de Medicina de Hamamatsu, Universidade de Shizuoka, Associação Internacional de Hamamatsu e a Academia Kodama Dojo, faz patrulha noturna na cidade de Hamamatsu onde os jovens brasileiros costumam se reunir para se divertir. Este grupo foi formado em maio de 2007, e o trabalho da patrulha noturna iniciou-se em agosto do mesmo ano, com a finalidade de colher informações diretas com os jovens e também para orientá-los.

No dia 25 de marco deste ano foi realizado o Simpósio Internacional na cidade de Shizuoka, organizado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, e na ocasião o grupo foi convidado para apresentar o relatório do trabalho, e para melhor compreensão o grupo utilizou imagens do documentário feito pela Televisão NHK, onde jovens brasileiros dão depoimentos dramáticos de suas experiências, como o caso de um rapaz que veio ao Japão ainda criança trazido pelos seus pais, ele teve de interromper seu estudo no Brasil, e no Japão ingressou no ginásio mas não conseguiu acompanhar o estudo por causa da barreira do idioma. Este rapaz começou a trabalhar em fábrica como seus pais muito cedo, quando na verdade deveria estar estudando. Seus pais retornaram ao Brasil, mas o jovem acostudou-se com a vida no Japão, e por não ter concluído o curso fundamental ele achou que não teria chances de competir no mercado de trabalho no Brasil e resolveu permanecer no Japão, mas guarda até hoje rancor pelos seus pais por terem atrapalhado seu futuro.

Dados da pesquisa do grupo revelaram que o principal motivo que fizeram estes jovens saírem da escola foi a dificuldade do idioma, e em segundo lugar o problema de relação inter-pessoal como o ijime (mal trato). Alguns jovens depois que saíram da escola cometeram alguns crimes, como pequenos furtos, dirigir sem habilitação, brigas e vandalismo, e até mesmo uso de drogas. Muitos jovens pararam de estudar para trabalhar em fábricas aos 14 ou 15 anos, contrariando a lei trabalhista. Cresce também casos de menores que trabalham e moram sozinhos porque seus pais retornaram ao Brasil, e a desestruturação familiar decorrente da separação dos pais também atrapalham o andamento escolar das crianças. Casos como destes jovens que vieram ao Japão com seus pais quando pequenos, e aqueles que nasceram no Japão mas são considerados brasileiros, e precisam continuar a trabalhar em fábricas como seus pais em condições de dekasseguis, o grupo denomina esta classe social como “segunda geração de nikkeis dekasseguis”.

Alguns exemplos de jovens abordados pelo “Grupo de Pesquisa e Orientação aos Jovens”, liderado pelo professor da Faculdade Hamamatsu, Gakuin Kimihiro Tsumura e o mestre brasileiro de karatê, Tetsuyoshi Kodama.

Idade	Tempo no Japão	Conteúdo da pesquisa
15 anos	10 anos	Sexo masculino. Desistiu da escola brasileira no 5o.ano primário. Ficou 5 anos sem estudar em nenhuma escola. Aos 15 anos começou a trabalhar numa fábrica de auto-peças.
17 anos	7 anos	Sexo masculino. Desistiu da escola japonesa no 2o.ano ginásial. Começou a trabalhar aos 14 anos. Seus pais são separados e morava com a mãe. Sua mãe já retornou ao Brasil e não pretende voltar. Mora sozinho desde os 16 anos.
15 anos	15 anos	Sexo masculino. Nasceu no Japão. Seu pai foi transferido para trabalhar em Osaka. Sua mãe retornou ao Brasil e não sabe se irá voltar. Mora com seu irmão de 16 anos em Hamamatsu. Acha que não tem sentido estudar, pois pretende trabalhar na fábrica.
13 anos	5 anos	Sexo masculino. Estuda no 1o.ano ginásial. Costuma sair à noite com sua irmã de 15 anos para se divertir com os amigos japoneses. Seus pais não sabem disso, pois trabalham à noite.

JORNAL “CHUNICHI SHIMBUM” – 23 de fevereiro de 2008 (domingo)

PRESIDENTE DA CÂMARA DO BRASIL.

REUNIÃO COM A COMUNIDADE E O PREFEITO.

A missão composta pelo presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, em visita ao Japão à convite do presidente da Câmara dos Representantes, esteve no Município de Hamamatsu, neste dia 2 último. A missão encontrou-se com os representantes da comunidade brasileira.

Estiveram presentes um total de 10 visitantes, incluindo os Deputados Federais e o presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia Júnior. Eles chegaram à Hamamatsu após cumprirem uma agenda composta pela visita às duas casas da Dieta, a audiência com a sua majestade o Imperador e a visita à Hiroshima. A reunião ocorreu no Restaurante “Servitu”, localizado em Sunayama-cho, Naka-ku. Estiveram presentes o Sr. João Toshiei Masuko, gerente deste restaurante, assim como o Sr. Katsumi Nakamura, presidente da comunidade de bairro de Sunayama, no total de 10 brasileiros.

A Sra. Nakamura, que atualmente atua como ponte de ligação entre os japoneses e os brasileiros no Conjunto Residencial de Nakatashima, em Minami-ku, explicou sobre as suas dificuldades: “São muitos os brasileiros que não cooperam com as atividades da associação de bairro, por não entenderem o japonês”. Outros participantes também falaram de outros problemas, tais como a questão da educação.

Começando pelo comentário “não recebemos informações sobre as questões envolvendo os brasileiros no nível de comunidade local no Japão”, o presidente Chinaglia acrescentou: “Fiquei empolgado ao ver que os senhores estão se dedicando ao máximo. Gostaria de continuar com este processo de troca de informações”. O presidente Chinaglia manteve encontro também com o prefeito Yasutomo Suzuki. Com relação aos brasileiros residentes em Hamamatsu, o prefeito Suzuki explicou: “A maioria trabalha na indústria manufatureira e sustenta a economia local”, e acrescentou o seu pedido “gostaria muito que o senhor instalasse um Consulado do Brasil, aqui em Hamamatsu”.

OS NISSEIS FUNDAM A ALIANÇA NIPO-BRASILEIRA DE HAMAMATSU.
A PRIMEIRA REUNIÃO SERÁ NO MÊS QUE VEM.

Um grupo de pessoas, incluindo o nissei Tetsuyoshi Kodama (42 anos), que mantém uma academia de caratê no bairro de Aoi-Higashi, Naka-ku, no Município de Hamamatsu, irá fundar a "Aliança Nipo-Brasileira de Hamamatsu", com o objetivo de prestar assistência às crianças da comunidade brasileira que estão envolvidas em problemas tais como a evasão escolar e a delinqüência. A primeira reunião deverá ser em março.

A aliança será composta por acadêmicos e representantes da comunidade brasileira e das empresas.

A atuação terá como vértice 3 hastes de sustentação: A educação, a cultura e os esportes. Deverão visitar as escolas brasileiras de modo a solucionar os problemas e servirá de canal de ligação entre o governo brasileiro e os comitês locais de ensino. Irão apoiar as entidades esportivas, onde as crianças possuem acesso, e irão divulgar as culturas de ambos os países, ou seja, do Brasil e do Japão.

O Sr. Kodama afirma: "Gostaria de pensar em medidas que evitem o abandono das escolas por parte das crianças brasileiras".

Propostas de Solução

- Criar ambientes de lazer e esporte com orientadores para os jovens.
- Criar cursos educacionais e profissionalizantes para os jovens que saíram da escola.
- Criar curso intensivo da língua japonesa para que as crianças aprendam o idioma e os costumes antes de ingressar na escola japonesa.
- Criar cursos de japonês e dos costumes para os pais brasileiros com a colaboração das empresas onde trabalham.
- Apoio do governo e da escola para fortalecer o trabalho de voluntários que ensinam a língua japonesa após as aulas.
- Contratação efetiva de professores bilíngües para as escolas com maior concentração de alunos brasileiros.

- Depois de homologadas, fiscalizar e dar apoio para as escolas brasileiras.
- Introduzir aulas diárias e obrigatórias da língua japonesa dentro da escola brasileira.

Conselho

Acima de tudo, ensinar lições de vida para as crianças, para que não desistam facilmente dos obstáculos. Estimular a auto-confiança, ensinando-os a enfrentar as dificuldades. Ensinar as crianças que a vida consiste em consecutivas tentativas de solução dos problemas que irão surgir, e que todos os problemas terão uma solução. Inclusive a situação de estar no Japão, não foi sua escolha, mas é o caminho que lhe foi posto, não tem como fugir, então devemos ensiná-las a tomar proveito da melhor forma possível, mostrando os lados positivos da situação e sempre incentivando.

Os pais que trouxeram seus filhos ao Japão, devem ter a consciência de que o sonho de juntar dinheiro e voltar ao Brasil, são seus sonhos e não de seus filhos. Cada criança tem sua própria vida e seus próprios sonhos. Sonham em um dia se tornar um jogador profissional, outras sonham em ser professor, empresário, aeromoça, etc. Gostariam de continuar estudando, sonham em fazer faculdades. Mas o mais importante para todos eles, independentemente do objetivo para o futuro, é que as crianças querem mesmo estar com a família. Amam os pais e querem ser amadas. E a melhor herança que podemos deixar para nossos filhos, é a formação educacional e bons princípios.

Sobre a fundação da Aliança Nipo-Brasileira de Hamamatsu

Depois da reforma da lei de imigração japonesa para receber os descendentes nikkeis como mão-de-obra trabalhista, o número de brasileiros residentes no Japão cresceu espantosamente e hoje são mais de 320 mil. E Hamamatsu é a cidade que mais abriga brasileiros no Japão, com aproximadamente 20 mil.

Como efeito do “fenômeno de kassegui”, surgiram os problemas envolvendo os filhos destas pessoas que vieram ao Japão em busca de trabalho. A evasão escolar causada pela dificuldade de adaptação, o sentimento de abandono pela ausência dos

pais devido a longa jornada de trabalho, o crescente número de casos de divórcios entre os brasileiros gerando desestruturação familiar, são algumas das causas que levam crianças e adolescentes a procurarem amizades e diversões longe da família, fazendo com que alguns sigam o caminho da criminalidade. O baixo nível escolar, a criminalidade juvenil, a falta de sonhos e objetivos para o futuro entre os jovens brasileiros no Japão tornaram-se hoje um grave problema social.

Esses problemas relacionados às crianças não foram previstos pelas autoridades japonesas na época da abertura para entrada de mão-de-obra estrangeira no país, tampouco não havia sido montada uma estrutura adequada para receber as crianças. Porém, várias tentativas de melhoramento do setor educacional foram feitas tanto pelo governo japonês como pelo governo brasileiro, assim como por uma parcela da comunidade, mas nenhuma de caráter definitivo e totalmente eficaz.

Diante do preocupante quadro atual da educação das crianças brasileiras no Japão, tornou-se necessária a formação de órgãos com o propósito de defender o direito pela educação das crianças, apoiar os alunos e as entidades de ensino, fazer um trabalho de reeducação dos pais para a priorização ao estudo dos filhos, resgatar os jovens excluídos da sociedade, incentivar o estudo e ensinar valores morais através do esporte e cultura, e principalmente proporcionar condições para que as crianças possam prosseguir com o estudo até o nível universitário.

A criação da ALIANÇA NIPO-BRASILEIRA DE HAMAMATSU que terá como alicerce de atuação os setores da EDUCAÇÃO, CULTURA e ESPORTES, foi idealizado pelo brasileiro nikkei professor de arte marcial Tetsuyoshi Kodama.

No dia 2 de fevereiro de 2008, o Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil, Arlindo Chinaglia, acompanhado de outros oito parlamentares, reuniu-se com representantes da comunidade brasileira em Hamamatsu para discutir assuntos de diversos segmentos, ocasião em que Kodama explanou os planos para a fundação desta Aliança.

No dia 27 de abril de 2008, foi realizado o “1º Encontro de Professores de Esportes da Comunidade Brasileira em Hamamatsu”, com a visita do Secretário de Esporte, Lazer e Turismo do Estado de São Paulo, Claury Santos Alves da Silva, na Academia Kodama Dojo, com a coordenação de Tetsuyoshi Kodama. Na ocasião, o Secretário Claury reforçou

a idéia de “fortalecer nossas tradições, no esporte ou na cultura, de forma paralela à educação, mesmo o jovem não tendo oportunidade de obter uma educação formal, pelo menos ele não perde o seu ser, sua identidade, e permanece dentro de uma linha de conduta”. E que apóia a criação desta Aliança para manter um intercâmbio com o governo paulista, e formalizar parcerias com entidades esportivas no Brasil.

A sede da Aliança será instalada na cidade de Hamamatsu, província de Shizuoka

A assembleia geral da fundação da Aliança esta prevista para o dia 11 de julho de 2008.

Objetivos da Aliança

1. Combater a evasão escolar das crianças brasileiras, criando balcão de atendimento aos pais e crianças, dando orientações, fazendo pesquisas, patrulhamentos, apoio nas escolas japonesas e brasileiras e criar um trabalho conjunto com a Secretaria da Educação.
2. Dar suporte e divulgar as associações esportivas, e criar espaços esportivos e de lazer aos jovens.
3. Divulgar a cultura brasileira e japonesa.
4. Ajudar nos eventos de confraternização da comunidade brasileira e das associações regionais.
5. Organizar seminários, palestras e torneios.
6. Outras atividades que vierem a ser necessárias e estejam relacionadas à Educação, Cultura e Esportes.

Membros da diretoria

- Tetsuyoshi Kodama (Presidente da Associação Mundial de Karate Shidokan em Shizuoka)

- Masahiro Akiyama (Presidente da Empresa Armônicos)
- Kenichiro Mimuro (Presidente da Câmara do Comércio e Indústria de Hamamatsu)
- Masato Ninomiya (Advogado, Presidente da CIATE)
- Hidenori Sakanaka (Diretor do Centro de Pesquisa sobre Imigração)
- Kazukiyo Ishimura (Presidente da Associação Internacional de Hamamatsu)
- Alice Hernandez (Advogada)
- Shigehiro Ikegami (Professor da Universidade de Arte e Cultura de Shizuoka)
- Kimihiro Tsumura (Professor da Faculdade Hamamatsu Gakuin)
- Toshihiro Fujiwara (Diretor do Hospital Fujiwara Seikei Geka)
- Tadaaki Ogai (Presidente da Associação de Confraternização Cultural Brasil-Japão)
- Kenzo Yamada (Presidente da Empresa Intercall Japan)
- entre outros

28.

Educação de crianças brasileiras no Japão



1. Apresentação e a problemática

No ano em que se comemora o centenário da imigração japonesa ao Japão, é necessário também fazer uma análise dos mais de 20 anos do movimento “dekassegui” para se ter uma visão real da comunidade nikkei e seus descendentes. Gostaria de tentar dar um panorama geral da educação das crianças brasileiras no Japão. Em seguida fazer uma avaliação da situação em que elas se encontram atualmente.

Minha ida ao Japão há 15 anos atrás em 1993 foi justamente para saber como essas crianças brasileiras no Japão se adaptariam nas escolas japonesas e adquiririam a língua japonesa. Venho acompanhando relativamente de perto essas crianças e algumas famílias durante esses anos. Gostaria de compartilhar um pouco o meu ponto de vista com todos que estão preocupados com a educação das crianças brasileiras que estão sendo influenciadas diretamente pelo êxodo de brasileiros em direção ao Japão. Gostaria de destacar o que tem mudado e o que não, e tentar dar uma situação real do movimento “dekassegui” e suas conseqüências à comunidade brasileira no Japão e conseqüentemente à comunidade “nikkei” no Brasil.

No momento venho fazendo também várias atividades dentro da comunidade brasileira, e mais diretamente ligada as crianças brasileiras, há 10 anos fundei junto com outros membros o grupo voluntário Kodomo Club Tampopo na Província de Shiga, a nona maior população de brasileiros. Não é tão grande e concentrada como Hamamatsu ou nas regiões de Nagoya onde a maioria das pesquisas são realizadas, mas consideravelmente presente e que vêm aumentando aos poucos nos últimos anos como em várias outras regiões do Japão com menos concentração. Sou membro oficial do

* Konan Women’s University - lilian@konan-wu.ac.jp

Conselho de cidadãos estrangeiros da cidade de Kyoto, cidade de Osaka e da Província de Shiga com a missão de levantar questões de interesse à comunidade brasileira perante os governos locais. Faço também parte da comissão executiva de duas grandes redes composta principalmente por membros de várias ONGs, advogados e outros especialistas. Uma é a Rede em busca de uma Legislação de Direitos Humanos para os estrangeiros e minorias étnias no Japão, e uma outra que é a Rede de apoio para a concretização de uma garantia institucional das escolas estrangeiras e étnicas formada por advogados, pesquisadores, membros de ONGs e voluntários interessados em melhorar as condições das crianças que estudam em escolas estrangeiras. Por exemplo, uma das últimas conquistas da rede em defesa de uma legislação de direito humano em conjunto com a Korea NGO Center foi conseguir com que as crianças estrangeiras matriculadas em escolas japonesas fossem isentas de terem suas impressões digitais tiradas na frente de seus colegas quando em excursões escolares ao exterior.¹

Para a maioria dos pesquisadores no Japão e o governo japonês, parece que o marco do início do movimento “Dekassegui” foi a mudança na lei migratória em 1989, e que entrou em vigor em 1990. Deixando de lado essa discussão temporal, gostaria de ressaltar qual é o posicionamento do governo japonês sobre a educação de crianças estrangeiras. Antes de mais nada vale enfatizar que possuir ou não a nacionalidade japonesa faz a grande diferença quanto as oportunidades que a criança terá no Japão, mais do conhecimento da língua japonesa ou não. A mensagem é clara quanto a isso que será explicado com mais detalhes no desenvolvimento deste artigo.

A quantidade de brasileiros no Japão vem sempre aumentando no decorrer dos anos, mas foi depois da mudança na Lei de migração japonesa nos anos 1989 que a população multiplicou com uma velocidade fenomenal. E como a população é

¹ É importante frisar que dentro do Japão os japoneses nunca têm suas impressões tomadas exceto em situações muito específicas, quando cometem uma infração, ou um crime. E a última lei contra o terrorismo que começou a entrar em vigor a partir de 20 de novembro nos aeroportos, que obriga todos os estrangeiros, exceto os residentes permanentes especiais formada principalmente por coreanos e taiwaneses, provenientes das ex-colônias japonesas e diplomatas. Ao entrar em vigor mesmo as crianças estrangeiras com visto permanente e que nunca saíram do Japão seriam alvo de passarem a experiência discriminatória e humilhante de ser tratada como uma possível “terrorista ou criminoso” na frente de seus colegas. Foi levantado um tratamento diferenciado às crianças em uma sala isolada mas isso, não deixaria de ser diferente quanto ao seu efeito. Depois de negociações com senadores e deputados, resultou na total isenção das crianças mas somente quando participarem de excursões escolares ao exterior.

relativamente jovem, ao decorrer dos anos, o número de crianças na faixa etária entre 0 e 15 anos também vem aumentando muito ao contrário da população japonesa. E pode-se observar na Tabela 1 que nos últimos três anos, o número de crianças entre 0 e 4 anos ultrapassou o de jovens entre 15 e 19 anos, que nos primeiros anos do movimento “dekassegui” sempre se mostrou mais presente.

Tabela 1 - Total de estrangeiros registrados, coreanos e brasileiros

Dados ano/mês	Total	Coréia *1	Brasil	Brasil	Brasil	Brasil	Brasil
				0-4anos	5-9anos	10-14anos	15-19anos
1964.4	659,701	578,572	273	48	30	22	27
1969.4	696,405	603,712	622	120	171	50	17
1974.4	794,094	638,806	1,506	152	321	244	70
1984.12	840,885	687,135	1,953	101	107	167	200
1986.12	867,237	677,959	2,135	69	85	95	153
1988.12	941,005	677,14	4,159	84	107	91	296
1990.12	1,075,317	687,94	56,429	1,187	806	689	4,804
1992.12	1,281,644	688,144	147,803	5,082	4,075	3,169	12,997
1994.12	1,354,011	676,793	159,619	5,666	4,931	3,726	12,409
1995.12	1,362,371	666,376	176,44	6,908	5,685	4,646	13,915
1996.12	1,415,136	657,159	201,795	9,226	6,916	5,963	16,31
1997.12	1,482,707	645,373	233,254	12,935	8,866	8,019	19,276
1998.12	1,512,116	638,828	222,217	14,38	8,948	8,619	17,517
1999.12	1,556,113	636,548	224,299	15,199	9,142	8,938	15,583
2000.12	1,686,444	635,269	254,394	17,368	11,005	10,21	18,215
2001.12	1,778,462	632,405	265,962	17,916	12,544	10,478	17,512
2002.12	1,851,758	625,422	268,332	17,264	13,643	9,967	16,106
2003.12	1,915,030	613,791	274,7	16,771	14,877	9,736	16,558
2004.12	1,973,747	607,419	286,557	16,878	16,01	10,137	17,312
2005.12	2,011,555	598,687	302,08	17,186	17,476	11,325	18,018
2006.12	2,084,919	598,219	312,979	17,959	18,611	12,876	17,34

Fonte dos dados: Baseado nos dados da edição de cada ano do “Zairyu Gaikokujin Toukei” e reeditado por Lilian Terumi HATANO.

2. Crianças estrangeiras no Japão

Há uma necessidade de situar a criança brasileira no contexto da educação de crianças estrangeiras no Japão e verificar suas semelhanças e suas particularidades. O

*1 A nomenclatura dos coreanos nos dados do “Zairyu Gaikokujin Toukei” dos anos fiscais de 1959 e 1964 são indicadas por “Chosen” (Coréia) e “Chosen-jin”, como eram assim chamados antes da separação das duas Coréias. A partir de 1969, foi criado a nomenclatura “Kankoku-Chosen” pelos japoneses, indicando o total coreanos das duas Coréias, que não corresponde necessariamente a nacionalidade, já que o Japão não tem relações diplomáticas com a Coréia do Norte.

maior problema com relação as crianças estrangeiras em idade escolar é a inexistência, ou falta de interesse de coletar dados totais e confiáveis sobre o número de crianças estrangeiras em idade escolar no Japão.

No Japão há vários dados ligados a educação e há três que gostaria de destacar. Um dos mais importantes são os Dados Básicos Escolares (Gakkou Kihon Chosa) publicado anualmente pelo Ministério da Educação do Japão. Estão incluídos todos os dados necessários sobre a criança desde a educação infantil até o nível superior, por província, por cidade, por tipo de escola, pública ou particular, por idade, por série, etc. É feito um levantamento minucioso sobre as escolas, professores, funcionários e alunos. Com relação aos alunos, é levantado os que freqüentam a escola, os que estão matriculados mas que não estão freqüentando, inclusive a razão de não estarem freqüentando, o número de crianças com mais de 30 dias de ausências, ou ausências prolongadas, percentagem de alunos que ao se formam nos vários níveis de estudo e que começam a trabalhar, os que ingressam em cursos superiores, em que tipos de estabelecimento de ensino, etc.

É verificado também em particular algumas variáveis que necessitam atenção como a distinção de sexo, há também um levantamento detalhado por série das crianças japonesas que retornaram ao Japão depois de terem passado algum tempo fora, os que são chamados (Kikoku Jido) para verificar suas necessidades particulares. Mas infelizmente com relação as crianças estrangeiras que vêm aumentando a cada ano, elas estão somente incluídas no número total de estrangeiros no primário e ginásio, equivalente ao ensino obrigatório. Seria necessário o número de crianças por nacionalidade, por língua falada para verificar a questão da bagagem cultural, social e lingüística, para verificar suas necessidades particulares e se pensar em políticas educacionais sérias. E as crianças estrangeiras foram especificamente excluídas do levantamento de crianças que não freqüentam as escolas, então se quer há o interesse de verificar o índice de evasão escolar até das crianças que estão matriculadas. A questão é qual seria a razão para essa distinção.

Outro dado apesar de haver uma diferença quanto a idade escolar, é o número de crianças que tem registro de estrangeiros (Zairyu Gaikokujin Tokei), que também é publicado anualmente baseado nos dados do Ministério da justiça, por nacionalidade, tipo de visto, idade, etc. É possível verificar o número por idade de 0 à 4 anos, 5 à 9 anos,

10 à 14 anos, 15 à 19 anos, e assim por diante. Pode-se ter uma idéia de qual seria o número de crianças em idade escolar.

E por último, são os dados de crianças estrangeiras com necessidade do ensino de japonês, também publicado anualmente pelo Ministério da educação. O grande problema deste dado é que é muito subjetivo a definição de “necessidade de ensino de japonês”, o nível de necessidade, depende muito do professor que preencha a enquete.

O problema da ausência de dados relativos as crianças estrangeiras em idade escolar é muito séria. Como por exemplo:

Tabela 2: Quantidade de crianças estrangeiras no Japão e escolarização

	1997	2001	2006
A	Coreanos 61,428	Coreanos 47,086	Coreanos 35,558
	Chineses 18,203	Chineses 21,296	Chineses 22,932
	Brasileiros 16,885	Brasileiros 23,022	Brasileiros 31,487
	Outros 18,523	Outros 26,158	Outros 38,350
	Total 115,039	Total 117,562	Total 128,327
B	Primário 48,677	Primário 43,587	Primário 43,675
	Ginásio 27,583	Ginásio 24,326	Ginásio 20,4
	Escolas estrangeiras 29,421	Escolas estrangeiras 26,148	Escolas estrangeiras 23,834
	Total 105,681	Total 94,061	Total 87,909

É possível verificar em A, que apesar de a idade escolar ser de 6 a 15 anos, e haver uma diferença com o número de registro de estrangeiros, que representa as crianças de 5 a 14 anos, nota-se que há um aumento no total de crianças estrangeiras, e de brasileiras também a cada ano que passa. No entanto, em B, nos dados básicos de crianças estrangeiras em idade escolar na fase do primário e ginásio, descrece no decorrer do tempo. A questão é saber o que está acontecendo, a cada ano que passa aumenta o número de crianças estrangeiras no Japão mas diminui o número de crianças em escolas. É importante uma atenção especial quanto aos dados das escolas estrangeiras em B, que só inclui as escolas que são classificadas como escolas de diversos gêneros, isto é,

miscellaneous schools. Logo a grande maioria das escolas brasileiras no Japão não estão incluídas nesses dados com exceção de 4 que foram homologadas como “miscellaneous schools”. Mesmo somando cerca de 10 mil crianças que freqüentam as escolas brasileiras, é nítido o alto índice de evasão escolar entre brasileiros.

3. Diversificação das crianças brasileiras no Japão

No decorrer dos anos houve uma grande diversificação da população brasileira no Japão, e conseqüentemente também na população das crianças e jovens. Pode-se dizer que existem dois grupos distintos de crianças brasileiras: um grupo de crianças que nasceram no Brasil e receberam parte de sua educação no Brasil e posteriormente se mudaram para o Japão, onde algumas continuaram os estudos em escolas japonesas, e outras em escolas brasileiras; e um outro grupo de crianças que nasceram no Japão, ou foram para o Japão antes de freqüentarem escolas no Brasil.

Gostaria de focalizar nessa seção nessas crianças nascidas no Japão que em sua maioria não conhecem o país de sua nacionalidade, compreendem somente um pouco mas praticamente não conseguem se comunicar em português. Há uma tendência para que futuramente cresça cada vez mais em quantidade. O fato da maioria delas não conhecerem e não herdarem grande parte da cultura e os costumes dos seus pais brasileiros vem criando novos problemas dentro da família que nos primeiros anos do movimento não existiam. Muitas das crianças brasileiras de 0 a 4 anos nos últimos anos que nasceram no Japão fazem parte desta nova geração de brasileiros. Fazem parte também desse grupo crianças que foram levadas para o Japão ainda quando muito novas, antes mesmo de adquirirem bem o português.

A dificuldade dos pais e seus filhos de se comunicarem por não terem uma língua em comum para compartilharem, vem fazendo parte da realidade de muitas famílias nos últimos anos. É uma característica bastante distinta dos primeiros anos do movimento quando a dificuldade estava justamente na falta de conhecimento da língua e cultura japonesa. Isso vem acontecendo cada vez mais freqüentemente porque o japonês continua muitas vezes não ser dominado pelos pais desde a sua chegada no país, e que apesar de vários anos passados no Japão, as prolongadas jornadas de trabalho que

necessariamente não requerem a aquisição da língua japonesa, permitem que eles continuem assim, isolando-os cada vez mais dos filhos e da sociedade japonesa de modo geral. E os filhos por sua vez vão adquirindo muito rapidamente o japonês falado por um lado, e por serem poucas as oportunidades de se adquirir a língua dos pais, se limitam ao pouco tempo que conseguem passar juntos dos pais. Isso de forma nenhuma quer dizer que os pais brasileiros de que não estejam preocupados com a educação dos filhos. Para muitos professores e pesquisadores japoneses teimam em enfatizar, e acreditam veemente que o melhor para as crianças é de que se adaptem o mais rápido possível ao sistema japonês, tornando-se somente monolíngues em japonês. Não percebendo que para a maioria dessas crianças brasileiras, elas necessitam manter as duas línguas por suas ligações familiares com o Brasil. Muitos dos pais que venho acompanhando não medem esforços para que seus filhos aprendam português, mas que as oportunidades são muito limitadas na maioria das regiões onde a concentração de brasileiros não é tão grande, e mesmo quando são presentes, os brasileiros residem distantes um do outro, e a questão econômica pesa muito.

Essa dificuldade de comunicação vem aumentando cada vez mais pelas crianças passarem grande parte do tempo em um ambiente de língua e costumes japoneses. Isso acontece assim que elas começam a freqüentar creches e escolas japonesas. Elas adquirem rapidamente a fluidez que é natural de se esperar só em japonês, que vai substituindo a língua dos pais, tornando-se assim em sua maioria monolíngues em japonês. Não são todas as crianças que vão se tornando monolíngues, mas mesmo nas famílias que os pais são monolíngues de português, vão deixando que as crianças falem na língua que sentem-se mais à vontade, e acabam deixando que elas falem somente em japonês, criando a possibilidade dos pais continuarem falando em português usando somente algumas palavras em japonês, e as crianças respondendo somente em japonês. Nas famílias com crianças bilíngues, pode-se perceber que requer dos pais um esforço maior e certo controle para que as crianças respondam também em português quando no ambiente familiar porque são perfeitamente capazes de se tornarem bilíngues. Mas há ainda muitos casos de professores das escolas japonesas totalmente leigos em lidar com crianças estrangeiras pedirem para que os pais de ambos grupos de crianças que não sabem falar japonês tentem falar em japonês em casa para que a criança brasileira

não confunda línguas, o que pode ter acelerado muito criando essa situação, que não deixa de ser um absurdo considerando os resultados dos estudos de bilingüismo em países como o Canadá e Estados Unidos.

4. Educação nas escolas japonesas

No início do movimento “dekassegui” muitas crianças estrangeiras eram e foram recusadas ao tentarem ingressar nas escolas japonesas por não entenderem nada de japonês. Analisando a situação do ponto de vista dos professores japoneses daquela época, a razão para a recusa tinha sua lógica, de que não se consideravam aptos e preparados a garantir uma boa educação nas escolas públicas japonesas às crianças estrangeiras que não falassem nada de japonês, logo simplesmente não permitiam que freqüentassem escolas. Simultaneamente além disso, o conteúdo da educação visa mais do que tudo a formação de cidadãos japoneses, pensando por esse aspecto é necessário avaliar que educação vai se oferecida, e não somente ver o aspecto das instalações e o tempo que se passa na escola.

Mais do que nunca nesses últimos anos, há estudos comparados que mostram que a tendência do conteúdo de alguns livros didáticos de história, estudos sociais, e moral e cívica principalmente, é de se assemelharem aos dos anos que precedem as guerras mundiais, que enfatizam cada vez mais o nacionalismo e a formação de bons cidadãos japoneses leais à nação. Alguns dos livros didáticos de história aprovados pelo Ministério de Educação, que praticamente não só não fazem referências às atrocidades cometidas pelos japoneses e como também tentam justificar como terem sido corretas o que foi cometido pelos japoneses nos países asiáticos principalmente antes e durante a Segunda Guerra Mundial, vem resultando em grandes críticas dos países do leste asiático. E o fato que vem aumentando o número de municipalidades que optam por adotar esses livros com conteúdo muito duvidoso ilustram bem o problema que é necessário também verificar o conteúdo da educação que está sendo utilizada para a formação do indivíduo e de visão do mundo. Essa tendência tem se intensificado a cada ano e não pode deixar passar despercebido e merece uma atenção especial em uma outra oportunidade que não será possível cobrir neste pequeno artigo. Gostaria só de deixar claro que discutir o

conteúdo da educação das escolas japonesas que é também tão importante no momento de escolher que escola escolher, o conteúdo que está sendo dado, o que no momento são geralmente bastante inacessíveis aos pais brasileiros que não conseguem ler japonês.

Infelizmente a grande realidade é que o Brasil, e mais do que tudo a comunidade Nikkei no Brasil, e a brasileira no Japão está perdendo uma grande geração de jovens brasileiros no Japão que não estão se formando nem nas escolas japonesas nem nas brasileiras, mesmo nas regiões onde elas são acessíveis. Muitos são os motivos para estarem deixando as escolas japonesas, e outros por estarem deixando as escolas brasileiras, mas a verdade é que mesmo os que estão terminando as escolas japonesas, muitos não tem o conhecimento suficiente e necessário para passarem nos exames de ingresso no ensino médio onde mais de 97% da população de japoneses ingressam.

Na maioria das províncias, salvo algumas exceções onde há vagas especiais para alunos estrangeiros, como Osaka, e Nara, os alunos recém chegados, como aqueles que estão há mais tempo são obrigados a competir quase que nas mesmas condições que os jovens japoneses pelas mesmas vagas, prestando o mesmo exame. Uma boa parcela das províncias, adotam uma combinação de três medidas especiais que parecem formar um padrão, e algumas apenas duas entre as seguintes medidas que são; prorrogação do tempo do exame, tem uma variação no tempo de província para província que é de uma média de prorrogação de 10 minutos, a outra medida é escrita da leitura de alguns ou de todos os ideogramas japoneses de algumas ou de todas as questões dos exames, e a última medida que é a permissão para consultar um ou ambos os dicionários de japonês e uma língua estrangeira, e vice-versa durante o exame, ou somente uma deles de escolha do candidato. Essas medidas são medidas que são difíceis de averiguar a sua verdadeira eficácia, considerando os estudantes que não tenham já certo conhecimento de japonês.

5. Conclusões

Só nestes últimos anos vem sendo discutido esse problema de evasão escolar de estrangeiros como um problema social que deva ser investigada. Finalmente neste ano letivo de 2005 algumas municipalidades se prontificaram a fazer um levantamento

um pouco mais sério e verificar a realidade da evasão escolar de crianças estrangeiras e verificar as razões para tanta evasão. O resultado foi que a evasão escolar é de 1.1%, o que apesar de ter participado de duas delas, os resultados estão longe de representar a realidade. Os resultados das pesquisas da cidade de Kani, na província de Gifu teve grandes repercussões o que tudo indica que influenciaram nas decisões do Ministério de Educação japonesa para que algumas medidas fossem tomadas a respeito, e nessa cidade o índice de evasão foi de 6.7%, o que mostra a discrepância com a pesquisa do Ministério da educação.

Logicamente, a evasão escolar de crianças estrangeiras sempre foi alvo de críticas pelos interessados, mas principalmente depois que o Japão ratificou a Convenção sobre os Direitos da Criança em 1994, cinco anos depois que ela foi adotada na Assembleia Geral das Nações Unidas, essas críticas se tornaram mais freqüentes. E a justificativa que era dada pelo governo japonês às críticas que eram denunciadas à Comissão responsável de analisar a situação das crianças no Japão de acordo com a Convenção, era de que eles não poderiam obrigar as crianças estrangeiras de receberem educação japonesa, como os coreanos foram obrigados durante a colonização japonesa. A não obrigatoriedade de que freqüentem as escolas japonesas, seja públicas ou particulares, isto é, a educação das crianças estrangeiras está significando na realidade o não comprometimento de garantir que as crianças recebam educação. Há uma necessidade de se falar em obrigatoriedade da educação, no sentido de garantir o direito à educação das crianças, mas deve-se ter cuidado muito grande especialmente quando isso está sendo sugerida pela comunidade nikkei no Brasil quando na concessão ou renovação de vistos. Há uma necessidade de verificar se as escolas brasileiras e estrangeiras que não são reconhecidas como miscellaneous schools seriam incluídas ou não.

A sociedade onde a criança se encontra e os pais pagam os impostos, tem a obrigação de garantir que todas as crianças tenham seus direitos de receber educação, e isso inclui fazer adaptações para que crianças estrangeiras possam freqüentar escolas japonesas se assim o quiserem. O posicionamento bastante ambíguo do governo japonês terá que ser justificado e explicado com medidas concretas que foram tomadas para melhorar a situação de evasão escolar das crianças estrangeiras no próximo Conselho

responsável em verificar os relatórios de cada país de acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Fica para ser analisar o que os brasileiros foram buscar no Japão e que o Japão está oferecendo, e a situação das crianças e o que elas estão conseguindo atingir. E para os pais principalmente fica a pergunta que futuro desejam para os seus filhos. A falta de interesse em verificar a taxa de índice de ingresso no ensino médio, e superior, e conseqüentemente a falta de políticas educacionais demonstra os resultados de a criança estrangeira, especialmente de crianças de origem e países que não usam os ideogramas chineses, faz com que elas não possam sonhar em continuar estudando.

Há algumas informações de que os japoneses estão querendo fazer mudanças nas leis migratórias permitindo que brasileiros de quarta geração também possam de alguma forma ir ao Japão trabalhar. É claro que o Japão vai precisar mais e mais de mão de obra com a sua população decrescendo, mas o aumento de estagiários que trabalham de 250 a 300 ienes por hora pode estar demonstrando que também vem aumentando a substituição de mão-de-obra estrangeira para uma outra mais barata.

Não gostaria de pensar que não estão sendo tomadas medidas sérias para melhorar a situação da educação das crianças estrangeiras, porque há um intuito consciente de que se crie uma sub-classe de futuros trabalhadores estrangeiros, incluindo os brasileiros. Não quero pensar que estão querendo garantir o fornecimento de uma mão-de-obra barata sem qualificações que poderá ser mais explorada mesmo dentro do Japão, sem ser preciso importá-la que servirá para substituir a mão-de-obra dos pais que estão envelhecendo no Japão. Essa questão do envelhecimento dos primeiros “dekasseguis” que em sua maioria ainda não estão tão preocupados com a aposentadoria, é um outro grande problema que deve ser também discutido paralelamente ao da educação. Fica a questão dos custos que a sociedade brasileira terá que pagar por essa geração de jovens que estão no Japão, não almejando muito para seu futuro, começando a fazer parte da linha de produção muito cedo, e crianças que estão dando luz à crianças muito cedo. Que futuro poderá ser garantido a essas crianças? E as crianças que estão perdendo sua identidade como brasileiros, que muitos sentem vergonha ou não se sentem confortáveis em usar os nomes brasileiros, ou mostrarem algo diferente de uma família japonesa padrão para seus amigos nas escolas. São essas e muitas outras questões que

necessitam ser discutidas não só no Japão mas no Brasil também, e acredito que esse simpósio será um marco para se fazer todas essas avaliações a nível mundial e verificar o que é comum as comunidades brasileiras, e o que são características específicas de acordo com a sociedade que a recebe. O grande número de escolas brasileiras demonstra a seriedade dos problemas das escolas japonesas que não estão conseguindo absorver as crianças brasileiras. Garantir melhores condições é um direito que deve ser garantido não só para as crianças em escolas japonesas como as que freqüentam as escolas brasileiras.

Bibliografia

OTA, Haruo (2000) *“Nyuukama no Kodomo to Nihon no gakko”*, Kokusai Shoin

KAJITA, Yasumichi; TANNO Kiyoto, HIGUCHI Naoto (2005) *“Kao no mienai Teijuuka”*, Nagoya Daigaku Shuppankai

Susan George (2004) *“Alter-Globalization Sengen”* trad. SUGIMURA Masaaki, SANADA Mitsuru, Sakuhinsha

TAJIRI Eizo, TANAKA Hiroshi, YOSHINO Tadashi, YAMANISHI Yuji, YAMADA Izumi (2004) *“Gaikokujin no Teiju to Nihongo Kyoiku”* Hitsuji Shobo

NIWA Masao (2003) *“Mainoriti to Taminzoku Shakai”* Kaiho Shuppansha

Hyogo Gaikokujin Kyoiku Kenkyu Kyougikai (2002) *“21 Seiki Hyogo no Gakko Desain – Rinen, Chosa, Teigen: Gaikokujin no Kodomo ni Kansuru Tyouki Kousou Kentou linkai Houkokusho”*

Kousei Roudoushou (Kodomo Katei Sougou Kenkyu Jigyo)(2004) *‘Taminzoku Bunka Shakai ni okeru Boshino Kenko ni Kansuru Kenkyu’* Han, KOJIMA, Kiyomi, NAKAMURA Yasuhide, YOKOO Akimitsu *“Kousei”*

Roudosho Tomo ni Hagukumu Fureai Kouryu Toshi wo mezashite – Gifu-ken Kani-shi no Ayumi”

Lilian Terumi HATANO (2004) “Shiga Kengikai Kaigiroku” ni arawareta ‘Gaikokujin’ Ninshiki’ “Tabunka Shakai Kenkyu, 2:31-51” Konan Joshi Daigaku Tabunka Kyosei Gakka

HP em japonês: <http://web.kyoto-inet.or.jp/people/lilian-h/>



29.

Associação das Escolas Brasileiras no Japão



Associação das Escolas Brasileiras no Japão

Julieta Yoshimura

A AEBJ – Associação das Escolas Brasileiras no Japão é um órgão não governamental, uma sociedade civil sem fins lucrativos para representar, coordenar, orientar e defender os interesses e direitos das crianças brasileiras residentes no Japão, assim consequentemente das escolas brasileiras associadas à AEBJ, junto à Embaixada brasileira, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação e demais órgãos educacionais ou não, em território nacional ou japonês, com observância à legislação e normas específicas brasileiras e japonesas.

Foi fundada em 3 de março de 2001, tem sede junto ao presidente em exercício e membros em todo o território japonês.

A AEBJ se preocupa em catalogar as escolas e creches brasileiras existentes no Japão colocando-se à disposição de todas para unir forças e dividir informações e experiências. Tem como missão, promover o comprometimento da sociedade civil, no sentido de que a criança e o adolescente tenham atendimento adequado, em concordância com a concepção de absoluta prioridade. Contribuir para que as crianças brasileiras tenham seus direitos atendidos, mesmo que residam no Japão, tais como à educação, o lazer e o esporte.

Há mais ou menos 13 anos atrás, a maioria dos brasileiros que imigravam para o Japão, quando acompanhados de sua família, tinham filhos ainda em idade não escolar, surgindo a necessidade da criação de creches para filhos de brasileiros, onde cuja a maioria utilizava a própria residência para abrigar essas crianças. Em geral, as famílias tinham como meta retornarem ao Brasil, quando seus filhos atingissem a fase escolar.

Os reflexos da situação econômica do Brasil, foram obrigando os brasileiros imigrantes a permanecerem no Japão, por diversos motivos, a maioria das crianças brasileiras não conseguiam se adaptar às escolas japonesas, consequentemente foram surgindo as escolas brasileiras para atender a formação desses futuros cidadãos.

Em 2001, existiam 45 escolas brasileiras. Em junho de 2008, contamos com 110 escolas brasileiras, sendo 51 escolas reconhecidas pelo MEC, 20 escolas em processo de reconhecimento (Obs.: 3 escolas já possuem o reconhecimento do curso de Ensino Fundamental) e 42 escolas não reconhecidas.

Dos 316.967 brasileiros (dez.2007-Fonte: Ministério da Justiça) residentes no Japão, 66.786 estão na faixa etária de 0 a 19 anos.

0 ~ 4 anos:	17.959
5 ~ 9 anos:	18.611
10 ~ 14 anos:	12.876
15 ~ 19 anos:	17.340

Fonte: Divisão de Controle de Estrangeiros do Ministério da Justiça do Japão 2006

Dessa população em fase escolar, estão matriculadas em escolas brasileiras 10.536 alunos.

Das 51 escolas brasileiras reconhecidas pelo Governo Brasileiro, 32 escolas tem qualificação a prestar o vestibular no Japão, sem prestar exame no supletivo japonês. As demais tem que prestar exame no supletivo japonês. Este reconhecimento é muito importante para as escolas, cuja maior preocupação é cumprir as regras estabelecidas para a Educação Básica pelo Governo Brasileiro, permitindo ainda, o ingresso sem maiores transtornos das crianças que retornam ao Brasil.

Com base na pesquisa, relatório de março de 2006, sobre a Educação de Estrangeiros, realizada pelo Ministério da Educação do Japão, constatou-se que a maioria das escolas brasileiras estão instaladas em terrenos e prédios comerciais alugados, tornando-se quase impossível o provimento de instalações como quadra esportiva coberta ou campo de esportes ao ar livre. Um item desta pesquisa chamou a atenção, em meio às dificuldades de ampliação e aprimoramento das instalações e equipamentos das escolas brasileiras, verificou-se que 91,3% possui sala de computação, com elevada utilização para apoio pedagógico e uso de material pedagógico que pressupõe livre acesso ao computador. Por outro lado, em comparação às escolas japonesas, carecemos de sala para laboratório, devido a instalação/manutenção exigir considerável volume de recursos.

Foi constatada nessa pesquisa que 70% dos alunos que concluem o ensino fundamental em escolas brasileiras ingressam no ensino médio, os 30% restantes ingressam no mercado de trabalho japonês. Dos que concluem o ensino médio, 36% demonstraram a expectativa de prosseguimento de estudos no Brasil, apenas 1% demonstraram o desejo de ingressar em faculdades japonesas.

Das 10.536 crianças matriculadas em escolas brasileiras, 2.835 estão no curso de Educação Infantil; 7.701 nos Ensinos Fundamental e Médio. Aqueles que não continuam os estudos, tanto no ensino fundamental e médio, ingressam no mercado de trabalho japonês. Com base nessa constatação, a maioria das escolas brasileiras, preocupadas na integração desses alunos na sociedade japonesa, principalmente quanto à cultura e a língua, já introduziram o ensino da língua japonesa na sua grade curricular, o maior problema é a adaptação do professor nativo em relação à prática de ensino aos brasileiros, cuja maioria não consegue incentivar e prender a atenção dos alunos para o ensino, devido a dificuldade da própria língua e comunicação.

Nos últimos 4 anos, temos recebido anualmente visitas oficiais dos representantes do Ministério da Educação, onde nessas oportunidades procuramos, no máximo possível, sanar as nossas dúvidas e obter orientações educacionais. Mesmo assim, as escolas carecem diariamente de orientação, aplicando na maioria das vezes a utilização de bom senso e muita sensibilidade. A maior reivindicação das escolas é a criação de um setor, ou a alocação de um profissional, dentro da Embaixada do Brasil no Japão, voltado especificamente para assessoria técnica e orientação nos assuntos relacionados à Educação. Hoje, parte desta função é assumida pelo Setor de Comunidade, onde reconhecemos e agradecemos o máximo de empenho que até hoje nos vem sendo prestado que sem essa ajuda estaríamos totalmente “perdidos”, mas precisamos de apoio técnico local.

É de conhecimento de todos a falta de profissionais na área de Educação, inclusive nos cursos de Ensino Médio, no Japão a situação é muito pior, não podemos selecionar porque a oferta de mão-de-obra é maior do que a procura. Existem muitos educadores trabalhando em fábrica por opção, devido ao descompromisso com responsabilidades e tarefas, principalmente porque a remuneração obtida, devido ao número de horas extras, é mais atraente em comparação ao salário que as escolas podem pagar.

Para suprir uma parte da deficiência quanto à contratação de professores, as escolas trabalham com profissionais ligados à área de exatas, biomédicas e humanas (como exemplo, engenheiros, dentistas, químicos, jornalistas, advogados, etc.). Esses profissionais além de dominarem os conteúdos abordados, têm a vivência profissional, o que possibilita a aplicação da teoria na prática, resultando num ensino positivo e eficaz aos aprendentes. Contudo, ainda carecemos de profissionais e não podemos deixar de solicitar ao Ministério da Educação e Ministério das Relações Exteriores a criação de um programa que possibilite aos professores recém-formados, não descendentes, estarem vindo ao Japão para trabalhar nas escolas brasileiras. Inclusive a disponibilização (via internet ou “in loco”) de cursos de aperfeiçoamento profissional e atualização para os nosso corpo docente.

Não podemos deixar de falar e aproveitar o momento para agradecer o atendimento a nossa reivindicação quanto ao curso de formação de professores, quando da visita do nosso Presidente Lula ao Japão, em 2005, cuja promessa de enviar a seguir o Ministro da Educação com alguma proposta se concretizou no início de 2006, juntamente com o Reitor da Universidade Federal do Mato Grosso, representantes do Banco do Brasil e do MEC. Atualmente, este projeto está em fase de finalização, tendo como parceria o Banco do Brasil e a Universidade Tokai do Japão, com a previsão da oferta de 300 vagas gratuitas, para o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT.

A nossa comunidade enfrenta grandes problemas relacionados à educação das crianças e jovens, entre os quais por serem estrangeiras, a dificuldade com o idioma, principalmente quando se trata da Língua Japonesa, pelas suas características, a diferença dos costumes e da cultura. Nesse aspecto, especialmente as escolas brasileiras têm um papel diferenciado a desempenhar, cabendo a cada um de nós, como pessoas conscientes do papel que exercemos na sociedade mudar esse quadro. Temos necessidade permanente da ajuda do Governo do Japão e do Brasil, para garantir a integração do jovem, à busca pela qualidade de ensino e o acesso à todas as instituições educacionais, seja ela japonesa ou brasileira.

Atualmente, as escolas brasileiras não recebem ajuda financeira externa, nem do país originário, nem do Japão. A legislação brasileira impede ajuda financeira para as

escolas mantidas por entidade privada, e os diretores de escola têm consciência deste fato. No Japão, as escolas brasileiras são vistas como empresas e não como escolas, assim sendo, pagam impostos como tais.

A Constituição do Japão assegura os direitos da educação aos japoneses, mas esse direito não é assegurado aos estrangeiros que vivem no Japão, direito esse, que entendemos que não pode ser restrito somente à educação da língua japonesa e cultura necessárias para a vida no Japão, mas o direito à educação da língua materna, ou língua-herança e cultura-herança que são indispensáveis para a formação da identidade como indivíduo. Isso se observa claramente no item 2 do Artigo 26, da Declaração dos Direitos Humanos, de que “o objetivo da educação se baseia em desenvolver ao máximo as personalidades e possibilidades de todos os indivíduos, principalmente das crianças. E para atingir esses objetivos, não se deve simplesmente deixar as crianças estrangeiras e minorias étnicas fora da educação pública, mas sim adicionar a esta uma educação de acordo com a origem, proporcionando o aprendizado da língua materna, cultura e história do país de origem do grupo a que pertence”.

É uma reclamação constante dos pais, a falta de auxílio-educação por parte dos governos locais, direito que achamos justo, tendo em vista que são contribuintes de todos os impostos estabelecidos para qualquer cidadão, seja ele japonês ou estrangeiro. Um exemplo, seria a concessão de passe escolar, esse direito não é estendido aos alunos de escolas brasileiras, achamos um fato contraditório se analisarmos que os alunos formados pelas 32 escolas brasileiras, reconhecidas pelo governo japonês, podem prestar o vestibular para as Faculdades do Japão, sem fazer o supletivo.

A Educação é um tema emergente e primordial para o desenvolvimento e criação de melhores condições para um povo de qualquer país, isso não foge da realidade do Brasil. Acompanhamos aqui no Japão, a luta do Ministério da Educação e do Governo Brasileiro para melhorar o setor da educação. E os nossos problemas não são diferentes, somos parte dessa luta. Temos que nos preocupar em dar condições quanto a formação desses futuros cidadãos, o destino do nosso país dependerá deles. O esforço e trabalho deve ser em conjunto para que possamos atingir os índices ideais para o desenvolvimento social econômico.

A escola abre caminhos para a conscientização social, para a descoberta e a sua função é dar autonomia e liberdade aos seus cidadãos, e ao mesmo tempo, garantir a ordem social. A escola cria oportunidades para protagonizar o exercício da cidadania, da ação empresarial e política, comprometida com o aspecto social da comunidade, através de um conjunto de ações e programas que possibilitem, como resultado, contribuir de forma concreta e eficaz nessa melhoria.

Atravessar o mundo, encontrar uma cultura diferente e uma língua difícil, trabalhar muito e ainda sofrer preconceito. A vida dos brasileiros que vêm ao Japão em busca de melhores oportunidades não é nada fácil. E, de repente, as crianças se vêem dentro de uma escola na qual as barreiras relacionadas à língua e aos costumes são quase intransponíveis, obtendo como resultado o êxodo escolar e o aumento da criminalidade em um país onde a marginalidade praticamente não existe e todas as escolas japonesas são públicas e consideradas “de primeira linha”.

As escolas brasileiras tem como proposta encontrar subsídios que façam realizar o seu compromisso com o ser humano, respeitando as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas, existentes numa sociedade múltipla e complexa, em que a educação possa atuar no processo de construção de cidadania brasileira, para nossos alunos brasileiros que estão em situação transitória no Japão.

Acreditamos que a aceitação de várias etnias e culturas, assim como o reconhecimento de igualdade dos direitos de educação, seja em escolas japonesas ou brasileiras, para as valiosas crianças que são insubstituíveis, cria uma nova cultura variada, enriquecendo a sociedade e a comunidade, tornando um fator essencial para completar a vida e o coração das pessoas, num processo de construção de uma nova sociedade com direitos e obrigações iguais a todos!



30.

NPO AMA – Ação Mão Amiga







30.
NPO AMA – Ação Mão Amiga
Laelso da Silva Santos*

A NPO AMA – Ação Mão Amiga, surgiu em outubro de 2002 e desde então tem procurado ajudar as pessoas que estão passando por algum tipo de dificuldade, seja material, espiritual ou emocional, baseando-se no conceito maior existente de “amar ao próximo”, independentemente da religião, raça, sexo ou nacionalidade (a NPO AMA já auxiliou japoneses, filipinos, peruanos, entre outros).

Esta entidade foi reconhecida pelo governo japonês em 8 de dezembro de 2006, como uma NPO (Non Profit Organization), tendo sido registrada juridicamente sob o no. 1827-05-001651.

Projetos da AMA que estão em funcionamento:

- **Assistência psicológica e emocional** - pessoas que estão desestabilizadas emocionalmente por falta de adaptação à nova cultura ou em virtude de dificuldades;
- **Cesta Básica** – desde 2002 já foram distribuídas toneladas de alimentos e todo material necessário à manutenção de uma família. Somente em 2007 distribuimos cerca de 3.000 kilos de alimentos e atualmente distribuimos 300 kilos de alimentos por mês;
- **Reintegração e Adaptação Social** – visitas em prisões, reformatórios e no Centro de Detenção de Imigração de Nagoya, procurando fazer todo o acompanhamento para a reintegração e adaptação do cidadão à sociedade.

*Non Profit Organization Ação Mão Amiga (NPO AMA) - Japão – Aichi-ken - 2008.

Projeto em fase de desenvolvimento

- **Centro Comunitário AMA** – O Projeto visa dar oportunidade às crianças e aos jovens que estão em situação de vulnerabilidade, discriminação, abandono e situação de riscos, causadas pelas necessidades trabalhistas dos pais, ou pela dificuldade de adaptação à sociedade japonesa, sendo que os principais objetivos são:
 - estimular a disciplina e a socialização, auxiliando o desenvolvimento dos vínculos comunitários e sociais.
 - assegurar o ingresso/regresso à escola, buscando também o aproveitamento e o sucesso escolar.
 - contribuir para a busca da auto-estima, do respeito e da dignidade.
 - resgatar os vínculos familiares, comunitários e sociais.
 - atividades – informática, esportes, reforço escolar, atendimento psicológico, cursos, etc.

Ainda neste projeto voltado para os jovens e crianças, daremos apoio às entidades educacionais, fazendo palestras e ministrações, fortalecendo a identidade das nossas crianças e adolescentes como brasileiros e ao mesmo tempo fortalecendo o seu amor por esta nação que nos tem recebido, aproveitando para fazer um alerta sobre os perigos das drogas que vem crescendo e agravando-se muito durante os últimos anos. Com estas palestras temos o objetivo de diminuir a possibilidade de marginalização dos jovens em relação à sociedade japonesa e à comunidade brasileira.

Alguns dos maiores problemas enfrentados pelos brasileiros residentes no Japão quando da sua chegada ao arquipélago japonês e durante os primeiros anos são:

- Diferença cultural;
- Dificuldade para uma comunicação mais efetiva – muitos brasileiros que chegam ao Japão, não falam nem entendem a língua japonesa;

- Adaptação ao tipo de serviço – o trabalho em fábricas se torna mecânico e repetitivo, e a jornada de trabalho muito extensa, chegando a 12, 14 horas ou mais por dia;
- Pouca convivência social – muitos não tem parentes ou amigos próximos, o que acaba gerando solidão. Esta solidão existe até mesmo entre casais e em famílias, pois, devido à longa jornada de trabalho e ao cansaço, acabam deixando de se comunicarem, faltando o diálogo em casa, o que gera a sensação de abandono.

A criança, em particular, tem sua vida alterada, pois permanecem na escola, na creche ou com uma babá, geralmente fora de casa, uma grande parte do tempo ou tem que ficar em casa sozinha.

Devido ao elevado número de horas extras, para fazer a tão sonhada poupança, alguns pais não tem tempo para dedicar aos filhos e acabam compensando a sua ausência, comprando brinquedos, jogos eletrônicos, etc., deixando de dar a devida atenção que toda criança e/ou adolescente precisa, como uma boa conversa, carinho, amor e companheirismo.

Muitos cidadãos precisam ou deveriam ter um suporte psicológico para enfrentar tantas adversidades e frustrações que encontram no Japão.

Um dado preocupante é que por falta de adaptação às escolas japonesas ou por falta do incentivo dos pais, a grande maioria desses jovens não chega a fazer o ensino médio, finalizando seus estudos no ensino fundamental, muitas vezes sem ao menos concluí-lo.

Uma minoria completa o ensino médio e alguns poucos chegam a fazer faculdade.

Esta é uma preocupação para líderes de diversos setores, brasileiros ou não, pois os crimes e delitos cometidos por menores estrangeiros que muitas vezes não tem ocupação adequada têm crescido assustadoramente. Cerca de 54% de roubos de carros no Japão é feito por brasileiros. Sem dúvida um dado alarmante, pois a comunidade brasileira não é a mais numerosa comunidade de estrangeiros no Japão. Os chineses e os coreanos, entre outros, estão em maior número.

As drogas – especialmente o “cristal” – estão sendo usadas por um número elevado de jovens que freqüentam “discos e baladas”. Acreditamos que esses jovens por falta de sonhos e objetivos, procuram apoio para se firmarem como pessoas não adequadas e encontram esse apoio no “colega ou amigo” que só quer ajudar, mas que acabam levando-os para as drogas ou delitos.

Geralmente os responsáveis por esses menores estão preocupados em “ganhar dinheiro”, “fazer seu pé de meia”, e não dão importância para o chamado dos filhos.

Nós que pertencemos à comunidade brasileira e que amamos o Japão, tanto quanto ao Brasil, precisamos fazer algo para que a situação dos jovens e até mesmo dos adultos residentes no Japão se reverta para que possamos ter um conceito bom no meio da comunidade japonesa.

Cabe a todos nós, fazer com que a comunidade brasileira veja a importância da família, do amor e do carinho e não só do poder material.

Por outro lado, jovens de fibra, determinação e bem orientados, superam as dificuldades encontradas ao longo do caminho e após terminarem o ensino médio, conseguem entrar no mercado de trabalho, como operários, tradutores em escolas, prefeituras e empreiteiras, conseguindo fazer a tão sonhada faculdade, que tem um custo elevado no Japão.

Hoje temos cerca de 325.000 brasileiros residentes no Japão e muitos já sabem que querem permanecer no arquipélago. Cresce cada vez mais o número de brasileiros que tiram o visto de permanência – hoje cerca de 80 mil já possuem o visto permanente – pois pretendem se fixar definitivamente no país nipônico. Outros tantos não decidiram se vão permanecer no Japão ou voltar ao Brasil.

A dúvida dos responsáveis gera um conflito particularmente para os adolescentes, pois ficam sem uma identidade, um porto seguro. Se em suas cabeças ainda imaturas pensam em voltar ao Brasil, no fundo tem medo porque o Brasil na verdade é um país que eles não conhecem. Muitos nasceram e cresceram no Japão, mas vêem seus sonhos distantes por acharem que não tem condições de realizá-los no país em que estão vivendo por falta de oportunidades, e pensam que o destino deles é trabalhar em uma fábrica como os seus pais.

Não podemos culpar somente os pais ou responsáveis, que também se sentem frustrados, pois o sonho da maioria dos brasileiros é vir ao Japão para “melhorar de vida no Brasil”, seja para terminar os estudos, comprar uma casa, ou montar um negócio próprio lá e regressar.

Com o passar do tempo, essa realidade muda e a dúvida se instala quanto a se estabelecer ou não no Japão. Muitos constituem família, vêem seus filhos nascerem e crescerem aqui e acabam se estabelecendo, mesmo sem ter a certeza concreta de que vão ficar residindo definitivamente no Japão.

Outros resolvem se estabelecer e se fixar, comprando, inclusive, suas casas.

Isso pelo fato do Japão ser um local de oportunidades, de empregos e de opções que às vezes os brasileiros não encontravam no Brasil.

Os brasileiros que têm se firmado no Japão estão construindo um excelente patrimônio, se tornando empresários bem sucedidos em diversos setores, sendo respeitados e reconhecidos por entidades, órgãos japoneses e brasileiros e até mesmo pelos tão recatados cidadãos japoneses.

A vida para quem se estabelece no Japão, seja em uma fábrica ou em um negócio próprio, é bastante gratificante, pois a tranquilidade e estabilidade, inclusive material, não se limita às classes altas e para quem tem poder aquisitivo.

Um simples operário pode comprar sua casa própria, ou qualquer outro bem que julgue necessário ao seu conforto ou ao da sua família e dar condições de estudos aos seus filhos, desde que bem planejado.

Os brasileiros e a família brasileira de um modo geral sentem muita falta e saudades do Brasil, que mora em seu coração, mas se acostumam a viver no Japão e a dúvida em trocar essa segurança, inclusive pessoal e a qualidade de vida que tem, é um ponto que faz o cidadão brasileiro pensar se retorna ou não ao Brasil e muitas vezes acabam optando em ficar no Japão, porque sua família já se acostumou ao estilo de vida japonês e os filhos que nasceram e/ou cresceram no Japão não tem mais vontade de retornar, pelo simples fato de que se adaptaram muito bem aqui e não conhecem o Brasil.

Uma boa parte dos brasileiros que reside no Japão já está ciente de que suas vidas irão se desenrolar no Japão, assim como muitos japoneses que saíram do Japão há 100 anos, e pretendiam retornar, adotaram o Brasil como sua nova Pátria.

Enfim, é em meio a tantas perguntas, incertezas e até contradições, que vive a nossa comunidade, neste país tão maravilhoso e exótico, chamado Japão.

31.

Associação Brasileira de Hamamatsu (ABRAH)



Associação Brasileira de Hamamatsu (ABRAH)

Etsuo Ishikawa*

A ABRAH- Associação Brasileira de Hamamatsu, foi concebida em 15 de novembro de 2003, com a colaboração e participação da sociedade nipo-brasileira e seguimentos da sociedade japonesa, bem como do apoio do executivo municipal da Cidade, e através da Fundação Internacional para o Intecâmbio da Cidade e da Camara da Industria e Comercio.

Objetivo principal

Criar uma canal de aproximação entre a comunidade Brasileira e a sociedade japonesa local, incentivando a integração e viabilizando com sua atuação a formação de uma ponte de relação permanente com o governo local, regional e federal.

Destacamos algumas atividades nestes 5 anos de atuação:

- Painel Jurídico de direito comparado Brasil e Japão (dirigida à comunidade Brasileira com a participação de juristas Brasileiros e japoneses);
- Pleitos junto ao governo central japonês (petição pleiteando estabelecer cooperação entre os dois países visando acordos no âmbito criminal e civil, bem como sobre a educação e previdência social);
- Apoio para os consulados itinerantes na Cidade de Hamamatsu até 2006;
- Apoio logístico para o consulado Volante 2 vezes por mês em Hamamatsu (atendimento à comunidade de Hamamatsu e Região desde agosto de 2007);
- Pleitos junto ao governo brasileiro reivindicando a instalação de um 3º Consulado geral na Cidade que beneficiaria cerca de 80 mil brasileiros da região;
- Apoio para as provas do supletivo 1º e 2º graus.

*Presidente da ABRAH.

Diretoria atual da ABRAH

- Etsuo Ishikawa –Presidente
- Marcelo Yoshimura- Vice-presidente
- Hidemitsu Hoshino- Diretor administrativo
- Tadaaki Ogai-Diretor superintendete
- Osamu Nonoyama- Diretor e consultor especial

Dados da Cidade

- 824.443 habitantes
 - 411.019 homens
 - 413.424 mulheres
 - 315.853 famílias
 - 33 .418 estrangeiros
 - **19. 366 brasileiros**
 - 3.171 chineses
 - 3.109 filipinos
 - 2.414 peruanos
 - 1.659 coreanos norte/sul
 - 1.063 indonesianos
 - 980 vietnamitas
- 1.656 outros 73 países

Pesquisa sobre as Condições de Vida e Trabalho dos Residentes Estrangeiros Latino-americanos em Hamamatsu”

Resumo da Pesquisa

1. Objetivo da Pesquisa

Para compreender a situação real da vida e do trabalho dos cidadãos estrangeiros provenientes da América do Sul, a prefeitura de Hamamatsu realizou a “Pesquisa sobre as condições de vida e trabalho dos residentes latino-americanos em Hamamatsu”. Tendo por objetivo pesquisar os processos para a formação de uma comunidade de coexistência, já foram realizadas 4 pesquisas junto aos cidadãos latino-americanos nos anos de 1992, 1996, 1999 e 2003. (No ano de 2000, foi realizada uma pesquisa em pequena escala com estrangeiros não provenientes da América do Sul).

O prosseguimento visa a construção de parâmetros para a reforma do plano de internacionalização “Cidade de Hamamatsu Plano de Globalização”.

2. Objeto de Estudo

Estrangeiros provenientes da América do Sul (brasileiros, peruanos e outros) com idade superior a 16 anos e que residentes na cidade de Hamamatsu.

A quantidade recolhida de questionários foi de 1253, sendo 1(um) considerado inválido, totalizando 1252 questionários válidos.

Resultados das Respostas

Comparando esta pesquisa com as demais já realizadas pela prefeitura de Hamamatsu, chegamos aos seguintes pontos:

- (1) A amostragem para a pesquisa foi maior, atingindo 1252 pessoas.
- (2) A colaboração dos participantes foi atingida por vários meios: pelos dados

do registro de estrangeiro, empresas, escolas estrangeiras e escolas japonesas.

- (3) Nos itens referente ao trabalho, educação, conhecimento da língua japonesa, as questões foram reformuladas para obter mais detalhes. Foram também acrescentados novos itens como estresse e meios de comunicação.

A pesquisa prevê ainda a realização de uma análise mais minuciosa. Contudo, do resultado imediato desta pesquisa obtivemos:

Sobre os dados pessoais

- Aproximadamente 40% se encontram na faixa de 30 anos, e 20% na faixa de 20 e 40 anos.
- 86% são de nacionalidade brasileira, 10% peruana e 1% correspondem a nacionalidade japonesa. Sendo 60% provenientes do Estado de São Paulo.
- 6% correspondem a nacionalidade japonêsa (issei), 33% nissei, 38% sansei e 18% sem descendência japonesa.
- Referente a qualificação de permanência dos nikkeis no Japão, cerca de 30% estão como “Nihonjin no haigusha to”(concedida para o(a) cônjuge e filhos de japoneses), “Teijusha” (concedida aos filhos e netos de japoneses) e “Eijusha” (permanente). Do total geral, 70% ainda não possuem o visto permanente e cerca de 50% pretendem obter o mesmo.
- 66% das pessoas residem com cônjuge e 61% moram com filhos. Na pesquisa de 1999, verificou-se que a maioria reside com a família.
- Quanto ao período de permanência, 1/4 do total das pessoas residem por longo período (mais de 12 anos) e cerca de 20% tem permanência por curto tempo (menos de 2 anos).
- Quanto a chegada dos estrangeiros, de acordo com as pesquisas realizadas em 1999, 2003 e 2006, está havendo, respectivamente: diminuição dos que chegam pela primeira vez no arquipélago, 52%, 45% e 41% e aumento

dos que retornam (mais de 3 vezes), 11%, 15% e 24%. Verificamos a tendência de crescimento deste fluxo.

- Referente ao grau de escolaridade no país de origem, a maioria concluiu até o ensino médio. Apenas 14% possuem grau universitário.

Sobre o Emprego

- 76% são recrutados através de empreiteiras e agências intermediárias. Apenas 1% possuem contrato direto. O percentual é semelhante as pesquisas já realizadas.
- A maioria concentra-se na mão-de-obra não qualificada de empresas ligadas ou coligadas as indústrias automobilísticas.
- De acordo com os dados coletados em 2003 e 2006, observou-se aumento na jornada de trabalho diário. Serviços com jornada de 8 hs/dia diminuiram de 51% para 25%, com jornadas de 10 ~ 11 hs/dia aumentaram de 23% para 37% e, de 12 hs/dia de 12% para 15%.
- Baseado nas pesquisas de 2003 e 2006, constatou-se o aumento nos dias semanais trabalhados. A jornada de 5 dias decresceu de 62% para 53%, contra o aumento de 27% para 33% na jornada de 6 dias.
- Referente a estabilidade no serviço, 34% permaneceram menos de 11 meses e 20% permaneceram 1 ano. Outras regiões atingiram o índice de 17% para período contínuo de 5 anos ou mais. Entre os trabalhadores estrangeiros relatamos a discrepância no tempo de serviço longo e curto.

Moradia

Apesar de ser minoria, o aumento de estrangeiros que estão adquirindo a casa própria é considerável. Baseado nos dados das pesquisas, temos:

1996	1.4%
1999	1.0%

2003 2.2%

2006 3.7%

- As pessoas que adquirem a casa própria, pretendem residir por longo período em Hamamatsu e fixar a residência.
- Na pesquisa, o índice de residentes em moradias da empresa ou alugada, foi de 35% em 1999, de 23% em 2003 e aumentando para 47% em 2006. Podemos considerar a influência da pesquisa efetuada nas empresas.

Saúde e Seguro Saúde

- Na pesquisa de 1999, constatou-se que 50% dos estrangeiros não estavam inscritos no seguro de saúde, seguido de 47% em 2003, e decrescendo para 32% em 2006. Todavia, a influência do processo seletivo de amostragem é relevante.
- Com exceção da pesquisa realizada através de empresas, 70% das pessoas estão inscritas em algum tipo de seguro de saúde. Podemos concluir que as pessoas pesquisadas tem vida mais estável.

Estresse

- Cerca de 2/3 das pessoas pesquisadas, já tiveram a experiência de sentir o estresse na vida cotidiana. Dos quais: 50% devido ao salário, custo de vida e emprego, 30% pelo fato dos familiares residirem no país de origem e 28% preocupação com a educação das crianças.
- O relacionamento com a vizinhança obteve o índice abaixo de 5%.
- Podemos concluir ainda haver pouco contato com a vizinhança.
- Aproximadamente metade das pessoas responderam terem baixo grau de irritabilidade, todavia muitas superaram 10 pontos. Sendo 16% com 10 a 19 pontos e 6% acima de 20 pontos. No total, o número de pessoas com o sintoma é baixo, entretanto esta pequena quantidade apresenta alto grau de irritabilidade.

Network (relacionamento pessoal)

- 64% das pessoas fazem consultas sobre assuntos importantes, conversam e desabafam com os compatriotas. 17% se conheceram no país de origem, e 46% após a chegada no Japão. Assim, o relacionamento do país de origem prevalece também no arquipélago, mas a construção de novas amizades após a chegada no país, não deixa de ser um fator importante. Colega 31%, família e parentes 21%.
- Podemos concluir que a maioria após se conhecerem mantém bom relacionamento.

Sobre o Cotidiano

- 38% participaram de eventos promovidos pelos compatriotas, contudo o índice caiu para 6% no que tange a participação nas Associações dirigidas pelos mesmos. A frequência nas igrejas cristãs ou em outras instituições religiosas atingiu 26%. Constatou-se a participação de 27% em eventos da região, mas apenas de 7% em “Associação de Bairro” ou Regional. Com base nos dados citados verifica-se ainda ser insuficiente as oportunidades para criar amizade, construção de Associações e grupos.
- Quanto ao meios de comunicação mais utilizados, predominou a internet com o percentual de 68%.
- Em termos gerais, 80% das pessoas pesquisadas estão satisfeitas com a qualidade de vida no Japão.
- Quanto às Medidas de Prevenção contra Desastres, 63% não possuem nada preparado, deixando evidente a falta de consciência sobre a prevenção contra desastres.

Identidade

- 58% dos pesquisados frequentam o Mercado de produtos brasileiros pelo menos 1 vez por semana. Nota-se o desejo de manter os costumes alimentares do país de origem. Paralelamente, utilizam estes locais para manter contato e ter informações sobre assuntos da comunidade e do país.
- Referente a casamento, 12% das respostas desejam que os seus filhos se casem com compatriotas, 19% optaram pelo mesmo desejo em caso do próprio casamento. Os itens “não se importa com a nacionalidade ou origem da pessoa” e “pode ser compatriota Nikkei” atingiu 60%.
- Com base nos dados das pesquisas de 1996 até 2006, aproximadamente 60% sentem-se discriminados pelos japoneses.

Sobre o Conhecimento da Língua Japonesa

- Mais de 70% das pessoas, chegaram ao Japão com o conhecimento insuficiente da língua japonesa.
- Na proficiência da língua japonesa, 3/4 das pessoas pesquisadas se auto avaliaram acima de “até que é bom” na conversação.
- Sobre a compreensão do “hiragana”, 20% apontaram “quase perfeito” e “até que é bom”; 70% assinalaram o grau de avaliação negativa, referindo-se a compreensão dos ideogramas (kanji), sugerindo validar a colocação de “kana” nos ideogramas para facilitar a leitura.
- No que se refere a pretensão do estudo da língua japonesa, houve uma redução do percentual, do ano de 1999 que foi de 86% para 69% no ano de 2006. Podemos deduzir que mesmo não tendo conhecimento da língua japonesa, há possibilidade de vivência no país.
- Mais da metade das pessoas com pretensão de continuar o estudo da língua japonesa, desejam obter a orientação individual, adequada ao seu nível e à sua conveniência.

Sobre a Administração Pública

- 75% utilizam o calendário do lixo traduzida na língua materna.
- Referente as informações, em português, fornecidas pela administração pública obtivemos: 27% são usuários do “Boletim Informativo da Cidade” e 23% do “Guia para facilitar sua Vida em Hamamatsu”, contudo, apenas 11% utilizam o “Home-page da Prefeitura de Hamamatsu”. Considerando a alta porcentagem de usuários da internet, o aumento de usuários do home-page da prefeitura ocorreria mediante a elaboração de um “link” mais acessível aos cidadãos estrangeiros.

Sobre a Educação

- Referente a filiação, aproximadamente metade nasceu no país de origem e cerca de 30% nasceram no Japão. Destes muitos consideram o Japão como pátria, pois vieram ainda crianças obtendo mais contato com a sociedade japonesa.
- Somando as crianças que não frequentam a escola e as crianças que não estão matriculados em nenhuma escola, obtivemos: 2% para primogênitos aumentando para 4% no segundo filho.
- Relevando o processo de amostragem na frequência das crianças em escolas estrangeiras, estimamos 4% na pesquisa de 1999; 26% em 2003; e em 2006, 35% para primogênitos e 28% para o segundo filho.

Sobre a Relação com o Brasil

- Mais de 70% das pessoas pesquisadas enviam a remessa bancária “de vez em quando” ou então “com frequência”. Onde 1/3 das pessoas enviam mais de ¥50mil/ mês. Concluímos que os laços com os familiares residentes no país de origem são muitos fortes.

- 40% pretendem continuar residindo por longo tempo no Japão. E 20% “pretendem voltar ao país de origem, no prazo de 3 anos”.
- Baseado nas pesquisas realizadas através de empresas e através de outros meios, temos respectivamente: 7% e 4% “pretendem permanecer no Japão”; 37% e 44% “pretendem ficar o máximo possível no Japão”. Verificando nas pesquisas realizadas através de empresas, os itens sobre a situação de moradias e do seguro saúde, podemos observar o forte desejo de permanecer no Japão.

Este informativo prestado pela ABRAH Associação Brasileira de Hamamatsu é autorizado pela Prefeitura de Hamamatsu, Departamento de Planejamento Divisão de Relações Internacionais, que detém os créditos e a responsabilidade pela pesquisa.

Composição da equipe de pesquisa

Colaboradores

- Universidade de Artes e Cultura de Shizuoka (Pesquisador Responsável: Shigehiro Ikegami, Faculdade de Administração e Cultura - Professor Adjunto).

Apoio

- Eunice Akemi Ishikawa (Universidade de Artes e Cultura de Shizuoka, Faculdade de Administração e Cultura, Professora Adjunta).
- Takenoshita Hirohisa (Universidade de Shizuoka, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Professor Adjunto).
- Chitose Yoshimi (Instituto Nacional de Pesquisa Populacional e Segurança Social, Divisão de Relações Internacionais, Pesquisador Senior).

32.

Grupo Criativos



32. Grupo Criativos

Origem

O grupo CRIATIVOS é uma Organização Sem Fins Lucrativos (NPO) registrada como pessoa jurídica na Província de Kanagawa. O grupo nasceu da CRI-Children's Resources International (ONG japonesa que realiza trabalhos no Japão e no Brasil), idealizado após a "10ª Conferência Internacional de AIDS" realizada em Yokohama em 1994. Na ocasião, constatou-se a falta de atividades dentro do tema HIV/AIDS dirigidos à comunidade latina (Brasil e outros países da América Latina de língua espanhola) residente no Japão. Sabendo-se que grupos minoritários estão mais vulneráveis à epidemia do HIV/AIDS, viu-se a necessidade de criar programas específicos voltados para esta comunidade.

Objetivo

O CRIATIVOS tem como objetivo atividades, principalmente dentro do tema HIV/AIDS e saúde sexual, em saúde pública e suporte para uma melhor qualidade de vida dos latinoamericanos que convivem direta ou indiretamente com HIV/AIDS, dentro da sociedade japonesa, em espanhol e português.

Principais atividades

- Prevenção primária:
 - campanhas preventivas para a comunidade latina, realização de palestras e work-shops, etc.
- *Counseling* :

- Orientação no processo pré e pós - teste de HIV.
- Orientação, informação por telefone (aids hot line).
- Suporte psico-social para as pessoas que convivem com HIV/Aids e seus familiares:
 - Organização de encontros de ajuda-mútua.
 - Suporte psico-social por telefone e pessoalmente.
 - Acompanhamento e tradução em ambiente hospitalar ou instituições afins, etc.
 - Assistência no retorno aos países de origem (contato direto com GIV no Brasil, Sr. José Araújo Lima).
- Participação e realização de eventos referentes à áreas de: capacitação de intérpretes na área médica, melhoria no atendimento à estrangeiros na área da saúde, política japonesa em relação à população estrangeira, etc.
- Realização de treinamentos de capacitação para trabalho em HIV/DST e saúde sexual.
- Convite à profissionais e ativistas brasileiros para: divulgação do programa brasileiro de Dst-Aids, empoderamento das pessoas que vivem com HIV/Aids, prevenção, etc.
- Realização de trabalhos de pesquisa e apresentação em Congressos e Encontros acadêmicos nacionais e internacionais.

Relatório executivo dos últimos 5-6 anos de atividade

(1) Atividades de Suporte global ao portador HIV e pacientes de Aids:

a. Acompanhamento e Tradução em HIV.

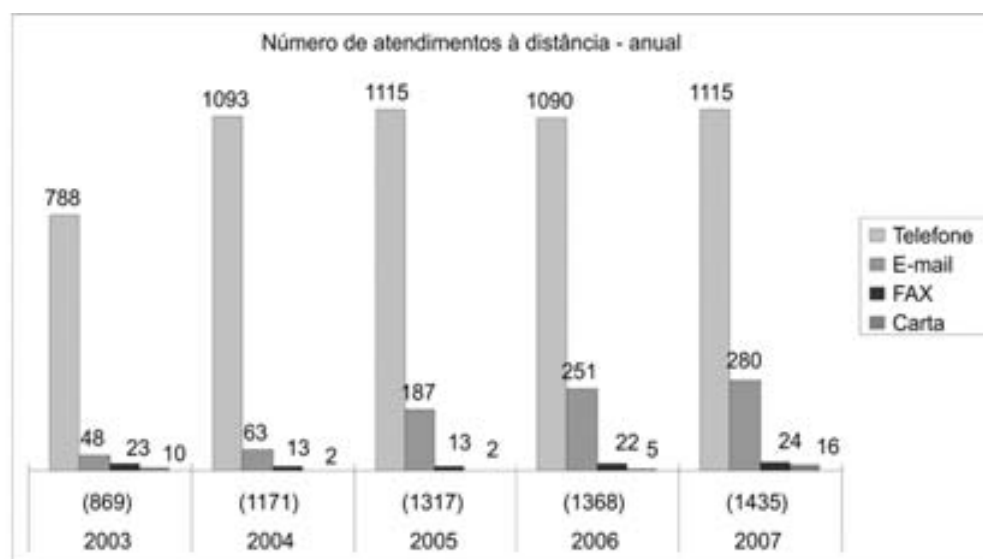
Conteúdo: Envio de intérpretes e tradutores nas consultas médicas, com assistentes sociais e em repartições públicas.

Objetivo do acompanhamento	Português		Espanhol		Total
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	
Consulta hospitalar (médica e social)	50	83	11	49	193
Consulta em repartição pública	4			11	15
Vida cotidiana (imobiliária, compras...)		3		6	9
Counseling		1		3	4
Retorno ao Brasil	2				2
Total	57	87	11	69	223

* Locais de visita ou contato: Hospitais e repartições públicas nas províncias de Tokyo, Kanagawa, Aichi, Gunma, Shiga, Shizuoka, Osaka, Nagano, Niigata, Ibaraki, Tochigi, Saitama, Hiroshima, Toyama, Mie.

b. Suporte à distância (por telefone, FAX, E-mail e carta)

Conteúdo: Membros do grupo se dispõem 24 horas por dia para atendimento às pessoas que vivem com HIV/Aids, para consultas diversas. As consultas são feitas principalmente por telefone (cada membro dispõe de um celular próprio). O FAX é utilizado para tradução de documentos e correspondências. Tem havido aumento expressivo no uso de e-mail.



Principais conteúdos:

- Interpretação da Consulta médica ou da assistência social (35%).
- Assuntos relacionados ao hospital (30%).
- Suporte Psicossocial (25%).
- Informações sobre saúde, medicamentos e tratamento (10%).

c. Encontro de Pessoas que vivem com HIV/Aids e familiares.

Conteúdo: Provisão de local e organização dos encontros das PVHA e seus familiares. Os Encontros são realizados desde 1999 e são de 2 tipos:

- 1- Realizado todo 4ºsábado do mês, em Yokohama, para PVHA e seus familiares, com a presença de um facilitador membro do grupo CRIATIVOS. A presença média é de 4-6 participantes.
- 2- Realizado 2 a 3 vezes por ano, em cooperação com hospitais e profissionais da saúde japoneses tendo como objetivo de prover informações, estreitar a relação médico-paciente, criar um espaço de troca entre pessoas de diferentes nacionalidades. A presença média é de 6-8 participantes.

(2) Counseling:

a- Aconselhamento pré e pós-teste de anticorpos HIV.

Conteúdo: Aconselhamento pré e pós-teste de HIV e algumas DST, em português e espanhol, que são realizados em cooperação com o Centro de Saúde Pública de Shinjuku (Tokyo) e a Província de Kanagawa.

Dias e horários de atendimento:

- Centro de Saúde de Shinjuku – quintas de 13:00 às 17:00 horas.
- Centro de testagem rápida da Prov. de Kanagawa [Atsugi] – 2º. Domingo do mês, de 13:00 às 15:00 horas.

Resultados: em 2007, 98 atendimentos em português e espanhol foram realizados nos 2 locais.

b- Atendimento de consultas telefônicas em HIV/Aids e DST.

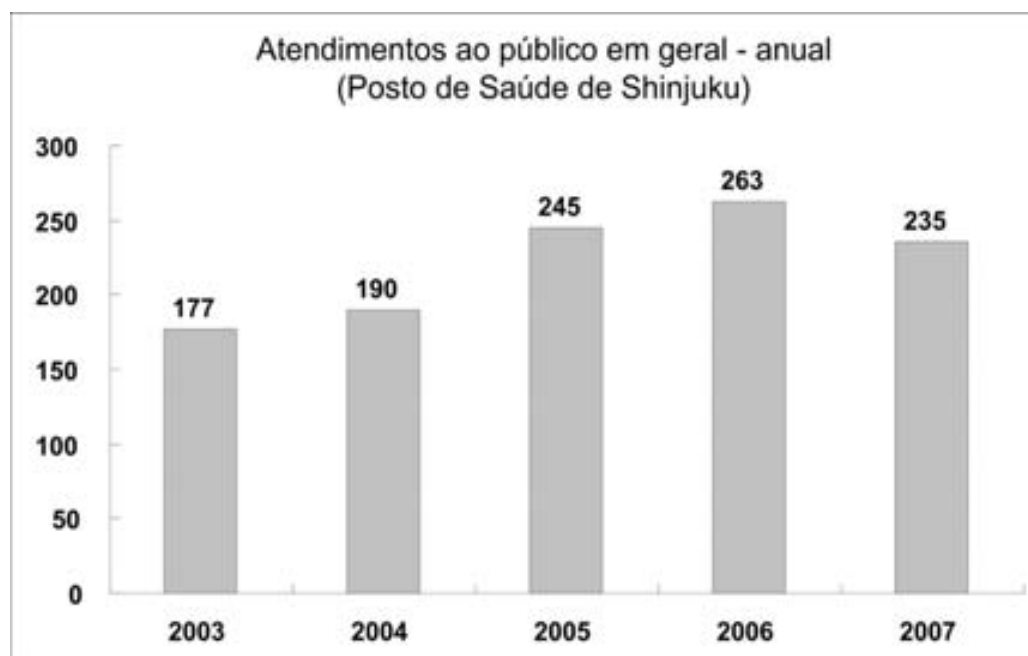
Conteúdo: Atendimento telefônico para o público em geral [aids hot line]

em 2 locais:

- Centro de Saúde de Shinjuku – quintas de 13:00 às 17:00 horas.
- Escritório do CRIATIVOS – segundas e quartas, de 10:00 às 19:00 horas
[* início em abril de 2007].

Resultados do atendimento telefônico para o público em geral.

No. de atendimentos no escritório do CRIATIVOS: 0292 atendimentos em 1 ano.



Conteúdo principal:

- Sobre onde e como fazer o teste de HIV no Japão (50%).
- Sobre informações gerais de transmissão e prevenção (15%).
- PVHA (30%).
- Outras DST (5%).

(3) Curso de Capacitação Básica para formação de pessoas para atividade de suporte global.

Conteúdo: Tem como objetivo capacitar pessoas para a atividade de suporte, tendo como contexto a realidade do latinoamericano residente no Japão, respeitando a individualidade, no seu aspecto cultural-religioso e diversidade sexual. Assim como, preparar o voluntário para lidar com temas como morte, sexualidade, exclusão social, etc. Entende-se como suporte globalizado, não somente a atividade de interpretação e tradução, que deve ser realizada em um alto nível de qualidade, mas preparo para dar suporte psico-emocional e social à pessoa que nos consultam.

Resultados:

- 2003: 1º curso, 8 horas em 4 dias, 2 h/dia. [4 pessoas: 2 português e 2 espanhol].
- 2004: 2º curso 26 horas em 4 dias, 6 h/dia. [7 pessoas: 4 português e 3 espanhol].
- 2006: 3º curso de 20 horas em 4 dias, 5 h/dia. [4 pessoas: 3 português e 1 espanhol].
- 2007: 4º curso de 20 horas 4 dias, 5 h/dia. [10 pessoas: 4 português e 6 espanhol].

(4) Prevenção em HIV/Aids/DST (ver detalhamento de projeto)

Conteúdo: Atividades diversas, adequadas a cada público, onde inclui-se informações sobre transmissão e prevenção, aumento da percepção de risco individual em relação ao contágio pelo HIV, uso correto do preservativo (masculino e feminino), informações sobre onde e como fazer o teste de HIV e o sistema médico para tratamento do HIV no Japão e no Brasil, diminuição do estigma em relação a PVHA, etc.

Atividades exercidas:

- Distribuição de panfletos, preservativos, e consultas nos Consulados Itinerantes de Nagoya.

- Distribuição de panfletos, preservativos e consultas em eventos (danceterias, festivais, restaurantes, atividades culturais, etc).
- Convite a pessoas do Brasil para falar ao público tanto japonês como latinoamericano.

Número de pessoas atingidas: média de 8,000 por ano.

(5) Outras Atividades:

Conteúdo: Atividades diversas, tendo como público principal a sociedade japonesa. Tem como objetivo estreitar a relação com a sociedade japonesa, fazer conhecer nossas atividades, ampliar a rede de suporte para os brasileiros que vivem com HIV/Aids, inserir a nossa comunidade na política de Aids do governo japonês, obtenção de financiamento para os projetos realizados pelo grupo CRIATIVOS.

Atividades exercidas:

- Apresentação de trabalhos nos encontros científicos: Congresso Anual da Sociedade Japonesa de Aids (anualmente, desde 1999), Congresso Internacional de Aids da Ásia e do Pacífico (2000 e 2005), Encontro Anual do Grupo de Pesquisa em Epidemiologia e Prevenção de HIV (anualmente desde 1999) e do Grupo de Pesquisa em Atendimento Hospitalar e Clínico (2000, 2002 e 2003), do Ministério da Saúde, Bem-estar e do Trabalho do Japão.
- Organização de Simpósios Internacionais: 1º Simpósio Brasil-Japão sobre HIV/Aids e a Comunidade Brasileira residente no Japão (1999), 2º Simpósio Brasil-Japão sobre HIV/Aids e a Comunidade Brasileira residente no Japão (2003).
- Co-participação na organização e execução do Treinamento Anual para Tradutores e Intérpretes em HIV da Fundação Japonesa de Prevenção à Aids (anualmente desde 2002).
- Palestras em eventos relacionados à Aids, da sociedade japonesa: Yokohama Aids Forum promovido pela Província de Kanagawa, Stop Aids

Week promovido pelo governo de Tokyo e Fundação Japonesa de Prevenção à Aids, Simpósios e Encontros relacionados a população migrante e Aids promovidos por órgãos científicos, públicos, privados e outras Ongs (várias participações desde 1999).

- Convite de PVHA do Brasil para atividades de prevenção para a comunidade brasileira e japonesa deste país (anualmente desde 1999).

Número de pessoas atingidas: média de 3.000 por ano.

(6) Projeto de saúde sexual e prevenção de HIV nas escolas brasileiras do Japão

Introdução

Este relatório apresenta os resultados do levantamento feito pela NPO CRIATIVOS sobre atividades de educação preventiva em Saúde e Prevenção de HIV/Dst e atitude e comportamento frente os temas junto aos adolescentes brasileiros que estudam nas escolas brasileiras no Japão.

Esta pesquisa tem financiamento do Grupo de Estudos Sócio-epidemiológicos do Ministério da Saúde e Bem-Estar e do Trabalho do Japão e é realizado em parceria com a Associação das Escolas Brasileiras no Japão, com apoio da Embaixada do Brasil.

A partir da década de 80, houve escassez de mão-de-obra, principalmente nas indústrias de produção, devido ao desenvolvimento econômico e a preferência da população jovem japonesa pelo trabalho de 2º. e 3º. setores. Assim, a mão-de-obra estrangeira tornou-se de extrema necessidade no país a nível primário. No entanto, restrições quanto a concessão de visto com direito a atividade laboral dificultava a entrada de estrangeiros e ocasionou aumento população estrangeira ilegal no país.

Para contornar o problema, em 1990, o Japão reformulou sua Lei de Controle de Imigração e passou a conceder aos descendentes de japoneses (“nikkeis”) visto temporário de longa estadia. Com esse tipo de visto os descendentes de japoneses e seus cônjuges passaram a poder trabalhar no país, sem restrição quanto ao tipo de labor. Assim, muitas empresas de alocação de mão-e-obra foram para o Brasil e outros países

da América Latina para contratar trabalhadores “nikkeis”. Essa chamada associada à situação econômica desses países na época incentivou a migração em massa dessa população para o Japão, sendo na sua grande maioria cidadãos brasileiros.

Em 2007, 1,63% do total da população japonesa era representada por estrangeiros, sendo os brasileiros o terceiro maior contingente, com 312.979 brasileiros registrados, sendo 75% da faixa etária de 10 à 60 anos de idade, movimentando mais de 3 bilhões de dólares entre Brasil e Japão.

Nos últimos anos, há uma tendência dos brasileiros permanecerem por muitos anos no Japão, voltando ao Brasil somente a passeio ou férias. No entanto, apesar dos anos de residência neste país, as dificuldades quanto às diferenças de idioma, cultura e costumes ainda são gritantes, acrescido ao sistema de contrato de trabalho precário, tem deixado o cidadão brasileiro vulnerável quando à falta de acesso aos direitos humanos básicos, como saúde, educação e até mesmo, casa e alimentação.

Os brasileiros, que inicialmente vieram sozinhos, aos poucos constituíram famílias ou trouxeram os demais membros da família que se encontravam no Brasil, elevando assim, o número de crianças brasileiras registradas no Japão.

Em 2005, em torno de 21% dos brasileiros residentes no Japão eram da faixa etária de 0 a 20 anos (em torno de 64.000 pessoas), sendo a 2ª maior população estrangeira desta faixa etária.

Da população brasileira em idade escolar, cerca de 15 mil estudam em escolas japonesas. E em relação à dificuldade na compreensão do idioma japonês, segundo levantamento realizado em 2005 pelo Ministério da Educação e Ciências do Japão, os alunos brasileiros ficaram em 1º lugar.

Segundo a Associação das Escolas Brasileiras no Japão (AEBJ), outras quase 10.000 crianças brasileiras estudam nas quase 100 escolas brasileiras. Onde 46 estabelecimentos estão credenciados a AEBJ, destas 38 são reconhecidas pelo MEC do Brasil.

Além disso, existem os adolescentes que estão fora da escola. 92% dos estudantes japoneses seguem seus estudos de Ensino Médio e menos de 50% dos estudantes brasileiros prosseguem os estudos após terminar o ensino fundamental, ficando ocioso ou entrando no mercado de trabalho adulto aos 15-16 anos de idade.

E em relação ao HIV, pode ser notada dentro do processo de idas e vindas do Brasil e do Japão, a vulnerabilidade própria de trabalhadores migrantes.

A vulnerabilidade dos adolescentes brasileiros que estão estudando nas escolas brasileiras no Japão em relação ao HIV pode ser vista pela falta de acesso dessa população aos programas de prevenção realizados no Brasil e no Japão, pois são voltados para população essencialmente japonesa.

Histórico do Projeto de saúde sexual e prevenção de HIV nas escolas brasileiras do Japão.

2002: Pesquisa piloto com 2 métodos de intervenção em 2 escolas brasileiras: palestras diferenciadas para a faixa etária de 11-13 anos e 14 anos ou mais e oficinas, também diferenciadas pela mesma faixa etária. Foi constatado que a metodologia de oficina para a faixa etária de 14 anos ou mais teve a melhor eficácia.

2003: Questionário quantitativo. (147 alunos de 13 a 19 anos).

Principais resultados:

- 30 % das meninas e 13% dos rapazes tiveram experiências sexuais.
- Idade na primeira relação sexual: meninas -13 à 15 anos; rapazes - 14 à 16 anos.
- Uso de preservativo: o desejo de usar é maior que a consciência da provável da eficácia no uso, ou seja, cerca de 80% tem desejo de usar sempre a camisinha caso tenha relação sexual, mas, entre as meninas somente 70% acha que realmente vai conseguir usar e entre os meninos a assertividade cai para 35%.
- No momento, os temas importantes são: 1º lugar - estudos, 2º lugar - sexo e 3º lugar - futuro.
- Fonte de informações sobre sexo e temas afins: 1º - amigos, 2º - televisão, 3º - revistas em geral e 4º - internet. Entre as meninas o 2º lugar foi mãe.

2004-2005: Atividades de palestras e oficinas (total de 120 participantes) e grupos focais foram realizados em 5 escolas (total de 60 adolescentes participantes) com os seguintes principais resultados: 1) gravidez é a principal preocupação no início da vida sexual; 2) a maioria dos estudantes encontra-se isolada dentro da comunidade brasileira, não tendo muito contato com a sociedade japonesa; 3) o tema HIV está longe de sua realidade, sendo só comentado dentro da escola; 4) a escola foi eleita o melhor local para discutir HIV; 5) necessidade de facilitar o acesso ao preservativo; 6) ênfase na importância de se ter pessoas que vivem com HIV falando diretamente com eles.

2006: Entrevistas com líderes da comunidade brasileira no Japão (6 líderes comunitários - Gunma, Kanagawa, Tokyo.), grupos focais com adolescentes (6 grupos focais totalizando 40 adolescentes estudantes entre 13-18 anos) e levantamento junto às escolas brasileiras (das 40 escolas associadas a AEBJ, 25 tinham alunos maiores de 13 anos e o questionário foi entregue a todas, com retorno de 52%, ou seja 13 escolas): Os principais resultados foram:

Vulnerabilidade institucional (a nível de nação japonesa).

1. Situação laboral: a forma de contratação laboral tem como consequência uma vida instável financeira e social: inequidade de gênero no trabalho (mulheres trabalham sob as mesmas condições que os homens ganhando menos), troca constante de turnos de trabalho (diurno e noturno), falta de acesso à folgas e férias remuneradas, mudanças repentinas do local de trabalho devido a fechamentos de linhas inteiras de montagem por exemplo, falta de acesso ao sistema de seguridade social administrados a nível governamental, etc. Toda essa situação repercute na vida da família causando a ausência dos pais na participação na vida cotidiana, principalmente escolar dos filhos, desmembramento familiar, com pais e filhos vivendo em locais distantes.

2. Sociedade japonesa no geral: ainda não está preparada para conviver com pessoas de culturas e hábitos diferentes, tendo como consequência vários atritos no relacionamento diário.

3. Escola japonesa: poucas escolas possuem programas específicos para educação de crianças estrangeiras, dificultando a adaptação da criança na escola, aumentando assim a evasão escolar.

4. Escola brasileira no Japão:

- 80% das escolas brasileiras só oferecem a educação sexual básica inserida no currículo escolar, enfatizando os órgãos reprodutores nas aulas da 7ª e 8ª séries e apenas 30% destas escolas oferecem aulas extracurriculares enfatizando a educação preventiva de HIV, sendo que a maioria desses oferece somente 1 palestra/ano.
- temas levantados pelos professores como importantes para os alunos no momento: gravidez, drogas, auto estima.

Vulnerabilidade social (a nível dos adultos, pais e/ou responsáveis).

- a lado financeira está em primeiro plano, acima de qualquer necessidade educacional ou de saúde.
- isolamento dos adultos em relação a sociedade japonesa, sendo um fator de atrito quando a criança tem um processo de melhor adaptação à sociedade japonesa.
- os pais não estão podendo fazer o planejamento futuro a longo prazo junto com os filhos, visando uma melhor qualidade de vida não somente financeira, mas também sócio-cultural.
- instabilidade social e financeira da família, com grande mobilidade da família entre o Brasil e Japão, e também dentro do Japão.
- baixa auto-estima e situação emocional instável do adulto afetada pelas dificuldades na compreensão do idioma e perda da autonomia, distanciamento da rede de suporte social e emocional que estava habituado, condições precárias de trabalho, distanciamento dos familiares e parentes.

Vulnerabilidade individual (adolescentes).

- ficam muitas horas sozinhos em casa, por causa da grande carga horária de trabalho dos pais.

- em média o tempo de acesso a Internet é de 1 à 4 hs/dia.
- apesar de viverem fisicamente do Japão, emocionalmente estão dentro no Brasil: moda, cultura, informações.
- adolescentes a partir de 12 anos passam a noite em discos e casa de amigos(as) ou namorados(as), com o consentimento dos pais.
- 90% dos adolescentes tem sonhos de entrar em faculdade e trabalhar na área almejada.
- as idas e vindas entre Brasil e Japão fazem o adolescente vivenciar 2 sociedade muito diferentes, tanto no idioma, como cultura. Experimenta-se vários rompimentos e há que se fazer novos círculo de amizades, adaptação ao ambiente social a todo momento. 40% dos adolescentes já vieram ao Japão outras vezes.
- No geral, consideram o Japão seguro e livre, com grande facilidade para aquisição de bens materiais, mas o Brasil é o local que a maioria quer viver.
- O primeira relação sexual está diretamente ligado ao “quando chegar o momento”, “quando se tiver responsabilidade para criar um filho”.
- Tanto os pais como os adolescentes, frisam o cuidado quanto a gravidez, sem restringir a atividade sexual em si.
- Em geral, a prevenção de uma gravidez não planejada não é o foco dos alertas dos pais, mas sim a responsabilidade de cuidar do recém nascido.
- Há muitos casos de gravidez na adolescência, sendo que mais da metade dos participantes conhecem pessoas ou têm familiares que se tornaram pais adolescentes.

2007: Pesquisa quantitativa junto a todas as escolas brasileiras com ensino médio associadas à AEBJ. 83,3% de retorno do questionário (811 alunos, de 13-19 anos).

Principais resultados:

- 30% dos pesquisados frequentaram escola japonesa, maiormente o ensino fundamental (gratuito, obrigatório para os nacionais japoneses, facultativo para os estrangeiros) e se transferiram para a escola brasileira.

- Cerca de 50% deles está no Japão pela primeira vez com estadia média de 4 anos; cerca de 40% já esteve no Japão outras vezes e o tempo de estadia atual é de cerca de 3 anos e 8 meses.
- Em média foram 2 mudanças dentro do Japão, dentro do período médio de estadia de 4 anos.
- Cerca de 30% e 15% morou em média 8 anos longe do pai e da mãe respectivamente.
- 50% dos pequisados estão satisfeitos com a vida atual no Japão e a vida escolar, mas somente 10% tem intenção de continuar vivendo no Japão.
- Cerca de 35-40% ficam em casa sozinhos depois da escola até seus responsáveis retornarem do trabalho.
- 85% possuem celular e mais de 90% acessa a internet pelo computador. Dos que possuem computador, cerca de 80% acessa diariamente a internet para principalmente se comunicar com amigos no Brasil. 30% já tiveram o acesso a sites pornográficos, 70% já tiveram amigos virtuais, 20% já foram chamados ou chamaram para encontros pessoalmente.
- Cerca de 20% para 13-15 anos e 35% para 16-19 anos já fumaram cigarro e deste total 15% ainda fuma.
- Cerca de 40% para 13-15 anos e 75% para 16-19 anos já experimentaram bebida alcóolica e 75% ainda bebe atualmente.
- O uso de drogas ficou em torno de 3-4% no geral, e no grupo de meninos de 15-19 anos de idade, o índice de uso de drogas foi de 7,5% (ver quadro abaixo).

**Quadro 1: % de experiências que causam danos pessoais
(questionário 2007- adolescentes)**

Idade	Experiências	feminino		masculino	
		Nº	%	Nº	%
13-15anos	Experimentou tabaco (cigarro)	58	23.0	39	19.9
	Experimentou álcool	118	<u>46,8</u>	78	<u>39,8</u>
	Teve encontros em troca de dinheiro	2	0.8	0	0.0
	Usou drogas	6	2.4	2	1.0
	Fez pequenos furtos	18	7.1	16	8.2
	Sofreu alguma violência	7	2.8	13	6.6
	Causou alguma violência	34	13.5	50	<u>25,5</u>
	Se automutilou	40	<u>15,9</u>	16	8.2
	Não teve nenhuma das exp. acima	110	43.7	90	45.9
	Total	252	100.0	196	100.0
16-19anos	Experimentou tabaco (cigarro)	44	31.7	58	39.7
	Experimentou álcool	94	<u>67,6</u>	108	<u>74,0</u>
	Teve encontros em troca de dinheiro	0	0.0	3	2.1
	Usou drogas	6	4.3	11	<u>7,5</u>
	Fez pequenos furtos	10	7.2	20	<u>13,7</u>
	Sofreu alguma violência	9	6.5	12	8.2
	Causou alguma violência	12	8.6	41	<u>28,1</u>
	Se automutilou	20	<u>14,4</u>	14	9.6
	Não teve nenhuma das exp. acima	42	30.2	28	19.2
	Total	139	100.0	146	100.0

- 40% tinha conhecimento da epidemia de HIV tanto no Brasil como no Japão.
- 80-95% sabia das forma de transmissão e prevenção de HIV.
- Menos de 20% sabia sobre o período da Janela imunológica e também do serviço de testagem de HIV gratuito e anônimo do Japão.
- Somente 20 a 40% sabia sobre as DST (sinergia HIV-DST, possibilidade de infertilidade, sintomas não aparentes).
- Somente 40% sabia corretamente sobre os métodos contraceptivos.
- Dos que tiveram experiência sexual, 70% usou preservativo na última relação sexual. O principal motivo do uso foi de evitar gravidez (ver quadro abaixo).

Quadro 2: motivo do uso de preservativo (questionário 2007- adolescentes)

Motivo do uso de preservativo		feminino		masculino	
		No.	%	No.	%
13-15 anos	Evitar gravidez	29/35	<u>82.9</u>	16/24	<u>66.7</u>
	Evitar DST	nov/35	31.4	nov/24	45.8
	Evitar HIV	out/35	28.6	nov/24	45.8
16-19 anos	Evitar gravidez	39/43	<u>90.7</u>	29/42	<u>69.0</u>
	Evitar DST	jul/43	16.3	15/42	35.7
	Evitar HIV	nov/43	25.6	20/42	47.6

- Cerca de 60% pensa que consegue evitar a gravidez, mas cerca 30% pensa que há grande possibilidade de engravidar mesmo não desejando.
- Cerca de 82% das meninas têm forte desejo de usar preservativo e apenas 66% dos rapazes tem esse desejo. Dos 82% das meninas responderam que querem usar preservativo na relação sexual, apenas 60 a 70% delas acham que realmente vão conseguir usar (ver quadro abaixo).

Quadro 3: Desejo e eficácia no uso do preservativo
(questionário 2007- adolescentes)

	Feminino		Masculino	
	13-15anos	16-19anos	13-15anos	16-19anos
(No futuro, caso tenha relação sexual:	Concorda plenamente	Concorda plenamente	Concorda plenamente	Concorda plenamente
Quer usar preservativo	85.0	81.0	69.7	64.3
Conseguirá usar preservativo	69.0	76.1	62.6	61.2

- 70% dos pesquisados já tiveram experiência de “ficar” e 40% já “namoraram sério”.
- Cerca de 22% teve relação sexual e a média de idade da primeira experiência foi na faixa de 14 anos, com tendência a iniciar a vida sexual mais cedo a cada ano (ver quadros abaixo).

Quadro 4: Experiência sexual (questionário 2007- adolescentes)

	Idade	feminino		masculino	
		No.	%	No.	%
teve relação sexual	13-15 anos	40/275	14.5	30/210	14.3
	16-19 anos	54/149	36.2	58/157	36.9

Quadro 5: Idade na primeira relação sexual e no. de parceiros
(questionário 2007- adolescentes)

teve relação sexual	idade na primeira vez e no. de parceiros			
	feminino	13-15 anos	média	13.7 anos
mediana			14 anos	1 parceiro
No.			39 alunos	38 alunos
16-19 anos		média	15.3 anos	1.5 parceiros
	mediana	15 anos	1 parceiro	
	No.	54 alunos	51 alunos	
masculino	13-15 anos	média	13.2 anos	2.9 parceiros
		mediana	13 anos	2 parceiros
		No.	27 alunos	26 alunos
	16-19 anos	média	14.7 anos	<u>4.3 parceiros</u>
mediana		15 anos	2 parceiros	
No.		55 alunos	53 alunos	

- Os adolescentes começam a passar noites fora aos 12, 13 anos de idade.
- Verificou-se uma tendência de maior atividade sexual entre os que passam a noite for a, principalmente na casa de namorado(a).
- Verificou-se uma tendência de maior atividade sexual entre os que fuma, bebem e usam drogas.

Conclusões gerais

- Os resultados dos trabalhos realizados desde 2002 demonstram a necessidade da implantação de um programa de orientação em saúde sexual e prevenção de HIV/DST, incluindo temas como tabagismo, ingestão de álcool e uso de drogas, sempre dentro do contexto de ser “migrante”, onde a realidade concreta é diferente da vivência imaginária. É indicado o trabalho nas escolas brasileiras concomitantemente com a intervenção via internet, para oferecer informações adequadas e corretas sobre os temas e informações que facilitem o acesso aos serviços japoneses.

Atividades que estão em andamento dentro deste projeto

- Oficinas sobre saúde sexual e prevenção de HIV em 2 escolas brasileiras, para posterior avaliação.
- Montagem de home page voltada para adolescentes brasileiros residentes no Japão, com participação de alunos de 2 escolas brasileiras.
- Impressão de material informativo para os adolescentes.

Necessidades futuras

- Aceleração na montagem da home page acima citada.
- Produção de material informativo para os pais.
- Produção de material multiplicador para os professores.
- Recrutamento e manutenção de recursos humanos para atividades interventivas em mais escolas.

Principais Membros do CRIATIVOS

- Elisa Iwaki – psicóloga clínica;
- Sonia Tsushima – médica clínica;
- Emilia Hamada – médica pediatra;
- Elza Nakahagi- médica clínica e psicóloga;
- Severa Okuzawa – bioquímica;
- Luisa Eiguchi – estudante de psicologia;
- Clarice Giotoku – contadora;
- Masahiro Ohashi – ex-Diretor do CIATE em São Paulo;
- Michie Imai – secretária de escritório de advocacia.





33.

NPO 法人 ABC Japan





33. NPO 法人 ABC Japan

Introdução*

A população brasileira no Japão vem apresentando nova performance. Pode ser entendida como uma população com características de assentamento e não mais de transitoriedade. Desde a década de 90 vem crescendo em número. De 1989 para 1990 o aumento foi de 288%. Isto teve a ver com a reforma da Lei de Imigração no Japão em 1990. Continuou crescendo até 1997 em 26,6% chegando ao número de 233 254. Hoje a população de brasileiros no país nipônico é de 316 967. Este crescimento pode ser considerado um indicador de assentamento desta população, como também o crescimento da população de crianças e pré-adolescentes que em 1990 era 3000 e em 2005 chegou a 45000. Outros indicadores do assentamento da população dos imigrantes brasileiros seriam: o envelhecimento desta população, o aumento do número de vistos de permanência (20% da população dos nikkeis brasileiros), aquisição de imóveis e bens duráveis e mobilidade dos trabalhadores da indústria para o setor de serviços. No entanto o crescimento e assentamento desta população, que há 20 anos vem migrando para o Japão, não tem sido traduzido em melhoria de vida para os imigrantes brasileiros e suas famílias. Eles ainda sofrem discriminação e passam dificuldades por não terem direitos assegurados como trabalhadores e cidadãos.

Discriminação

Os brasileiros que trabalham no Japão vivem a discriminação e não são tratados como cidadãos em muitos aspectos. As leis do país não funcionam da

* Fonte : Ministério da Justiça do Japão

mesma maneira para os estrangeiros. Os trabalhadores encontram dificuldades para matricular seus filhos nas escolas da Prefeitura, para conseguir moradia digna - para alugar um imóvel exige-se fiador japonês -, não recebem os dias de folga nos principais feriados – e as grávidas podem ser despedidas usando argumentos grosseiros.

Nas palavras de um empreiteiro, a Toyota não contrata nenhum brasileiro. Se contratasse o salário do brasileiro seria de dois milhões e cem mil yenes, enquanto o trabalhador japonês ganha quatro milhões de yenes no mínimo. Os brasileiros são contratados para empresas de peças a um salário inferior ao de antes da bolha. A maioria dos brasileiros não têm direito a remuneração das férias, 130 salário e bônus.

O fato de se ter a aparência ocidental faz com que os brasileiros sejam abordados por policiais e tratados de forma humilhante, algumas vezes.

Problemas dos Trabalhadores nas Indústrias Japonesas

Boa parte das empreiteiras não permitem que trabalhadores desfrutem dos direitos trabalhistas que constam na legislação trabalhista do Japão.

As empresas estão obrigadas a inscreverem todos os trabalhadores nos seguros sociais do governo, que são: seguro de saúde, seguro de aposentadoria e o seguro para o trabalhador que tenha completado 40 anos de idade. Mas a maioria não faz pois não quer pagar obrigações sociais. Os trabalhadores também não querem pagar parte do seguro porque pensam em retornar ao Brasil.

É corriqueiro ver a dobradinha empresa x empreiteira esconderem do governo, acidentes de trabalho. Como eles cometem isso? Simplesmente os “intérpretes brasileiros” levam o acidentado ao hospital, não dão entrada como acidente de trabalho, e usam outros tipos de seguros para pagarem as despesas. A grande maioria dos intérpretes se aproveitam do desconhecimento dos trabalhadores dos direitos trabalhistas e de seu conhecimento mínimo da língua japonesa.

Conjuntura Atual**

As dificuldades que os brasileiros passam hoje no Japão na essência é a mesma da década de 80. Concentrados em torno das cidades industriais, embora estejam sendo absorvidos no setor serviços, principalmente os de propriedade de brasileiros, a integração com a sociedade nipônica é quase nenhuma. As províncias de Aichi, Shizuoka, Mie, Gifu, Gunma, Nagano, Kanagawa, Saitama, Shiga e Ibaraki reúnem 81% dos brasileiros no Japão, sendo a cidade de Hamamatsu a de maior população. A vida dos brasileiros socialmente vem mudando nestas cidades desde 90 pelo crescimento da população e estabelecimentos de pontos comerciais de produtos brasileiros. Estima-se no Japão mais de 1500 estabelecimentos comerciais brasileiros, distribuídos nas províncias de maior concentração de imigrantes brasileiros. Juntos em bairros a comunidade brasileira sobrevive o afastamento dos japoneses preservando a sua cultura nas mínimas coisas, como comprar produtos de limpeza igual aos que usavam no Brasil. Por questão da dificuldade com a língua japonesa esta integração com os nipônicos fica mais difícil e os brasileiros estão sempre com expectativa de retornarem ao Brasil. Mas na prática o que se vê são brasileiros com mais de 16 anos no Japão financiando imóveis e carros em longos anos, colocando filhos para aprender o japonês, em escolas japonesas, e esta vontade de parecer ficar na intenção.

Apesar de todo o sofrimento causado pela discriminação a situação dos brasileiros hoje não é a mesma de quando chegou ou até a metade da década de 90. Continuam trabalhando nas fábricas fazendo um trabalho pesado, sujo e perigoso, mas a presença da cultura brasileira através de escolas, restaurantes, danceterias, sistema de comunicação acessível aos bolsos dos brasileiros como o caso da telefonia, o acesso a TVs, rádios em português, a existência de Organizações - Não - Governamentais, a incorporação de trabalhadores brasileiros ao Sindicato de Metalúrgicos, Maquinários e Informática do Japão, a atuação da diplomacia brasileira que está mais conhecedora e sensibilizada para os problemas dos imigrantes construindo progressos na área de educação, principalmente quanto a Educação básica, juntamente com representantes

** Fonte : De Dekassegui a imigrante, João Pedro Corrêa Costa, edição 2007

deste setor no Japão e Brasil, permite-nos ver uma pequena mais significativa evolução no processo de melhoria da vida dos brasileiros no Japão.

O Desejo da Comunidade Brasileira no Japão

- Que os brasileiros emigrantes sejam tratados como os japoneses em direitos trabalhistas e de cidadania.
- Acordos bilaterais sobre a Previdência Social e Amparo Judicial.
- Cumprimento das Leis Trabalhistas.
- Direito de Voto.
- Contratação direta dos trabalhadores.

Propósitos da ABC Japan

Temos como objetivo central o intercâmbio cultural e a integração entre brasileiros e japoneses.

Nossa meta é promover através da educação e cultura, a conscientização ética e democrática fortalecendo o conceito de aceitação entre ambas as partes, assim como seus direitos e deveres.

Trabalhando na divulgação para os japoneses dos valores e da cultura brasileira para sermos melhor compreendidos e, disseminando a cultura japonesa para a comunidade brasileira com objetivo de integrar os brasileiros a sociedade japonesa como cidadãos dignos.

Para isso estamos trabalhando para uma maior integração através da promoção da cultura de ambos os países.

Somente a cultura e a tradição destes países conseguirão a consolidação. Esperamos que acima de qualquer diferença cultural, prevaleça a amizade e o excelente entendimento entre os dois países.

A realização em 2008 do festival do intercâmbio cultural Brasil- Japão (Ossambashi-Yokohama) que reuniu mais de 500 capoeiristas japoneses, mostrou o fruto desta integração cultural, Festa Juninas, amostra de filmes, músicas, documentários

brasileiros, tem sido assistidos pelos japoneses que cada vez mais mostram o interesse pela cultura brasileira.

Conclusão

Entendemos que a migração brasileira para o Japão foi necessária para os dois países por motivos econômicos. Mas não podemos restringir somente ao aspecto econômico. Temos de pensar nesta migração como um processo mais abrangente. O Japão por sua cultura milenar pode acrescentar muito à cultura brasileira e por outro lado o Brasil com sua peculiaridade de ter o povo receptivo, criativo e rico em diferenças culturais pode acrescentar muito ao Japão.

Nossa proposta nesses 100 anos de imigração japonesa e 20 anos de migração de brasileiros no Japão, é que a relação entre estes dois países se transformem em uma relação mais profunda onde a lei dos interesses econômicos e comerciais se destaquem os interesses culturais, ecológicos e humanos.

Por uma Casa de Cultura do Brasil no Japão e por uma Fundação Brasil .



34.

ABCD - Uma Fórmula de Sucesso Brasileiro na Austrália



ABCD - Uma Fórmula de Sucesso Brasileiro na Austrália

Lia Timson*

A ABCD (pronunciada a ABCD) é uma organização comunitária, sem fins lucrativos que funciona em Sydney, na Austrália, para o benefício das famílias de brasileiros e seus descendentes.

Este artigo, escrito a pedido do Consulado General do Brasil em Sydney, explica como a ABCD evoluiu em oito anos, passando de encontros quinzenais de pais com bebês à instituição educacional de hoje reconhecida pelo governo australiano e estimada pela comunidade brasileira na Austrália.

No começo - 9 de julho de 1999

A ABCD nasceu da vontade de duas mães brasileiras, casadas com australianos, de educar seus filhos de maneira bilíngüe. Karin Alfonso e Lia Timson temiam que sem o apoio de outras famílias na mesma situação, seus filhos cresceriam sem valorizar a cultura brasileira e a língua portuguesa e conseqüentemente, sem compreender suas próprias origens.

Lia e Karin temiam que sem o apoio comunitário, o ensino da língua portuguesa seria relegado aos esforços domésticos das mães que sozinhas, em tempo, poderiam desistir de tal missão.

Aproveitando uma atividade muito difundida na Austrália - o "Playgroup", ou uma reunião semanal ou quinzenal de mães com filhos de até cinco anos - Karin e Lia começaram o Playgroup Brincando. Reuniões aconteciam numa sala apropriada para essa atividade com brinquedos e materiais educativos numa escola pública, com duração

*Co-fundadora e coordenadora geral da ABCD até 17 de novembro de 2007, atualmente coordenadora de comunicação com responsabilidade sobre o jornal trimestral da ABCD (Brincando) e assessoria de imprensa.

de duas horas, quinzenalmente, incluíam atividades como brincadeiras livres e organizadas, leitura (“hora da história”), artesanato e música. Todas as atividades eram conduzidas em português exclusivamente, para que as crianças pudessem perceber que haviam outras pessoas no mundo delas que falavam, relacionavam-se e divertiam-se em português. Os próprios pais se organizaram em rodízio para fazer o lanche, a leitura, o artesanato e a música.

Do Playgroup nasceu também a necessidade de uma biblioteca, já que os participantes iniciais já haviam esgotado as histórias dos livros que tinham em casa. O playgroup então começou a pedir doações de amigos e parentes para um pequeno acervo. Hoje a biblioteca da ABCD está informatizada, conta com mais de 1000 volumes entre eles livros, CDs, CD-Roms, vídeos, DVDs e jogos em português. Suas fontes de recursos ainda incluem doações de sócios, assim como doações do Consulado Geral do Brasil em Sydney, e compras feitas com as próprias verbas da ABCD.

Eventos - a partir de 1999

Percebendo a dificuldade que algumas famílias tinham de participar do Playgroup durante a semana, o Playgroup começou a organizar piqueniques e encontros de fim de semana para que as famílias pudessem se conhecer e assim proporcionar às crianças uma rede de amizades dentro da comunidade. Juntamente com as reuniões semanais, os eventos facilitaram a criação de uma comunidade de amizade e apoio entre as famílias brasileiras e mixtas em Sydney.

Aulas - a partir de 2002

O Playgroup cresceu, as famílias cresceram em quantidade e no número de filhos e as crianças foram ficando mais velhas. Com isso nasceu a necessidade de aulas de português para crianças em idade escolar, já que uma vez inseridas na escola primária, elas deixariam de participar do Playgroup e perderiam contato formal com a língua portuguesa.

Outra vez, aproveitando esquemas australianos, o Playgroup se informou sobre os requerimentos para verbas governamentais para abertura de aulas. O Departamento de Educação e Treinamento (DET) do estado da Nova Gales do Sul tem um programa de auxílio às escolas de línguas comunitárias, para qual exigem que as escolas sejam incorporadas como rege a lei local.

O Playgroup então, depois de angariar verbas para a incorporação, passou de grupo informal à associação incorporada. Nasceu então a ABCD e a necessidade de seus participantes ficarem sócios financeiros da organização para assegurar o seu futuro.

As primeiras aulas foram lecionadas numa localidade central - uma sala alugada - para as crianças que já tinham saído do Playgroup. As despesas de professor, material e aluguel eram pagas pelas famílias. Eram cinco crianças no primeiro bimestre. A professora, Mônica Carvalho, uma brasileira com mais de 20 anos de experiência em educação no Brasil e na Austrália, assumiu as aulas e a coordenação pedagógica da ABCD.

Novas turmas foram abertas de acordo com a demanda em outras localidades de Sydney - dividida rudemente entre norte e sul.

Creche - a partir de 2003

Aproveitando do relacionamento com Mônica Carvalho, e respondendo à demanda da comunidade, a ABCD se juntou a Dijon Child Care - uma operadora de creches, onde Mônica Carvalho também leciona - para oferecer um programa paralelo em português para crianças frequentadoras da creche. O programa funciona três vezes por semana no Warringah Mall Kindergarten e em 2005 foi também instituído no Macquarie Child Care Centre, uma segunda creche do grupo. Em julho de 2007, as creches foram compradas pela ABC Learning Centres, uma empresa pública proprietária de mais de 600 creches na Austrália e no Canadá. Desde então o programa bilíngüe continua de vento em popa com o apoio dos novos proprietários e a possibilidade de expansão para outras localidades dentro da rede de acordo com demanda da comunidade.

Hoje - 2008

Hoje a ABCD é uma instituição reconhecida pelo Departamento de Educação e Treinamento do estado da Nova Gales do Sul como escola de língua comunitária. É a única a ensinar o português brasileiro na Austrália e a única organização dedicada às crianças brasileiras no país.

Ela continua apoiando as famílias de crianças bilíngues através do Playgroup que cresce a cada dia, com as aulas - agora cinco turmas em três localidades de Sydney, com a biblioteca, e com o programa das creches.

Seu quadro docente conta com cinco professoras. Essas profissionais estão autorando uma coleção de apostilas e recursos pedagógicos feitos especialmente para alunos de português como língua estrangeira/comunitária. As primeiras apostilas para o nível fundamental entraram em uso em 2008.

No Futuro

A ABCD continua planejando os passos futuros para que possa continuar a acompanhar o crescimento de seus alunos, sócios e da comunidade. Entre os projetos em andamento no momento, estão o estabelecimento de currículo/escola para crianças do segundo grau (na Austrália, a partir da 7ª série) e a educação à distância para a comunidade brasileira na Austrália que vive fora da cidade de Sydney.

Recentemente, a ABCD contratou uma administradora um dia por semana para auxiliar a associação na contabilidade e secretaria da escola. Com a expansão da comunidade e conseqüentemente do número de alunos e sócios, a ABCD espera poder reter o administrador permanentemente, porém isso irá depender da capacidade da associação de angariar constantemente os fundos necessários para que isso seja financeiramente viável.

A Fórmula: Sete Ingredientes, Um Grande Resultado

A ABCD abraçou os valores culturais australianos e os juntou ao orgulho dos melhores aspectos brasileiros para chegar à sua fórmula educacional. Ela é bem sucedida devido a várias razões:

1. O espírito comunitário

A ABCD e todas as pessoas que se juntam a ela adotaram o espírito comunitário tão distinto e respeitado na Austrália. Ela é administrada por famílias para as famílias. A sua missão é um reflexo do desejo das famílias de educarem seus filhos da melhor maneira possível e de ajudarem como podem, para fazer com que isso aconteça. Os projetos de maior resultado da ABCD são aqueles que contam com o envolvimento de seus sócios e das pessoas cujos filhos se beneficiam com eles. É importante ressaltar que esses benefícios são culturais e não financeiros. A ausência de interesse pessoal e da mentalidade de “levar vantagem” é um dos grandes segredos da administração da ABCD.

2. Dedicção ligada ao benefício direto:

Em nove anos, a ABCD aprendeu que para projetos irem para frente, já que voluntários, eles devem ser liderados por pessoas cujos interesses educacionais estão diretamente ligados a seus filhos. Por exemplo, a melhor pessoa para coordenar o Playgroup é uma que tenha seu filho como participante. Da mesma forma, na medida que as crianças vão crescendo, são seus pais que vão liderando projetos para crianças mais velhas. Isso exclue qualquer benefício financeiro ou comercial, tendo a ABCD a regra de que todos, independente do trabalho com que contribuam, paguem para os serviços prestados. Isso assegura a saúde financeira da ABCD e proporciona serviços de qualidade a todos os sócios.

3. Contribuição de agências governamentais

O acesso a sistemas e verbas governamentais existentes no estado da Nova Gales do Sul foi imprescindível para o estabelecimento e bom gerenciamento da ABCD. Saber encontrar essas avenidas é um desafio para o comitê e mantê-las é crucial. A ABCD segue as leis estaduais vigentes com relação à sua incorporação (que rege a estrutura de comitê, reuniões e prestação de contas aos sócios) e as diretrizes do DET (que rege o currículo, o desenvolvimento profissional dos professores e o padrão de ensino).

4. Contribuição de Indivíduos

A contribuição a longo prazo de vários indivíduos - pais e mães que ajudam porque se identificam com a missão da ABCD - é o segredo da sua vitalidade. Sem a dedicação voluntária desses indivíduos e suas famílias (muitas vezes marido e mulher, avós e outros parentes), a ABCD não existiria.

5. Tecnologia

A ABCD faz uso de uma série de avenidas tecnológicas para se administrar de uma forma descentralizada.

O seu website, sistema apurado de email, sistema eletrônico de biblioteca e outras ferramentas digitais, fazem com que o progresso da ABCD e a comunicação entre seus colaboradores, professores, sócios e alunos seja mais eficiente. Algumas dessas ferramentas foram obtidas através de patrocínio, outras com verbas geradas por meio de angariações.

6. Apoio profissional, moral e cultural

A ABCD tem contado com apoio de muitos indivíduos e organizações que se identificam com sua missão. Entre eles, o Consulado Geral do Brasil em Sydney, o BraCCA (Brazilian Community Council of Australia) e a Federação das Escolas Comunitárias da Nova Gales do Sul.

Quando possível, a ABCD tenta atrair para o seu comitê pessoas cujas profissões preenchem as necessidades operacionais da ABCD para que sua atuação seja cada vez mais profissional.

Constantemente, ela procura apoiar seus professores proporcionando cursos de atualização, reuniões pedagógicas e outros eventos para que professores saibam sempre que o seu crescimento profissional é de benefício direto aos seus alunos e também ao crescimento da organização.

7. O amor pela educação

O fator liderante da educação oferecida pela ABCD é a realização de que o bilinguismo e o biculturalismo são um presente que os pais ábeis devem aos filhos. Isso lhes permitirá compreender e valorizar sua ascendência, sua cultura e personalidade. E lhes permitirá um dia contribuir para a sociedade global de forma rica, respeitosa e inteligente.

Sydney, 16 de maio de 2008.

